



EU SOU



*Os Modos
da Revelação
Verbal*



VOLUME II

HEBER
CAMPOS



EU SOU

Os Modos
da Revelação
Verbal

EU SOU:

Os Modos da Revelação Verbal

(Vol 2)

por Heber Carlos de Campos

Copyright ©2017 Heber Carlos de Campos

•

Copyright © 2017 Editora Fiel

Primeira Edição em Português: 2017

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Diretor: James Richard Denham III

Editor: Tiago J. Santos Filho

Revisão: Shirley Lima – Papiro Soluções Textuais

Diagramação: Rubner Durais

Capa: Rubner Durais

Ebook: João Fernandes

ISBN: 78-85-8132-460-9

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C198e Campos, Heber Carlos de

Eu sou : os modos da revelação verbal/
Heber Campos. – São José dos Campos, SP: Fiel, 2017
2Mb ; ePUB

Inclui referências bibliográficas.

ISBN78-85-8132-460-9

e Deus (Teologia cristã). 2. Bíblia. I.Título

CDD: 238.51



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br



EU SOU



*Os Modos
da Revelação
Verbal*



VOLUME II

HEBER
CAMPOS



SUMÁRIO

Prefácio

Introdução

PARTE 1

REVELAÇÃO VERBAL PELO MODO DA REFORMA

Capítulo 1: Manifestação teofânica

Capítulo 2: Teofania no paraíso original

Capítulo 3: Teofania no período patriarcal

Capítulo 4: Teofania no período mosaico

Capítulo 5: Teofania no período pós-mosaico

Capítulo 6: Teofania na glória celeste e na Nova Terra

PARTE 2

REVELAÇÃO VERBAL PELO MODO DE PROFECIA

Capítulo 7: Mudança do modo de revelação

Capítulo 8: Recepção da mensagem profética

Capítulo 9: Entrega da mensagem profética

Capítulo 10: Propósitos da revelação verbal através da profecia

Capítulo 11: Vocação dos profetas

Capítulo 12: A vocação de Moisés

Capítulo 13: A vocação de Isaías

Capítulo 14: A Vocação de Jeremias

Capítulo 15: chamamento do profeta como um ato soberano de Deus

PARTE 3

REVELAÇÃO VERBAL PELO MODO DE OPERAÇÃO CONCURSIVA

Capítulo 16: Verdades sobre a revelação por operação concursiva

PARTE 4

REVELAÇÃO VERBAL SINGULAR PELO FILHO ENCARNADO

Capítulo 17: Superioridade da revelação de JESUS CRISTO

Capítulo 18: Características da revelação que Jesus Cristo faz do Pai

Considerações finais

DEDICATÓRIA

Dedico este livro
à minha amada e risonha neta Nicole,
filha caçula de meus filhos Heber Jr. e Natalie,
também herdeira do pacto, como os outros.
É desejo da minha alma que ela venha a conhecer as verdades divinas
reveladas nas Escrituras e, assim, no tempo devido,
creia de todo o coração nelas e experimente
pessoalmente a redenção que há em Cristo Jesus,
o mesmo que tem redimido seus antepassados.

PREFÁCIO

É uma honra e um grande privilégio apresentar esta nova obra de Heber Campos. *Os modos da revelação verbal* é mais um fruto do esforço de nosso amado e respeitado mestre em abordar temas pouco explorados na enciclopédia teológica. E esse esforço não é realizado de modo especulativo, mas por meio de uma reflexão minuciosa e corajosa sobre o texto bíblico.

Seu modo de pensar, ensinar e escrever parte de um profundo temor e respeito pelas Escrituras. É a atitude de um homem que verdadeiramente crê na inspiração plenária da Bíblia e que considera cada palavra ou expressão um sólido alicerce para o conhecimento de Deus e de sua vontade. Daí o cuidadoso trabalho de reunir, apresentar e analisar cada passagem bíblica sobre o tema estudado e refletir sobre ela de modo a não deixar passar despercebido, na medida do possível, nenhum de seus ensinamentos.

Como professor de coração que é, seu estilo de escrever privilegia a clareza e a acessibilidade, convidando o mais simples dos leitores a se debruçar sem receio sobre temas que desafiam os teólogos mais preparados. Lê-lo é como ter uma conversa descontraída sobre as grandezas do Criador. Uma conversa que nos encanta e nos prende justamente porque nos permite contemplar as maravilhas da lei do Senhor.

Em *Os modos da revelação verbal*, Heber nos conduz pela reflexão sobre a maravilhosa verdade de que Deus se comunicou diretamente com os homens, concedendo não apenas sinais e demonstrações de seu ser, como também sua própria Palavra.

A Palavra de Deus é o mais extraordinário dos poderes. Por meio dela, o mundo foi criado e um relacionamento foi estabelecido entre Deus e o homem. É a Palavra de Deus que denuncia o pecado e pune o pecador. É ela também que proclama a misericórdia, traz a redenção e conduz os filhos de Deus nos caminhos da justiça. É muito justo, portanto, perguntar como essa Palavra chegou até nós. Nada é mais importante do que saber por quais caminhos a sabedoria eterna de Deus alcançou a humanidade. Tal conhecimento se torna extremamente importante quando se lançam visões sobre o texto bíblico que querem fazer dele o produto mais ou menos

glorificado do esforço humano. Mais uma das muitas vozes religiosas de maior ou menor valor.

Essas visões precisam ser contestadas pelo apego às palavras do apóstolo: “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho” (Hb 1.1-2). É disso que trata a presente obra. Dr. Heber nos mostra que essa não é uma generalização trivial. Ao ler as páginas deste livro, ficamos impressionados com a quantidade de registros sobre as maneiras e as ocasiões em que Deus falou conosco.

No curso da leitura, haverá momentos em que você dirá: “Isso é óbvio, o texto claramente diz isso”. Perceberá que o autor não se importa em registrar obviedades. Seu compromisso é com a exposição e a proclamação da verdade. Outras vezes, você encontrará dificuldade em acreditar no que está lendo. Nesses momentos, convido-o a olhar o texto bíblico com maior atenção e, mesmo discordando, perceber ao menos a possibilidade daquilo que o autor apresenta. Esse será um exercício teológico bastante saudável. Lembre-se de que você não está diante de um pensador em busca de notoriedade, mas de um pastor em luta para alimentar espiritualmente suas ovelhas.

Convido-o, você que compartilha comigo o intenso desejo de conhecer seu Criador e todas as suas obras, a caminhar pelas Escrituras tendo como guia a sabedoria e o conhecimento que o Espírito Santo concedeu ao Dr. Heber e a aprender, em cada parada, as implicações das formas que Deus usou para se revelar verbalmente a nós.

Dario de Araujo Cardoso

Professor de Teologia Pastoral do Centro Presbiteriano
de Pós-Graduação Andrew Jumper

Professor de Teologia Exegética do Seminário Presbiteriano Rev. José
Manoel da Conceição

INTRODUÇÃO

Este é o segundo livro da série sobre a Revelação Verbal de Deus. Existem vários livros que dedicam alguns poucos capítulos sobre a revelação divina, mas praticamente não há nada escrito sobre os *modos* como Deus se revelou aos homens. Então, dediquei-me a escrever um livro que tratasse somente deles.

Senti-me encorajado a escrever sobre esse assunto por causa das primeiras aulas de mestrado que tive com o Dr. Fred H. Klooster, então professor do Calvin Seminary, em Grand Rapids, Michigan, que me iniciou no estudo dessa matéria, a quem devo grande parte do pouco que hoje conheço. Posteriormente, comecei a ler as obras de B. B. Warfield, professor do Princeton Seminary, que foi praticamente pioneiro no assunto. Como já afirmei claramente em publicações prévias, meu objetivo é escrever em áreas que apresentam lacunas na literatura evangélica, especialmente em nosso país.

Posso dizer que Deus foi muito criativo nos modos que escolheu para se dar a conhecer aos homens. Ele se serviu de vários modos por meio dos quais se revelou. Nesta obra, vamos estudar apenas os quatro modos mais importantes, por ordem cronológica:

1) Deus começou a mostrar sua revelação verbal por meio de encontros face a face com os homens naquilo que chamamos de *teofania*, ou manifestação externa.

2) Em seguida, mudou o modo de revelação e passou a revelar com mais frequência sua verdade por meio de profecia, que Warfield chama de *sugestão interna*.

3) Simultaneamente, Deus se serviu de outro modo que não é conhecido de modo geral pelos cristãos, aquilo que Warfield chama de *operação concursiva*.

4) Por fim, Deus se serviu do próprio Filho encarnado para nos revelar sua verdade pessoalmente.

Espero que este livro ajude os leitores a ter uma boa visão sobre como a revelação divina chegou até nós e nos cativou para o amor e a fé naquele que

se nos deu a conhecer.

PARTE 1

REVELAÇÃO VERBAL PELO MODO DA TEOFANIA

PREÂMBULO

De forma categórica, Deus é um ser eminentemente espiritual e que não possui forma ou corporeidade. Isso significa “que não há nele mistura alguma com o que é físico ou material... Deus é um espírito muito diferente dos outros seres espirituais, porque, juntamente com o fato de ser espírito puríssimo, é infinito, imensurável, onipresente, onipotente, reunindo todos os demais atributos incomunicáveis justamente porque é um ser eminentemente espiritual”.¹

Além disso, “como um ser espiritual puríssimo, Deus é um ser incorpóreo. Esse é um dos conceitos mais óbvios do Deus da Escritura. Ele não tem forma, não é espacialmente mensurável, nem possui qualquer tipo de aparência. Essa verdade está subjacente no segundo mandamento. Por essa razão, ele abomina qualquer forma que o ser humano possa lhe dar. Daí a proibição nos mandamentos de se fazerem imagens que o representem (ver Ex. 20)”.² Portanto, essencialmente, Deus é um ser espiritual.

Uma das características da espiritualidade é ser invisível. Um ser corpóreo não tem a propriedade da invisibilidade, embora existam coisas materiais que não são visíveis: o vento é material e, ao mesmo tempo, invisível. Todo corpo que tem membros é visível. Como Deus não tem corporeidade, é invisível. De maneira bem clara, Paulo diz, em 1 Timóteo 1.17: “Assim, ao Rei eterno, imortal, *invisível*, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém”.

Mas Deus não somente é invisível, como também é imperceptível aos nossos sentidos, ao contrário do vento. Não vemos o vento, mas o sentimos, porque sua invisibilidade não impede que se choque com os seres corpóreos. Bem diferente desses seres, Deus não pode ser visto ou percebido pelos sentidos humanos, a menos que se comunique com os homens e se torne perceptível.

Se ele é invisível, é porque é espiritual. Suas obras são visíveis, mas não o seu ser. Jesus nos mostra, em Lucas 24.39, o que sua natureza humana é, mas não é possível dizer o mesmo de sua natureza divina, que é eminentemente espiritual. Portanto, é uma impossibilidade para o homem ver Deus, porque ele não pode ser percebido por nossos sentidos visuais. Não é uma questão de falta de oportunidade, mas de incapacidade. É propriedade divina não poder

ser contemplado pelos olhos humanos (1Tm 6.16). A razão disso é que se trata de um ser eminentemente espiritual, que não possui forma (Jo 5.37). “Se Deus tivesse uma substância corpórea, poderia ser medido pelos olhos físicos.”³

Aliás, a preocupação teológica dos que nos precederam na fé a respeito da matéria nos mostra que essa é uma das primeiras coisas que o Catecismo dos pequeninos nos ensina: “**Pergunta 9: O que é Deus?** Deus é um Espírito, e não tem corpo como os homens”. Além disso, as Escrituras afirmam claramente: “Deus é espírito” (Jo 4.24) e, portanto, deve ser adorado de modo espiritual. No entanto, para que pudesse ser conhecido de maneira mais palpável por Adão e Eva, e também por outros personagens do Antigo Testamento, Deus resolveu revelar-se, assumindo algumas formas específicas que abordaremos nesta primeira parte do livro.

¹ Ver meu livro O ser de Deus e seus atributos (São Paulo: Cultura Cristã, 2012, 3ª edição), p. 172.

² Ibid.

³ Ibid.

MANIFESTAÇÃO TEOFÂNICA

Historicamente, Deus se revelou ao homem de vários modos, e o primeiro deles foi por manifestação externa, o que se conhece em teologia como teofania. Segundo esse modo, Deus aparece ao homem comunicando-se com ele por meio de palavras, e quase sempre obtém boas respostas daqueles a quem aparece.

A teofania é um modo bem pessoal e íntimo de Deus revelar-se ao homem. Especialmente depois da queda, o homem precisava sentir Deus bem próximo, a fim de que a criatura caída pudesse conhecer alguma coisa de seu santo Criador. Warfield descreve o primeiro modo de revelação especial que Deus empregou:

A teofania pode ser entendida como uma forma de “manifestação externa”; por seu turno, deve-se pesquisar tudo acerca das poderosas obras de Deus por meio das quais ele se torna conhecido, incluindo, sem dúvida, os milagres expressos, mas, junto com eles, toda intervenção sobrenatural nos afazeres dos homens, por meio da qual a melhor compreensão é comunicada desse Deus, com seus propósitos de graça à raça pecadora.⁴

Essa definição de Warfield não clareia muito a ideia de teofania, mas ele é um dos poucos teólogos sistemáticos que se dedica, em sua obra, a abordar o fenômeno da revelação externa por meio de teofania.

O que, então, é uma teofania? Entende-se que é o modo de revelação externa e imediata, por meio do qual Deus assume, temporariamente, uma forma física, a fim de comunicar aos homens alguma coisa de si mesmo ou deles, tanto em termos de redenção como de juízo, confrontando-se presencialmente com os recipientes de sua revelação.

A TEOFANIA É UMA MANIFESTAÇÃO EXTERNA DE DEUS

Por “manifestação externa”, entenda-se que a manifestação divina é visível, palpável e audível, que Deus assume para se dar a conhecer aos recipientes de sua revelação. Nela, Deus assume uma forma física, sendo percebido pelos sentidos do homem. Por essa razão, a revelação teofânica é

muito objetiva, pois é verificável, mensurável e histórica.

Não há nada de subjetividade nessa revelação. De um modo diferente, a revelação por meio de sonhos ou visões é uma manifestação interna, subjetiva, feita no interior do recipiente. Entretanto, na revelação teofânica, Deus se revela a todos os sentidos dos homens, podendo ser visto, ouvido e tocado pelos recipientes da revelação.

Ainda que Deus venha na forma de homem, fogo, fumaça ou nuvem, nenhuma dessas formas é parte essencial de seu ser, porque Deus é eminentemente um ser incorpóreo. Além disso, Deus é um espírito puríssimo e infinito. A essencialidade de Deus consiste no fato de ele ser incorpóreo, muito diferente da maioria das criaturas humanas que ele criou à sua imagem e semelhança.

A TEOFANIA É UMA MANIFESTAÇÃO EXTERNA EM QUE DEUS SE REVELA IMEDIATAMENTE

Pelo termo *imediatamente*, entenda-se que Deus não recorreu a nenhum meio para se revelar. Em outras palavras, revelou-se diretamente, sem usar nada nem ninguém para se dar a conhecer. Por exemplo, no modo de revelação que veremos em seguida, Deus se serviu de sonhos e visões para se revelar aos homens. No entanto, na teofania, não se serviu de nada. Ele mesmo assumiu a forma e, direta ou imediatamente, deu-se a conhecer aos homens. Ele se apresentou muito clara e visivelmente a Abraão, Isaque, Jacó, entre outros, de tal forma que eles reconheceram nele um ser divino.

A TEOFANIA É UMA MANIFESTAÇÃO EXTERNA DE DEUS, MAS É TEMPORÁRIA

A revelação teofânica é temporária porque, tão logo a comunicação das verdades divinas se encerra, a manifestação externa de Deus também desaparece. A aparência visível é apenas um meio do qual Deus se serve para, numa época em que não se conhecia a respeito dele, comunicar-se com os homens. Lembre-se de que os homens (no caso, Moisés) nem sabiam qual era o nome desse Deus. Foi em teofania que Deus disse de si mesmo: “Eu Sou”.

Não existe nenhuma manifestação teofânica de Deus que tenha durado

muito tempo. Sua duração é até que a revelação em palavras termine. A teofania nunca é uma forma definitiva que Deus assume. Ela sempre foi usada com propósitos específicos e definidos. Quando esses propósitos são cumpridos, a manifestação teofânica deixa de existir.

Considerando-se importante a ideia da teofania como uma forma *temporária* que Deus assume, é possível afirmar que Jesus Cristo não pode ser uma teofania, pelas seguintes razões:

a) Sua “forma de homem” (*morphe anthropou*, Fp 2.7) não é temporária, mas definitiva. Ele não apareceu repentinamente como homem e, então, desapareceu em seguida.

b) O Redentor, segundo sua humanidade, foi gerado de Maria, foi nascido dela, cresceu como qualquer menino, tornou-se homem, morreu, ressuscitou e ainda existe hoje com a mesma “forma de homem”. Na verdade, por ter sido nascido dos genes de Maria, tornou-se um membro da raça. Ele não tem simplesmente a aparência de um homem, ele é um homem!

c) Nunca o Redentor deixará de existir como homem, apresentando definitivamente todas as formas físicas de um homem. Para sempre ele será um Redentor com a forma humana, porque é parte integrante da raça humana, um membro dessa raça, pois foi concebido e nascido de mulher, possuindo, portanto, a carga genética de seus ancestrais em sua humanidade.

A TEOFANIA É UMA MANIFESTAÇÃO EXTERNA EM QUE DEUS SE REVELA PRESENCIALMENTE

A manifestação externa de Deus é presencial e repentina, sem anúncio antecipado. Ele aparece de um modo inesperado, intervindo nos eventos da história humana.

Essa revelação de presença é chamada por Brueggemann de “santa intrusão” ou “intrusão massiva de Jeová”.⁵ Como cristãos, temos de reconhecer que Deus não tem nenhum problema em ser visto como alguém que é imanente, ou seja, que interfere nos negócios dos homens, manifestando-se neste mundo.

O fato é que a manifestação externa de intervenção de Deus no mundo foi uma tônica pontual no passado e será uma tônica constante depois de a redenção ocorrer por completo, com a vinda de Cristo. No passado, ele

assumiu a forma física/presencial muitas vezes. No futuro, ele também o fará, e nós haveremos de “contemprar sua face”, como está prometido em Apocalipse 22.4.⁶

À exceção da manifestação do Verbo feito carne (que não é uma teofania!), nenhuma outra revelação divina tem a característica da presença direta e visível de Deus. Diferente da revelação por teofania, a revelação por profecia não é presencial.

A TEOFANIA É UMA MANIFESTAÇÃO EXTERNA EM QUE DEUS REVELA SUA SALVAÇÃO OU SEUS JUÍZOS

a) A revelação de redenção

A maior parte da revelação teofânica de Deus tem conotação redentora. Nela, ele se dá a conhecer aos homens, levando-os ao conhecimento de si mesmo. Esses aparecimentos divinos no Antigo Testamento tiveram uma conotação pactual, em que Deus diz aos seus que será o abençoador deles (Gn 26.24). Nessas relações pactuais, Deus anuncia promessas maravilhosas para seu povo (Gn 35.1, 9–12). Deus se manifestou a Abraão prometendo-lhe progênie e posse da terra (Gn 12.7). A mesma promessa foi feita a Jacó (Gn 48.3) quando sua esposa, Raquel, era estéril.

b) A revelação de juízo

A primeira manifestação presencial de Deus em juízo se deu já no Jardim do Éden, após o pecado de nossos primeiros pais (Gn 3.8), quando Deus assumiu a forma humana, de tal modo que era vista e ouvido.

A última manifestação visível (ou externa) de Deus aos ímpios também será de Juízo. A essa altura, Deus mostrará quão grande e poderoso ele é, a ponto de os homens gritarem aos montes e aos outeiros: “Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode sustentar-se?” (Ap 6.16–17). Ninguém pode esconder-se daquele que não tem forma. Deus tomará, certamente, uma forma e imporá seu terror presencial aos desprezadores de sua Palavra.

Talvez não haja modo mais duro de Deus tratar dos pecados dos homens “face a face”. Não é pouca coisa ser confrontado pelo Criador e Juiz de todos os homens!

Assim, vamos analisar os tempos de predominância desse modo presencial de revelação divina, que têm a ver com as teofanias. Em vários períodos do Antigo Testamento, vemos manifestações reveladoras divinas por meio de teofanias. No entanto, houve tempos em que essa manifestação externa foi mais evidente do que em outras.

‡ B. B. Warfield. *The Inspiration and Authority of the Bible*, p. 83.

§ Brueggemann, Walter (1997). *Theology of the Old Testament*. Augsburg: Fortress, 568.

‡ Para mais detalhes sobre o assunto, ver meu livro *O habitat humano: o paraíso restaurado*, parte 1 (São Paulo: Hagnos, 2015), 207–232.

CAPÍTULO 2

TEOFANIA NO PARAÍSO ORIGINAL

O Paraíso original apresenta a permanência (ou o domicílio) de Deus na terra. Ainda que Deus, antes de criar o universo, já existisse, não ocupava espaço da forma como os seres criados ocupam, pois o espaço faz parte da criação original. Quando ele criou o espaço, passou a se envolver com a sua criação desde o início. Assumindo formas que revelavam traços de seu caráter, Deus habitou inicialmente no Jardim, que ele havia plantado, e, ali, fez companhia aos nossos primeiros pais.

No Jardim de Deus, Adão é abençoado com a presença física reveladora de seu Criador. Biblicamente falando, podemos falar de encontros face a face que Deus teve com Adão, o que chamamos teofanias.

Aqui, defende-se a tese de que Deus assumiu a forma de homem no Paraíso por algumas razões muito simples, que o texto a seguir aponta:

Gn 3.8 – “Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim.”

Seguem as qualidades de um ser com manifestação corpórea:

ADÃO OUVIU DEUS FALAR

Gn 3.8a – “Quando *ouviram* a voz do SENHOR Deus,”

Deus já havia falado anteriormente com Adão, tão logo o criou. Desde o princípio da criação do homem, Deus revelou-se verbalmente às suas criaturas racionais. Veja o que segue:

Gn 2.15–17 – “Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar. *E o SENHOR Deus lhe deu esta ordem*: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás.”

Deus comunicou-se verbalmente com Adão. No entanto, nessa passagem não vemos ainda nenhum indício de que Deus havia assumido forma física ou forma visível. Simplesmente o texto diz que Deus *lhe deu* as devidas ordens,

porque a revelação verbal aconteceu desde que o ser humano veio à existência.

A fim de que Adão pudesse conhecer quem era seu Criador, Deus teve de tomar forma para se comunicar com a sua criatura, dando-lhe as instruções para governar o jardim, cultivar a terra e dar nome aos animais, além de outras providências que se faziam necessárias.

Seria muito estranho para a criatura ser colocada no Jardim sem qualquer comunicação verbal da parte de Deus que lhe transmitisse instruções. Afinal de contas, Adão era um estreante na terra. Ele não havia nascido e crescido ali; ele foi criado e colocado no Jardim para exercer várias funções. Então, Deus falou com ele, dando-lhe as devidas instruções.

Entretanto, é preciso reconhecer que Deus não precisa necessariamente de preguias vocais para falar, como nós precisamos. Ele pode fazer-se ouvir audivelmente pelos homens sem que possua forma física, porque simplesmente ele é Deus.

No entanto, por causa de suas criaturas, ou seja, para poder se comunicar com sua primeira criatura racional e para que ela tivesse um conhecimento mais pessoal dele, Deus não somente falou, como também falou assumindo a forma humana. Como se chega a essa conclusão? Existem alguns aspectos no texto em análise que nos levam a pensar dessa maneira.

Se Deus tomou forma, que forma ele tomou para se comunicar pessoal e verbalmente com Adão? A resposta é: a mesma que ele dera à sua criatura humana, quando da feitura dela. Como já afirmado, pelo fato de ele ser Deus, não precisa de preguias vocais para falar, mas, quando ele tomou a forma humana, possuindo uma fisicalidade (ainda que temporária!), certamente tinha preguias vocais que vibravam, produzindo som como a voz de um homem, a fim de conversar com aquele que havia sido feito segundo “sua imagem e semelhança”.

Portanto, o fenômeno de comunicação havido no Jardim não é simplesmente auditivo, mas também dictivo. Ou seja, não somente Adão ouviu a voz do Senhor, como também Deus falou, suas preguias vocais vibraram e o som se propagou pelo Jardim.

A despeito de ser um Deus transcendente, que está além e sobre a sua criação, ele resolveu mostrar sua imanência de forma extraordinária! Ele se

dignou a tomar forma para poder se comunicar e andar na sua criação, no jardim que havia feito especialmente para o homem, entrando em comunhão física com sua criatura racional.

ADÃO VIU DEUS ANDAR

Gn 3.8b – “Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, *que andava no jardim pela viração do dia*”

Além de falar, Deus se locomovia pelo jardim, porque o texto diz que Deus “andava no Jardim pela viração do dia”. Deus é um ser eminentemente espiritual e não tem corpo como os homens. Além disso, como ser onipresente, Deus não precisaria se locomover, porque ele preenche todo o espaço com a plenitude de seu ser. No entanto, quando Deus toma forma, locomove-se, porque a locomoção só é possível para seres com forma física. Somente seres com forma finita, que se encontram no espaço, precisam locomover-se.

A teofania é uma forma finita que Deus assume, a fim de se comunicar com as suas criaturas e baixar ao nível delas. Portanto, a locomoção divina só é possível quando ele assume uma forma visível, porque, na teofania, Deus se torna envolvido com uma massa física que ocupa espaço. Tudo o que ocupa espaço pode locomover-se.

Assim, se a Escritura diz que Deus *andava*, quer dizer que ele tomou a forma física finita que precisava para se locomover no espaço que ele próprio criou. Todos os dias, pela viração do dia, Deus costumava andar pelo jardim e empreendia uma conversa com o homem. Os dois sempre andaram juntos até o pecado entrar no Jardim.

ADÃO ESCONDEU-SE DE DEUS

Gn 3.8c – “Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, *esconderam-se da presença do SENHOR Deus*”

Já vimos que, como resultado de sua teofania, Deus falava e andava pelo Jardim que ele criou para o deleite de sua criatura mais importante. No entanto, a comunhão relacional do homem com Deus não durou para sempre. Por causa do pecado, essa comunhão foi perdida no Jardim, mas Deus continuou a andar ali. Por causa da queda, agora o homem não mais queria vê-lo, nem andar com ele.

A prova cabal de que Adão viu Deus andar é o fato de se ter escondido daquela figura que caminhava ao seu encontro. Se Deus não houvesse tomado forma, Adão não teria a capacidade de vê-lo e não faria sentido esconder-se de algo que não via. No entanto, pelo que seus olhos viam, Adão se escondeu de alguma coisa visível que se aproximava dele.

Não precisamos espiritualizar o texto entendendo que Adão se escondeu moralmente de Deus porque estava com vergonha. O texto deve ser entendido em seu sentido natural, que é o literal – Adão se escondeu fisicamente daquele que havia tomado, temporariamente, a forma física, por causa de seu problema moral. Ele não queria mais estar frente a frente com aquele a quem havia desobedecido.

Gênesis 3.8 é a primeira indicação de que Deus, inquestionavelmente, aparece depois de tomar uma forma. No entanto, a primeira vez que Deus o fez foi na criação do homem.

ADÃO ESCONDEU-SE DO DEUS QUE HAVIA TOMADO A FORMA DE HOMEM

Ao estudarmos teofania, tentando relacioná-la com a doutrina da imagem de Deus, deparamos com a teologia evangélica afirmando que a imagem de Deus tem a ver unicamente com a parte imaterial do homem. Segundo esse tipo de teologia, é comum a ideia de que “a imagem de Deus no homem reside no elemento espiritual”,⁷ ou seja, na alma.

Então, é necessário fazer uma pergunta crucial que exige uma resposta honesta: O corpo humano é parte da imagem de Deus ou não?

Se o corpo humano não é parte da imagem de Deus, então não é possível afirmar que o homem, em sua totalidade, tenha sido feito à imagem de Deus. Grande parte dos cristãos admite que somente a alma reflete a imagem de Deus, e não o corpo, porque Deus é um ser espiritual puríssimo que não possui corporeidade. Somente a sua alma reflete o Criador. Digamos que, de acordo com essa opinião, o homem é apenas cinquenta por cento imagem de Deus, e não cem por cento. Entretanto, nenhum evangélico chegaria a desenvolver esse raciocínio lógico. Os evangélicos diriam que a imagem de Deus tem a ver apenas com a alma humana. Nada mais. Isso porque raras vezes os homens questionam a própria teologia.

Argumentando sobre o texto de João 4.24, de que “Deus é espírito”, Crampton diz que “isso somente deveria guardar-nos contra a crença de que o corpo do homem é, de alguma forma, o modo da imagem”.⁸ O próprio Calvino, um dos maiores expoentes da teologia cristã de todos os tempos, admite que a imagem de Deus é somente espiritual, afirmando que “os ‘poderes’ da imagem estão localizados na alma”.⁹ Logo, nesse caso, mais uma vez, não se pode dizer que o homem é completamente feito à imagem de Deus, mas tão somente que tem uma parte da imagem de Deus – em sua alma.

Aqui, defende-se a tese de que o corpo também é parte integrante da imagem de Deus, mas é necessário justificar essa assertiva. Se o corpo é parte da imagem de Deus, importa explicar como isso é possível.

DEUS TOMOU UMA FORMA FÍSICA PARA FAZER SUA CRIATURA MAIS IMPORTANTE

Com base no ensino geral das Escrituras, sustenta-se que Deus não possui um corpo que lhe seja próprio, ou que lhe seja essencial, mas que ele assumiu temporariamente uma forma física que viria a corresponder à forma da criatura que haveria de fazer.

Deus estampou no homem sua imagem, de modo que tanto os aspectos da alma como os do corpo são parte essencial da constituição humana. Observe como Deus estabelece o processo da criação do homem:

DEUS RESOLVEU, INTRATRINITARIAMENTE, QUE FARIA O HOMEM PARA REFLETIR SUA IMAGEM

Gn 1.26–27 – “Também disse Deus: *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança*; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. *Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou*; homem e mulher os criou.”

Parece-nos claramente que houve um conselho trinitário na decisão de criar o homem. A divindade em forma plural, mencionada no texto [“façamos”], tomou uma decisão importantíssima: o ser humano haveria de refletir a imagem de Deus, tanto em sua alma como em seu corpo.

Mas como poderia ser assim se Deus é única e exclusivamente um ser

espiritual? Então, a divindade triúna afirmou: “Façamos o *homem* (essa palavra indica a inteireza do homem) à *nossa* imagem e semelhança”. O texto não diz “façamos a alma do homem à nossa imagem e semelhança”. Como, então, fazer o homem por inteiro ser sua imagem e semelhança se Deus não possuía uma forma física?

Portanto, a fim de fazer o homem todo à sua imagem e semelhança, Deus resolveu tomar uma forma. Não poderia haver outra maneira de explicar esses versos tão significativos da Escritura. Para dar uma forma ao homem, o próprio Deus teve de tomar uma forma. Qual forma? Exatamente aquela que ele viria dar à sua criatura, porque a forma dada ao homem era exatamente a que o Criador havia tomado, para pô-lo no Jardim que estava prestes a criar.

Que imagem a criatura teria para refletir o Criador? A imagem que o Criador tomou para si ao criar a criatura. Adão haveria de refletir não somente os aspectos imateriais de Deus (os aspectos da alma) que lhe são essenciais, mas também a forma física (os aspectos do corpo) que ele havia tomado, mas que não é essencial à existência divina. Ao mesmo tempo, podemos dizer que a imagem de Deus é composta do que é essencial em Deus (a parte imaterial) e do que não é essencial em Deus (a parte material). Para o homem poder refletir, em sua totalidade, a imagem de Deus, Deus teve de tomar a forma física que seria o molde para fazer a sua criatura mais importante a partir do pó da terra, de que trata o ponto seguinte.

DEUS TOMOU UM ELEMENTO FÍSICO PARA FAZER A NATUREZA FÍSICA DO HOMEM

Gn 2.7 – “Então, *formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra* e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.”

O texto aponta que Deus tomou o barro com suas mãos e o manuseou a fim de formar sua criatura mais importante. Deus não disse: “Barro, apresente diante de mim uma forma que se pareça comigo”. Se Deus não tivesse tomado forma, não poderia dizer isso ao barro. Além disso, também não disse ao barro: “Produza a imagem de um homem”, como dissera à terra sobre a criação das árvores e dos animais (ver Gn 1.11–12, 24–25). No entanto, no verso 26, Deus disse para si mesmo: “Façamos o homem à nossa imagem”. Em vez de dar ordem à terra (barro), o próprio Deus trabalhou pessoalmente

na criação do homem. Não houve nenhuma ordem. Apenas o trabalho de Deus em misturar, com suas mãos, barro com água, numa forma devida, para dar a própria forma à sua criatura. Com suas mãos, Deus tomou o barro e fez um “boneco”, no processo inicial de sua criatura mais importante, para depois criar sua parte imaterial com o sopro nas narinas. Se Deus fez o homem assim, é possível afirmar que Deus deu ao homem a forma que ele próprio havia tomado, a fim de que o homem refletisse sua corporeidade, e fosse feito à sua imagem e semelhança!

DEUS DEU A FORMA QUE HAVIA ASSUMIDO À SUA CRIATURA MAIS IMPORTANTE

Onde está a base escriturística para afirmar que o corpo é parte da imagem de Deus? Deus assumiu a forma de homem porque a Escritura diz que este conversava face a face com Deus, de quem era a própria imagem e semelhança. O corpo do homem também é parte da imagem de Deus, não somente a alma (com seus atributos). Este é o ensino da Escritura:

Gn 9.6 – “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem.”

Tem-se, portanto, que:

O TEXTO AFIRMA QUE UM ASSASSINO É RÉU DE PUNIÇÃO

Todo ser humano que mata outro deve ser morto. A ideia do Antigo Testamento, sancionada no Novo Testamento, é vida por vida. “Se um homem derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu”. Nenhum ser humano tem o direito de, pessoalmente, exercer vingança. A vingança é do Senhor, em geral por meio das autoridades constituídas. Quanto a esse ponto, parece não haver muita controvérsia. Entretanto, o ponto a seguir é desconhecido e ignorado por muitos, e guarda relação com o corpo como parte da imagem de Deus.

O TEXTO AFIRMA QUE O CORPO É PARTE DA IMAGEM DE DEUS

Deus conecta o primeiro ponto com o segundo. O assassinato (derramar sangue – parte física do homem) é proibido porque o homem é a imagem de Deus. A única conclusão a que posso chegar é que o corpo humano é parte da imagem de Deus porque o texto diz que derramar o sangue do homem

implica tocar na imagem de Deus. Se um homem mata outro, toca naquilo que é essencial ao homem – seu corpo, que é parte da imagem daquele que originalmente o criou.

Logo, podemos deduzir, com boa dose de convicção, que Deus, ao formar sua criatura mais nobre, a fez de acordo com a forma que ele próprio tomou, dando-lhe um corpo.

Então, pela ordem, podemos dizer que Deus assumiu uma forma física e deu sua forma àquele a quem chamou de homem. É nesse sentido que o corpo é parte da imagem de Deus. Foi desse Deus, que tomou a forma temporária de homem, que Adão tentou se esconder porque havia pecado.

Você e eu fomos feitos à imagem de Deus em sua inteireza. Como portamos essa imagem, precisamos cuidar dela para que Deus não seja desonrado por pensamentos, afeições e volições de nossa alma e pelos atos expressos por nosso corpo. Temos de honrar essa imagem que nos honra tanto! Provavelmente, você nunca pensou na honra de ter sido feito à imagem de Deus. Portanto, honre a Deus com seu corpo e com sua alma, que são expressões daquele que, tomando forma, fez você e a mim à sua imagem!

¿ W. Gary Crampton, “Man as Created in God’s Image”. Disponível em <http://www.trinityfoundation.org/journal.php?id=183>. Acesso em junho de 2015.

} W. Gary Crampton, Man as Created in God’s Image, artigo encontrado no site <http://www.trinityfoundation.org/journal.php?id=183>, acessado em junho de 2015.

¿ Calvin, Institutes I:15:3.

TEOFANIA NO PERÍODO PATRIARCAL

Após a Queda, Adão é tirado do Jardim do Éden e as comunicações entre Deus e os homens tornam-se menos frequentes e mais intermitentes. Após a entrada do pecado no mundo, Deus já não tinha mais a mesma familiaridade com o homem, como antes da Queda, pois nesse período os encontros entre eles eram de seres santos: o Criador é essencial e absolutamente santo, enquanto a criatura é apenas derivadamente santa. Eles podiam falar face a face sem que houvesse entre eles algum abismo moral.

Então, depois da Queda, passou a haver distância moral entre Deus e os homens. O pacto de Deus com o homem, no Éden, foi quebrado. Entretanto, mesmo após o pecado, Deus continuou a falar com Adão e Eva. A base dessa relação passou a ser, então, Jesus Cristo, que tornou possível Deus se encontrar novamente com o homem numa relação pactual de amor.

Quando o pacto das obras foi quebrado, também o foi o relacionamento, mas Deus estabeleceu um pacto gracioso com os homens do qual Jesus Cristo é fiador e representante. Então, por causa de Jesus Cristo, Deus vem novamente ao encontro dos homens, a quem se revela teofanicamente.

Com a Queda, o homem não perdeu seu caráter de criatura – que é essencial nele. No entanto, perdeu o aspecto relacional com Deus, que é restabelecido somente por causa do Redentor. Portanto, a revelação teofânica de Deus tem frequentemente o caráter soteriológico/redentor, para que as transformações éticas aconteçam na vida do pecador a quem ele se revela. Antes da Queda, conforme assinala Gerhardus Vos, a revelação verbal de Deus era “Pré-Redentora”.¹⁰ Após, assumiu caráter redentor. Deus dirige-se a Caim e Enoque (que anda com Deus), aparece a Noé, Abraão, Isaque e Jacó, especialmente por meio de teofanias.

Em geral, a teofania é predominante no período pré-mosaico e mosaico. Da criação ao período dos patriarcas, esse é o modo mais peculiar da

revelação especial de Deus.

Gn 18.1-8 – “Apareceu o SENHOR a Abraão nos carvalhais de Manre, quando ele estava assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia. Levantou ele os olhos, olhou, e eis três homens de pé em frente dele. Vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, prostrou-se em terra e disse: Senhor meu, se acho mercê em tua presença, rogo-te que não passes do teu servo; traga-se um pouco de água, lavai os pés e repousai debaixo desta árvore; trarei um bocado de pão; refazei as vossas forças, visto que chegastes até vosso servo; depois, seguireis avante. Responderam: Faze como disseste. Apressou-se, pois, Abraão para a tenda de Sara e lhe disse: Amassa depressa três medidas de flor de farinha e faz pão assado ao borralho. Abraão, por sua vez, correu ao gado, tomou um novilho, tenro e bom, e deu-o ao criado, que se apressou em prepará-lo. Tomou também coalhada e leite, e o novilho que mandara preparar e pôs tudo diante deles; e permaneceu de pé junto a eles debaixo da árvore; e eles comeram.” (Gn 18:1–8, ARA)

DEUS REVELOU-SE EM TEOFANIA A ABRAÃO

Depois das comunicações entre Deus e Adão no Jardim, a primeira referência a uma teofania aparece com Abraão. O patriarca foi um dos homens que mais viu a forma humana que Deus tomou. Alguns textos de Gênesis nos ajudam a entender essa manifestação externa de Deus.

Gn 18.1 – “*Apareceu o SENHOR a Abraão* nos carvalhais de Manre, quando ele estava assentado à entrada da tenda, no maior calor do dia.”

Deus é um ser eminentemente invisível, mas, quando lhe aprouve, assumiu as mais diferentes formas para se comunicar com os homens e lhes passar sua verdade. Aqui, vemos que Deus assumiu a forma de um homem “nos carvalhais de Manre”. A teofania é o modo mais fácil de um ser espiritual se identificar com seu semelhante. A análise dos versos a seguir evidencia que Deus assume a forma humana real, não fictícia.

O Senhor apareceu a Abraão em forma de homem

Gn 18.2a – “Levantou ele os olhos, olhou, e eis três homens de pé em frente dele.”

Três homens se apresentaram diante de Abraão. Havia dois tipos de seres espirituais (Deus e dois anjos – Gn 19.1) que estavam em cena. Os três tomaram, para si mesmos, a forma física de homens, que não lhes é essencial, mas essa forma física assumida por eles era importante para a comunicação

com os homens.

Sempre que os anjos se comunicaram com os homens, tomaram uma forma física de maneira que os homens pudessem vê-los e ouvi-los.¹¹ Do mesmo modo, com frequência Deus falava com os homens assumindo uma forma física (*teofania*), basicamente a forma de homem. Esse é o caso em análise.

Os anjos também assumiram a forma humana (*angelofania*), apresentando todos os órgãos físicos próprios de seres humanos.

O Senhor foi saudado por Abraão

Gn 18.2b-3 – “Vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, prostrou-se em terra e disse: *Senhor* meu, se acho mercê em tua presença, rogo-te que não passes do teu servo;”

Houve uma saudação por parte de Abraão, mas não uma saudação qualquer, que um homem faz a outro homem, como é comum na mentalidade médio/oriental. Abraão viu três homens, mas teve a percepção de que um deles era muito diferente e superior aos outros dois. Quando esses homens se apresentaram a Abraão, este logo reconheceu que um deles era o *Senhor*, porque dirigiu-se a apenas um deles, chamando-o de “Senhor meu”. A palavra hebraica corresponde a *Adonai*, nome usado para designar *Yehowah*. Mais adiante, torna-se evidente que um desses três homens é Deus (*Adonai*), pelo que afirma que irá fazer (Gn 18.11–15, 22).

Portanto, a saudação feita por Abraão tem natureza específica porque é a saudação de uma pessoa (um ser humano real) feita a outra pessoa que tem uma natureza diferente (Deus em forma de homem). É a saudação de uma criatura ao seu Criador; do pequeno ao grande; do servo ao seu Senhor!

O Senhor fez coisas próprias de alguém que tem a forma de homem

Gn 18.4–8 – “traga-se um pouco de água, lavai os pés e repousai debaixo desta árvore; trarei um bocado de pão; refazei as vossas forças, visto que chegastes até vosso servo; depois, seguireis avante. Responderam: Faze como disseste. Apressou-se, pois, Abraão para a tenda de Sara e lhe disse: Amassa depressa três medidas de flor de farinha e faz pão assado ao borralho. Abraão, por sua vez, correu ao gado, tomou um novilho, tenro e bom, e deu-o ao criado, que se apressou em prepará-lo. Tomou também coalhada e leite, e o novilho que mandara preparar, e pôs tudo diante deles; e permaneceu de pé junto a eles debaixo da árvore; e eles comeram.”

As coisas que *Adonai* (Senhor) fez evidenciam que ele apresentava todas

as propriedades de um ser humano, embora não fosse essencialmente humano. Ele assumiu a forma humana de modo repentino e assim permaneceu temporariamente. No entanto, não era um membro da raça humana porque não havia sido concebido de mulher, nem nascido dela.

Diferente da experiência do Antigo Testamento, ao encarnar, o Filho de Deus tinha não somente a forma humana, como também todas as propriedades de um homem, sendo, efetivamente, um membro da raça humana, pois foi concebido *de* Maria e nasceu *dela*, apresentando a mesma natureza de sua genitora e carregando consigo a carga genética de sua raça.

O mesmo, porém, não pode ser dito da pessoa do Ser Divino que se apresentou a Abraão. Entretanto, tudo o que um homem tem fisicamente, aquele que apareceu a Abraão tinha ao se lhe apresentar teofanicamente.

O Senhor lavou os próprios pés

Gn 18.4a – “traga-se um pouco de água, lavai os pés”

Os que se apresentaram a Abraão assumiram a forma de homem, e Abraão os viu como se fossem seres humanos, o que, contudo, não eram. Eles andavam porque tinham pés como os homens comuns.

Como parte da hospitalidade médio-oriental, Abraão mandou que se lhes trouxesse uma bacia com água, a fim de que pudessem lavar os pés, que estavam sujos em razão da poeira dos caminhos por onde andaram até chegar aos carvalhais de Manre. O calor dos países quentes do Oriente Médio exigia esse tipo de hospitalidade. Lavar os pés era uma providência de quem servia como hospedeiro.

O Senhor repousou

Gn 18.4b – “e repousai debaixo desta árvore;”

Os homens chegaram aos carvalhais de Manre, junto à tenda de Abraão, “no maior calor do dia” (Gn 18.1). Certamente, haviam feito algum tipo de jornada a pé, pois pareciam cansados. Por tal razão, Abraão sugeriu que repousassem. Em frente à tenda, certamente havia um carvalho, árvore frondosa que servia de abrigo na hora do maior calor do sol. Foi ali que Abraão sugeriu que repousassem.

Deus e os anjos são seres espirituais, incorpóreos. Por falta de corporeidade, esses seres não têm as mesmas sensações de cansaço que os humanos. Mas, ao assumirem a corporeidade de seres humanos, tanto o

Senhor como os dois anjos estavam sujeitos ao cansaço físico, esperando-se que repousassem, o que, de fato, aconteceu. Tudo o que tem uma forma tem finitude e está sujeito a cansaço. Por essa razão, foi necessário que repousassem.

O Senhor comeu

Gn 18.5 – “trarei um bocado de pão; refazei as vossas forças, visto que chegastes até vosso servo; depois, seguireis avante. Responderam: Faze como disseste.”

A fim de que esses homens, incluindo o Senhor, pudessem recompor suas forças, não somente Deus e os anjos tinham de repousar, como também tinham de comer. O descanso e a alimentação fazem parte de todos os seres finitos com corporeidade, mesmo que essa corporeidade não lhes seja essencial. Assim, os visitantes assentiram com a sugestão de Abraão no sentido de repousar e comer. Somente seres com forma finita se cansam de uma longa viagem a pé. E, para comerem, todos precisavam ter o que seres humanos comuns têm: boca e dentes para mastigação, além de outras partes do aparelho digestivo. Assim, segue aquilo que, juntamente com os anjos na forma humana, o Senhor comeu:

O Senhor comeu pão assado

Gn 18.5-6 – “trarei um bocado de pão; refazei as vossas forças, visto que chegastes até vosso servo; depois, seguireis avante. Responderam: Faze como disseste. Apressou-se, pois, Abraão para a tenda de Sara e lhe disse: Amassa depressa três medidas de flor de farinha e faze pão assado ao borralho.”

Chegando de uma viagem a pé, sob o sol escaldante do Oriente Médio, os visitantes estavam cansados e famintos, razão pela qual precisavam “refazer suas forças”. Nada mais necessário do que descanso e comida. Abraão ofereceu um pedaço de pão aos visitantes. Reconhecendo a fome que sentiam, concordaram com a ideia de Abraão, dizendo: “Faze como disseste”. Assim, sem perda de tempo, Abraão pediu a Sara que preparasse pão assado. Até Deus e os anjos, quando assumem forma, precisam do “pão nosso de cada dia” para seu sustento. Não se esqueça de que a finitude da forma torna a comida e o descanso necessários para a subsistência até mesmo dos que assumem a forma humana, ainda que por pouco tempo.

O Senhor comeu carne

Gn 18.7 – “Abraão, por sua vez, correu ao gado, tomou um novilho, tenro e bom,

e deu-o ao criado, que se apressou em prepará-lo.”

Enquanto Sara se ocupava do pão assado, Abraão tomou providências para o preparo de uma carne da melhor qualidade que os antigos poderiam oferecer aos seus visitantes. Perceba que o Senhor, assim como os anjos, tinha todo o seu aparelho digestivo, como qualquer outro ser humano, a fim de digerir esses alimentos pesados. Não há barreira que impeça o Senhor, em forma teofânica, de comer.

O Senhor comeu coalhada e leite

Gn 18.8a – “Tomou também coalhada e leite e o novilho que mandara preparar e pôs tudo diante deles;”

Provavelmente, a coalhada não era do mesmo tipo daquelas que consumimos hoje, mas certamente era cremosa, porque era ingerida com leite. Certamente, Abraão possuía uma boa quantidade de gado, para se servir daquilo que os animais podem oferecer. Então, Sara tomou providências para que suas servas preparassem essa coalhada juntamente com leite, possibilitando, assim, que os visitantes matassem sua fome. Então, aquela comida rica foi colocada diante dos três homens.

Não se esqueça de que o Senhor não tinha somente a aparência visual de homem, mas também um organismo físico que lhe permitia mastigar, deglutir e digerir alimentos.

O Senhor comeu debaixo de uma árvore

Gn 18.8b – “e [Abraão] permaneceu de pé junto a eles debaixo da árvore; e eles comeram.”

Os três seres espirituais, na forma humana, repousaram sob uma árvore e consumiram a rica comida preparada pela família de Abraão. Isso aponta para o fato de que o Senhor estava presente no local. Certamente aqueles homens tomaram o alimento com as mãos, levaram-no à boca, mastigaram-no e engoliram tudo o que lhes foi oferecido. Eles tinham todos os órgãos que os seres humanos possuem. Para alguém que não tivesse a capacidade de reconhecê-los, como Abraão teve, os visitantes pareceriam simplesmente seres humanos.

Enquanto os visitantes comiam, Abraão permaneceu bem junto deles. Provavelmente, não queria perder nenhuma ação daqueles que haviam assumido a forma humana. Por isso, ficou “de pé junto deles”.

O Senhor permaneceu com Abraão e, depois, apartou-se dele

Gn 18.21-22 – “Descerei e verei se, de fato, o que têm praticado corresponde a esse clamor que é vindo até mim; e, se assim não é, sabê-lo-ei. Então, partiram dali aqueles homens e foram para Sodoma; *porém, Abraão permaneceu ainda na presença do SENHOR.*”

A expressão usada por Deus “descerei e verei” aponta para a locomoção que é própria somente daqueles seres com corporeidade humana ou outra forma qualquer. Somente coisas finitas podem locomover-se no espaço.

Após averiguar a situação moral de Sodoma, os dois anjos assumiram a forma humana e partiram para a terra de pecados, mas o Senhor, em forma de homem, permaneceu diante de Abraão.

Gn 18.33 – “Tendo cessado de falar a Abraão, *retirou-se o SENHOR*; e Abraão voltou para o seu lugar.”

Depois de uma conversa razoavelmente longa e curiosa com Abraão, Deus resolveu sair do lugar onde estava. E Abraão ficou sozinho. Mais uma vez, aquela manifestação teofânica cumpre o que é próprio: locomoção. Se Deus não se manifestasse teofanicamente, mas permanecesse como um ser somente espiritual, por causa de sua imensidão e onipresença, não precisaria locomover-se de um lugar para outro. É a finitude da teofania que torna possível esse movimento no espaço.

DEUS REVELOU-SE EM TEOFANIA A ISAQUE

Da mesma forma que Deus apareceu a Abraão, também apareceu a Isaque, embora as informações sejam bem mais sucintas do que o aparecimento de Deus a Abraão, seu pai:

Gn 26.1-2 – “Sobrevindo fome à terra, além da primeira havida nos dias de Abraão, foi Isaque a Gerar, avistar-se com Abimeleque, rei dos filisteus. *Apareceu-lhe o SENHOR* e disse: Não desças ao Egito. Fica na terra que eu te disser.”

Gn 26.24-25 – “Na mesma noite, *lhe apareceu o SENHOR* e disse: Eu sou o Deus de Abraão, teu pai. Não temas, porque eu sou contigo; abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência por amor de Abraão, meu servo. Então, levantou ali um altar e, tendo invocado o nome do SENHOR, armou a sua tenda; e os servos de Isaque abriram ali um poço.”

Embora a narrativa da manifestação teofânica a Isaque seja mais discreta e resumida, podemos reafirmar o mesmo já dito em relação a Abraão. É

significativo o fato de Deus ter “aparecido” a Isaque. Trata-se da mesma expressão usada quanto a Abraão (Gn 18.1). Não é necessário dizer que Deus assumiu aparência física para estar na presença de Isaque. Somente pessoas com forma física aparecem e desaparecem.

DEUS REVELOU-SE EM TEOFANIA A JACÓ

Deus apareceu a Jacó de duas maneiras: em sonho e em teofania:

Deus apareceu em sonho a Jacó

Gn 28.12-17 – *“E sonhou: Eis posta na terra uma escada cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela. Perto dele estava o SENHOR e lhe disse: Eu sou o SENHOR, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência. A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul. Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo que te hei referido. Despertado Jacó do seu sono, disse: Na verdade, o SENHOR está neste lugar, e eu não o sabia. E, temendo, disse: Quão temível é este lugar! É a Casa de Deus, a porta dos céus.”*

Nos tempos antigos, não era incomum Deus manifestar-se através de sonho, quando sua revelação ainda estava no princípio. Nessas revelações, Deus sempre dava-se a conhecer aos recipientes da revelação que ainda não o tinham visto ou ouvido pessoalmente numa teofania. Assim, quando Deus aparece em sonhos, apresenta-se como o Deus dos antepassados.

A realidade da presença de Deus foi tão clara para Jacó que ele chamou o lugar “casa de Deus” de “a porta do céu”.

Gn 31.11-13 – *“E o Anjo de Deus me disse em sonho: Jacó! Eu respondi: Eis-me aqui! Ele continuou: Levanta agora os olhos e vê que todos os machos que cobrem o rebanho são listados, salpicados e malhados, porque vejo tudo o que Labão te está fazendo. Eu sou o Deus de Betel, onde ungiste uma coluna, onde me fizeste um voto; levanta-te agora, sai desta terra e volta para a terra de tua parentela.”*

Os recipientes da revelação veem todas as coisas que Deus lhes revela, mas não é um encontro pessoal, como o da teofania. Existe um elemento separador, que é o sonho, entre o Revelador e aquele que recebe a revelação.

Além disso, o recipiente está dormindo e, portanto, não tem todos os seus sentidos despertados. Na teofania, contudo, todos os sentidos do recipiente da revelação estão em funcionamento.

Deus apareceu teofanicamente a Jacó

Gn 32.22-30 – “Levantou-se naquela mesma noite, tomou suas duas mulheres, suas duas servas e seus onze filhos e transpôs o vau de Jaboque. Tomou-os e fê-los passar o ribeiro; fez passar tudo o que lhe pertencia, *ficando ele só; e lutava com ele um homem*, até ao romper do dia. Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem. Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir se me não abençoares. Perguntou-lhe, pois: Como te chamas? Ele respondeu: Jacó. Então, disse: Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, *pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste*. Tornou Jacó: Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali. Àquele lugar chamou Jacó Peniel, pois disse: *Vi a Deus face a face, e a minha vida foi salva.*”

Além de falar a Jacó em sonhos, Deus tomou a forma humana para confrontá-lo. Nesse episódio, Deus assumiu a forma de homem ao lutar com Jacó. Essa manifestação externa é uma teofania inconfundível!

Existem vários indícios da manifestação de Deus a Jacó como uma teofania:

i) Jacó lutou com um homem, e o mesmo texto diz que esse homem era Deus; ii) Jacó foi tocado pela espada do homem contra o qual estava lutando. Isso aponta para o fato de seu oponente ter forma, porque houve uma luta corporal; iii) Jacó viu Deus “face a face”, a mesma expressão que posteriormente foi usada a respeito de Moisés (Dt 34.10). Isso aponta para uma aparência física que Deus havia assumido.

O Senhor claramente apareceu, em teofania, a Jacó mais vezes:

Gn 35.9-13 – “Vindo Jacó de Padã-Arã, *outra vez lhe apareceu Deus e o abençoou*. Disse-lhe Deus: O teu nome é Jacó. Já não te chamarás Jacó, porém Israel será o teu nome. E lhe chamou Israel. Disse-lhe mais: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; sê fecundo e multiplica-te; uma nação e multidão de nações sairão de ti, e reis procederão de ti. A terra que dei a Abraão e a

Isaque dar-te-ei a ti e, depois de ti, à tua descendência. E Deus se retirou dele, *elevando-se do lugar onde lhe falara.*”

Nessa passagem, podemos ver novamente a manifestação teofânica de Deus quando é dito que ele “apareceu” a Jacó, que Deus “se retirou dele”, “elevando-se do lugar onde lhe falara”. Tanto o ato de aparecer como o de se retirar sugerem movimento no espaço. A única maneira de Deus se locomover no espaço é quando assume a forma humana. Do contrário, ele nunca se movimenta no espaço, pois o preenche todo com a plenitude de seu ser.

^[10] Gerhardus Vos. *Biblical Theology: Old and New Testaments* (Grand Rapids: Eerdmans, 1980), 23.

^[11] À forma física que os anjos tomam, denomina-se “angelofania”, o que foi muito comum, especialmente nos eventos da anunciação no Novo Testamento.

TEOFANIA NO PERÍODO MOSAICO

Embora o modo de revelação teofânica tenha predominado no período patriarcal (pré-mosaico), Deus também apareceu algumas vezes aos homens no período específico de Moisés.

Deus se manifestou externamente de várias formas nos dias de Moisés.

DEUS REVELOU-SE EM TEOFANIA A MOISÉS EM FORMA DE HOMEM

Ex 33.7–11 – “Ora, Moisés costumava tomar a tenda e armá-la para si, fora, bem longe do arraial; e lhe chamava a tenda da congregação. Todo aquele que buscava ao SENHOR saía à tenda da congregação, que estava fora do arraial. Quando Moisés saía para a tenda, do lado de fora, todo o povo se erguia, cada um em pé à porta da sua tenda, e olhava pelas costas, até entrar ele na tenda. Uma vez dentro da tenda, descia a coluna de nuvem e punha-se à porta da tenda; e o SENHOR falava com Moisés. Todo o povo via a coluna de nuvem que se detinha à porta da tenda; todo o povo se levantava, e cada um, à porta da sua tenda, adorava ao SENHOR. *Falava o SENHOR a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo*; então, voltava Moisés para o arraial, porém o moço Josué, seu servidor, filho de Num, não se apartava da tenda.”

Nessa passagem, observa-se a intimidade entre o Revelador e o recipiente da revelação, porque a teofania é uma revelação presencial. Moisés não somente ouvia a voz de Deus, como também via a sua forma.

Na teofania, não havia nenhum elemento intermediário entre o Revelador e o recipiente da revelação. Tratava-se de uma revelação direta e imediata. O texto parece sugerir que o Revelador assumiu forma semelhante à do recipiente da revelação pela simples expressão usada pelo autor da narrativa. Moisés viu a forma do Senhor porque, algumas vezes, o Senhor assumiu a forma que dera à criatura, lá no Éden. O Senhor apareceu a Moisés e falou face a face com ele, como alguém fala com seu amigo. Nesse modo de revelação, havia estreita intimidade entre o Revelador e o recipiente da revelação.

Ex 33.18-23 – “Então, ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória. Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do SENHOR; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer. E acrescentou: *Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá.* Disse mais o SENHOR: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. *Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá.*”

Tal passagem, ainda que de interpretação difícil, dá indícios de que Deus assumiu a forma humana, pois tinha face, mão e costas. Moisés queria ver o que estava por trás da forma humana mostrada na revelação teofânica. Ele queria ver Deus em sua expressão mais íntima e profunda, que é a sua glória, no que foi impedido pelo Criador. A expressão “não me poderás ver a face”, segundo o contexto hebraico da época, significava contemplar uma intimidade que seria exclusiva das relações entre as pessoas da Trindade, e não das criaturas finitas.

Com frequência, Deus se deu a conhecer presencialmente, a fim de expressar a verdade sobre a própria natureza e sobre a natureza da finitude do homem, a qual, ainda por cima, é agravada por sua pecaminosidade.

Ex 4.24–26 – “Estando Moisés no caminho, numa estalagem, *encontrou-o o SENHOR e o quis matar.* Então, Zípora tomou uma pedra aguda, cortou o prepúcio de seu filho, lançou-o aos pés de Moisés e lhe disse: Sem dúvida, tu és para mim esposo sanguinário. Assim, o SENHOR o deixou. Ela disse: Esposo sanguinário, por causa da circuncisão.”

O texto dá-nos a impressão de que o Senhor encontrou pessoalmente Moisés e, em sua ira, “agarrou-o pelo colarinho”, exigindo dele a obediência ao seu mandamento de circuncisão do filho. A ideia é que Deus o pegou pelo pescoço e quis matá-lo. Assim, para evitar a morte do marido, a própria esposa fez o que Moisés deveria ter feito: circuncidou o filho. Ela fez isso porque viu a cena de Deus, certamente na forma humana, movimentando-se para matar seu esposo.

DEUS REVELOU-SE EM TEOFANIA A MOISÉS EM FORMA DE FOGO

Ex 3.2-6 – “*Apareceu-lhe o Anjo do SENHOR numa chama de fogo, no meio de*

uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. Então, disse consigo mesmo: Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima? Vendo o SENHOR que ele se voltava para ver, *Deus, do meio da sarça*, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui! Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. Disse mais: *Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus.*”

Assim, temos que:

Deus e o Anjo do Senhor são a mesma pessoa

Ex 3.2a – “Apareceu-lhe o Anjo do SENHOR numa chama de fogo, no meio de uma sarça”

Ex 3.4 – “Vendo o SENHOR que ele se voltava para ver, *Deus, do meio da sarça*,”

Assim como ocorre em muitas passagens da Escritura, o “Anjo do Senhor” é identificado como o próprio Senhor. Não se esqueça de que a palavra *anjo* significa *mensageiro*. É aqui que muitos intérpretes afirmam que o Filho de Deus (antes da encarnação) sempre deve ser visto como o anjo de Deus. Nesse sentido, Deus, o Filho (ainda não encarnado), é o mensageiro de Deus (o Pai), que se dirige ao recipiente da revelação, mas Deus fala em seu próprio nome, sem enviar servo ou criatura.

Deus produz encantamento no recipiente de sua revelação

Ex 3.2b–3. – “Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. Então, disse consigo mesmo: *Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima?*”

Deus se revela teofanicamente em forma de fogo. Esse tipo de manifestação teofânica deixou Moisés absolutamente maravilhado, pois era um fogo com propriedades diferentes do fogo devorador comum. Esse era capaz de estar num arbusto e não queimá-lo. Moisés temeu olhar para o fogo e, então, desviou os olhos daquele fenômeno certamente físico. Não era um fogo espiritual, mas um fogo físico com propriedades desconhecidas para Moisés.

Deus assevera a santidade do lugar de sua revelação teofânica

Ex 3.4-5 – “Vendo o SENHOR que ele se voltava para ver, *Deus, do meio da sarça*, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui! Deus

continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, *porque o lugar em que estás é terra santa.*”

A santidade de um lugar em si mesmo não existe, porque todos os lugares deste mundo estão sob maldição divina. Não há nenhum território que não tenha sido atingido pelo desagrado divino. Todavia, é o próprio Deus quem diz que a sua presença gloriosa torna um lugar santo. O fato de Deus estar naquele local de forma teofânica o tornou santificado. Ali, Moisés é chamado a se portar de modo reverente na presença de Deus. Não se esqueça de que a presença teofânica de Deus é localizada, o que é diferente de sua onipresença. Por essa razão, Deus disse a Moisés: “O lugar em que estás é terra santa”.

Deus se identifica em sua manifestação teofânica

Ex 3.6a – “Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.”

Moisés estava vendo Deus, que havia assumido uma forma diferente. Ali, na sarça ardente, foi a primeira vez que Deus se mostrou teofanicamente a Moisés. Até então, Moisés não tivera nenhuma experiência com Deus. Nessa primeira vez, Deus se identificou a Moisés como o Deus dos antigos, o Deus dos progenitores (Anrão e Joquebede), seus ancestrais diretos e mais distantes de raça. Ele é o Deus que disse que seria o Deus da descendência de Abraão. Esse Deus que se revelou a Abraão haveria de ser o Deus de toda a descendência, da qual Moisés era um exemplo. Mesmo nós, hoje, sem possuir sangue hebreu, somos descendência de Isaque e, em consequência, cremos em Deus. Bendito Deus de nossos pais que será Deus de nossos filhos!

Deus revela-se de um modo que causa algum tipo de temor no recipiente

Ex 3.6b – “Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus.”

Não é estranho que Moisés tenha tido algum tipo de temor diante da revelação presencial do Senhor. As teofanias, com frequência, provocavam grande espanto e medo em seus recipientes, por apontarem para a grande distância quantitativa e qualitativa entre o Criador e as criaturas.

Pondo-me no lugar de Moisés, eu tremeria dos pés à cabeça numa experiência similar. Depois de, curiosamente, observar a manifestação teofânica, ele temeu olhar para a sarça ardente. Por quê? Porque olhar para aquele fogo que não consumia a sarça era o mesmo que olhar para o Senhor.

Então, Moisés foi refreado em sua curiosidade de contemplar aquela maravilha por causa de um santo temor que Deus pôs nele em forma de advertência.

DEUS REVELOU-SE EM TEOFANIA A MOISÉS EM FORMA DE COLUNA DE NUVEM

Após revelar-se a Moisés em forma de fogo ardente na sarça e em forma de homem, Deus se revelou verbalmente a ele em outras formas físicas que assumiu. Revelou-se visivelmente na coluna de nuvem e de fogo durante a jornada até a terra da promessa.

Ex 24.1–2 – “Disse também Deus a Moisés: Sobe ao SENHOR, tu, e Arão, e Nadabe, e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e adorai de longe. *Só Moisés se chegará ao SENHOR*; os outros não se chegarão, nem o povo subirá com ele.”

Embora o povo tenha chegado ao pé do Monte Sinai, ninguém subiu ao Monte para se encontrar com Deus, que se manifestava teofanicamente. Era privilégio somente de Moisés, na condição de representante de Deus e, ao mesmo tempo, representante do povo. Àquela altura, Moisés exercia tanto a função profética como a sacerdotal. Ele se ocupava dos direitos de Deus e das necessidades do povo.

Ex 24.9–11 – “E subiram Moisés, e Arão, e Nadabe, e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel. *E viram o Deus de Israel, sob cujos pés havia uma como pavimentação de pedra de safira*, que se parecia com o céu na sua claridade. Ele não estendeu a mão sobre os escolhidos dos filhos de Israel; *porém, eles viram a Deus, e comeram, e beberam.*”

Enquanto o povo só pôde chegar ao pé do monte, aos companheiros de Moisés foi permitido subi-lo. Eles viram Deus bem de perto, mas não puderam entrar exatamente no lugar onde estava acontecendo a manifestação teofânica. Eles não penetraram a nuvem para se encontrar com Deus. Essa foi uma tarefa confiada apenas a Moisés. No entanto, celebraram o fato de terem visto alguns aspectos da teofania. Eles viram Deus assumindo a forma humana, porque seus pés pisavam uma espécie de pavimentação de safira. Então, a celebração era porque “eles viram Deus, e comeram, e beberam”.

Ex 24.15–18 – “Tendo Moisés subido, uma nuvem cobriu o monte. E a glória do SENHOR pousou sobre o monte Sinai, e a nuvem o cobriu por seis dias; ao sétimo dia, do meio da nuvem, chamou o SENHOR a Moisés. *O aspecto da glória do*

SENHOR era como um fogo consumidor no cimo do monte, aos olhos dos filhos de Israel. E Moisés, entrando pelo meio da nuvem, subiu ao monte; e lá permaneceu quarenta dias e quarenta noites.”

Dentro da tenda, havia não somente uma nuvem negra; também a glória do Senhor se manifestava “como um fogo consumidor no cimo do monte”.

Ex 40.34–38 – “Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do SENHOR enchia o tabernáculo. Quando a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, os filhos de Israel caminhavam avante, em todas as suas jornadas; se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam, até ao dia em que ela se levantava. De dia, a nuvem do SENHOR repousava sobre o tabernáculo, e, de noite, havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas.”

Dt 5.22–24 – “Estas palavras, falou o SENHOR a toda a vossa congregação no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade, com grande voz, e nada acrescentou. Tendo-as escrito em duas tábuas de pedra, deu-as a mim. Sucedeu que, ouvindo a voz do meio das trevas, enquanto ardia o monte em fogo, vos achegastes a mim, todos os cabeças das vossas tribos e vossos anciãos, e dissestes: Eis aqui o SENHOR, nosso Deus, nos fez ver a sua glória e a sua grandeza, e ouvimos a sua voz do meio do fogo; hoje, vimos que Deus fala com o homem, e este permanece vivo.”

Ex 19.9, 11, 16–20 – “Disse o SENHOR a Moisés: *Eis que virei a ti numa nuvem escura*, para que o povo ouça quando eu falar contigo e para que também creiam sempre em ti. Porque Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao SENHOR... e estejam prontos para o terceiro dia; porque no terceiro dia o SENHOR, à vista de todo o povo, descera sobre o monte Sinai... Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma *espessa nuvem* sobre o monte, e mui forte clangor de trombeta, de maneira que todo o povo que estava no arraial se estremeceu. *E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus*; e puseram-se ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o *SENHOR descera sobre ele em fogo*; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente. E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais; Moisés falava, e Deus lhe respondia no trovão. Descendo o SENHOR para o cimo do monte Sinai, chamou o SENHOR a Moisés para o cimo do monte.”

Após a passagem do Mar Vermelho, o Senhor prosseguiu com sua missão

de proteger o povo. Ao chegar ao Sinai, o povo foi confrontado, uma vez mais, com a presença teofânica de Deus.

A teofania torna possível a locomoção de Deus

Ex 19.9 – “Disse o SENHOR a Moisés: *Eis que virei a ti numa nuvem escura*”

A propriedade de “locomover-se” é característica somente das coisas finitas, sejam físicas ou não físicas. Deus, em si mesmo, em sua natureza infinita e puramente espiritual, não se locomove no espaço, porque, como já assinalado, preenche todo o espaço com a plenitude de seu ser. Não há lugar onde Deus não esteja e ele não precisa locomover-se. Entretanto, quando Deus assume uma forma, sua locomoção se faz necessária. Por isso, quando o Senhor tomou a forma de nuvem, diz-se que desceu para o cume do monte.

A locomoção divina foi vista por todos

Ex 19.11 – “e estejam prontos para o terceiro dia; porque no terceiro dia o SENHOR, à vista de todo o povo, descera sobre o monte Sinai...”

A essa altura, Moisés já vira Deus assumir as mais variadas formas. No entanto, praticamente não há informação sobre se Deus assumiu forma na presença de todo o povo acampado no deserto. No verso em questão, Deus deixou-se ver, em locomoção, pela totalidade da comunidade de Israel. Deus fez questão de se locomover para que todo o povo pudesse contemplar a forma que ele tomou e, assim, lhe fosse possível comunicar sua mensagem.

A locomoção divina foi acompanhada de grande ruído

Ex 19.16 – “... Ao amanhecer do terceiro dia, houve trovões, e relâmpagos, e uma *espessa nuvem* sobre o monte, e *mui forte clangor de trombeta*, de maneira que todo o povo que estava no arraial estremeceu.”

Ex 19.19a – “E o clangor da trombeta ia aumentando cada vez mais;”

Ex 20.18 - “Todo o povo presenciou *os trovões, e os relâmpagos, e o clangor da trombeta*, e o monte fumegante;”

É possível que Moisés tenha ordenado que a cerimônia da descida divina ao monte fosse acompanhada pelo toque de trombeta. Entretanto, também é possível que o grande ruído causado pelo toque das trombetas tenha sido causado não pela trombeta dos israelitas, mas por trombetas tocadas por seres angelicais. Daí, o som forte que as trombetas provocavam. Além do toque das trombetas, houve a manifestação da própria natureza, que, em conjunto com trovões e relâmpagos, aumentava o volume do som. A manifestação teofânica

naquela experiência do povo foi uma cerimônia extremamente ruidosa e maravilhosamente apavorante! Quem de nós, pecadores, não tremeria diante dessa majestosa cerimônia?

A locomoção divina aproximou o povo de Deus

Ex 19.17 – “E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte.”

Normalmente, Deus, por sua própria natureza, é distante dos homens. Por essa razão, resolveu tomar forma, a fim de se aproximar do povo de um modo visível.

Aproximar-se da nuvem implicava aproximar-se de Deus. Moisés quis que o povo contemplasse aquilo que ele próprio já havia contemplado no tabernáculo. Então, levou o povo para bem perto do monte, para contemplar Deus em ação, por meio da teofania.

A locomoção divina causou temor no povo

Ex 20.18b–21 – “e o povo, observando, *estremeceu e ficou de longe*. Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos. Respondeu Moisés ao povo: Não temais; Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis. O povo estava de longe, em pé; Moisés, porém, se chegou à nuvem escura onde Deus estava.”

O povo ficou apavorado diante do que estava presenciando e permaneceu a distância. Há um sentido de que a experiência de ver o Senhor apresenta uma tonalidade de pavor. Uma teofania não é necessariamente algo que os homens devam desejar.

Ao invés de se aproximar, o povo manteve distância

Já me flagrei pensando no privilégio de Deus me aparecer, como se fosse uma grande bênção para mim. Todavia, quando nos voltamos para a experiência dos homens citados na Escritura, percebemos que a visão de Deus não é algo desejável.

Existem dois fatores importantes que não podem ser esquecidos:

i) Nossa finitude impede que vejamos a presença de Deus sem sermos profundamente afetados. A presença física de Deus não nos traz a experiência de conforto porque é muito intensa, trazendo temor da cabeça aos pés!

ii) Além da finitude dos homens feitos à imagem de Deus, havia o problema complicador do pecado na vida do povo. O povo de Israel era

rebelde. Veja o que Moisés disse:

Ex 20.20 – “Respondeu Moisés ao povo: Não temais; Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis.”

Deus queria que o povo o temesse e que não mais pecasse diante dele. Portanto, a finalidade dessa teofania era causar um temor que resultasse em obediência do povo a ele.

A finitude e a pecaminosidade são fatores importantes para compreendermos os atos reveladores de Deus no passado, por meio de teofania.

Em vez de ouvir a voz de Deus, o povo quis ouvir Moisés

Ex 20.19 – “Disseram a Moisés: Fala-nos tu, e te ouviremos; porém, não fale Deus conosco, para que não morramos.”

Todos queriam ver Deus se manifestando no Monte, mas, quando chegou a hora de vê-lo, o povo mudou de opinião. Ao invés de se aproximar de Deus para ouvir sua voz, eles recuaram por causa do pavor que estavam experimentando.

Moisés já tivera problemas de liderança em relação ao povo, mas agora o povo prefere a palavra de Moisés a ouvir diretamente a voz de Deus. Assim, a presença visível e audível de Deus certamente causará profundo temor em nós. Por essa razão, ouvir a voz de Deus não deve ser aconselhável, ao menos na condição de pecadores em que ainda vivemos.

Ao invés de experimentar vida, o povo experimentaria morte

Ex 20.20 – “Respondeu Moisés ao povo: *Não temais*; Deus veio para vos provar e para que o seu temor esteja diante de vós, a fim de que não pequeis.”

O pavor foi tanto que eles não quiseram que Deus lhes dirigisse a palavra, porque a voz de Deus poderia causar-lhes a morte! Há ocasiões em que a presença de Deus provoca destruição e morte, em vez de edificação e vida!

Por essa razão, é bom refletirmos bem sobre o que haveríamos de sentir na presença tremendamente santa de Deus diante de nós. Sua presença, nas atuais condições, não são motivo de vida, mas de morte. Se Deus aparecesse à sua frente, você não ficaria impassível, mas sentiria com grande intensidade seu poder santo.

No entanto, Moisés consola o povo dizendo que aquele temor seria o motivo de eles não mais pecarem contra o Senhor.

A locomoção divina torna possível a verificação de sua proteção

Ex 14.19, 24 – “Então, o Anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou e passou para trás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles... Na vigília da manhã, o SENHOR, na coluna de fogo e de nuvem, viu o acampamento dos egípcios e alvoroçou o acampamento dos egípcios;”

A coluna de nuvem era a manifestação da presença de Deus, que ia na retaguarda e na vanguarda do povo. Ora Deus protegia por trás, ora pela frente. A presença teofânica de Deus era providencial para a continuação da existência do povo naquela caminhada inicial, até que passassem o mar Vermelho.

Ex 23.20–23 – “Eis que eu envio um Anjo adiante de ti, para que te guarde pelo caminho e te leve ao lugar que tenho preparado. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não te rebeles contra ele, porque não perdoará a vossa transgressão; pois nele está o meu nome. Mas, se diligentemente lhe ouvires a voz e fizeres tudo o que eu disser, então serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. Porque o meu Anjo irá adiante de ti e te levará aos amorreus, aos heteus, aos perizeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus; e eu os destruirei.”

Deus protegeu o povo, por intermédio de seu Anjo (que pode ser a função do Filho ainda não encarnado!), não somente dos egípcios, mas também dos povos que eles haveriam de encontrar em sua caminhada para Canaã. Deus fez com que se encontrassem com esses povos a fim de que vissem o poder destruidor do Senhor contra os inimigos do povo.

DEUS REVELOU-SE EM TEOFANIA A MOISÉS EM FORMA DE ÓRGÃOS HUMANOS

Deus escreveu com seus dedos nas tábuas de pedra entregues a Moisés.

Ex 31.18 – “E, tendo acabado de falar com ele no monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus.”

Todos sabemos que Deus não possui dedos, porque é um ser eminentemente espiritual, sem forma, mas ele tomou a forma de partes do corpo humano para se manifestar externamente a Moisés, a fim de lhe entregar o sumo de sua Lei, em tábuas de pedra, que eram a sua obra (Dt 9.10-11). Essas tábuas da Lei foram guardadas na Arca do Pacto por vários séculos. Tanto a Arca como as duas tábuas de pedra desapareceram quando

Deus deixou seu povo de lado, em virtude dos pecados dele. As tábuas de pedra foram o testemunho escrito pelo dedo de Deus para dar norte espiritual ao povo.

Ex 32.16 – “As tábuas eram obra de Deus; também a escritura era *a mesma escritura de Deus, esculpida* nas tábuas.”

Provavelmente, Deus não usou cinzel para esculpir as tábuas de pedra, mas certamente foi ele quem esculpiu as letras, com seus dedos produzindo faíscas e sulcos na escritura na pedra. Deve ter sido um espetáculo terrivelmente belo que Moisés contemplou nas duas ocasiões em que o Senhor escreveu com o dedo de que se serviu.

Diferentemente dos outros profetas posteriores, que receberam revelações por sonhos e visões, Moisés as recebeu por meio de teofanias. Moisés via, como nenhum outro, as formas que Deus tomava para se comunicar com ele.

Nm 12.7-8 – “Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca, falo com ele, claramente, e não por enigmas; *pois ele vê a forma do SENHOR*; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?”

Nenhum homem deste mundo experimentou tanto a revelação teofânica de Deus quanto Moisés, a ponto de alguém dizer dele:

Dt 34.10 – “Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o SENHOR houvesse *tratado face a face*,”

Essas palavras provavelmente foram ditas por Josué, o sucessor de Moisés. Foi um reconhecimento daquilo que Moisés havia sido na condição de profeta de Deus (ver Dt 34.9.12).

Moisés foi singular em muitos aspectos: foi o profeta que mais influenciou seu povo; deu o código de leis ao seu povo; foi o mediador do pacto que Deus fez com seu povo; liderou Israel na fuga do Egito e pela caminhada no deserto; fundou a nação israelita; e estabeleceu os padrões morais e políticos para seu povo. Nenhum outro profeta do Antigo Testamento influenciou tanto um povo quanto Moisés.

Moisés também foi singular no que diz respeito a ser recipiente do primeiro modo de revelação divina, ou seja, a revelação por teofania. Nesse sentido, Moisés foi ímpar. Nenhum outro se levantou depois que o sobrepujasse! Talvez por isso Moisés tenha dito que Deus haveria de levantar um profeta semelhante a ele (Dt 18.15, 18) – uma referência a Jesus Cristo,

como profeta.

Assim como Jesus Cristo sempre esteve face a face com Deus, seu Pai, Moisés, de maneira inferior (mas superior a todos os outros), também esteve na presença de Deus, visualizando a sua forma.

TEOFANIA NO PERÍODO PÓS-MOSAICO

Após o período de Moisés, Deus apareceu com menos frequência em teofanias, mas ainda existem algumas poucas manifestações externas de Deus em períodos posteriores:

DEUS APARECEU AO PAI DE SANSÃO

Jz 13.15-22 – “Então, Manoá disse ao Anjo do SENHOR: Permite-nos deter-te, e te prepararemos um cabrito. Porém, o Anjo do SENHOR disse a Manoá: Ainda que me detenhas, não comerei de teu pão; e, se preparares holocausto, ao SENHOR o oferecerás. *Porque não sabia Manoá que era o Anjo do SENHOR.* Perguntou Manoá ao Anjo do SENHOR: Qual é o teu nome, para que, quando se cumprir a tua palavra, te honremos? Respondeu-lhe o Anjo do SENHOR e lhe disse: *Por que perguntas assim pelo meu nome, que é maravilhoso?* Tomou, pois, Manoá um cabrito e uma oferta de manjares e os apresentou sobre uma rocha ao SENHOR; e o Anjo do SENHOR se houve maravilhosamente. Manoá e sua mulher estavam observando. Sucedeu que, subindo para o céu a chama que saiu do altar, o Anjo do SENHOR subiu nela; o que, vendo Manoá e sua mulher, caíram com o rosto em terra. *Nunca mais apareceu o Anjo do SENHOR a Manoá, nem a sua mulher;* então, Manoá ficou sabendo que era o Anjo do SENHOR. *Disse Manoá à sua mulher: Certamente, morreremos, porque vimos a Deus.*”

Em geral, a expressão “Anjo do Senhor” é equivalente ao próprio Senhor. Esse caso não é único. Quando Deus fala, é o mensageiro, ou seja, o anjo. Deus é o porta-voz de si mesmo. Com frequência, Deus não usa intermediários (ou servos); ele mesmo se apresenta diante daqueles a quem decidiu revelar-se teofanicamente. Manoá ofereceu a comida que costumava ser oferecida a visitantes ilustres ou mesmo a pessoas comuns, que têm a conformação física de seres humanos que podem comer, como é o caso do Senhor, que se apresentou teofanicamente nesse evento.

Nessa passagem, Deus se apresenta com um nome que veio a ser atribuído ao Messias pelo profeta Isaías – Maravilhoso! (v. 18). Esse evento causou

profunda marca em Manoá e sua esposa, pois eles se prostraram diante daquele que viam fisicamente, face a face. Esse aparecimento face a face nunca mais se repetiu na vida de Manoá, pai de Sansão.

DEUS APARECEU EM TEOFANIA A JÓ

Jó 38.1–5 – “Depois disso, o SENHOR, *do meio de um redemoinho*, respondeu a Jó: Quem é este que escurece os meus desígnios com palavras sem conhecimento? Cinge, pois, os lombos como homem, pois eu te perguntarei, e tu me farás saber. Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel?” (cf. Jó 40.6)

O amigo de Jó formula perguntas que Deus se propõe a responder. As perguntas são feitas por Eliú, mas Deus responde a Jó, e de um modo inusitado: do meio de um redemoinho. Assim como Deus havia falado a Moisés do meio da nuvem e do fogo, falou a Jó do meio de um redemoinho. Deus usa formas físicas para se dar a conhecer aos homens. O redemoinho não era Deus, mas Deus se serviu de uma forma física, um redemoinho, para se comunicar com Jó e anunciar que ele era o Criador de todas as coisas e de todos os fenômenos existentes no universo.

DEUS APARECEU EM TEOFANIA A ELIAS

1 Rs 19.11–13 – “Disse-lhe Deus: Sai e põe-te neste monte perante o SENHOR. Eis que passava o SENHOR; e um grande e forte vento fendia os montes e despedaçava as penhas diante do SENHOR, porém o SENHOR não estava no vento; depois do vento, um terremoto, mas o SENHOR não estava no terremoto; depois do terremoto, um fogo, mas o SENHOR não estava no fogo; e, depois do fogo, *um cicio tranquilo e suave*. Ouvindo-o Elias, envolveu o rosto no seu manto e, saindo, pôs-se à entrada da caverna. Eis que lhe veio uma voz e lhe disse: Que fazes aqui, Elias?”

Deus não apareceu a Elias em manifestações violentas da natureza, como um vento forte ou um terremoto, ou mesmo como um fogo consumidor. Diferente do que ocorrera com Jó, quando Deus se apresentou num redemoinho (ou seja, num vento violento), com Elias, Deus se apresentou numa brisa tranquila e suave, falando calmamente com ele.

DEUS APARECEU EM TEOFANIA A BELSAZAR

Dn 5.4-5 – “Beberam o vinho e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra. *No mesmo instante, apareceram uns dedos de mão de homem e escreviam*, defronte do candeeiro, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via os dedos que estavam escrevendo.”

Essa foi uma forma que Deus assumiu, dando-se a conhecer a um ímpio. Assim como Moisés viu o dedo de Deus escrevendo, nas tábuas de pedra, as leis para o povo, Belsazar viu dedos iguais aos dedos da mão de um homem, escrevendo na caiadura da parede a condenação do rei.

O texto diz claramente que o rei “*via os dedos que estavam escrevendo*”. Mesmo sem ter, essencialmente, uma forma, Deus resolveu assumir essa forma física para mostrar, em algum grau, as manifestações de sua justiça ao rei da Babilônia, por causa de seus pecados de idolatria.

TEOFANIA NA GLÓRIA CELESTE E NA NOVA TERRA

Creio que a teofania não foi somente o primeiro modo de revelação, mas também será o último, com mais coisas que Jesus Cristo nos irá revelar. Tanto o céu (que é o lugar onde temporariamente os cristãos viverão, até que o Senhor volte com eles) como a Nova Terra (que é o destino final dos remidos), ambos serão palco de uma contínua revelação teofânica.

DEUS APARECE EM TEOFANIA NA GLÓRIA CELESTIAL

Existem vários indícios, especialmente no livro do Apocalipse, de que os remidos que estão no céu veem alguma manifestação teofânica, porque o trono de Deus se encontra no céu – e não se esqueça de que o céu é um lugar físico.¹² O trono parece ser físico e tem um ocupante que é visto com um personagem físico ao seu lado, que é Jesus Cristo. Além disso, os crentes estarão *de pé*, diante do trono de Deus e do Cordeiro. Não há por que duvidar da fisicalidade das coisas celestes, já que a Escritura aborda claramente essa matéria.¹³

É minha crença pessoal que, a fim de se manifestar aos santos que já estão no céu, Deus presentemente toma forma. Ele comunicará verbalmente mais coisas de si mesmo, da criação e de nós próprios de maneira teofânica. Não faz sentido haver um trono vazio, e Jesus, de pé, ao lado de um trono que não é literal e que não está ocupado.

Portanto, não há nada que impeça essa realidade da fisicalidade, pois é provável que os homens remidos terão corpos (ainda que temporários e provisórios no céu), a fim de se comunicar uns com os outros e também com Deus.

DEUS APARECERÁ EM TEOFANIA NA NOVA TERRA

Ap. 22.4a – “contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele.”

Creio que, no habitat original dos homens, Deus tomou forma inclusive para criar o homem à sua imagem e semelhança, assim permanecendo até

depois da criação do homem, pois ambos conversavam no jardim e Deus ali caminhava e era visto, a ponto de Adão se esconder dele quando pecou, temendo a punição (ver Gn 3.8).

Nesse sentido, pergunta-se: Se Deus tomou forma no Paraíso santo, por que o mesmo Deus Todo-Poderoso não pode tomar forma no habitat restaurado e ser presencialmente adorado e visto (ainda que de uma forma não essencial a ele – teofania) quando estiver assentado em seu trono?

As teofanias são uma possibilidade no futuro, mas, quando Deus tomou forma no passado, essa forma não era essencial a ele e nunca será. Realmente a face que os homens viram não era essencialmente dele, pois ele é um ser que não tem corpo como os homens. Estaríamos diante de uma forma visível que não é parte essencial de Deus. Por essa razão, creio que os servos remidos na Nova Terra verão alguém que é Deus, e não apenas uma forma qualquer tomada pelo Invisível, que é apenas a representação do invisível. Entretanto, não descarto a possibilidade de Deus tomar uma forma gloriosa ao menos quando for visto assentado em seu trono, tendo o Redentor Jesus Cristo de pé, ao seu lado. Será, então, uma visão indescritível.

Ap 5.1–14 – “Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. Vi também um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele. Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos

seres vivos e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, sejam o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. E os quatro seres vivos respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram.”

João viu várias coisas que necessariamente nos levam a pensar em fisicalidade: um livro; a mão de Deus; um anjo (obviamente, na forma humana); e um Cordeiro, ou seja, uma referência à pessoa divino-humana de Jesus Cristo. Acima de tudo, o que mais me chama a atenção é a visão de Deus assentado no trono, diante do qual estavam seres humanos, de pé, e seres celestiais que tomaram forma. Afinal de contas, todos eles estavam na Nova Jerusalém, que não é um estado de alma, mas um lugar físico da recriação de Deus.

Ali, Deus poderá assumir qualquer uma das formas usadas na história da revelação, ou mesmo outras formas desconhecidas de nós, mas nós haveremos de ver Deus, face a face, ou seja, haveremos de ter comunhão íntima com ele a ponto de ver alguma coisa dele com nossos olhos físicos! Talvez você considere isso uma quimera, um sonho, mas poderá ser uma grande e espantosa realidade. Esperemos para ver!

Resumindo, na teofania, ou manifestação externa, Deus falou aos homens por seus sentidos, em tons visíveis e audíveis. Os recipientes da teofania ouviam e viam alguma coisa. Deus, em uma forma determinada, aparecia a eles. Mas eles também ouviam algo e Deus lhes falava diretamente.

Existem, portanto, alguns aspectos a serem observados:

i) A teofania envolve a presença pessoal de Deus (como anjo, homem, fogo, fumaça, nuvem etc.), como nenhum outro modo posterior. Tratava-se de um encontro face a face. Com toda probabilidade, esse é o modo que Deus usará eternamente, depois do completamento da redenção, na Nova Terra.

ii) A teofania envolve palavras e eventos em que Deus, que está pessoalmente presente, comunica não somente a si mesmo, mas também algo aos recipientes da revelação. Deus age e fala na teofania. Sua ação, em geral, tem caráter redentor, e sua fala envolve a comunicação de uma verdade, a

explicação de si mesmo ou de suas ações, de sua vontade, para que o recipiente possa entrar numa relação de confiança e comunhão com ele.

iii) Neste mundo, a teofania teve o propósito de graça e misericórdia, ou de juízo e ira. Com frequência, os dois fatores se combinam. No entanto, a teofania na terra redimida serve para aumentar nosso conhecimento de Deus e de sua criação.

iv) Enquanto a teofania é vista e ouvida, o recipiente da revelação pode crer ou descrever, obedecer ou desobedecer. A revelação não é necessariamente seguida de fé. Fé nem sempre é correlato de revelação.

Observa-se que a idolatria provavelmente é uma caricatura ou uma tentativa de imitar a verdadeira teofania. Obviamente, trata-se de uma transgressão do mandamento de Deus. Embora a idolatria não seja natural, muitas vezes pode ser considerada natural e normal para o homem pecaminoso, a ponto de os cristãos primitivos serem acusados pelos opositores romanos de ateus, pois os templos deles eram vazios!

APLICAÇÃO¹⁴

A contemplação da “face do Senhor” sempre será um anelo do cristão.

Desde os tempos do Antigo Testamento era um anelo (ou mesmo um sonho) dos crentes contemplar a face de Deus, tendo um encontro pessoal com ele, de uma forma que nunca haviam tido. Todos os crentes, quer dos tempos antigos, quer da atualidade, já anelaram contemplar a face do Senhor. Nenhum de nós escapa a esse santo desejo. Se alguém nunca aspirou ver o Senhor face a face, ainda não entendeu o relacionamento com Deus em sua condição de crente nele!

Os crentes do Antigo Testamento iam ao santo templo de Jerusalém com alguma esperança de essa experiência se passar, mas sabiam que só o sumo sacerdote podia entrar no lugar santíssimo para ver alguma manifestação da presença gloriosa de Deus.

Jó teve o anelo de ver o Senhor

Jó 19:25-27 – “Porque eu sei que o meu Redentor vive e, por fim, se levantará sobre a terra. Depois, revestido esse meu corpo de minha pele, *em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros*; de saudade me desfalece o coração dentro de mim.”

Obviamente, Jó está antevendo o tempo de sua ressurreição, porque fala de seu corpo completamente curado. Nesse tempo de dor, Jó vislumbra o dia da vitória plena do Redentor e da vivificação de sua carne. Seu desejo de ver o Senhor envolve os olhos físicos. É possível que ele esteja falando em ver o Senhor Jesus redivivo, mas sua esperança estava em ver Deus. Por essa razão, a passagem diz que seu coração está cheio de saudade de uma coisa que ele nunca havia visto, mas que tinha a doce esperança de ver.

Davi teve anelos de ver o Senhor

Sl 27.4 – “Uma coisa peço ao Senhor e a buscarei: Que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, *para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo.*”

Davi, que não era sacerdote (portanto, não podia entrar no Lugar Santíssimo), tinha o anseio profundo de ver a face de Deus. Para ele, o simples fato de estar no templo já era uma oportunidade preciosa de estar na presença do Senhor. Assim, ele queria ficar no templo diuturnamente.

Davi não queria perder a oportunidade de contemplar a face do Senhor, o que explica o fato de querer morar ali. Ele sabia que, se conseguisse contemplar o Senhor, veria sua beleza e teria a grande oportunidade de refletir sobre o que veria e ouviria.

Os crentes comuns não tinham esse privilégio de acesso direto ao Senhor para contemplar sua face. No entanto, todo crente fiel tinha a esperança de vê-lo. Eles ficavam ansiosos para que esse dia chegasse.

Sl 17.15 – Eu, porém, na justiça *contemplarei a tua face*; quando acordar, eu me satisfarei com a tua semelhança.

Ao mesmo tempo que o salmista tinha esse anseio, essa era uma certeza inabalável para ele. Ele sabia que um dia seria justo, ou reto, que, quando morresse e acordasse no outro lado da existência, ficaria muito feliz e satisfeito ao ver a “imagem” ou “semelhança” do Senhor.

Sl 42.2 – “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; *quando irei e me verei perante a face de Deus?*”

Como a corça suspirava pelas águas, Davi suspirava pelo Senhor. Ele queria vê-lo. No entanto, sabia da barreira para ter tal experiência neste mundo. E, como reconhecia a impossibilidade de ver a face do Senhor nesta terra, mencionou a possibilidade de partir.

Davi sabia que teria de partir deste habitat para estar diante da face gloriosa de Deus. Somente na glória celestial ou na glória terreal da Cidade Santa é que ele poderia contemplar a presença gloriosa do Senhor. É possível afirmar que, como Paulo, Davi preferia morrer, a fim de se ver imediatamente na presença do Senhor, contemplando sua beleza e formosura. Pois é incomparavelmente melhor estar nessa presença gloriosa do que a maior experiência espiritual já vivida neste presente habitat.

Aqui, não nos é possível estar em sua presença gloriosa, em virtude de nossos pecados e das maldições que ainda permeiam este mundo. Além disso, a impossibilidade de ver sua presença gloriosa é porque ela está presentemente no céu. Agora, ele esconde de nós sua presença gloriosa, mas, quando estivermos na Cidade Santa, também seremos moralmente santos e Deus nos dará a graça dessa presença. Para usar uma expressão da Escritura, lá seremos (em plenitude) sacerdotes adorando a Deus com o privilégio de vê-lo. Lá adentraremos os portais da glória e veremos a glória do Rei da glória!

A contemplação da face do Senhor será eterna e imutável

Na Nova Terra, os cristãos completamente remidos haverão de contemplar para sempre a face do Senhor. Essa contemplação não terá fim; será uma visão interminável de encantamento, que aponta para as ideias da bem-aventurança de proximidade, honra e poder.

Bem-aventurança de *proximidade*, porque os servos do Senhor estarão diante do trono como nenhum outro esteve nos tempos em que viveram por aqui. Eles terão a visão de proximidade porque participarão com mais intimidade da experiência com Deus do que os próprios sacerdotes no Antigo Testamento. Estes entravam no Santo dos Santos apenas uma vez por ano; aqueles, por sua vez, estarão para sempre contemplando o Senhor.

Essa bem-aventurança se explica porque nunca antes se sentiram tão felizes quanto se sentirão naquela ocasião. Não é sem razão que Jesus disse que bem-aventurados seriam os limpos de coração, porque veriam a Deus (Mt 5.8). O menor dos discípulos no reino eterno será mais bem-aventurado e maior do que o mais importante dos discípulos nesta presente dispensação do reino. Não se deve esquecer que, no estado de glória, a proximidade de Deus é seguida de bem-aventurança.

Bem-aventurança de *honra*, porque não existe algo mais almejado do que estar na presença do Soberano dos céus e da terra. Se já é honroso estar próximo, mesmo que por alguns segundos, de pessoas importantes deste mundo, quanto mais será estar diante daquele que tem todas as coisas do universo em suas mãos!

Bem-aventurança de *poder*, porque, neste mundo, aqueles que estão próximos dos reis são seus conselheiros e participam do governo deste mundo. Se participar da intimidade dos reis deste mundo significa ter algum tipo de poder, quanto mais estar próximo do Rei dos reis e do Senhor dos senhores! Não é sem razão que o texto da Escritura diz que esses que estão perante o trono, que vivem na cidade, haverão de reinar com o Senhor, para sempre!

Nesse sentido, nenhum lapso da era ficará sem contemplarmos o Senhor. A impossibilidade a que aspiramos hoje será uma realidade amanhã, uma realidade que nunca terminará nem se alterará.

Ainda que você não venha a viver na Cidade Santa, na Nova Jerusalém, porque vai morar fora das portas, em outras partes da Nova Terra, será possível entrar a qualquer tempo na cidade pelas portas, porque nunca se fecharão. Você poderá viajar várias vezes “ao ano” e se chegar à presença luminosa de Deus na Cidade Santa. Ali, você poderá adorar o Senhor e vê-lo sentado no trono de sua glória!

A imutabilidade dessa contemplação da face do Senhor advém do fato de ser eterna. Uma coisa eterna é necessariamente imutável. Não haverá nenhuma interrupção, nenhum elemento a eclipsar essa visão; igualmente, nenhum ser espiritual maligno poderá obstar essa visão (porque, a essa altura, eles estarão em prisão absoluta). Nenhuma incredulidade poderá nos afastar dela, pois pertence às coisas da antiga terra; nenhuma distância sideral nos impedirá de vê-la. Essa visão gloriosa da face de Deus é imutável porque é perfeita e procede da graça eterna do Senhor.

¹² Para mais informações sobre a fisicalidade do céu, ver *O habitat humano: o paraíso restaurado*, parte 1 (São Paulo: Hagnos, 2014), 260–270.

¹³ *Idem*, 257–278.

¹⁴ O conteúdo deste capítulo foi publicado em meu livro *O habitat humano: o paraíso restaurado* [parte 2] (São Paulo: Hagnos, 2015), 225–230.

PARTE 2

REVELAÇÃO VERBAL PELO MODO DE PROFECIA

MUDANÇA DO MODO DE REVELAÇÃO

O primeiro modo da revelação verbal de Deus ocorreu em forma de teofania, ou “manifestação externa”, porque Deus deu-se a conhecer de modo palpável aos nossos sentidos. Entretanto, não foi esse o único modo que o Criador usou para se dar a conhecer.

No tempo de Moisés, quando houve a maior manifestação de teofania, Deus resolveu deslocar o foco de sua revelação. O Deus que se revelava em teofanias resolveu mudar seu modo de revelação para profecia, por meio de sonhos e visões.

Esse modo de revelação é o mais comum e conhecido da igreja cristã, porque boa parte dos livros da Escritura resulta do registro da missão profética concedida a homens no Antigo Testamento.

Essa revelação verbal pelo modo de profecia é chamada de “sugestão interna”, pois acontece na subjetividade do recipiente da revelação, em contraste com a objetividade da revelação através de teofania. O texto-base dessa mudança é o que segue.

Nm 12.6-8 – “Então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; *se entre vós há profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos*. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca, falo com ele, claramente, e não por enigmas; pois ele vê a forma do SENHOR; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?”

Desde o tempo de Moisés, Deus decide revelar-se aos profetas por meio de sonhos e visões, característica que perdurou por todo o ministério profético, o que também é chamado de “sugestão interna”, porque se passa na subjetividade do recipiente da revelação.

A MUDANÇA DO MODO PROFÉTICO DE REVELAÇÃO É ANUNCIADA À LIDERANÇA

Antes de ordenar a mudança de revelação, Deus se apresentou teofanicamente, em forma de nuvem. Até então, Deus só se revelava por

meio de teofania.

De um modo não explícito, Deus comunicou-se com os irmãos Moisés, Arão e Miriã (v. 4), ordenando-lhes que fossem à porta da tenda da congregação. Ali, Deus iria falar com eles por uma coluna de nuvem. E os três obedeceram e foram para a porta de entrada da tenda para ouvir o que o Senhor tinha a lhes dizer.

Até essa altura, somente Moisés tinha força maior e liderança mais relevante entre o povo, pois o Senhor já havia falado em manifestação teofânica somente com ele várias vezes. Essa atitude do Senhor de falar somente com Moisés despertou ciúme nos dois irmãos. Veja o que diz o texto:

Nm 12.2 – “E disseram: Porventura, tem falado o SENHOR somente por Moisés?

Não tem falado também por nós? O SENHOR o ouviu.”

Havia algum tipo de desavença, e o Senhor queria desfazer a desunião familiar. Certamente Deus queria que os irmãos não tivessem nenhum tipo de desunião. A liderança não podia ficar sem harmonia. Deus ouviu sobre a desarmonia no meio deles. Então, resolveu conversar seriamente com os três.

Nm 12.4–5 – “Logo o SENHOR disse a Moisés, e a Arão, e a Miriã: Vós três, saí à tenda da congregação. E saíram eles três. Então, o SENHOR desceu na coluna de nuvem e se pôs à porta da tenda; depois, chamou Arão e Miriã, e eles se apresentaram.”

Obedientemente, os três irmãos, filhos de Anrão e Joquebede, reuniram-se à porta da tenda da congregação e o Senhor lhes dirigiu a palavra numa manifestação teofânica.

Nm 12.5 – “Então, o SENHOR desceu na coluna de nuvem e se pôs à porta da tenda; depois, chamou Arão e Miriã, e eles se apresentaram.”

A mudança no modo de revelação é anunciada, com bastante clareza, aos três irmãos.

A MUDANÇA DO MODO PROFÉTICO DE REVELAÇÃO É ANUNCIADA PELO PRÓPRIO DEUS

Nm 12.6 – “Então, disse: Ouvi, agora, as minhas palavras; se entre vós há profeta, *eu*, o *SENHOR*, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos.”

Deus desceu (locomoção) novamente numa coluna de nuvem e se pôs

junto à porta da tenda, manifestando-se teofanicamente a quem ele se dirigia: Moisés, Arão e Miriã. Deus nunca havia anunciado que iria se revelar através de teofania ou de operação concursiva. Ele simplesmente se deu a conhecer através de teofania e operação concursiva.

Entretanto, quando Deus resolveu revelar-se aos homens por meio de profecia, identificou-se claramente, dizendo que era “o Senhor” (*Yehowah*), e anunciou, de antemão, um novo modo de revelação: o modo profético, aquele sobre o qual existe mais informação nas Escrituras Sagradas.

Afinal de contas, Deus é o único que se revela e o único que pode anunciar a concessão de revelação ou sua suspensão. Essa prerrogativa de mudança do modo de revelação é essencialmente divina.

O MODO DE REVELAÇÃO POR SUGESTÃO INTERNA É CONTRASTADO COM O MODO DE REVELAÇÃO POR MANIFESTAÇÃO EXTERNA

Nm 12.7–8 – “Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca, falo com ele, claramente, e não por enigmas; pois ele vê a forma do SENHOR; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?”

Ao se comunicar com os três irmãos, Deus falou do caráter de mansidão de Moisés, que era inigualável na terra. Deus também abordou a fidelidade com que Moisés se portava em relação a Deus e passou a dizer da intimidade existente entre ele e Moisés. E, embora Deus tivesse ordenado o modo de profecia, com Moisés continuaria a se revelar por teofania.

Nm 12.8 – “*Boca a boca, falo com ele*, claramente, e não por enigmas;”

Deus fala de um modo duro com Arão e Miriã, a respeito da revelação que dava especificamente a Moisés. Com os outros profetas, dali em diante, Deus não mais iria falar de um modo claro e direto; somente o faria com Moisés. E, até o final de seu ministério, Deus revelou “boca a boca” sua palavra.

Os encontros entre Deus e Moisés eram presenciais, e não havia dúvida no recipiente da revelação sobre o que tinha de fazer. Por essa razão, o registro da Escritura diz: “*Boca a boca falo com ele*, claramente, e não por enigmas”. Pela expressão “*não por enigmas*”, entenda-se que Deus diz que não falaria com Moisés de modo enigmático, ou seja, através de sonhos ou visões, mas o faria claramente, de modo que a clareza seria a tônica de sua linguagem.

No final do período mosaico, a teofania tornou-se menos frequente, e a introdução do modo profético passou a envolver um passo adicional na

distância entre Deus e o recipiente da revelação. Agora, a revelação de Deus alcança o povo por intermédio do profeta, que recebe sua mensagem do Criador usualmente por meio de sonhos ou visões.

Na repreensão contida em Números 11.26–30, Deus indica a natureza do modo profético de revelação em contraste com a teofania, assim como enfatiza a singularidade de Moisés como profeta.

Assim, devem-se observar os contrastes.

Na teofania, Deus fala diretamente (mesmo quando fala da nuvem) e o recipiente o “vê” locomovendo-se no espaço ou fixando-se em determinado lugar. Além disso, ele o “ouve”. Nesse modo de revelação teofânica, Deus fala diretamente ao homem.

No modo profético de revelação, por sua vez, Deus dá sua revelação ao recipiente inicial, que é o profeta, por meio de uma visão ou de um sonho. Então, o profeta deve levar a mensagem de Deus ao povo – o recipiente final da revelação. Somente o profeta tem *contato* com Deus, ainda que receba a mensagem por meio de sonho ou visão. Obviamente, a visão ou o sonho consistem em algo menos íntimo que a teofania, pois esta última é uma revelação presencial.

Entretanto, não há indicação de que a mensagem recebida seja menos mensagem de Deus do que quando é recebida na teofania. Ela o é em ambos os casos.

Observe-se que a singularidade de Moisés como profeta consiste no fato de ele receber a mensagem de Deus por meio de teofania, situando-se em um período de transição de um modo de revelação para outro.

O MODO DE REVELAÇÃO POR SUGESTÃO INTERNA TEM CARÁTER MAIS SUBJETIVO

O modo de revelação de Deus por teofania tem um caráter mais objetivo, externo, porque outras pessoas podiam verificá-lo e percebê-lo por todos os sentidos (vendo-o, tocando-o ou ouvindo-o). Quando Deus introduziu o modo de revelação por profecia, houve algumas mudanças importantes, ainda que a veracidade e a genuinidade da revelação fossem basicamente as mesmas. São elas:

No modo de revelação profética, o contato de Deus com o recipiente

da revelação é menos íntimo

Enquanto os episódios de teofania tornam-se mais escassos após a Queda, a revelação pelo modo profético aumenta, porém o profeta permanece como mediador entre Deus e o povo. Ele recebe a mensagem de um modo mais remoto do que na teofania, pois não é um contato imediato, presencial, porém é mais subjetivo, visto que a revelação se passa na interioridade dos profetas.

a) Na revelação profética, a intimidade do Revelador com o objeto da revelação era menos íntima porque o contato entre ambos não era direto ou presencial

O modo de revelação profética é menos íntimo do que o de revelação pela teofania, pois não existe contato direto de Deus com o recipiente da revelação. Na teofania, a pessoa divina conversava face a face com o recipiente da revelação, de modo que duas pessoas ficavam frente a frente. Por essa razão, depois da morte de Moisés, foi dito: “Nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o SENHOR houvesse tratado face a face” (Dt 34.10).

Na revelação profética, não mais havia a confrontação presencial do Revelador com o recipiente da revelação. Na revelação profética, passa a existir um elemento que estabelece ligação entre Deus e o homem, através de sonhos ou visões. O recipiente da revelação não via Deus, mas as coisas sobre Deus nos sonhos ou visões.

b) Na revelação profética, a intimidade do Revelador com o objeto da revelação era menor porque a mensagem era em forma de enigma

Nm 12.8 – “Boca a boca, falo com ele, claramente, e não por *enigmas*; pois ele vê a forma do SENHOR; como, pois, não temestes falar contra o meu servo, contra Moisés?”

Além disso, em teofania Deus falava palavras sem necessidade de interpretação. Deus falava a Moisés diretamente (sem recursos de sonhos ou visões). A mensagem divina não precisava ser interpretada para que o povo entendesse, como é o caso de parábolas ou similitudes. Deus nunca falou a Moisés por metáforas ou figuras, usando sempre uma linguagem muito clara. Não havia necessidade de interpretação. Deus apenas falava o que queria, e Moisés entendia tudo. A conversa entre eles era uma conversa inteligível, sem segredos.

Todavia, Números 12.6 nos mostra que Deus mudou seu modo de revelação. A revelação através de sonhos e visões deixou de ser íntima e clara para ser mediata e enigmática. A LXX¹⁵ traduz o termo hebraico $\text{הָאֵלֹהִים מְדַבֵּר}$; como $\alpha\iota\nu\gamma\mu\alpha$ (*einigma*), que significa reflexão, como oposto ao encontro direto. Em algumas versões de língua inglesa, a mesma palavra é traduzida como “discurso obscuro”. Em nossa língua, importamos o termo grego *enigmas*.

No entanto, nos sonhos ou visões, a mensagem de Deus que vinha ao profeta tinha de ser interpretada, pois era dada enigmaticamente. Assim, embora o conteúdo da revelação seja tão importante quanto na teofania, a forma de comunicação mudou. De uma revelação direta na teofania, passou para uma revelação indireta na profecia, por meio de sonhos e visões.

No modo de revelação profética, os profetas não estavam plenamente despertos em suas faculdades mentais

Não é difícil perceber que, quando Deus se defrontava com o homem em sua manifestação externa (teofania), este último mantinha-se na plenitude de suas faculdades. Assim, podia ouvir claramente, ver plenamente e tocar firmemente a forma que Deus havia tomado. Isso porque era uma revelação presencial, e todos os sentidos humanos estavam ativos. Entretanto, no modo de revelação profética, os recipientes da revelação permaneciam em um estado que não mantém os sentidos plenamente despertos – e isso se passa tanto nos sonhos como nas visões.

A diferença básica entre sonho e visão não está no conteúdo da mensagem, mas no estado mental em que o recipiente se encontra. Em outras palavras, um *sonho* diz respeito a eventos passados enquanto o profeta *estava dormindo*. Entretanto, na visão, o profeta se via *acordado*, mas, com frequência, mesmo acordado, o profeta entrava em estado de êxtase, não podendo precisar o que estava vendo ou ouvindo e como as coisas se processavam.

Diferentemente da teofania, em que os sentidos estão todos ativos, no sonho e na visão o profeta não está em uso pleno de suas faculdades de percepção. A seguir, ilustra-se com a percepção de Jó:

Jó 33.14–15 – “Pelo contrário, Deus fala de um modo, sim, de dois modos, mas o homem não atenta para isso. Em sonho ou visão de noite, quando cai o sono

profundo sobre os homens, quando adormecem na cama,”

Jó tinha consciência de que os dois modos de Deus falar em profecia se passavam quando o homem não está na plenitude de suas faculdades.

i) No sonho, o recipiente da revelação estava dormindo

Ao contrário das teofanias, em que o recipiente da revelação estava com todos os seus sentidos ativos, nos sonhos o recipiente estava dormindo, num estado em que algumas características de sua mente estavam em repouso.

Alguns profetas, como é o caso de Daniel, recebia as mensagens divinas por sonhos. Era uma espécie de revelação enigmática que precisava ser interpretada. O próprio Daniel, depois de receber essas mensagens divinas enquanto dormia, era capaz de interpretá-las ao acordar.

ii) Na visão, o recipiente da revelação estava em êxtase

O uso do termo “êxtase” não é recente. Ainda no tempo do Antigo Testamento, o escritor usou esse termo. A LXX¹⁶ traduziu a palavra hebraica para “sono profundo” (*tardema*) como ἔκστασις¹⁷ em Gênesis 15.12.

O êxtase que os profetas de Deus experimentaram nos momentos em que recebiam a revelação divina não é o mesmo que alucinação, nem insanidade;¹⁸ tampouco é fanatismo;¹⁹ o êxtase diz respeito a um estado de alma em que os sentidos não permitem ao profeta enxergar nitidamente o significado da realidade, até que o recipiente da revelação saia do estado mental em que se encontra.

Durante o êxtase, o profeta ficava mais do que envolto por Deus; ele ficava temporariamente “possuído” pelas revelações, que eram uma força sobrenatural, e o profeta se sentia altamente enlevado com o que via e ouvia da parte de Deus.²⁰

O êxtase se encaixa perfeitamente nos moldes dos profetas do Antigo Testamento porque sabiam que a vida não pertencia a eles, mas tão somente e por inteiro ao Senhor. O êxtase envolvia a vinda do divino poder de Jeová sobre o profeta.²¹ Em consequência, o profeta via e ouvia coisas espantosas, mas num estado mental em que alguns de seus sentidos não estavam completamente despertos.

A manifestação de êxtase acontecia não somente pelo poder de Deus, mas também pelo poder maligno que se apresentava nos falsos profetas. A passagem transcrita a seguir não usa a palavra “êxtase” para nomear a prática

desenfreada dos falsos profetas, mas o comportamento cômico deles mostra quão pouca consciência tinham de seus atos, a ponto de nos parecer um tipo de manifestação extática. O exemplo típico dessa manifestação nos profetas falsos são os profetas de Baal.

1Rs 18.26–28 – “Tomaram o novilho que lhes fora dado, prepararam-no e invocaram o nome de Baal, desde a manhã até o meio-dia, dizendo: Ah! Baal, responde-nos! Porém, não havia uma voz que respondesse; e, manquejando, movimentavam-se ao redor do altar que tinham feito. Ao meio-dia, Elias zombava deles, dizendo: Clamai em altas vozes, porque ele é deus; pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir, e despertará. E eles clamavam em altas vozes e se retalhavam com facas e com lancetas, segundo o seu costume, até derramarem sangue.”

O estado emocional desses falsos profetas era tão crítico que eles agiam como nunca o fariam em seu estado emocional normal, por causa da forte dor que os ferimentos lhes causavam.

Se os falsos profetas de Baal praticavam violência física a si mesmos, esse é um bom indício de que estavam em tal estado extático que nem sequer sentiam as dores próprias de sua religiosidade. No entanto, outro tipo de êxtase é encontrado nos verdadeiros profetas de Deus. Com frequência, os exemplos bíblicos de êxtase dizem respeito ao fato de Deus levar pessoas a contemplarem sua glória, quando fala com elas. Nesse caso, as pessoas “necessariamente perdem a sensação porque são sobrepujadas pelo poder de Deus”.²²

No exemplo a seguir, Paulo está tratando de uma visão que teve a respeito de coisas profundas que não poderia partilhar com outras pessoas:

2Co 12.1–4 – “Se é necessário que me glorie, ainda que não convenha, passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até o terceiro céu (*se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe*) e sei que o tal homem (*se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe*) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.”

Nenhum outro texto da Escritura é tão claro quanto esse a respeito da situação interior de uma pessoa diante da revelação divina por meio de visões. Nada na Escritura descreve tão acuradamente o fenômeno de um êxtase quanto essa passagem.

Quando a revelação divina veio a Paulo, em visão, ele ficou morto para o mundo externo, para se fixar, de um modo completamente absorto, na grandeza das revelações! Nesse período, o corpo de Paulo provavelmente ficou inerte, e a alma, completamente passiva, sem reação alguma.

Paulo foi confrontado com algo que nenhum homem vira até então. Sua alma estava tão enlevada que ficou numa espécie de posição desincorporada. No entanto, mesmo depois de “acordar” do estado mental em que esteve durante as visões, Paulo não conseguia afirmar com certeza se havia subido fisicamente ou somente em espírito para o céu (paraíso). Ele viu muita coisa secreta que outros homens nunca viram. Disso, ele se lembrava, mas não sabe em que estado mental se encontrava quando foi elevado ao céu.

No exemplo a seguir, vemos o caso de João.

Ap 21.9–10 – “Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro; e me transportou, *em espírito*, até uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus,”

Boa parte do livro Apocalipse é composta pelas visões de João. Na realidade, a expressão “apocalipse” significa revelação. Nessas revelações, João foi elevado a um lugar em que viu, de uma montanha alta, coisas ligadas à Nova Terra, especialmente com relação à Nova Jerusalém como igreja e como uma cidade real.²³

Enquanto João estava recebendo as revelações por meio de visões, certamente, naqueles momentos, não conseguia refletir sobre tudo o que vira, pois suas faculdades (como mente, afeição e volição) não estavam plenamente livres para essa função. A reflexão sobre o que vira e ouvira só veio depois que as visões cessaram. Além disso, as visões eram tão estonteantes que ele não podia fazer nada, ponderar sobre nada, concluir nada, pois se via extasiado com a grandeza daquelas revelações!

Diferente de Paulo, João, após recuperar-se de sua experiência extraordinária, ponderou sobre o que vira e ouvira, entendendo que tinha ido a um lugar não fisicamente, mas “em espírito”.

iii) Tanto nos sonhos como nas visões, os profetas eram passivos

A intimidade menor havida no modo de revelação por profecia torna-se evidente na passividade dos profetas. Enquanto na teofania os recipientes da

revelação dialogavam com Deus, no modo de profecia ficavam passivos. Eles apenas viam e ouviam palavras sem dar qualquer resposta enquanto estavam recebendo a revelação. Afinal de contas, nessas revelações proféticas, os recipientes da revelação não estavam com seus sentidos ativos: nos sonhos, estavam dormindo e, nas visões, estavam em êxtase. É nesse sentido que os profetas ficavam passivos enquanto recebiam a revelação. Somente após os sonhos ou as visões é que os profetas registravam e ponderavam sobre o que tinham visto e ouvido.

Os profetas se tornavam ativos em suas faculdades mentais na comunicação da verdade recebida, mas eram passivos na recepção. Embora todos os seus sentidos estivessem passivos no momento da revelação, tornavam-se absolutamente responsivos quando a revelação terminava. Eles escreviam tudo o que Deus os fazia lembrar e pregavam ao povo o que tinham visto e ouvido nos sonhos e visões. Nesse sentido, na proclamação os profetas eram chamados “bocas de Deus”.

A ÉPOCA EM QUE ESSE MODO DE REVELAÇÃO FOI PREDOMINANTE

O modo profético de revelação predominou na grande época profética do Antigo Testamento, o período pós-mosaico, indo de Moisés a João Batista ou, a rigor, de Samuel a Malaquias. Entretanto, havia profetas desde os tempos mais remotos do povo de Israel, ainda que eles não recebessem revelação através de sonhos ou visões. Esse é o caso dos patriarcas e do legislador, Moisés.

Gn 20.7 – “Agora, pois, restitui a mulher a seu marido, *pois ele é profeta* e intercederá por ti, e viverás; se, porém, não lha restituíres, sabe que certamente morrerás, tu e tudo o que é teu.”

Abraão é chamado de *profeta*, mas nunca entra na conta dos profetas clássicos porque sua importância maior está no fato de ser o patriarca da nação de Israel. A essa altura, a palavra profética divina ainda era escassa. Além disso, ele nunca recebeu a Palavra de Deus do modo como os profetas clássicos posteriores receberam, ou seja, em sonhos e visões, porque Deus falava a ele através de teofanias. No entanto, certamente ele era o porta-voz de Deus à sua família e aos seus servos.

Nm 11.25–26 – “Então, o SENHOR desceu na nuvem e lhe falou; e, tirando do Espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; *quando o Espírito*

repousou sobre eles, profetizaram; mas, depois, nunca mais. Porém, no arraial, ficaram dois homens; um se chamava Eldade e o outro, Medade. Repousou sobre eles o Espírito, porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não tenham saído à tenda; e profetizavam no arraial.”

No período concomitante de Moisés, que era profeta, havia alguns profetas a quem Deus se revelava extemporaneamente. O Espírito Santo agia neles, mas o texto nada diz a respeito do modo de revelação chamado profecia através de sonhos e visões. Diz-se apenas que o Espírito de Deus “repousava sobre eles” e, então, eles profetizavam “no arraial de Deus”. Ainda não tinha chegado o tempo da predominância do modo de revelação através de profecia.

Dt 34.10 – “Nunca mais *se levantou em Israel profeta algum como Moisés, com quem o SENHOR houvesse tratado face a face,*”

Depois do tempo dos juízes, com a entrada de Samuel em cena, a revelação verbal pelo modo de profecia foi abundante em Israel. Todos os profetas de Deus, no Antigo Testamento, profetizaram no tempo dos reis até o período da restauração do cativeiro da Babilônia. João Batista foi o último eco do tempo dos profetas. Depois dele, veio Jesus Cristo.

Enfatiza-se a importância de distinguir profecia como um modo de revelação do modo popular de uso do termo, como predição do futuro. A predição do futuro pode acontecer tanto por teofania como pelo modo de revelação denominado “inspiração”.

Em resumo: (a) Como foi Deus quem fez a boca do profeta, pode fazer com que fale o que ele quer; (b) Deus anuncia que a função precisa do profeta é ser a “boca de Deus”, que fala as palavras de Deus, e não as suas; (c) O profeta como um “porta-voz de Deus” vem com a seguinte fórmula: “Veio a mim a Palavra do Senhor...” ou “Assim diz o Senhor...”. A origem das palavras é sempre de Deus; (d) Um homem é profeta por causa do chamamento (vocação) de Deus, e não por vontade própria ou porque recebe sonhos ou visões. O que caracteriza o profeta é o chamamento de Deus.

¹⁵ Versão grega do Antigo Testamento, provavelmente feita dois séculos antes de Cristo.

¹⁶ A LXX é a versão grega do Antigo Testamento.

¹⁷ A palavra grega *ἔκστασις* ocorre vinte e sete vezes no Antigo Testamento, como tradução de onze diferentes palavras hebraicas, e a maioria delas tem o significado de “temor” ou algo parecido (Robert L. Alden, em seu artigo “Ecstasy and the Prophets”). Disponível em http://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/9/9-3/BETS_9_3_149-156_Alden.pdf.

¹⁸ Tertuliano, em seu discurso *On The Soul*, parece sugerir que “esse poder que chamamos êxtase” é uma privação da atividade dos sentidos, uma imagem de insanidade (Robert L. Alden, em “Ecstasy and the Prophets”. Disponível em

http://www.etsjets.org/files/JETS-PDFs/9/9-3/BETS_9_3_149-156_Alden.pdf).

¹⁹ Pfeiffer diz que “Ezequiel foi o primeiro fanático da Bíblia” e “igual à maioria dos fanáticos, Ezequiel foi dogmático... Em transe de êxtase, ele teve visões e ouviu vozes” (idem, *ibidem*).

²⁰ Ver Campbell, *Ecstatic Prophecy*, 30–40; Aune, *Prophecy in Early Christianity*, 33. Aune usava termos como “possession trance” e “vision trance” para descrever o fenômeno, e todos os estudantes de profecia devem ler seu excelente estudo sobre o tema.

²¹ Ver o artigo “Ecstasy, Empathy, and the Spirit of Prophecy in Ancient Israel”, sem menção de autor. Disponível em <https://revivalculture.wordpress.com/2012/01/02/ecstasy-empathy-and-the-spirit-of-prophecy-in-ancient-israel/>, acessado em junho de 2015.

²² Tertuliano (ver Robert L. Alden em “Ecstasy and the Prophets”).

²³ Para mais detalhes, ver *O habitat humano: o paraíso restaurado* [parte 1], 227–292.

RECEPÇÃO DA MENSAGEM PROFÉTICA

Existem duas partes importantes em relação à profecia que não podem ser deixadas de lado: a recepção e a entrega. Neste capítulo, tratamos de como Deus faz os homens receberem sua revelação.

Nm 12.6-8a – “se entre vós há profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele, me faço conhecer ou falo com ele em sonhos. Não é assim com o meu servo Moisés, que é fiel em toda a minha casa. Boca a boca, falo com ele, claramente, e não por enigmas; pois ele vê a forma do SENHOR;”

Como podemos perceber no texto transcrito, os homens haveriam de receber a revelação divina por meio de sonhos e visões, e não mais em teofania, como acontecera com o profeta Moisés.

A RECEPÇÃO DA REVELAÇÃO DIVINA ATRAVÉS DE SONHOS

O profeta como sonhador

A revelação por meio de sonhos tornou-se comum no período do Antigo Testamento, como cumprimento da promessa divina em Números 12.6, especialmente no período profético posterior. Existem vários casos de profetas que receberam a mensagem reveladora através de sonhos. Daniel, por exemplo, recebia revelação de Deus em sonhos.

Daniel 7.1 – “No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, *teve Daniel um sonho* e visões ante seus olhos, quando estava no seu leito; escreveu logo o sonho e relatou a suma de todas as coisas.”

Daniel foi um dos mais proeminentes profetas do Antigo Testamento. Ele profetizou aos reis de seu tempo. Era um homem sábio, educado não somente na cultura judaica, mas também na cultura babilônica.

Dn 1.17 – “Ora, a estes quatro jovens Deus deu o conhecimento e a inteligência em toda cultura e sabedoria; mas a Daniel deu inteligência de todas as visões e *sonhos*.”

Daniel ultrapassava em qualificação os melhores homens de seu tempo, como Mesaque, Sadraque e Abedenego. Além disso, Daniel era um homem

que fora dotado por Deus com extrema inteligência e exercia o ofício profético. Diferentemente de José do Egito, que recebia as revelações em sonhos, mas que não foi considerado profeta, Daniel foi formalmente chamado profeta. Como a sua promessa estava se cumprindo, Deus falava frequentemente com ele em sonhos e visões.

Daniel registrava a revelação de seus sonhos

Dn 7.1 – “No primeiro ano de Belsazar, rei da Babilônia, teve Daniel um sonho e visões ante seus olhos, quando estava no seu leito; *escreveu logo o sonho* e relatou a suma de todas as coisas.”

No modo profético de revelação, sempre há um intervalo *temporal* entre a recepção da mensagem por sonhos e o respectivo registro. A razão é muito simples: quando o profeta recebia a revelação por sonhos, não podia escrevê-la porque estava dormindo. Seus sentidos não estavam todos em atividade. Somente depois de acordar é que o profeta registrava o que havia visto, para que outros pudessem ler o conteúdo da revelação divina.

Daniel interpretava a revelação de Deus em sonhos

Nem sempre o recipiente dos sonhos vindos da parte de Deus era capaz de entender seu conteúdo. No entanto, Deus deu a Daniel (de forma semelhante ao que fizera com José) a capacidade de entender o significado de sonhos, até mesmo os mais enigmáticos. Assim, Daniel interpretou sonhos dos reis de forma magistral:

Dn 2.17-23 – “Então, Daniel foi para casa e fez saber caso a Hananias, Misael e Azarias, seus companheiros, para que pedissem misericórdia ao Deus do céu sobre este mistério, a fim de que Daniel e seus companheiros não perecessem com o resto dos sábios da Babilônia. *Então, foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite*; Daniel bendisse o Deus do céu. Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz. A ti, ó Deus de meus pais, eu te rendo graças e te louvo, porque me deste sabedoria e poder; *e, agora, me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber este caso do rei.*”

Deus deu sonhos muito estranhos ao rei da Babilônia, que perturbaram seu espírito (Dn 2.1a, 3). Por causa da perturbação, o rei não mais estava conseguindo dormir (Dn 2.1b). O rei estava procurando alguém em seu reino

que pudesse interpretar seus sonhos. Então, chamou os feiticeiros e intérpretes da Babilônia, mas ele queria alguém que não somente lhe interpretasse o sonho, mas que também dissesse que tipo de sonho ele tivera, ameaçando de morte se sua vontade não fosse atendida. Entretanto, se satisfizesse o rei, receberia uma dádiva (Dn 2.5-6). Obviamente, os “sábios e entendidos” da Babilônia não conseguiram decifrar os enigmas, porque reconheceram sua própria impotência (Dn 2.10-11). Por terem enganado o rei, veio a sentença de morte sobre eles, incluindo Daniel e seus amigos (Dn 2.12-13).

Sabedor da sentença, Daniel se apresentou ao rei dizendo que poderia marcar a data que ele haveria de satisfazer os pedidos do rei sobre que tipo de sonho tivera e qual seria a respectiva interpretação (Dn 2.16). E Daniel foi orar, buscando a sabedoria de Deus (Dn 2.17-18).

Deus, então, foi bondoso com Daniel, dando-lhe o significado do mistério numa visão noturna, o que produziu muita gratidão e louvor em Daniel (Dn 2.19-23). O curioso é que Deus deu a interpretação de um sonho através de uma visão.

POSSÍVEIS CAUSAS DOS SONHOS

Há uma realidade que ninguém pode negar: todas as pessoas sonham. Os sonhos são inescapáveis! Desde que somos concebidos e nascemos, sonhamos. Em geral, vemos nossos pequeninos dormindo e sorrindo, expressando o que veem nos sonhos, ainda que não tenham plena consciência de si mesmos. A expressão no rosto deles é a de que estão sonhando com coisas bonitas. Essa realidade de sonhos não cessa nunca! Dos mais novos aos mais velhos, todos sonham! Não sabemos muitas coisas sobre os sonhos, mas eles são uma realidade constante em nossa existência neste mundo.

As perguntas importantes que devemos fazer a nós mesmos são: O que são os sonhos? E por que sonhamos?

Os sonhos podem resultar de frustrações

É possível que nossos sonhos tenham origem nos desejos de sermos ou de termos algo inatingível na vida real. Trata-se de uma espécie de compensação. Quantas vezes sonhamos que estamos voando! Sempre quisemos voar, mas essa é uma impossibilidade. Então, saltamos ou mesmo

voamos em nossos sonhos como compensação do que nunca poderíamos ter tido quando acordados.

De modo inverso, é possível que uma pessoa cheia de sucesso e vitórias venha a ter sonhos terríveis de fracasso, sentindo-se incapaz de fazer coisas que normalmente faz quando em vigília. É uma espécie de compensação em relação ao que acontece na vida real.

Os sonhos podem resultar de nossos temores

Muitos dos temores secretos às vezes se manifestam em sonhos. Com frequência, na condição de pastor, sonhei que tinha subido ao púlpito e esquecera todas as notas, não sabendo como pregar. Quase todos nós já sonhamos que estamos nus e não podemos fazer nada para que outros deixem de nos ver em nossa intimidade. O curioso é que, nesse tipo de sonho, ninguém vê nada. Só nós temos medo de que outros nos vejam. Tememos esquecer de cumprir nossos deveres, entre tantos outros temores.

Nos sonhos, os temores se acendem com muita força! Esses sonhos resultam de nossos sentimentos mais interiores. Alguns desses sonhos são apavorantes! Não há sensação melhor do que acordar e verificar que aquilo foi apenas um pesadelo e que não faz parte da realidade. Mesmo as crianças pequenas, em geral, sonham com monstros com os quais brincam durante o dia ou por causa dos filmes que veem. Os sonhos por causa dos temores são inevitáveis!

Os sonhos podem decorrer de ansiedade ou estresse

Ec 5.3 – “*Porque dos muitos trabalhos vêm os sonhos, e do muito falar, palavras néscias.*”

A Escritura mostra sabiamente que a ansiedade pode ser a causa de muitos sonhos. Quando nos preocupamos demasiadamente com o trabalho ou com qualquer outra atividade, podemos sonhar com isso. Especialmente no tempo presente, quando assumimos muitas responsabilidades, podemos ter sonhos que revelam nossas preocupações. A ansiedade quanto à realização de todas as tarefas gera em nós a probabilidade de sonhar com o que planejamos fazer, com a satisfação na realização ou a frustração na não realização.

Os sonhos podem decorrer de distúrbios físicos

Os sonhos podem decorrer de posições desconfortáveis para dormir. Com frequência, quando dormimos com o ventre voltado para cima, tendemos a ter

sonhos com mais frequência (além de ronco). Via de regra, temos pesadelos homéricos nessa posição.

Além disso, podemos sonhar por causa dos desconfortos causados pelo calor ou pelo frio, enquanto dormimos. A mente pode reagir ao corpo no calor e no frio, enviando mensagens ao cérebro enquanto dorme.²⁴

Os sonhos podem decorrer de alimentação noturna

Certamente, você já experimentou comer muito antes de dormir e ter o que chamamos de pesadelo. Trata-se de uma experiência muito comum, e tem a ver com a influência de nossos órgãos digestivos sobre nossa mente, que, embora em repouso, nunca deixa de funcionar. Alguém já me disse, brincando, que, quando come pizzas de *pepperoni* ou de anchova, sonha. Nesse caso, é preciso testar se é inspiração ou indigestão.²⁵

Os sonhos podem decorrer de eventos impressionantes recentes

Por exemplo, se você presencia um acidente grave, vendo pessoas muito feridas ou mortas, tais cenas voltam e sua mente começa a processar tudo o que aconteceu, mas de uma forma que nem sempre é bem coordenada. A impressão causada pelo acidente é tão intensa em seu ser interior que, via de regra, vem à baila por meio de sonhos.

Os sonhos podem decorrer de uma intervenção providencial divina

Na verdade, esse é o caso que nos interessa. É possível que Deus resolva nos dar sonhos para nos acordar de realidades espirituais perigosas, despertando-nos para um comportamento mais santo na vida real. No entanto, pela importância em demasia atribuída a alguns sonhos providenciais de Deus, várias pessoas se envolvem em confusões teológicas que acabam trazendo dissabores a uma igreja local.

Em que sentido isso ocorre? Sob a influência de movimentos estranhos à fé cristã. Assim, na tentativa de reviver um profetismo velho-testamentário, muitos reivindicam haver sonhado da parte de Deus para ter supremacia ou controle sobre outras pessoas na igreja. A ideia de receber sonhos da parte de Deus parece ser muito desejável, inclusive para mostrar algum tipo de superioridade espiritual. Para essas pessoas, os sonhos são declarações especiais de Deus que devem ser relatadas como revelação divina.

É preciso reconhecer, contudo, que muitas pessoas receberam sonhos da parte de Deus, mas isso não lhes dá nenhuma autoridade superior. Os sonhos

que resultam da intervenção providencial de Deus não são a norma para todas as pessoas. Portanto, quando tivermos a certeza de que Deus nos orientou em determinada decisão por meio de sonhos, devemos contar o que aconteceu, mas sem qualquer noção normativa da vida espiritual.

ALGUNS ENGANOS SOBRE OS SUPOSTOS SONHOS DA PARTE DE DEUS

A Escritura fala de várias pessoas que tiveram sonhos da parte de Deus e que, contudo, nunca foram consideradas profetas.

Os sonhos ditos da parte de Deus podem ser produto dos desejos secretos do coração

Não é incomum sonharmos com coisas que, no mais profundo de nosso ser, desejamos que aconteça, como, por exemplo, quando passamos por profunda enfermidade e sofrimento, e aspiramos à cura.

Na minha mocidade, convivi com um presbítero da igreja local que bem ilustra esse ponto. Tratava-se de um homem extremamente comprometido com Jesus Cristo, um verdadeiro presbítero da igreja de Deus. Ele teve um câncer terrível em sua garganta. A situação era tão grave que se tornava difícil fazer visitas na casa dele, por causa do odor que aquela peste exalava sobre a casa. Era triste vê-lo sofrer daquela maneira. Todavia, aquele irmão nunca blasfemou contra o Senhor, sempre mantendo-se esperançoso em uma cura miraculosa.

Certo dia, durante a Escola Dominical, ele tomou a palavra e nos disse que tivera um sonho da parte de Deus. Nele, o Senhor havia tomado um pincel e passado em sua garganta, a fim de remover todo aquele terrível mal. “Agora”, disse ele, “estou me sentindo muito melhor. Creio que o Senhor me curou do câncer”. Toda a igreja ficou muito satisfeita ao ouvir aquele testemunho sobre o sonho. No entanto, pouco tempo depois, ele faleceu por causa daquela doença.

O que aconteceu? Certamente, o sonho daquele homem resultava do profundo e legítimo desejo de seu coração de ser curado. Isso pode realmente acontecer. Por essa razão, quando você sonha com algo parecido, deve contar apenas como um sonho, e não como uma palavra profética sobre o que vai acontecer em sua vida. Nada mais!

Os sonhos ditos da parte de Deus podem dar ensejo a uma manifestação de vaidade e soberba

É preciso ter muito cuidado para dizer que recebeu um sonho da parte de Deus. Uma pessoa que sonha muito pode ter pensamentos cheios de vaidade:

Ec 5.7 – “Porque, *como na multidão dos sonhos há vaidade*, assim também nas muitas palavras; tu, porém, teme a Deus.”

Com frequência, uma religiosidade baseada em sonhos ou na verbosidade é cheia de vaidade. Além disso, é desprovida de fundamento substancial para trazer conforto autêntico. Existem muitas pessoas supersticiosas no meio do povo evangélico que querem viver num mundo irreal de sonhos e baseiam suas vidas na previsão de homens e mulheres cheios de vaidade. Os sonhadores recebem muitas coisas vãs através de seus sonhos. A mente deles se infla, e eles se imaginam melhores do que as outras pessoas da igreja. Assim, começam a ditar ordens ou falar coisas a respeito da vida alheia.

O líder da igreja que afirma sonhar muito parece não temer a Deus e, sem perceber, começa a exaltar a si mesmo. Assim, todos seguem nesse sentido, passando a vê-lo como uma espécie de guru espiritual.

Por décadas, a igreja brasileira foi atacada por esse mal trazido pelos sonhadores. Eles têm cometido loucura na multidão de seus sonhos, afirmando coisas que nada têm a ver com a verdade de Deus.

Na igreja, essas pessoas afirmam haver recebido sonhos da parte de Deus para ser vistas como espirituais ou para exercer proeminência sobre outras. Isso é mera manifestação de vaidade do coração! E o Senhor condena toda e qualquer expressão de vaidade entre o seu povo, porque a vaidade é irmã gêmea da soberba. Essas manifestações pecaminosas não são incomuns no meio de pessoas que falam muito, como é o caso de ministros da Palavra.

Portanto, se você é sonhador, a melhor coisa a fazer é fechar sua boca em relação aos seus sonhos. Você não é profeta nos moldes do Antigo Testamento e, portanto, não tem o direito de alegar sonhos normativos da parte de Deus. Essa atitude pode levá-lo a uma grande dose de vaidade, o que causará muita tristeza em você e estragos, juntamente com o desapontamento na vida de seus irmãos na fé.

Os sonhos ditos da parte de Deus podem representar um simples engano do coração

O próprio profeta Jeremias, por causa do abuso do sonho havido em seu tempo, não encorajou essa experiência:

Jr 23.25–28 – “Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome, dizendo: *Sonhei, sonhei*. Até quando sucederá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras, *que proclamam só o engano do próprio coração?*”

O falso profeta, invariavelmente, é enganado pelo próprio coração naquilo que sonha. Essa tônica é repetida muitas vezes na Escritura.

O coração é o órgão mais interior e, por incrível que pareça, não temos nem acesso a ele, nem controle sobre ele. Ao contrário, somos dominados e vencidos por nossa própria natureza interior. Não nos esqueçamos de que, via de regra, os sonhos resultam das disposições internas do coração, e não procedem da parte do Senhor. No entanto, ele dita as coisas que pensamos, que correspondem ao que fazemos acordados, com todos os nossos sentidos em atividade. Entretanto, o coração faz mais do que isso: dita as coisas com que sonhamos, quando estamos dormindo. Somos enganados por nosso coração, tanto na vigília como durante o sono.

O falso profeta sonha, e essa verdade ninguém pode negar. Todavia, quando ele fala de seus sonhos, pode estar proclamando somente “o engano do próprio coração”. O falso profeta é o primeiro a ser enganado quando afirma receber mensagem da parte de Deus. O pior é que ele é enganado por si mesmo – um terrível autoengano – porque uma pessoa é aquilo que seu coração é (Pv 27). Não há como fugir da ideia do autoengano!

Os sonhos ditos da parte de Deus podem levar outras pessoas ao engano

Jr 23.27 – “*Os quais cuidam em fazer com que meu povo se esqueça do meu nome pelos seus sonhos* que cada um conta ao seu companheiro, assim como seus pais se esqueceram do meu nome, por causa de Baal.”

Quando um falso profeta engana a si mesmo com os sonhos que afirma ter recebido de Deus, esse é um tipo de pecado. Mas o pecado mais sério é quando ele engana outras pessoas, desviando-as do caminho de Deus. Quando o falso profeta peca, tem-se um grau de pecado, mas, quando ele leva outros a pecarem, a gravidade é ainda maior!

Invariavelmente, o falso profeta levava o povo a seguir caminhos

diferentes dos propostos por Deus através de seus profetas verdadeiros. Nas igrejas modernas em que há uma espécie de reavivamento do falso profetismo do Antigo Testamento, muitas pessoas ficam mais apegadas às palavras dos falsos profetas do que às palavras da Escritura Sagrada. Na verdade, essas pessoas acabam amando mais os profetas do que a Deus. Por isso lembram-se deles e se esquecem de Deus.

Na verdade, as pessoas se “esquecem do meu nome” por causa dos sonhos do falso profeta. Esse pecado é muito grave porque envolve outras pessoas no engano em que ele próprio caiu.

Os sonhos ditos da parte de Deus devem ser contados apenas como sonhos

Jr 23.28 – “O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho; mas aquele em quem está a minha palavra fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? – diz o SENHOR.”

John Gill diz que essas palavras não são dirigidas a um verdadeiro profeta do Senhor, que tem um sonho da parte dele, ou algo comunicado pelo Senhor a ele por meio de um sonho... mas ao falso profeta,²⁶ que afirma ter sonhado da parte do Senhor.

De minha parte, digo que qualquer cristão que teve um sonho, ainda que venha da parte do Senhor, deve contar apenas como sonho. Ele pode cair em engano, como foi o caso do presbítero a que me referi, que foi enganado pelos próprios e legítimos desejos de seu coração. Se alguém quer compartilhar um sonho, não procure dar autoridade a esse sonho nem dizer que ele veio da parte de Deus. Conte-o apenas como sonho. Nada mais!

A RECEPÇÃO DA MENSAGEM POR MEIO DE VISÕES

O profeta como vidente

Há duas palavras em hebraico que, costumeiramente, são traduzidas como “vidente”. A primeira é *Roeh* (1Sm 9.11) e a segunda é *chozeh* (2Sm 24.11).

Curiosamente, existem muito mais exemplos de profetas que receberam suas mensagens através de visões do que de sonhos. Por essa razão, com mais frequência o profeta é chamado “vidente”, e não “sonhador”, apresentando sua mensagem como algo visto.

A função de um profeta vidente era registrar o que vira, transmitindo seu

conteúdo aos outros.

i) Samuel, o profeta, era vidente

1Sm 9:9 – “(Antigamente, em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ter com o vidente; porque, ao profeta de hoje, antigamente se chamava *vidente*.)”

O autor do livro de Samuel deixa claro que, em tempos mais antigos, todo aquele conhecido como profeta em seu tempo era chamado de vidente. Essa era a designação mais significativa que um homem de Deus tinha. No entanto, nem todo o que possuía visões deveria ser chamado de profeta.

1Sm 9:11 – “Subindo eles pela encosta da cidade, encontraram umas moças que saíam a tirar água e lhes perguntaram: *Está aqui o vidente?*”

1Sm 9:19 – “Samuel respondeu a Saul e disse: *Eu sou o vidente*; sobe adiante de mim ao alto; hoje, comereis comigo. Pela manhã, te despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei.” (cf. 2Cr 12.15)

Samuel identificou-se pessoalmente como vidente. Entretanto, por causa das histórias indevidamente contadas em nossa infância, sempre pensamos que Deus falava frequentemente a Samuel em sonhos. Entretanto, a Escritura aponta Deus revelando-se a Samuel com mais frequência em visões. Samuel tinha a si mesmo como vidente.

ii) Ido, o profeta, era vidente

2Cr 12.15 – “Quanto aos mais atos de Roboão, tanto os primeiros como os últimos, porventura não estão escritos no Livro da História de Semaías, o profeta, e no de Ido, o vidente, no registro das genealogias? Houve guerras entre Roboão e Jeroboão todos os seus dias.”

Sabemos pouco a respeito desse profeta e do conteúdo de suas mensagens. Entretanto, ele escreveu um livro sobre a história da profecia que acabou não fazendo parte do cânon do Antigo Testamento. Certamente, seu livro foi usado como fonte de pesquisa pelos escritores dos livros históricos. Sabemos, contudo, que era um verdadeiro profeta, alguém que recebia mensagens da parte de Deus através de visões, porque era conhecido como “o vidente”.

iii) Gade, o profeta, era vidente

1Cr 29.29 – Os atos, pois, do rei Davi, tanto os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas Crônicas, registrados por Samuel, o vidente, nas crônicas do profeta Natã e nas crônicas de Gade, o vidente.”

O mesmo que se disse de Ido diz-se de Gade. Era um profeta quase

desconhecido, mas também escritor. Entretanto, parece ser mais mencionado na Escritura do que Ido. Era um dos profetas particulares do rei Davi. Inicialmente, ele é mencionado em 1Samuel 22.5, dizendo para Davi retornar para a terra de Judá. Todavia, a referência mais importante a ele está em 2Samuel 24.11-13, em que Davi confessa seu pecado de fazer o censo do povo, e Deus envia Gade para lhe oferecer sua escolha no que diz respeito ao castigo que deveria receber. Além de receber suas mensagens através de visões, Gade recebeu revelações através de anjos (1Cr 21.18).

iv) Isaías, o profeta, era vidente

Is 6.1 – “No ano da morte do rei Uzias, *eu vi o Senhor* assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo.”

Deus não se dirigiu a Isaías numa teofania, mas numa visão, mas ele viu o Senhor como se ele tivesse tomado forma, pois usava vestes. A diferença é que, numa teofania, os sentidos do recipiente da revelação estavam todos em atividade, enquanto na visão o recipiente da revelação estava em êxtase, não dispondo de todos os seus sentidos em atividade.

v) Daniel, o profeta, era vidente

Dn 2.19-20 – “Então, *foi revelado o mistério a Daniel numa visão de noite*; Daniel bendisse o Deus do céu. Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder;”

No livro de Daniel, não existe lugar em que ele chame a si mesmo de profeta. Todavia, o maior dos profetas, Jesus Cristo, chamou-o profeta (Mt 24.15). Se Jesus cria que esse título era aplicável a Daniel, quem somos nós para duvidar da avaliação feita por ele? O que importa, aqui, é que Daniel recebeu revelação de Deus por meio de visões, além dos sonhos que tinha. Em seu papel de profeta, ele também era um perfeito intérprete de sonhos.

vi) Jeremias, o profeta, era vidente

Ainda que o nome *vidente* não seja um designativo do profeta Jeremias, podemos vê-lo recebendo revelações divinas através de visões:

Jr 1.11-14 – “Veio ainda a palavra do SENHOR, dizendo: *Que vês tu, Jeremias?* Respondi: vejo uma vara de amendoeira. Disse-me o SENHOR: *Viste bem*, porque eu velo sobre a minha palavra para a cumprir. Outra vez, me veio a palavra do SENHOR, dizendo: *Que vês?* Eu respondi: vejo uma panela ao fogo, cuja boca se inclina do Norte. Disse-me o SENHOR: Do Norte se derramará o mal sobre todos os habitantes da terra.”

Em suas visões, Jeremias *via* alguma coisa e *ouvia* as palavras de Deus. No entanto, não posso me esquecer de que o profeta que recebia sonhos também podia *ver* e *ouvir* o que ali acontecia. Nos versos subsequentes, Deus concede ao profeta Jeremias a interpretação ou o significado das visões (ou sonhos!).

vii) Ezequiel, o profeta, era vidente

Ez 1.1 – “Aconteceu no trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, que, estando eu no meio dos exilados, junto ao rio Quebar, *se abriram os céus, e eu tive visões de Deus.*”

As visões de Deus devem ser entendidas primariamente como procedentes de Deus, e não simplesmente que Ezequiel tivesse visto Deus de várias formas, como em teofania. No entanto, as coisas que Ezequiel viu, ele as viu quando “os céus se abriram”. Então, ele viu seres estranhos (Ez 1.6-14), comparáveis aos “seres viventes” de Apocalipse, além da visão das quatro rodas (Ez 1.15-25) e da glória do próprio Senhor (Ez 1.26-28). No sentido de ter visões através de céus abertos, as visões de Ezequiel foram parecidas com a visão de Estevão quando viu o Senhor através dos céus abertos.

Entre outras visões, o vidente teve a esperança de ver seu povo, no futuro, ser espiritualmente restabelecido. Trata-se da visão dos ossos secos que receberam carne e tiveram vida (Ez 37). Evidentemente, essa visão que vem ao profeta é dada de modo sobrenatural, por iniciativa divina. O vidente vê alguma coisa, e essa visão não é algo meramente subjetivo, que se deva a fatores meramente psicológicos, embora isso também esteja envolvido na recepção da visão ou do sonho.

O PERIGO DE ALEGAR SONHOS E VISÕES

Atualmente, os ministros da palavra (sejam eles pastores, mestres, profetas ou evangelistas) não mais recebem suas mensagens através de sonhos e visões. No tempo presente, a revelação verbal divina não mais acontece. Eles possuem o registro da revelação passada e, como ministros da Palavra, ao falarem ao povo de Deus, devem basear-se unicamente na revelação registrada nas Escrituras Sagradas.

A tendência de alguns grupos alegarem revelação divina por sonhos e visões nos dias de hoje deve ser cuidadosamente examinada, porque, em

geral, implica desprezo pelo ensino das Escrituras em favor da comunicação direta com Deus, o que pode ser altamente questionável, em razão de sua elevadíssima subjetividade.

A fé na objetiva Palavra de Deus deve ser a tônica de todos os que ministram ao povo de Deus! Os cristãos não devem andar por vista (sonhos e visões), mas por fé! Fé em quê? Na Palavra de Deus que foi registrada.

²⁴ Disponível em <http://www.letusreason.org/Latrain30.htm>. Acesso em março de 2016.

²⁵ Ibid.

²⁶ John Gill em seu comentário sobre o verso em estudo. Disponível em <http://www.studylight.org/commentary/jeremiah/23-28.html>. Acesso em julho de 2015.

ENTREGA DA MENSAGEM PROFÉTICA

No capítulo anterior, estudamos a recepção da revelação profética através de sonhos e visões. Neste capítulo, trataremos da preservação da revelação recebida e de sua proclamação.

A Escritura indica que Deus não somente dá a mensagem ao profeta de modo sobrenatural, como também sobrenaturalmente providencia um meio para preservar a entrega dessa mensagem ao povo, por meio do profeta.

A mensagem trazida pelo profeta ao povo não é menos Palavra de Deus do que quando é trazida diretamente de Deus ao profeta, em sonho ou visão, ou em teofania, como é o caso de Moisés ou Abraão. O profeta é um agente de Deus, um intermediário entre Deus e o povo, e isso confere características especiais à mensagem profética.

A palavra hebraica נָבִיא (Nabhi'), traduzida como *profeta*, qualquer que seja sua origem etimológica, traz consigo o sentido de *porta-voz*, ou seja, aquele que fala de modo autorizado, eminente, em nome do Deus Altíssimo. O profeta era uma voz de autoridade, por isso devia ser ouvida.

Usualmente, a pregação profética começa nos seguintes termos: “A Palavra do Senhor veio até mim...” ou “Assim diz o Senhor...”. Em nenhum caso, o profeta verdadeiro de Deus diz que são suas próprias palavras.

A PRESERVAÇÃO DA MENSAGEM PROFÉTICA

Via de regra, antes de o profeta transmitir oralmente a revelação recebida por sonhos e visões, é provável que a tenha registrado. Não é necessário que seja assim, porém é o mais provável que aconteça.

Portanto, no caso da revelação por sonhos e visões, existe uma lacuna entre o tempo da revelação e o tempo do registro. Não podemos nos esquecer de que a revelação profética vem enquanto o profeta está dormindo (sonhos) ou quando está em êxtase (visões), ocasião em que o profeta não pode refletir e ponderar sobre tudo o que viu e ouviu. Após ponderar sobre o que escreveu, ao acordar ou quando retorna do estado de êxtase, ele registra e proclama

publicamente sua mensagem.

Deus promete preservar a Palavra que é dada em sonhos e visões aos profetas. Como ele faz isso? Superintende todo o processo de registro da revelação, a fim de que o profeta não fale nada que seja diferente ou contrário àquilo que ouviu nos sonhos e nas visões. A preservação é necessária em virtude dos problemas da mente humana, ainda afetada pelo pecado. Então, o próprio Deus trata de guiar o profeta no registro e na transmissão oral de sua revelação ao povo.

Deus preserva sua revelação capacitando os homens em suas fraquezas

Não é incomum que os filhos de Deus se portem de modo covarde quando são ordenados por Deus a realizar alguma tarefa difícil. Com frequência, alegam imaturidade ou incapacidade. No entanto, precisamos entender que, quando Deus chama, sempre capacita. Seguem dois exemplos dessas alegações:

i) Jeremias alegou fraqueza que provinha de sua imaturidade

Jr 1.6–9 – “Então, lhe disse eu: ah! SENHOR Deus! *Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança*. Mas o SENHOR me disse: Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o SENHOR. Depois, estendeu o SENHOR a mão, tocou-me na boca e o SENHOR me disse: *Eis que ponho na tua boca as minhas palavras*.”

Jeremias foi comissionado para exercer a missão de ser profeta quando ainda era muito novo. Em sua alegação, Jeremias afirmou ser tão novo que disse de si mesmo duas frases: “Não sei falar” e “Não passo de uma criança”. Certamente, ele não era um recém-nascido, pois não usaria essa argumentação. A expressão “Não sei falar” pode significar “Não sei me expressar de maneira satisfatória”. Uma criança não sabe argumentar logicamente como os adultos. Não sabe argumentar corretamente para convencer outras pessoas. Talvez, pensando nessas impossibilidades, Jeremias tenha alegado imaturidade.

É provável que ele ainda fosse um adolescente que não se via como homem, incapaz de argumentar corretamente contra seus opositores, pois sabia que Deus o enviaria a muitas pessoas importantes. Portanto, quando foi

confrontado por Deus para realizar a grande tarefa de ser profeta para a nação e para os reis, alegou imaturidade. Todavia, ele precisava entender que a ordem divina estava sobre a inexperiência humana, pois a vocação divina sempre sobrepuja a imaturidade humana, fazendo com que os homens falem o que realmente devem falar.

A expressão “Eis que ponho na tua boca minhas palavras” deve ser entendida como a maneira de Deus superintender o registro da revelação, de modo que o profeta não emitiria nenhuma palavra que não estivesse de acordo com a revelação recebida em sonhos ou visões. Essa é a maneira de Deus preservar intacta a revelação, de isentá-la de qualquer erro. Essa é uma ação penetrante de Deus na mente do profeta, a fim de que ele seja fiel na transmissão da verdade de Deus.

Deus não aceitou a alegação de imaturidade porque sabia da idade de Jeremias. Quando Deus ordena alguma coisa, mesmo que a um adolescente, é bom que seus servos atendam ao que é mandado, pois, mesmo por trás da inexperiência, está a ação divina superintendendo o uso de suas palavras.

Enquanto Jeremias alegou imaturidade, Moisés usou uma desculpa bem diferente, pois já era adulto.

ii) Moisés alegou fraqueza decorrente de sua incompetência

Ex 4.10–12 – “Então, disse Moisés ao SENHOR: Ah! Senhor! Eu nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; *pois sou pesado de boca e pesado de língua*. Respondeu-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR? Vai, pois, agora, *e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar.*”

Moisés, o grande profeta (a quem Jesus foi comparado! – Dt 18.15-19), alegou incompetência, dizendo que tinha “fraqueza de língua”. Provavelmente, Moisés sofria de gagueira e tinha dificuldade de se expressar publicamente. É estranho que Moisés tenha alegado isso, pois, enquanto estava no Egito, era um homem hábil com as palavras. Veja o que o escritor de Atos diz de Moisés:

At 7.22 – “E Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras.”

Moisés parecia ser perito na elocução de suas palavras. O texto inspirado diz que Moisés era “*poderoso em palavras*”. O que isso significa? É provável

que ele tenha cursado algumas disciplinas de Oratória ou Elocução. Ele falava a língua egípcia, bem diferente da língua de seu povo. Ele sabia usar as palavras de maneira extraordinária e convincente, pois o texto diz que era “poderoso em palavras”.

Alguma experiência espiritual muito marcante trouxe problemas de linguagem para Moisés, posteriormente. Alguns problemas afetaram fortemente seu poder de elocução e mesmo de argumentação, porque a Escritura inspirada diz que Moisés era um varão que tinha dificuldade no falar. Talvez ele fosse gago, “pesado de boca e pesado de língua”. Alguma coisa aconteceu desde que saiu do Egito para afetar sua maneira de se expressar, pois, ao que tudo indica, ele não era assim durante a infância, a juventude e a maturidade no Egito. Ele era hábil em Oratória, em Dialética, enfim, em sua maneira de se expressar.

No entanto, Deus prometeu superintender suas palavras a fim de que ele pudesse falar o que deveria falar. Deus prometeu aliviar essa dificuldade, agindo nele de modo claramente positivo. A expressão “E eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” não deve ser entendida primordialmente como um socorro de Deus na gagueira de Moisés, mas como um modo de Deus dizer que estaria com a boca de Moisés, a fim de que ele transmitisse fielmente o que ele recebera nos encontros teofânicos com Deus.

Deus não aceita que seus profetas aleguem incompetência porque, quando ele chama, capacita-os. Afinal de contas, a palavra de Deus tinha de ser conhecida do povo, e Deus providenciou um modo de o povo ouvir sua Palavra pelo próprio Moisés e por Arão, que atuava como porta-voz de seu irmão.

As fraquezas dos homens não são empecilho para Deus. Ele ordenava que seus profetas falassem exatamente o que haviam ouvido. Deus não permite que suas palavras sejam, de algum modo, alteradas. Por essa razão, diz-se que ele põe suas palavras na boca do profeta. É como se Deus houvesse dito a Moisés: Não tem importância se você é pesado de língua; o que importa é que vou fazer você falar exatamente aquilo que eu lhe falei, boca a boca, nas vezes que tomei forma diante de você. Quero que você entenda que minhas palavras estarão na sua boca e você só passará adiante o que ouvir de mim.

Vou proteger você de qualquer incompetência que possa ter.

A expressão divina usada com Moisés e Jeremias é a mesma usada com Isaías:

Is 51.16 – “*Ponho as minhas palavras na tua boca e te protejo com a sombra da minha mão, para que eu estenda novos céus, funde nova terra e diga a Sião: Tu és o meu povo.*”

O profeta Isaías haveria de ser um fiel pregador da Palavra por causa da obra superintendente divina, que tornava a revelação absolutamente preservada.

Deus preserva sua revelação fazendo com que esteja para sempre na vida de seus filhos

Is 59.21 – “Quanto a mim, esta é a minha aliança com eles, diz o SENHOR: o meu Espírito, que está sobre ti, *e as minhas palavras, que pus na tua boca, não se apartarão dela*, nem da de teus filhos, nem da dos filhos de teus filhos, não se apartarão desde agora e para todo o sempre, diz o SENHOR.”

A preservação da verdade tem sido uma realidade também porque Deus a tem imprimido nas almas da descendência de seus filhos. Assim como ele prometeu ser nosso Deus e o Deus de nossa descendência, também prometeu que suas palavras estariam na boca do profeta e que nunca haveriam de se apartar de sua progênie espiritual.

Essa promessa de Deus tem natureza pactual. Portanto, nunca deixará de existir em nosso meio porque Deus não falha em seus pactos. Sempre haveremos de ter as palavras de Deus preservadas, quer escritas, quer inscritas na alma dos que lhe pertencem.

Sl 81.10 – “Eu sou o SENHOR, teu Deus, que te tirei da terra do Egito. *Abre bem a boca, e ta encherei.*”

Assim, os que possuem dons proféticos em nossos dias também são consolados pela promessa de que o Espírito Santo é quem os toma e fala por eles quando são colocados em situação de confronto.

Mt 10.19-20 – “E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós.”

Deus sempre coloca seus ministros da Palavra em dificuldade, para que dependam unicamente do poder do Espírito Santo em suas vidas, sem confiança na própria capacidade. Portanto, não tema proclamar a verdade de

Deus, mesmo que em meio a uma grande oposição, a homens cultos e inteligentes. Deus haverá de nos dar sabedoria no falar pela ação de seu Espírito em nós.

A PROCLAMAÇÃO DA MENSAGEM PROFÉTICA

Por cerca de quatrocentos anos, Deus deixou o povo sem profeta. Assim, nos séculos que precederam a vinda do Messias, Deus preservou a totalidade da revelação do Antigo Testamento, fazendo com que fosse registrada. Além disso, por séculos, Deus tem feito com que sua Palavra seja conhecida pela proclamação. Desde os tempos de Cristo, não faltaram profetas de Deus que proclamassem as verdades que já haviam sido reveladas e registradas.

Nesse sentido, de um modo diferente dos profetas do Antigo Testamento, que recebiam diretamente a revelação divina, os profetas das igrejas locais dos tempos do Novo Testamento são expositores/proclamadores da mensagem revelada aos santos profetas e aos santos apóstolos.

A proclamação tem de ser feita fielmente

A fidelidade a Deus e à sua revelação é uma das coisas mais amadas por Deus. Aliás, em todos os aspectos, a fidelidade é altamente apreciada pelo Senhor.

Todos os verdadeiros profetas de Deus são chamados à fidelidade. Deus quer que seus porta-vozes sejam homens leais àquilo que viram e ouviram nos sonhos e nas visões.

Dn 6.3–5 – “Então, o mesmo Daniel se distinguiu desses presidentes e sátrapas, porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava em estabelecê-lo sobre todo o reino. Então, os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; *porque ele era fiel*, e não se achava nele nenhum erro nem culpa. Disseram, pois, estes homens: Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não a procurarmos contra ele na lei do seu Deus.”

Apenas à guisa de ilustração, podemos afirmar que Daniel mostrou muita fidelidade ao Senhor, mesmo vivendo debaixo de grande pressão, no tempo do cativeiro. Ele não teve medo de sofrer sanção por sua fidelidade ao Senhor.

i) Daniel era fiel a Deus por meio de uma vida irrepreensível

Os concorrentes de Daniel deliberaram procurar alguma falta para que pudessem fazer alguma acusação formal contra ele, mas Daniel era irrepreensível em sua conduta dentro do reino da Babilônia (Dn 6.4). Então, esses concorrentes de Daniel procuraram encontrar alguma falta de Daniel no que diz respeito às leis de Deus (Dn 6.5), mas não encontraram nenhuma. Nenhum dos inimigos ciumentos dele conseguiam encontrar motivo para acusá-lo. Não se esqueça de que a fidelidade dos filhos de Deus os torna inatacáveis!

ii) Daniel era fiel em suas obrigações cúlticas perante Deus

Ele orava três vezes ao Senhor, mesmo diante da ameaça de morte que sofria. Quando foi formalmente proibido de orar ao Deus do céu, recusou-se a fazê-lo, o que o conduziu à cova dos leões. Ele pôs a própria vida em risco por causa de sua fidelidade a Deus. Além disso, junto com seus três amigos, Daniel acabou por ser lançado na fornalha de fogo ardente porque se recusou a adorar a imagem do rei. Ele preferiu a fidelidade a Deus a livrar-se da fornalha!

iii) Daniel era fiel na proclamação da verdade de Deus

Ele não sentiu medo de dar a interpretação correta dos sonhos de Nabucodonosor, mesmo sabendo que o rei haveria de ser humilhado por Deus. Ele foi fiel à mensagem de interpretação dos sonhos que Deus lhe dera.

Também foi fiel na proclamação da palavra quando deu a interpretação do que iria acontecer ao rei Belsazar, juntamente com a destruição de seu reino (Dn 5.22-30). Ele foi fiel à mensagem divina, ainda que pudesse ser morto por causa de sua fidelidade. Ele era fiel a Deus em todos os sentidos.

Para satisfazer os homens, Daniel poderia ter dissimulado ou suavizado a proclamação da Palavra; poderia ser corrompido pelo temor de homens, mas nunca se deixou levar por isso. Nunca corrompeu a proclamação da revelação de Deus. Ele foi notadamente fiel em todas as áreas de sua vida!

Hoje, a proclamação da revelação divina às autoridades e ao povo sempre demanda fidelidade a Deus. Nós, os intérpretes da revelação registrada, não podemos ser diferentes. Nossa responsabilidade é idêntica, porque somos os transmissores da verdade divina! Fidelidade é o que importa! Por essa razão, precisamos ter uma hermenêutica correta, a fim de interpretar de modo fidedigno a revelação divina para o povo de Deus.

O que me surpreende é que muitos ministros da Palavra, que são os profetas das igrejas locais, não são suficientemente fiéis a ponto de passar pelo teste do martírio, se tivessem de enfrentá-lo! Os profetas do Antigo Testamento foram mortos por causa de sua fidelidade, e todos nós, hoje, somos chamados à fidelidade, ainda que isso custe muito caro. No entanto, segundo o ensino do Novo Testamento, quem é perseguido por causa do testemunho de Jesus é bem-aventurado!

Portanto, conclamo os ministros de hoje que sejam profetas para a Igreja brasileira e para a nossa nação! Profetas fiéis na denúncia da corrupção e no consolo do povo de Deus, no meio dessa geração pervertida e corrupta, têm sido escassos nos tempos modernos! Peçamos a Deus homens fiéis à Palavra de Deus, que está registrada nas Escrituras Sagradas!

A proclamação tem de ser feita de modo incisivo

Os profetas oficiais do Antigo Testamento tinham de transmitir a revelação vista e ouvida através de sonhos e visões, mas a proclamação devia ser incisiva, ou seja, proclamada abertamente, para atingir o povo em cheio!

Os profetas não podiam esconder nada. Não podiam proclamar uma mensagem vaga, sem ser incisivos. Quando o povo andava em pecado, a proclamação tinha de fazer uma incisão no povo, a fim de feri-lo, independentemente da reação que viesse a ter. Deus ordenou que sua Palavra fosse pregada de forma incisiva, “Quer ouvissem, quer deixassem de ouvir”.

Ez 2.5-7 – “*Eles, quer ouçam, quer deixem de ouvir, porque são casa rebelde, não de saber que estive no meio deles um profeta. Tu, ó filho do homem, não os temas, nem temas as suas palavras, ainda que haja sarças e espinhos para contigo, e tu habites com escorpiões; não temas as suas palavras, nem te assustes com o rosto deles, porque são casa rebelde. Mas tu lhes dirás as minhas palavras, quer ouçam quer deixem de ouvir, pois são rebeldes.*”

Jesus Cristo, o profeta por excelência, não fazia rodeio para falar as duras verdades da parte de Deus em sua época. Ele chamou os escribas e fariseus de “sepulcros caiados”; também chamou os que não criam nele de “filhos do diabo”; chamou os sacerdotes de “hipócritas”; e falou claramente a seus discípulos que não deveriam confiar em construções feitas pelos homens, porque nelas “não ficaria pedra sobre pedra”.

Para Jesus, não era difícil tocar firmemente nas feridas de sua nação. Sua

mensagem não era vaga; era uma mensagem incisiva, cortante como espada de dois gumes, penetrando no mais profundo dos problemas humanos.

Hoje, os profetas de Deus nas igrejas locais precisam ter a ousadia de pregar de modo incisivo, para atingir o cerne das fraquezas e dos pecados humanos. Enquanto não houver pregadores desse quilate, o mundo vai zombar de nossa mensagem insossa e sem contundência!

A proclamação tem de ser feita intrepidamente

O profeta de Deus não deve ter medo dos homens quando é seu porta-voz. No Antigo Testamento, um profeta de Deus tinha de ser intrépido. Ele tinha de vociferar contra os pecados e pôr o dedo em riste tanto na face dos homens comuns como dos homens importantes.

O profeta Jeremias tem as profecias mais tristes da Escritura, pois viveu em um tempo difícil, no qual precisou ser intrépido para fazer o que fez e dizer o que disse. Ele vivia cheio de exaustão e agonia por ter de enfrentar tão dura batalha. Vez por outra, ele via a vitalidade desaparecer em virtude de sua luta árdua mas corajosa. Entretanto,

Jeremias não era naturalmente um homem de fibra forte. Era tímido, retraído, sensível, mas foi colocado por Deus na vanguarda de uma esperança externa, em que ele era como um predestinado a falhar e para o martírio.¹

Mesmo sem ser um homem de força, ele se mostrou intrépido. Em sua fraqueza, ele foi corajoso e não temeu os homens, ainda que chorasse bastante!

Com frequência, quando um profeta tem de falar coisas duras, sofre a tentação de tentar suavizar a mensagem profética. Conheci alguns ministros da Palavra que nunca queriam falar intrepidamente porque eram covardes. Eles preferiam amaciar a palavra para não machucar o povo e, assim, deixavam-no sem ouvir o que era necessário.

Poucas vezes encontramos homens de verdade que sejam intrépidos em suas funções proféticas. Isso me faz lembrar o fato de as coisas estarem muito difíceis nos tempos de Jeremias.

Jeremias era uma espécie de Diógenes nas ruas de Atenas, portando uma lanterna, em plena luz do dia, em busca de um homem de verdade. De modo semelhante, Deus desafia o profeta a encontrar um homem reto vagando nas ruas de Jerusalém:

Jr 5.1 – “Dai voltas às ruas de Jerusalém; vede agora, procurai saber, buscai pelas suas praças a ver se achais alguém, se há um homem que pratique a justiça ou busque a verdade; e eu lhe perdoarei a ela.”

Jeremias tinha de pregar para um povo no meio do qual era raro encontrar um homem reto. Ele tinha de pregar contra seus pecados e falar abertamente do juízo de Deus. No entanto, a despeito de sua timidez, ele foi corajoso para desempenhar intrepidamente seu labor profético.

A parte mais importante na tarefa de um profeta não é simplesmente falar. Via de regra, todos podem falar, mas é fundamental permanecer no ofício profético em meio a uma geração falsa, corrupta e cheia de ganância.

Jeremias enfrentava muitos combates. Os ventos do falso ensinamento eram fortes contra ele; as rajadas dos rebeldes não lhe davam paz; os ataques vindos da comunidade idólatra eram muitos, mas Jeremias se mostrou intrépido no exercício ativo de seu ofício profético.

A proclamação requer clareza

Um profeta vocacionado por Deus não podia pregar a verdade de Deus sem usar palavras claras. É importante lembrar que muitos profetas falavam a linguagem do povo, e não simplesmente uma linguagem teológica rebuscada. Eles haviam sido tirados de seus trabalhos comuns e chamados para o exercício do ofício profético. Portanto, tinham de usar a linguagem falada pelo povo, uma linguagem que pudesse ser entendida.

A palavra profética não deve ser dita simplesmente com palavras inteligíveis; a mensagem também precisa ser clara. Os ouvintes têm de saber exatamente o que o profeta está falando. Por isso, a clareza na linguagem e no estilo torna possível o entendimento da mensagem de Deus vinda pelos profetas.

Precisamos de profetas de Deus que sejam claros em suas mensagens, a fim de que os políticos entendam seu dever com aqueles que os elegeram. No Antigo Testamento, os profetas falavam aos governos e não deixavam dúvida sobre o que Deus queria deles.

Precisamos de profetas que falem claramente ao governo, para que não se imponha uma carga exagerada de impostos, que se destinam, no final das contas, a pagar as dívidas produzidas pela má administração e pela corrupção vigente.

Precisamos de profetas que falem claramente aos homens de negócios, para que não sejam gananciosos, aumentando ainda mais a carga do povo. Todavia, é necessário que esses profetas se mostrem simples, diretos e incisivos em sua mensagem.

Não precisamos da eloquência que os deputados e senadores usam, mas de pessoas que falem poderosamente, com uma linguagem que eles e o povo possam igualmente entender.

Hoje os verdadeiros profetas de Deus não devem causar confusão com o uso indevido de palavras em sua mensagem, no meio do povo; eles devem, sim, clarear o entendimento de seu tempo, através da análise correta do que está ocorrendo, aplicando

a Palavra de Deus. O bom expositor da verdade de Deus analisa e fala com clareza sobre o que está acontecendo em sua geração e, então, o povo entende claramente o significado de suas palavras.

A proclamação exige uma atitude correta

A mensagem profética de Deus deve ser feita fiel, incisiva, intrépida e claramente, mas também demanda uma atitude correta.

Ainda que o profeta de Deus se mostre incisivo e corajoso, tem de possuir o senso de falar todas as verdades dentro do autêntico espírito da Palavra de Deus: a verdade tem de ser dita com amor!

Uma atitude incorreta pode prejudicar significativamente o entendimento da verdade de Deus. Muita pregação boa, mas com o espírito indevido, tem sido considerada falsa pregação. Se o profeta fala corretamente a verdade de Deus, mas sem a atitude correta, perde seus ouvintes. Ninguém mais vai lhe dar atenção pelo desamor de sua palavra, jogando fora todo o esforço que fez na elaboração da mensagem profética. Assim, tem-se que:

i) Os profetas do tempo presente podem ser críticos do que acontece em sua geração, mas não podem ser ácidos contra ela.

ii) Os profetas do tempo presente podem bater de frente com a filosofia vigente, mas não podem ser zombeteiros dos que pensam de modo diferente.

iii) Os profetas da atualidade podem insurgir-se contra a presente moral de nossa geração, mas não podem portar-se de modo soberbo.

iv) Os profetas de hoje podem pregar contra o *status quo*, mas não podem portar-se arrogantemente. A arrogância fechará os ouvidos daqueles que

querem atingir.

Portanto, se nos aproximarmos de nossos ouvintes com qualquer uma dessas posturas incorretas, não seremos aceitos. Os mundanos já apresentam uma série de preconceitos contra os pregadores. Assim, mais preconceito ainda terão se os pregadores não tiverem uma atitude de amor, anunciando que os mundanos se voltem de seus pecados para Deus! Não se esqueça de que as palavras ditas corretamente com a boca podem ser prejudicadas pelas atitudes do coração!

! Dean Farrar, The Courage of the True Prophet. Disponível em http://biblehub.com/sermons/auth/farrar/the_courage_of_the_true_prophet.htm. Acesso em julho de 2015.

PROPÓSITOS DA REVELAÇÃO VERBAL ATRAVÉS DA PROFECIA

Em nenhuma outra religião mundial as profecias encontram papel tão preponderante quanto nas Escrituras cristãs. Há quem diga que cerca de trinta por cento da Bíblia se dedicam à profecia.²

Não se esqueça de que as profecias não são somente preditivas; elas tratam também dos muitos modos como os filhos de Deus devem viver. Os propósitos da profecia (ou do profeta) são muitos! A seguir, encontram-se algumas verdades sobre os propósitos da revelação verbal em profecia:

- No que diz respeito a Deus
- No que diz respeito à Escritura
- No que diz respeito aos crentes
- No que diz respeito aos incrédulos
- No que diz respeito ao mundo
- No que diz respeito à sua vida pessoal

PROPÓSITOS DA REVELAÇÃO VERBAL EM PROFECIA NO QUE DIZ RESPEITO A DEUS

A profecia revela quem Deus é

Quando os profetas levantam sua voz como porta-vozes de Deus, por meio de suas profecias, revelam quem é o Deus que proclamam. Em outras palavras, ainda que a proclamação da profecia não tenha o caráter de exposição sistemática, revela os atributos de Deus.

i) A profecia revela Deus como Criador

Na grande e primeira palavra profética, por intermédio de Moisés, Deus se dá a conhecer como o poderoso Criador do universo nos primeiros capítulos de Gênesis! No restante das Escrituras, ouvimos ecos constantemente repetidos dessa profecia. Por exemplo:

Is 42.5 – “Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus e os estendeu, formou

a terra e a tudo quanto produz; que dá fôlego de vida ao povo que nela está e o espírito aos que andam nela.”

O próprio Deus se apresenta como o Criador dos céus e da terra. Isaías apenas repete o que Deus lhe disse. O fato de Deus apresentar-se como Criador é a mais importante revelação. Repare que tudo o que foi criado praticamente foi amaldiçoado, mas, com certeza, será restaurado! O fim de toda a redenção é trazer de volta a criação perfeita!

A Criação é a primeira grande verdade de Deus da qual todas as outras dependem. A doutrina da Criação é a mais importante da Escritura, porque, embora, logo depois, tenha sido amaldiçoada, a grande promessa após a maldição é que será restaurada.

A importância de Deus como Criador é vista no fato de os adversários da fé cristã combaterem a doutrina da Criação, porque é a base sólida de tudo o que vem depois. Eles não combatem a doutrina da Queda, da Cristologia ou Soteriologia, mas combatem a doutrina da Criação.

A revelação de Deus como Criador provoca intenso choque nos círculos científicos e não científicos. É quase lugar-comum a negação do Deus Criador. No entanto, a Escritura começa e termina falando do poderoso Criador em Gênesis e do poderoso Recriador em Apocalipse.

A doutrina da Criação nos ensina que nenhum outro ser se compara a Deus em seu poder e majestade. Ninguém pode fazer com que coisas que não existiam possam vir à existência. A profecia diz que é prerrogativa divina trazer à existência o que não existia. Tanto o macrouniverso como o microuniverso vieram à existência sem haver material preexistente, simplesmente porque Deus é extremamente poderoso! Toda a vida no universo, posteriormente, veio à existência pela mesma ação poderosa do Deus Criador! Nunca, nenhum profeta de Deus deixará de proclamar a beleza do Criador, por causa da beleza da Criação!

ii) A profecia revela Deus como onisciente

A profecia não revela somente a grandeza do Criador de todas as coisas, como também sua capacidade de perscrutar todas as coisas e descortinar o futuro.

Existem muitos textos da Escritura profética que revelam a onisciência de Deus no que diz respeito ao conhecimento futuro dos eventos.

Is 42.9 – “Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir.”

Esse poder de inteligência de Deus nos causa espanto! É maravilhoso saber que nada escapa ao conhecimento de Deus. Hoje, vemos teólogos que negam que Deus conheça as coisas e os eventos antecipadamente,³ a fim de preservar sua horrenda doutrina do chamado “livre-arbítrio”. No entanto, Deus até chega a desafiar os deuses dos falsos profetas a conhecerem antecipadamente as coisas, apontando para si como o único que tem essa capacidade:

Is 41.22 – “*Trazei e anunciai-nos as coisas que hão de acontecer*; relatai-nos as profecias anteriores, para que atentemos para elas e saibamos se se cumpriram; ou fazei-nos ouvir as coisas futuras. *Anuncia-nos as coisas que ainda hão de vir*, para que saibamos que sois deuses... Eis que sois menos que nada, e menos do que nada é o que fazeis; abominação é quem vos escolhe.”

Na realidade, os falsos deuses não existem; sua existência se deve unicamente à mente de seus criadores. Entretanto, Deus desafia os deuses deste mundo a ter conhecimento antecipado de todas as coisas. Então, contrastando-se com esses falsos deuses, o Deus verdadeiro diz:

Is 41.26 – “*Quem anunciou isto desde o princípio, a fim que o possamos saber, antecipadamente*, para que digamos: É isso mesmo? Mas não há quem anuncie, nem quem manifeste, tampouco ainda quem ouça as vossas palavras.”

Somente Deus é quem faz ouvir sua voz desde os tempos antigos, e os homens têm provado que sua Palavra é verdadeira. Ele conhece todas as coisas antes de acontecerem.

Is 42.9 – “Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir.”

Nesse verso, Deus aponta para as predições que já se haviam cumprido, mostrando a veracidade de seu conhecimento antecipado de todas as coisas. Então, ele afirma outras coisas das quais os homens não tinham ideia, mas que certamente se passariam no futuro.

Is 46.9–11 – “Lembra-vos das coisas passadas da antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; *que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade as coisas que ainda não sucederam...*”

Assim, a distintividade de Deus (em relação aos deuses falsos, que não

existem) diz respeito ao seu conhecimento antecipado de todas as coisas. Deus tem conhecimento absoluto de tudo. Além disso, seu conhecimento é absoluto porque ele decide fazer todas as coisas que sabe, de antemão, que acontecerão. Seu conhecimento baseia-se em seu decreto de fazer essas coisas acontecerem. Ele sabe de tudo porque foi ele quem resolveu fazer tudo.

Portanto, presciência, nesse sentido, é a capacidade que Deus tem de conhecer de antemão todas as coisas, mesmo em seus mínimos detalhes, antes que aconteçam. Ninguém se assemelha a Deus nessa capacidade porque ninguém tem o poder de conhecimento antecipado da existência de todas as coisas, porque somente Deus o possui.

Esse conhecimento antecipado é produto de sua onisciência. Seu poder de criação, em Isaías 42, une-se ao seu poder de conhecimento antecipado. Por essa razão, ele revela de antemão o futuro da história humana.

iii) A profecia revela Deus como onipotente

O profeta Isaías é pródigo na afirmação dessa verdade, repetindo a verdade da onisciência e reunindo-a à noção de onipotência:

Is 46.9–11 – “Lembra-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; *que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam*; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade; que chamo a ave de rapina desde o Oriente e de uma terra longínqua, o homem do meu conselho. Eu o disse, eu também o cumprirei; tomei este propósito, também o executarei.”

Nesses versos, as profecias nos apontam para a noção de espaço e de tempo: coisas passadas na antiguidade e coisas que ainda estão por acontecer. Como somos seres criados, estamos sujeitos a noções espacial e temporal. Não podemos pensar fora dessas duas categorias. É com base nelas que a profecia nos ensina que Deus é o autor tanto do que aconteceu como do que ainda vai acontecer.

Deus não somente tem a capacidade de predizer os atos no curso da história, antes que aconteçam, mas também a capacidade de realizá-los. Usando uma figura diferente, Deus não somente é o arquiteto (que desenha antecipadamente um projeto); ele também é o engenheiro (ou construtor) do

projeto. Tanto a ideia do projeto como a respectiva realização são obra dele!

Deus exerce tanto seu poder de designer inteligente como de construtor inteligente. Ele tem poder tanto em relação ao tempo como em relação ao espaço! Deus prediz o futuro em todas as dimensões físicas do universo, trazendo todas as coisas à sua realização! Também nessas coisas Deus é inimitável! Ninguém se aproxima dele nessas capacidades. Nem mesmo os mais poderosos computadores são capazes de projetos ou de realizações das coisas que são exclusivas do Senhor.

Um grande computador depende de informações para fazer algumas previsões – e, mesmo assim, nem sempre acerta. Isso é perfeitamente compreensível: um grande e poderoso computador pode prever várias coisas, mas depende de informações prévias que os cientistas inserem nele. Então, ele faz cálculos e chega a algumas previsões.

Ao fazer o universo e determinar sua história antecipadamente, Deus não depende de ninguém, nem de informação alguma. Ele conhece a história de antemão porque decide fazer do jeito que ela será. Por isso, a Escritura diz: “Quem foi seu conselheiro?”. Deus não tomou conselho com ninguém para fazer o que faz nem para dizer o que diz. Ele é suficientemente poderoso para tornar as coisas conhecidas antes de se realizarem!

iv) A profecia revela Deus como onipresente

Dn 2.20–22. – “Disse Daniel: Seja bendito o nome de Deus, de eternidade a eternidade, porque dele é a sabedoria e o poder; é ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos inteligentes. *Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz.*”

A onisciência e a onipotência de Deus estão intimamente ligadas à sua onipresença. Deus sabe tudo e pode tudo porque está em tudo!

O profeta Daniel teve plena consciência dessas categorias de conhecimento, do poder de Deus, de sua presença em toda parte. Ele está nas trevas (porque as revela) e está na luz (porque ele é a luz). Como Deus é onisciente, onipotente e onipresente, os grandes reis dos grandes impérios não podem comparar-se a ele, porque é Deus quem os põe e é Deus quem os remove do poder. Por isso o texto diz que Deus “remove reis e estabelece reis”.

O governo de Deus é *in loco*, porque ele está em toda parte e, por isso, revela “tudo o que está escondido”. Por causa de sua natureza divina de poder estar em toda parte, preenchendo cada parte do espaço com a plenitude de seu ser, nada escapa ao seu poder de conhecimento (onisciência) e nada escapa ao seu poder de ação (onipotência).

Esses são apenas alguns dos muitos atributos de Deus. Apenas uma ilustração do que a profecia nos anuncia, para nossa edificação e conforto.

A profecia revela a credibilidade de Deus

As profecias declaradas na Escritura e cumpridas no decorrer da história mostram que o Deus único tem credibilidade, pois é fiel no que promete e poderoso no que se propõe a fazer.

A Escritura sagrada é o único livro na história do mundo que trabalha com muitas profecias que, embora de diversas épocas, cumprem-se de forma harmônica. Podemos ver alguns outros livros religiosos que tratam de vaticínios feitos por homens, mas a Escritura é o único livro confiável, pois nada do que está escrito desaponta aqueles que confiam na veracidade de Deus.

À medida que a história vai-se desenvolvendo, vemos cada vez mais a mão de Deus operando nela e Deus estabelecendo sua credibilidade. Os ímpios não acreditam nas profecias, mas Deus mostrará que é verdadeiro no que diz e todos os homens se curvarão perante um Deus poderosamente cheio de credibilidade. A credibilidade de Deus só é reconhecida pelos cristãos, mas Deus vai mostrar a todos, no final, que sua Palavra é verdadeira.

Ainda que os ímpios se recusem a admitir, existem achados arqueológicos que dão evidência da credibilidade de Deus a respeito de suas profecias.

Numerosos achados arqueológicos recentes têm validado certas profecias bíblicas, por confirmarem indiretamente sua origem bem antiga. Isso tem desarmado os críticos que afirmam datas mais recentes ou supuseram que esses fatos tiveram origem após os eventos que descreveram como tendo ocorrido. Agora, até mesmo os céticos estão sendo forçados a admitir a exatidão da Bíblia, embora não sejam capazes de proporcionar uma explicação satisfatória.⁴

À medida que o tempo passa, Deus vai mostrando, cada vez mais, que é veraz e confiável! Como é bom ter alguém que nunca falha nas coisas que

diz, mesmo quando demoram séculos para acontecer!

PROPÓSITOS DA REVELAÇÃO VERBAL EM PROFECIA NO QUE DIZ RESPEITO À ESCRITURA

A Escritura afirma a veracidade que ela própria tem, mas parte dessa credibilidade está no cumprimento das profecias, em virtude de sua procedência divina. A Escritura inclui o registro de muitas profecias emitidas ao longo da história da salvação. Pedro fala algumas coisas muito importantes sobre a relação entre profecia e Escritura.

2Pe 1.19–21 – “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la, como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração, sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação; porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens *santos* falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.”

Pedro fala sobre a confirmação da palavra profética

2Pe 1.19a – “Temos, assim, tanto mais confirmada a palavra profética”

i) A que se refere a “palavra profética”?

A expressão “palavra profética” diz respeito às profecias relatadas no Antigo Testamento de que Pedro tinha muito conhecimento. O que Pedro está afirmando é que essa palavra profética, que aponta para a vinda do Messias, havia sido cumprida, confirmada especialmente pelo testemunho divino dado a respeito de Cristo no Monte da Transfiguração (2Pe 1.17).

As palavras do Pai a respeito do Filho encarnado confirmam o Antigo Testamento. Entretanto, podemos afirmar que as profecias do Antigo Testamento a respeito do Messias têm muito mais força do que as experiências que os discípulos tiveram no Monte da Transfiguração. O que aconteceu no Monte foi apenas a constatação da veracidade da “palavra profética”, que é o elemento mais importante do texto em estudo.

Essa observação, contudo, não elimina a importância do que aconteceu no Monte; apenas mostra que a “palavra profética” antiga foi confirmada; mostra que os profetas que falaram a respeito de Cristo foram verdadeiros em todas as profecias que proclamaram.

Existem trezentas profecias, em média, feitas a respeito do Messias no Antigo Testamento. Nenhuma delas falhou. Tudo foi cumprido. Por essa

razão, Pedro fala da “confirmação da palavra profética”.

ii) Em que sentido a palavra profética é “confirmada”?

A palavra grega traduzida como *confirmada* é *βεβαιότερον* (*bebaióteron*). Essa palavra grega nos mostra que a palavra profética “confirmada” significa que é firme, segura, confiável e certa. Tudo o que diz sobre Jesus Cristo é absolutamente firme e confiável. Nenhum de nós tem o direito de duvidar da confiabilidade da palavra profética. Pedro afirma, portanto, que tudo o que Deus prometeu foi cumprido. É nesse sentido que a “palavra profética é confirmada”.

ii) Pedro fala da obediência à palavra profética

2Pe 1.19b – “e fazeis bem em atendê-la”

A palavra profética não trata somente de coisas do futuro; trata também da vida moral dos cristãos em cada geração e como devem portar-se nesta existência.

As profecias serviam para dar norte ao procedimento dos filhos de Deus. Via de regra, os profetas do Antigo Testamento se preocupavam com a vida ética do povo de Deus, e não somente com o controle que Deus tinha sobre a história e sobre o mundo. Por essa razão, percebendo a importância das profecias, Paulo diz a todos nós: “Não desprezeis as profecias” (1Ts 5), recomendando que se dê a devida obediência a ela. A profecia, portanto, deve ser alvo de nossa fé e obediência.

iii) Pedro fala sobre a luz da palavra profética

2Pe 1.19c – “como a uma candeia que brilha em lugar tenebroso, até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração,”

Como Pedro era familiarizado com o Antigo Testamento, compara a palavra profética a uma lâmpada que brilha em um lugar de escuridão. Esse texto é o único que usa a palavra grega *αὐχμηρῶ* (*auxumero*), traduzida como *tenebroso*. Steven Cole diz que essa palavra grega

tem a conotação de ser não somente escuro, mas também imundo ou esqualido.

Para navegar nessa escuridão, neste mundo seguramente sujo, você precisa da lâmpada da Palavra de Deus.⁵

Se não usarmos a lâmpada, tropeçaremos e nos perderemos no meio da imundície. Por essa razão, o experiente salmista já dissera, séculos antes, que a Palavra de Deus é como “lâmpada para os nossos pés e luz para os nossos

caminhos” (Sl 119.105).

A geração em que vivemos é absolutamente escura (cheia de ignorância) e moralmente suja. Além do mais, espiritualmente, nossa geração vive em grandes trevas espirituais.

Vou dar um exemplo. Anos atrás, minha esposa e eu estávamos visitando a gruta de Maquiné, nas proximidades de Belo Horizonte, e, ao observarmos as belezas do local, epentinamente a luz artificial da caverna se apagou. O lugar ficou absolutamente escuro e nada podia ser visto. Se não fosse a lâmpada que os guias carregavam, não poderíamos sequer nos mover, sob o risco de nos chocarmos com as pedras da gruta.

Na ocasião, entendi melhor o que significa estar em trevas e também o fato de que uma pessoa só pode livrar-se das trevas com uma lanterna, as quais nos envolveram até que o guia nos conduziu para a saída da caverna e, então, a luz do dia encheu de gozo nossa alma.

A expressão “até que o dia clareie e a estrela da alva nasça em vosso coração” diz respeito ao completamento de nossa redenção, na volta do Senhor. Entretanto, não é possível esquecer que, quando fomos atraídos para Cristo, sua luz brilhou em nosso coração e passamos a ver coisas espirituais que nunca vimos, mas a luz ainda não era plena.

Assim, enquanto estivermos nesta existência, viveremos com a Palavra de Deus, que é a lanterna que nos guia o caminho neste mundo tenebroso. Ao depois, entretanto, quando o Senhor voltar, não mais teremos nenhuma sombra ou escuridão. A luz de Deus será perfeita e nós a enxergaremos perfeitamente. E será uma luz para nós e em nós!

Os que contrariam a ideia da regeneração não têm como explicar que a palavra tem efeito na vida de trevas em que se encontram. Como é possível que caminhem neste mundo tenebroso se não creem na palavra profética? Entretanto, nós cremos nessa palavra profética, palavra que nos orienta e guia em meio às trevas que nos cercam.

Somente quando sairmos da caverna de escuridão é que poderemos dizer que a “estrela da alva nasce em nossos corações”. Antes disso, você tem luz interna, mas vive em um mundo de escuridão espiritual e moral, até que Deus o tire do lugar escuro e você veja a luz por completo, na chegada da “Estrela da Manhã”, que é Jesus Cristo (Ap 22.16). Então, será o dia eterno glorioso e

cheio de luz!

iv) Pedro fala que a palavra profética não provém de particular elucidação

2Pe 1.20 – “sabendo, primeiramente, isto: que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação;”

O apóstolo Pedro está tratando, no verso 20, da interpretação da “palavra profética”. Em outras palavras, diz que você não é livre para interpretar a Bíblia de acordo com seus sentimentos.⁶ Você não tem liberdade para impor seu entendimento sobre aquele que a própria Escritura dá de si mesma. Não pode existir uma “elucidação particular”. A interpretação particular de um texto específico tem de estar em consonância com a interpretação da totalidade da Escritura.

Na Igreja cristã, existem algumas diferenças de abordagem sobre esta parte da Escritura:⁷

a) A Igreja de Roma entende que ninguém, individualmente, pode interpretar a Escritura

Segundo o pensamento da Igreja de Roma, a *eclesia audiens* (a Igreja que ouve) não pode tomar a iniciativa de interpretá-la. Esse privilégio pertence apenas à *eclesia docens* (a Igreja que ensina), ou seja, a Igreja composta de docentes é que pode interpretar um texto da Escritura. Assim, a interpretação válida é aquela oficial da Igreja. Portanto, nenhum membro da *eclesia audiens* pode interpretar individualmente um texto. Os membros da *eclesia audiens* dependem do ensino oficial da Igreja de Roma.

Talvez por essa razão muitos fiéis da Igreja de Roma não tenham sido estimulados a estudar a Escritura por si mesmos. Por muito tempo na história da Igreja, Roma não permitiu que houvesse traduções da Bíblia nas línguas dos povos, receando que os fiéis a interpretassem equivocadamente. Dessa forma, os católicos dependem dos docentes para interpretar corretamente as Escrituras.

Na verdade, o temor de Roma é que seus membros, individualmente, possam fazer uma interpretação equivocada do texto ou que alguém se insurja contra as doutrinas longamente estabelecidas pela Igreja. A consequência dessa posição da Igreja de Roma é que muitos católicos nunca estudam a Escritura por si mesmos, permanecendo sem o conhecimento e o entendimento da “palavra profética”. Em última instância, a correta

interpretação da Bíblia é prerrogativa da Igreja, não resultando da ação do Espírito Santo. Nesse caso, a Bíblia está sob a autoridade da Igreja, e não o contrário.

b) O entendimento das Igrejas protestantes da Reforma é bem diferente do da Igreja de Roma

No tempo da Reforma, os reformadores já entendiam que os crentes podiam examinar livremente as Escrituras. Assim, não mais precisavam ficar cativos à interpretação oficial da *eclesia docens*. Eles tinham o direito de abordar o texto e de entendê-lo de acordo com o ensino que a própria Escritura dava a seu respeito.

A Escritura não deve ser interpretada de modo subjetivo; o examinador deve entendê-la de acordo com o princípio do cotejamento da Escritura. Trata-se do princípio hermenêutico da *analogia scripturae* (ou *analogia fidei*), em que a Escritura interpreta a si mesma. A tarefa de todo intérprete da Escritura é entender o que o autor original do texto pretendia comunicar.

Mesmo assim, os reformadores deixam claro que não temos o direito de interpretar as Escrituras de acordo com nossos caprichos pessoais. A preocupação do crente é interpretá-la de modo objetivo, estudando o texto em seu contexto, mas sempre verificando como os intérpretes do passado o entendiam. Individualmente, o crente nunca deve ignorar a história da interpretação.

v) Pedro fala que a palavra profética tem seu nascedouro em Deus, e não no homem

1Pe 1.21a – “porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana;”

A palavra profética tem procedência eminentemente divina. Nenhum profeta pode expressar sua própria vontade nela, mas tão somente a vontade de Deus. O profeta é apenas porta-voz, nada mais! Além disso, uma pessoa não tem o direito de interpretar uma profecia de acordo com seus próprios sentimentos ou preferências.

A Escritura procede da mente de Deus e deve ser interpretada com a mente de Deus. Como fazê-lo? É simples. De preferência, cada verso em particular deve ser entendido à luz da totalidade do ensino da Escritura. Esse princípio da *tota scriptura* deve reger nossa hermenêutica. Quanto mais estudamos um

texto específico à luz da totalidade da Escritura, mais adquirimos a mente de Deus; e, quanto mais adquirimos a mente de Deus, mais interpretamos corretamente o que ele quer dizer em sua Palavra.

A Escritura sempre traz a mente normativa de Deus. É a essa mente que precisamos prestar atenção, a fim de interpretá-la corretamente.

vi) Pedro fala que a palavra profética aponta para um movimento do Espírito Santo

1Pe 1.21b – “entretanto, homens santos falaram da parte de Deus, *movidos pelo Espírito Santo*.”

Todos sabemos que a Escritura é a palavra de Deus, ao mesmo tempo que é palavra de homem. Não se trata de proporção sobre quem fala mais, mas de ação humana superintendida, guiada e orientada pela ação divina. A Escritura aponta para o fato de ter autores humanos, mas sua autoridade procede da mente suprema que está sobre a mente humana. A ação divina tem precedência sobre a ação humana de tal forma que o produto daquilo que foi escrito é, antes, vontade divina do que vontade humana.

A expressão “homens santos falaram da parte de Deus” deve ser entendida no sentido de que Deus se serve desses homens separados por ele para tornar conhecida sua palavra ao mundo. A profecia procede de homens vocacionados (como os profetas do Antigo Testamento) ou dotados (como os profetas das igrejas locais do Novo Testamento), homens que a Escritura chama de “santos que falaram da parte de Deus”. Isso aponta para a origem na palavra profética.

A expressão “movidos pelo Espírito Santo” aponta para a ação divina sobre os homens que escreveram as Escrituras. Quando, em teologia, mencionamos o termo “inspiração”, queremos dizer que se trata de “uma influência do Espírito Santo na mente de certos homens escolhidos, que se tornaram os órgãos de Deus para a comunicação infalível de sua mente e vontade. Eles foram em tal sentido os órgãos de Deus que o que eles disseram foi o que Deus disse”.⁸

Assim, a credibilidade estabelecida pela fidelidade de Deus leva, conseqüentemente, à credibilidade dos profetas e do resultado de seu trabalho profético que foi registrado, sendo conhecido como Escritura. Essa é mostrada como verdadeira pelo cumprimento das profecias. Portanto,

profecia é o instrumento que Deus usa para conferir autoridade e confiabilidade à sua Palavra entre os homens.

Muitos têm dificuldade de crer na inspiração [autoridade] da Escritura, mas, quando estudam as profecias, não podem mais duvidar de que é confiável, pois seu autor último nunca mente! As profecias cumpridas são a atestação da confiabilidade da Escritura Sagrada. As profecias cumpridas são uma autenticação incontestável da fidedignidade da Palavra de Deus.

PROPÓSITOS DA REVELAÇÃO VERBAL EM PROFECIA NO QUE DIZ RESPEITO AOS CRENTES⁹

Todos os que temem a Deus têm o dever de estudar as profecias, a fim de se darem conta de seus propósitos na vida deles, pois as profecias são benéficas não apenas para conhecermos quem Deus é, mas também para nos enriquecermos com muitos conhecimentos da história passada e daquilo que Deus ainda vai fazer neste mundo. Precisamos cavar na Escritura para arrancarmos tesouros, a fim de nos apropriar deles.

Quanto mais conhecemos o conteúdo das profecias, mais apreciamos o Deus verdadeiro e a maneira como destranca as chaves da história, até que todos os seus propósitos de decreto sejam cumpridos diante de nossos olhos.

Quanto mais estudamos as profecias, mais temos de estudar os enigmas usados por Deus, já que as profecias sempre apresentam caráter enigmático (Nm 12.6-8). As profecias estão cheias de símbolos, figuras, símiles e mensagens criptografadas que precisamos entender. O entendimento está vinculado à iluminação de Deus e a um estudo sério do texto sagrado.

Deus faz assim para que somente os seus possam vislumbrar a verdade que ele esconde daqueles que não lhe pertencem. Jesus confirmou essa dura verdade quando, ao chamar seus discípulos, disse-lhes:

Mc 4.10-12 – “Quando Jesus ficou só, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas. Ele lhes respondeu: *A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles.*”

Jesus, que é o maior dos profetas de Deus, porque foi enviado diretamente por ele, deixa-nos claro que Deus dá a conhecer os enigmas de seu reino somente aos que lhe pertencem.

A profecia mantém os cristãos em segurança

A finalidade da verdadeira profecia é colocar os cristãos em lugar seguro, para que não fiquem à mercê dos devoradores do rebanho! A Escritura, que, em grande parte, é composta de profecias, tem como alvo proteger seus filhos que vivem neste mundo mau. Assim como, fisicamente, este mundo sofre tempestades, furacões de toda natureza, na esfera espiritual também é sacudido por muitas tempestades. Por isso, Deus sempre adverte, em sua Palavra, contra alguns tipos causadores de tempestades.

O fato é que, desde o seu ministério entre os homens, Jesus advertiu sobre os tempos difíceis do aparecimento dos falsos obreiros, os quais sempre vão usar o nome de Cristo para *enganar*. Todos eles, de alguma forma, lidam com a proclamação da verdade de Deus.

i) Segurança em relação aos falsos cristos

Mt 24.5 – “Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos.”

A profecia da parte de Deus dá o norte aos crentes quando confrontados com os falsos cristos, preditos pelo próprio Cristo. Esses enganadores podem ter forte poder de convencimento, em virtude de serem tidos em alta conta por elementos já conquistados por eles. Afinal de contas, os falsos cristos terão o poder de fazer sinais e de ensinar doutrinas errôneas. Seu poder é visto no fato de “enganarem a muitos”.

Lc 21.8 – “Vede que não sejais enganados; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu! E também: Chegou a hora! Não os sigais.”

Jesus adverte todos os cristãos contra os falsos cristos, dizendo que não queria vê-los enganados como os que já caíram da fé. É possível que alguns crentes legítimos, inadvertidamente, sem serem grandes estudiosos da Escritura, sejam enganados ao menos temporariamente. No entanto, a advertência de Jesus é para que não sejam enganados.

A verdadeira profecia visa proteger os cristãos em sua luta contra os falsos cristos que já apareceram, mas crescerão em número nos dias que precederem a vinda de Cristo!

ii) Segurança em relação aos falsos mestres

2Tm 4.3-4 – “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, *cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças*, como que

sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.”

Os falsos mestres são trazidos, com bastante frequência, à baila pelos escritores do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Paulo é especialista em trabalhar com essa categoria de enganadores, pois o ensino é basilar para o crescimento da Igreja de Deus. Quando membros das igrejas cristãs se envolvem com o falso ensino, acabam “recusando-se a dar ouvidos à verdade, entregando-se a fábulas”.

Vivemos um tempo que enfatiza pouco a autoridade e a normatividade das Escrituras. Portanto, é pertinente a advertência de Paulo para nossos dias, em que campeia a obra de muitos falsos mestres.

A finalidade da palavra profética é proteger, com segurança, a Igreja de Deus dos devoradores do rebanho, que são os falsos mestres. A Igreja contemporânea precisa dar ouvidos à verdade, e não às fábulas pregadas pelos falsos mestres. A força da Igreja depende da eficácia da pregação profética que adverte sobre o falso ensino.

iii) Segurança em relação aos falsos pastores

At 20.29–30 – “Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles.”

Juntamente com os falsos cristos e os falsos mestres, aparecem os falsos profetas para enganar os crentes incautos. Não se esqueça de que os pastores são aqueles que ganham a confiança dos homens por meio do cuidado pastoral. Os falsos pastores não cuidam do rebanho como a Regra de Fé manda; eles ganham o coração de suas ovelhas ao torná-las cativas do erro. Em última instância, os falsos pastores não pouparão o rebanho. Certamente, eles o levarão para a morte através de coisas pervertidas que falam em sua obra “pastoral”.

A palavra profética tem por finalidade proteger a Igreja desses homens, que são chamados “lobos vorazes”, pois tentam destruir a harmonia no meio do povo de Deus.

iv) Segurança em relação aos falsos profetas

Mt 24.24–25 – “porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que

vo-lo tenho predito.”

1Jo 4.1 – “Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, *porque muitos falsos profetas* têm saído pelo mundo fora.”

Deus lhe dá os verdadeiros profetas para que você seja advertido sobre o perigo dos falsos profetas e ande em segurança. Eles causam grande estrago na Igreja de Cristo quando ela não está preparada para enfrentar a operação dos “grandes sinais e prodígios”, que são a tônica de sua força. Eles trabalham pela força do engano que deles procede. Eles têm como inspiradores do engano os demônios, que são chamados de “espíritos enganadores” (1Tm 4.1).

Esses quatro tipos de “ministérios” da malignidade são de imitação, constituindo-se como protagonistas das grandes tempestades de desvios morais e espirituais. E Deus não quer que seus filhos sejam ludibriados por esses divisionistas irresponsáveis!

Quando você ler na Escritura a respeito desses enganadores, saiba que Deus é verdadeiro no que diz! Obedeça a ele! Fuja dos falsos cristos, dos falsos mestres, dos falsos pastores, dos falsos profetas!

A profecia fortalece a fé do cristão no que diz respeito ao governo de Deus no mundo

Jo 13.19 – “Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que EU SOU.”

As profecias têm o propósito de fortalecer a fé dos cristãos. Não conhecemos todos os detalhes da história, mas os detalhes que o Senhor anunciou de antemão são suficientes para fortalecer nossa crença naquele que existe desde sempre! O cumprimento das profecias serve para aumentar nossa confiança no Deus que fala a verdade!

Ilustra-se essa verdade no livro do profeta Daniel.

Por intermédio do profeta Daniel (cap. 2), Deus anunciou vários pontos importantes da história que haveriam de acontecer depois desse profeta. O próprio texto de Daniel menciona e explica os detalhes da grande estátua feita dos mais variados metais.

Dn 2.31–33 – “Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava de pé diante de ti; e sua aparência era terrível. A cabeça era de fino ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre e os

quadris, de bronze; as pernas, de ferro, os pés, em parte, de ferro, em parte, de barro.”

Esses metais dizem respeito aos grandes reinos que apareceriam poderosamente na história, mas que haveriam de fenecer: o babilônico, o medo-persa, o grego e o romano.

i) O que aconteceu à Babilônia?

A Babilônia era a capital do mundo. Tudo o que se podia imaginar de riqueza, opulência e poder estava no reino babilônico (Dn 2.37). Esse reino era o símbolo da força e de uma consequente soberba. Então, Nabucodonosor, ciente do poder de seu reino, resolveu invadir as nações de sua geração. Escravizou todo o Oriente Médio, incluindo os hebreus. Homem tirano! Ainda que Deus tivesse chamado o rei de “meu servo”, servindo-se dele para cumprir seus santos propósitos na história, o rei trabalhou pecaminosamente e Deus puniu de modo severo a Babilônia, fazendo com que desaparecesse do mapa e nunca mais viesse a ser reerguida!

Jr 25.12–14 – “Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniquidade do rei da Babilônia e a desta nação, diz o SENHOR, como também a da terra dos caldeus; *farei deles ruínas perpétuas*. Farei com que se cumpram sobre aquela terra todas as minhas ameaças que proferi contra ela, tudo quanto está escrito neste livro, que profetizou Jeremias contra todas as nações. Porque também eles serão escravos de muitas nações e de grandes reis; assim, lhes retribuirei segundo os seus feitos e segundo as obras das suas mãos.”

Jr 51.24 – “Pagarei, ante os vossos próprios olhos, à Babilônia e a todos os moradores da Caldeia toda a maldade que fizeram em Sião, diz o SENHOR.”¹⁰

Quando nos lembramos das profecias de Daniel 2.31–33, nossa fé no Deus providente é aquecida!

ii) O que aconteceu à Pérsia?

Deus se serviu do Império Persa, com o rei Ciro, para destruir a Babilônia, cumprindo o que dissera pelo profeta Jeremias.

A riqueza, o poder e a glória humana mudaram de endereço: da Babilônia para a Pérsia, ainda que este último império não tivesse sido tão rico quanto o primeiro. Mas, como os reis e as nações são da mesma laia moral e espiritual, o que aconteceu a um império aconteceu ao outro. A única diferença é que a Pérsia não desapareceu do mapa.

Quando nos lembramos da profecia de Daniel 2.31–33 sobre os impérios deste mundo, nossa fé no Deus providente é fortalecida!

iii) O que aconteceu à Grécia?

O império grego, especialmente no tempo de Alexandre, o Grande, dominou o mundo de sua época tanto militar como economicamente. Era o império do bronze ou do cobre, metais de que os generais se serviam para armar seus exércitos.

Com a morte prematura de Alexandre, a Grécia foi perdendo seu poderio militar, embora ainda influenciasse intelectualmente o mundo, por meio de sua filosofia. No entanto, depois da divisão do império, eles ficaram sob o domínio de outro império nascente, o de Roma.

Quando nos lembramos da profecia de Daniel 2.31–33, nossa fé no Deus providente é encorajada!

iv) O que aconteceu a Roma?

A história humana é composta por uma sucessão de mandos: império da Babilônia, império medo-persa, império grego e império romano.

Roma sediava o império do “ferro”. Esse império conquistou a Gália (moderna França, Bretanha e outras partes da Europa), Síria, Mesopotâmia, Egito e Israel. Nunca Roma foi conquistada por outro império. O império dividiu-se em dois: ocidental (Roma) e oriental (Constantinopla). Simplesmente por causa de sua imoralidade, Roma caiu de podre. Deus destruiu todos os impérios cheios de soberba, mostrando seu poder sobre todas as coisas.

Quando nos lembramos da profecia de Daniel 2.31–33, nossa fé no Deus providente é aumentada!

Não há império que permaneça para sempre. Todos eles existem para o cumprimento de propósitos divinos neste mundo. Cada vez que estudamos a história desses reinos e o que Deus fez com eles, crescemos em nossa confiança de que ele cumpre tudo o que fala. Nem tudo o que Deus disse desses reinos já terminou. Os impérios antigos, como forças militares, já acabaram, mas espiritualmente alguns ainda permanecem, como é o caso de “Babilônia” ou de “Roma”, que são mencionados no livro de Apocalipse. Quando estudo essas coisas, sinto-me ainda mais fortalecido em minha fé naquele que tem toda a história humana em suas mãos! Ele vai cumprir tudo

o que prometeu, porque é um Deus fiel!

O que acontecerá daqui para frente? Vivemos no século mais privilegiado de todas as épocas em relação aos mais variados campos da existência humana, inclusive na manifestação do pecado e da graça divina sobre os seus. Aguarda-nos, ainda, o cumprimento de algumas profecias no que diz respeito ao fim.

Antes da volta do Redentor, os reinos humanos vão se unir para lutar contra o povo de Deus, que será composto de judeus e gentios. Deus ainda vai trabalhar com os judeus, sem deixar de lado os gentios. No futuro, teremos uma Igreja forte pelas maravilhas que Deus vai fazer em seu povo remido. Portanto, o cumprimento do que Deus diz profeticamente fortalece sobremaneira a fé dos cristãos. Não vemos a hora do cumprimento dessas profecias para, mais uma vez, testemunhar a veracidade da palavra profética!

A profecia ilumina o crente

Quanto mais os cristãos estudam as Escrituras, mais luz recebem para compreender o plano de Deus. As profecias trazem luz a quem se aprofunda no seu estudo. Dessa forma, pouco a pouco, os cristãos vão compreendendo o clímax dos propósitos de Deus no estabelecimento e na consumação de seu reino.

As profecias revelam o plano de Deus aos crentes no que diz respeito ao desenvolvimento da história, ao completamento da redenção deles próprios na vinda de Cristo, à redenção da criação e à consumação das coisas deste presente habitat e do habitat futuro. Todas as informações básicas sobre essas verdades estão contidas na Escritura.

O movimento filosófico denominado Iluminismo somente cegou os homens no que diz respeito aos movimentos de Deus na história, porque negou o envolvimento de Deus neste mundo. Esse movimento secularizou as coisas, tornando Deus ausente de sua própria criação. Todavia, a iluminação que as Escrituras proféticas trazem preparam os cristãos para a vida neste presente habitat e no habitat futuro.

A profecia encoraja os cristãos que estão sem esperança

Toda boa palavra profética contém um elemento de encorajamento para aqueles que estão abatidos, pois mostra quem é o verdadeiro Deus e, em algum grau, desvenda seus planos para este mundo e para o mundo vindouro.

Falando a respeito de um tempo de perseguição e sofrimento imediatamente anterior à sua vinda, Jesus disse:

Lc 21.28 – “Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima.”

Jesus está dizendo que o cumprimento das profecias a respeito do fim tem um propósito altamente encorajador. Não é fácil viver debaixo de perseguição. No entanto, em vez de se concentrar nos sofrimentos, a mensagem profética de Jesus leva o leitor cristão a olhar para o que vem depois do sofrimento.

Os sofrimentos dos dias finais são apenas um prelúdio do gozo da redenção que se segue. Nada há mais confortador neste mundo de dores do que a doce esperança de os sofrimentos desaparecerem com a vinda do Redentor! Sua vinda colocará um ponto-final nas grandes tribulações que deverão aparecer nos tempos finais da presente história. Então, os cristãos serão acolhidos nos braços paternos de Deus, amparados pelo socorro de seu irmão mais velho, Jesus Cristo, e consolados pelo Espírito que procede do Pai e do Filho!

As profecias (especialmente aquelas que tratam das coisas do fim) são extremamente consoladoras para aqueles que creem em Jesus Cristo, o Senhor! Enquanto a cura de todo sofrimento não chega, os cristãos sempre se deleitam na esperança que as profecias trazem. E a esperança é sempre bem-vinda em tempos de sofrimento!

A profecia testa o valor de nossa fé

Com frequência, Deus põe nossa fé debaixo de teste. Ele sempre agiu assim na história de seu povo. Algumas vezes, a palavra profética coloca o povo de Deus em circunstâncias muito difíceis em relação a seu cumprimento. O povo de Deus gemia debaixo dos vaticínios proféticos e dos acontecimentos gerados por sua santa providência.

É oportuno refletir sobre o que aconteceu a Noé. Deus lhe disse que ele deveria construir uma arca por causa de um futuro dilúvio. Imagine a zombaria que ele enfrentou de seus conterrâneos. No entanto, ele passou por um período de cento e vinte anos sofrendo escárnio, mas esperou confiantemente pelo cumprimento da Palavra do Senhor trabalhando na construção da arca, fortalecido em sua fé.

Vamos refletir também sobre o que aconteceu a Abraão e Sara quando Deus lhes prometeu um filho e herdeiro. Longos anos eles tiveram de esperar pelo cumprimento da Palavra. Nesse longo período de espera, sabendo das impossibilidades físicas de seus corpos gerarem um filho, eles cresceram em sua fé. Por essa razão, a Escritura cita Abraão como “o pai da fé”. A aflição da espera acentua o valor da fé.

Jó, igualmente, foi testado no cadinho da aflição. Sua fé foi fortalecida a ponto de exclamar que ele haveria de ver seu Redentor redivivo e que ele próprio experimentaria um novo corpo, tendo a sua pele restaurada!

Vamos refletir ainda sobre o que aconteceu a Davi quando o profeta Natã profetizou o futuro de sua família em virtude de seus pecados de imoralidade e assassinato. Enquanto o rolo compressor foi passando sobre Davi, ele se recordava das palavras do profeta e sua fé no Senhor era testada!

Jeremias também sofreu quando Deus lhe disse que ele iria passar por grandes provações debaixo do cativoiro, mas também no meio de seu povo ingrato e mau. Jeremias padeceu, chorou, mas cresceu em seu conhecimento de Deus.

Hc 2.3 – “Porque a visão ainda está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará; se tardar, espera-o, porque, certamente, virá, não tardará.”

Os crentes do passado sempre foram confrontados com profecias da parte de Deus. Algumas demoraram em seu cumprimento, mas os objetos dessa profecia sempre esperaram confiantemente pelo Senhor, fortalecendo sua fé na longa espera. Muitos morreram sem ver o cumprimento das promessas, mas não desanimaram na fé. Ao contrário, a fé era fortalecida enquanto esperavam pela ação divina!

Não é sem razão que a palavra profética trouxe solidificação espiritual para o povo de Deus no passado. E não é diferente hoje, quando ouvimos a exposição da verdade de Deus. Da mesma maneira, Deus nos faz passar por tempos difíceis para aprendermos a desenvolver nossa confiança nele!

As provas nos fortalecem na fé. Não há como contestar essa verdade.

A profecia serve para desenvolver o caráter cristão

Consequentemente, quando a fé é fortalecida em tempos de espera e sofrimento, o caráter dos que esperam no Senhor é sempre desenvolvido. A

fé deve ser sempre acompanhada do comportamento, assim como a boa teologia deve fazer-se acompanhar da boa ética, e a boa teoria, da boa prática.

Quando a palavra profética vinha aos homens do Antigo Testamento, sempre tinha em vista o desenvolvimento do caráter dos filhos de Deus. Nos tempos do Novo Testamento, a mensagem profética era: “Conheçamos e prossigamos em conhecer ao SENHOR” (Os 6.3a). Assim, quanto mais progredirmos no conhecimento do Senhor, mais cresceremos à semelhança dele.

Essa mensagem do profeta Oseias é repetida por Pedro com outras palavras: “Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3.18). Quem cresce no conhecimento do Filho de Deus encarnado desenvolve belamente seu caráter.

O mesmo deve acontecer nos tempos de hoje. A pregação da Palavra de Deus deve aperfeiçoar nosso caráter. Pedro adverte seus leitores sobre a necessidade de ter o caráter aperfeiçoado. Veja o que ele diz: “Por essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis” (2Pe 3.14). Aliás, essa é uma área na qual a Igreja cristã contemporânea tem muito a se desenvolver.

O caráter dos cristãos de nossa geração não tem sido aperfeiçoado devidamente porque falta uma boa profecia, uma pregação bem solidificada na Palavra de Deus. Os púlpitos são muito vazios de bom conteúdo. Os ministros da Palavra não são fiéis à mensagem da totalidade das Escrituras. A tristeza é que não conseguimos encontrar, mesmo numa grande cidade, púlpitos recheados de boa palavra! Por isso, o caráter dos membros da Igreja cristã não tem sido desenvolvido.

PROPÓSITOS DA REVELAÇÃO VERBAL EM PROFECIA NO QUE DIZ RESPEITO AOS INCRÉDULOS¹¹

A palavra profética do Antigo Testamento foi dirigida às nações ímpias que eram vizinhas de Israel. Praticamente não existem palavras dirigidas a indivíduos particulares, exceto dentro do círculo de Israel.

Todavia, quando nos movemos para a palavra profética do Novo Testamento, que diz respeito à pregação da Palavra já revelada e registrada, vemos uma grande preocupação com os incrédulos que estão no culto cristão.

Vejamos o que a Escritura do Novo Testamento fala a respeito dos propósitos da pregação profética.

Os profetas das igrejas locais não exerciam apenas a função de edificar, exortar e consolar os crentes. A Igreja era primordialmente para os crentes (1Co 14.22b). Todavia, o mesmo Paulo nos ensina que os profetas das igrejas locais do Novo Testamento também se dirigiam aos incrédulos, porque, no meio das reuniões públicas na igreja, sempre apareciam aqueles que não eram crentes, a quem Paulo chama de “incrédulos” e “indoutos” (1Co 14.23). Portanto, os profetas das igrejas locais também desempenhavam funções importantes no que diz respeito aos incrédulos. Paulo deixa esse assunto muito claro.

1Co 14.24–25 - “Porém, se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo, ou indouto, é ele por todos convencido, e por todos julgado; tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração, e, assim, prostrando-se com a face em terra, adorará a Deus, testemunhando que Deus está de fato no meio de vós.”

Assim, temos que:

A profecia tem a função de convencer e julgar

“Porém se todos profetizarem, e entrar algum incrédulo... é ele por todos convencido e por todos julgado...” (1 Co 14.24).

Paulo, aqui, tem em vista um culto público, no qual, hipoteticamente, todos profetizam. A função da profecia é julgar e convencer. Paulo toma emprestados esses dois verbos, *convencer* e *julgar*, do sistema judicial.¹²

Os indoutos ou incrédulos que vêm ao lugar de adoração são convencidos e julgados pela Palavra de Deus, não por simples palavras humanas. É o Espírito Santo quem aplica as Santas Escrituras ao coração daqueles que as ouvem.

A função do profeta é expor a verdade de Deus de tal forma que a realidade espiritual se torne visível ao incrédulo. Por meio da mensagem do profeta, aplicada pelo Espírito Santo, o incrédulo abandona sua incredulidade, tornando-se um crente convencido de seus pecados.

Jesus diz que a capacidade de julgar e convencer os homens é atribuição da palavra profética, através do Espírito Santo, que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8).

Paulo também diz que os homens espirituais, ou seja, aqueles que são

maduros (em contraste com os carnavais ou crianças na palavra), têm a capacidade de julgar os homens à luz das Escrituras (1 Co 2.15). Assim, todos os que têm o dom profético, e que conhecem as grandes verdades da Escritura, sabem aplicá-las à vida dos que entram no lugar de culto, com o propósito de levá-los ao arrependimento de seus pecados.

É necessário lembrar que uma das funções proféticas é trazer uma mensagem ética, levando os homens ao verdadeiro caminho de Deus, instando-os a abandonarem o mau caminho.

A profecia torna manifestos os segredos dos homens

“tornam-se-lhe manifestos os segredos do coração” (1 Co 14.25a)

Quando a palavra profética é proclamada, Deus descobre os segredos dos homens. Ele põe a lume seus pecados, e os segredos de seu coração se tornam evidentes.

Existem dois textos em que Deus fala a respeito de os segredos dos homens serem manifestos.

O primeiro deles tem a ver com a vinda do Senhor Jesus, quando todas as coisas ocultas virão à tona, e os segredos dos homens serão conhecidos de todos.

1 Co 4.5 - “Portanto, nada julgueis antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual *não somente trará à plena luz as cousas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações*; então cada um receberá o seu louvor da parte de Deus.”

O segundo, contudo, tem a ver com a pregação cotidiana da Palavra. Mas, antes que o dia do Senhor venha, sua Palavra continua a ser pregada. Não temos de esperar até que o Senhor volte para ver os desígnios dos homens revelados. É função da palavra profética trazer à luz os desígnios maus dos homens.

Ef 5.11–13 – “E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as. Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha. Mas todas as cousas, quando *reprovadas pela luz, se tornam manifestas; porque tudo o que se manifesta é luz.*”

A luz referida no texto é a verdade de Deus. Quando a Palavra da verdade é exposta de maneira fiel, traz a lume os segredos escondidos dos próprios incrédulos e as coisas escondidas das outras pessoas. Deus sempre trabalha,

por meio da pregação da palavra, para trazer à tona seus pecados. Essa é a razão para, com frequência, os incrédulos dizerem aos profetas de Deus, depois da pregação: “Quem falou para você da minha vida? Como você veio a saber das coisas que faço e do que sou?”.

A Escritura é o instrumento usado por Deus para discernir o coração dos homens, pois a Palavra de Deus pode penetrar onde nada mais pode fazê-lo. Em Hebreus, tem-se que

a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até o ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, *e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração* (Hb 4.12).

A Escritura, quando usada pelo profeta de maneira própria, é a única ferramenta apta a descobrir os segredos mais interiores dos homens. Ela funciona de modo eficaz na vida das pessoas. Não há outro recurso que um profeta possa usar para falar ao interior das pessoas. A Escritura é singular nessa tarefa de penetrar os corações dos homens.

Por essa razão, é-nos possível entender que Paulo fala aos coríntios que o incrédulo, quando ouve a palavra de Deus, tem os segredos de seu coração revelados. Essa frase de Paulo em 1Coríntios 14.25a não diz nada a respeito dos profetas modernos que ficam adivinhando as doenças e os problemas das pessoas que estão presentes na hora do culto. A atitude de alguns profetas modernos pode ser de adivinhação, de manipulação mental e até mesmo de hipnose de um público afoito e carente de manifestações espetaculares para crer, mas está em desarmonia com o ensino de Paulo.

A Pastoral da IPB, a respeito desse assunto, tomou a seguinte posição:

Ainda que no NT se achem registrados alguns casos de orientação divina através de profecia, os mesmos não devem ser tomados como normativos para a Igreja de hoje, visto estarem ligados à História da Redenção, como no caso mencionado em At 21.11, ou por se tratarem de ocorrências isoladas das quais pouco podemos saber pelos textos (ver 1 Tm 1.18 e 4.14). Assim, revelações ou predições de eventos relacionados com a vida dos indivíduos não devem ser encorajadas, esperadas como ocorrência normal e costumeira durante as reuniões do povo de Deus, nem recebidas sem avaliação e exame.

A profecia leva o incrédulo a se humilhar diante de Deus

“e assim, prostrando-se com a face em terra...” (1 Co 14.25b).

Aqui está a consequência imediata ao convencimento dos pecados e à

exposição dos segredos interiores. Nesse ponto, pinta-se o quadro daquele que está sendo completamente iluminado pelo Espírito. Agora, ele se submete ao Senhor dos céus, reconhecendo suas misérias, pondo-se de joelhos, confesso, perante o Senhor.

A atitude de “prostar-se em terra” é de alguém que é reconhecida e confessadamente pecador. É o reconhecimento do pequeno diante do grande, da criatura diante do Criador, do imundo perante o santo. Quando o pecador se humilha perante o Senhor, ajoelhando-se diante dele, está rejeitando os outros deuses a quem outrora adorava. A partir de agora, somente o Senhor Deus recebe sua reverência e humilde adoração.

Esse gesto já é o primeiro passo para adorar a Deus incondicionalmente.

A profecia leva o “incrédulo” a adorar a Deus

“... e adorará a Deus” (1 Co 14.25c).

A prostração diante do Senhor é apenas o começo da adoração. O que Paulo tem em mente é que, quando o incrédulo é convencido de seus pecados, não somente se humilha perante o Senhor, como também, certamente, participará do culto a Deus em tudo que for feito no lugar de adoração. Aquele que veio para zombar dos adoradores sai transformado em adorador quando a palavra profética é ministrada e aplicada pela Graça.

Então, por meio da palavra profética, o outrora incrédulo passa a cantar louvores a Deus e a participar ativamente de todo o processo cútico da Igreja cristã.

A profecia produz o testemunho da presença de Deus

“testemunhando que Deus está de fato no meio de vós”(1 Co 14.25d).

Esse é o resultado final daquilo que Deus faz através da palavra profética. Então, como novo cristão que é, o recém-convertido passa a dar o maior testemunho que um outrora incrédulo pode dar.

Antes, o incrédulo jamais diria algo assim. Um pecador impenitente jamais reconheceria tão grande verdade. Somente após o convencimento de pecado, após a fé na Palavra pregada, e somente após a mudança de coração pelo Espírito, é que ele passa a dar testemunho de que está realmente no meio de seu povo. Quando a palavra profética é fielmente pregada, e o Espírito de Deus age, a presença do Senhor é palpável e sensível. Até o recém-convertido pode perceber, inquestionavelmente, essa doce presença.

Esse verso mostra a importância moderna da palavra profética. Esse é o instrumento que Deus ainda usa para levar os homens ao arrependimento de seus pecados. É essa palavra que convence os homens dos maus caminhos, trazendo-os de volta a Cristo. Quando as Escrituras são pregadas fielmente, aqueles que Deus traz para si certamente haverão de testemunhar que Deus, “de fato, está no meio de vós”.

PROPÓSITOS DA REVELAÇÃO VERBAL EM PROFECIA NO QUE DIZ RESPEITO AO MUNDO

Não podemos esquecer que a história do mundo é, também, parte dos propósitos da profecia. A história do mundo é, certamente, o alvo e o palco de todas as ações divinas. As profecias nos dizem aonde Deus vai chegar em seus vaticínios e exortações ao seu povo e às nações. Nada do que Deus manda profetizar é alienado deste mundo, porque suas profecias têm a ver, acima de tudo, com os seres humanos, que vivem neste mundo.

O propósito da profecia é tornar conhecidos os movimentos de Deus na história

A profecia bíblica nos aponta claramente para a doutrina do conhecimento de Deus, que tem fundamento em suas decisões. Deus sabe todas as coisas porque as determina.

Não é difícil, numa corrida de olhos pela Escritura e os eventos, perceber que o cumprimento das profecias é uma amostra clara de que Deus está no controle da história. Seus movimentos são claros e perceptíveis aos olhos daqueles que amam a Escritura Sagrada. Deus não é um Deus estático, sem se movimentar na história. Ele antecede a história porque é eterno, mas se envolve diretamente com ela e determina tudo o que vai acontecer. Os movimentos de Deus são visíveis à percepção espiritual que os cristãos genuínos possuem.

Is 48.4–8 – “Porque eu sabia que eras obstinado, e a tua cerviz é um tendão de ferro, e tens a testa de bronze. Por isso, *to anunciei desde aquele tempo e to dei a conhecer antes que acontecesse*, para que não dissesses: O meu ídolo fez estas coisas; ou: A minha imagem de escultura e a fundição as ordenaram. Já o tens ouvido; olha para tudo isto; porventura, não o admites? *Desde agora te faço ouvir coisas novas e ocultas, que não conhecias.*

Apareceram agora e não há muito, e antes deste dia delas não ouviste, para que não digas: Eis que já o sabia. Tu nem as ouviste, nem as conheceste, tampouco antecipadamente se te abriram os ouvidos, porque eu sabia que procederias mui perfidamente e eras chamado de transgressor desde o ventre materno.”

Nenhum dos falsos deuses é capaz de fazer o que Deus fez no passado a respeito da história humana. O anúncio antecipado da história é próprio somente da única divindade. Jehovah apresentou, de modo acurado, várias facetas da história humana muitos séculos antes de os eventos se passarem. Só um Deus onipotente e onipresente pode ser onisciente! E não há nenhum Deus como o nosso!

É curioso que muitos que ouvem sobre o cumprimento das profecias ainda permaneçam em sua perfídia. Para nós, crentes, o cumprimento das profecias é algo maravilhoso! Todavia, não o é para os incrédulos! Isso significa que, assim como o desempenho dos milagres não é garantia de fé, também a realização da profecia não o é.

A fé é produto unicamente de uma ação divina dentro do coração humano. A realização de milagres e o cumprimento de profecias no decorrer da história não trazem fé genuína aos homens. A fé é um dom precioso de Deus para quem ele chama das trevas para sua maravilhosa luz!

Is 42.9 – “Eis que as primeiras predições já se cumpriram, e novas coisas eu vos anuncio; e, antes que sucedam, eu vo-las farei ouvir.”

De modo geral, as profecias nos dão uma visão do que Deus vai fazer na história humana. Muitas coisas que ainda vão acontecer já foram, de antemão, anunciadas, até mesmo em detalhes. Os movimentos de Deus na história humana são perfeitamente detectáveis quando percebemos que as profecias anunciadas estão se cumprindo. É verdade que Deus não revelou todos os movimentos da história, mas aqueles que ele disse antecipadamente são ilustrativos de seu absoluto governo sobre a história humana!

Os propósitos da profecia consistem em mostrar o controle definitivo de Deus sobre todas as coisas

Deus não somente evidencia que conhece todas as coisas que vão acontecer, porque as profecias indicam isso, mas também que tem o poder de fazer acontecer tudo o que ele diz.

O profeta Isaías deixa claro que o propósito divino da profecia é mostrar ao mundo que o próprio mundo é objeto dela.

Is 46.9–10 – “Lembraí-vos das coisas passadas da antiguidade: que eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade;”

Há pelo menos três importantes verdades nesses dois versos:

i) As profecias só podem ser cumpridas porque seu autor último é o único Deus

Não existe nenhum outro ser neste mundo que possa fazer profecias. Nem mesmo as máquinas tecnologicamente mais avançadas – que são os computadores de ponta – podem saber corretamente o que vai acontecer no futuro.

Os mais poderosos computadores só podem fazer prognósticos, mas não há nenhuma certeza do que realmente ocorrerá por uma razão simples: eles são alimentados com dados por homens falíveis e de mente pequena e inapta para saber as coisas antes de acontecerem. Eles podem fazer algumas tentativas de adivinhar, mas certamente vão errar muitas vezes. Eventualmente, não conseguem nem mesmo acertar sobre a temperatura três ou quatro dias antes, porque as nuvens e a pressão barométrica não estão sob o controle deles.

Assim, somente o Deus único tem o controle de tudo e, por essa razão, sabe tudo! Com base nessas poderosas habilidades, ele não somente prediz (porque é onisciente), como também realiza o que se propõe a fazer (porque é onipotente), porque não está ausente de nada neste mundo (porque é onipresente). É possível afirmar que ele sabe porque determina; que ele determina porque é onipresente; e que realiza porque é onipotente! Não há nenhuma mente brilhante como Deus, no universo criado, que consiga prever os eventos futuros da história e realizá-los!

Na verdade, as profecias são a declaração audível dos antigos decretos de Deus. O profeta tem o dever de anunciar o que viu e ouviu a respeito de como Deus executa todo o seu plano. Por meio do profeta, Deus dá a conhecer tudo o que tem reservado para este mundo. Nada do que foi decidido deixa de

acontecer, pois ele não falha em nenhuma de suas decisões!

ii) As profecias se fazem valer porque a vontade do autor último é soberana

A vontade de Deus é soberana e sempre se cumpre. A vontade de Deus é feita tanto no céu como na terra, porque os propósitos divinos são infalíveis. Na verdade, a vontade dos reis, que sempre é imposta sobre os vassalos, em última instância resulta dos planos estabelecidos por Deus para uma nação.

As profecias da Escritura são um indício claro de que o que Deus vaticina certamente acontece. O mais espantoso é que, sem saber, os governantes da terra são os meios pelos quais os planos de Deus são cumpridos em uma nação. Como Deus faz isso?

Daniel nunca teve dúvidas de que a vontade de Deus sempre é feita, mesmo quando outras pessoas pensavam que Deus estava escondido e silencioso acerca do que se passava em Israel. Ele exaltou a poderosa vontade de Deus feita nos reinos da Babilônia e no Medo-Persa. Daniel cria que Deus não somente “remove reis e estabelece reis” (Dn 2.21), não somente revela as coisas que estão escondidas (Dn 2.22), mas que também tem domínio sobre a interioridade de todos os homens, especialmente daqueles que estão investidos de autoridade. Deus tem controle sobre o coração dos reis, inclinando-os para onde ele quer (Pv 21.1). Não é sem razão que a Escritura diz que Deus “é Rei dos reis e Senhor dos senhores”. Ele está acima de todos os monarcas deste mundo e de todos os que estão em autoridade.

PROPÓSITOS DA REVELAÇÃO VERBAL EM PROFECIA PARA SUA VIDA PESSOAL

Deus enviou as profecias não apenas para as nações ou raças, mas também para a vida dos indivíduos que ele chama para fazer parte dos que andam na luz. A finalidade da revelação verbal por meio de profecias é trazer consolo aos crentes!

Deus quer mostrar-lhe que sua justiça prevalece no mundo

Na 1.3–6 – “O SENHOR é tardio em irar-se, mas grande em poder e jamais inocenta o culpado; o SENHOR tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó de seus pés. Ele repreende o mar, e o faz secar, e minguam todos os rios; desfalecem Basã e o Carmelo, e a flor do Líbano se murcha. Os montes tremem perante ele, e os outeiros se derretem; e a terra se levanta diante dele, sim, o

mundo e todos os que nele habitam. Quem pode suportar a sua indignação? E quem subsistirá diante do furor da sua ira? A sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por ele demolidas.”

Essa passagem tem como pano de fundo a ira de Deus contra as nações inimigas, especificamente a região de Nínive (Na 1.1). Deus se apresenta como zeloso e vingador, cheio de ira, tomando vingança contra seus adversários (Na 1.2). A manifestação da justiça divina a esse lugar é típica da manifestação da ira parcial de Deus que cairá sobre toda a terra, antes que venha o grande e terrível Dia do Senhor!

Com as palavras dos versos 3 a 6, Deus quer confortar quem tem vivido no meio de grandes injustiças por longos anos. Esses versos nos ensinam algumas coisas importantes a respeito de Deus:

i) Deus nos ensina que é tardio em se irar

Na 1.3a – “O SENHOR é tardio em irar-se”

Quando o profeta diz que Deus “é tardio em irar-se”, está contrastando o Deus verdadeiro com um dos deuses pagãos. Essa virtude divina não era conhecida de seus pagãos adorados nas nações vizinhas de Israel – os cananeus. O deus Baal era conhecido como “o deus das tempestades”, o deus que facilmente se destemperava (no entendimento de seus adoradores!) e vingava seus adoradores. Diferentemente dele, o Deus de Israel era conhecido como aquele que possuía uma paciência prolongada e demorava em se irar!

Com frequência, quando sofremos injustiça por muito tempo, não apreciamos o atributo de Deus chamado paciência. Quando Deus se torna paciente por um longo tempo, a Bíblia chama essa sua virtude de “longanimidade”, especialmente quando ele trata com os ímpios. Preferiríamos que Deus despejasse logo a sua ira sobre o mundo. No entanto, a Escritura afirma, com todas as letras, “que o Senhor é tardio em irar-se”. Além disso, o verso sugere que deveríamos calar a impaciência.

ii) Deus nos ensina que sua longanimidade resulta de seu poder

Na 1.3b – “mas grande em poder”

Em geral, os ímpios veem a paciência como fraqueza ou como impotência para a vingança. No entanto, para Deus, a paciência prolongada é sinônimo de poder, e não de fraqueza.

É muito difícil ter paciência, especialmente com aqueles que nos

provocam. É preciso ter muito autocontrole para não revidar quando as pessoas provocam. Como não somos muito fortes, frequentemente perdemos a paciência com os provocadores.

Todavia, Deus é diferente de nós. Ele é extremamente poderoso e, por isso, é capaz de ficar muito tempo sem punir os pecadores. Ele tem controle sobre sua própria ira. Essa capacidade de Deus de ficar por muito tempo sem se irar recebe o nome de longanimidade! Quanto mais poderosos, mais longânimos. Deus nos encoraja à longanimidade, mas reconhecemos que é muito difícil ficar um longo tempo sem retrucar o provocador! Por isso, precisamos que Deus nos fortaleça!

iii) Deus nos ensina que não inocenta o culpado

Na 1.3c – “e jamais inocenta o culpado”

Para muitos de nós, essa é a melhor parte! Deus pune os culpados. Todos os cristãos genuínos sabem que Deus é justo e que os ímpios não ficarão para sempre impunes. No entanto, precisamos aprender a esperar pelo tempo dele, a ser pacientes.

Às vezes, parece que ele não vai mais se manifestar, porque demora em nos responder. Então, perdemos a esperança de que, um dia, a justiça se manifeste. No entanto, não se pode perder de vista a vitória final do Senhor sobre os injustos deste mundo! Sua justiça certamente triunfará e nós nos satisfaremos na justiça de Deus!

iv) Deus nos ensina a respeito de seus juízos parciais

Na 1.3d-5 – “o SENHOR tem seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés. Ele repreende o mar, e o faz secar, e minguam todos os rios; desfalecem Basã e o Carmelo, e a flor do Líbano murcha. Os montes tremem perante ele, e os outeiros se derretem; e a terra se levanta diante dele, sim, o mundo e todos os que nele habitam.”

Para mostrar seu poder de vingança, ou de retribuição, Deus recorre à natureza que ele próprio criou. Deus usa praticamente todos os elementos fundamentais da terra para a manifestação parcial de sua ira. Chamo de manifestação parcial aquelas manifestações divinas em que os próprios elementos são usados para trazer juízo sobre os homens.

Na manifestação final de sua ira, os elementos de juízo virão do céu, e não da terra. Nessa época, Deus não se servirá do já existe, mas purificará aquilo

que existe. Assim como aconteceu em Sodoma e Gomorra, no juízo final Deus se servirá de fogo que virá do céu.

No entanto, o juízo parcial é exercido com seu poder, através dos elementos da presente natureza (cf. Hc 3.6-12), e, ainda assim, ele atinge a própria natureza.

a) Os juízos parciais de Deus atingem o mar com sua ira

Na 1.4a – *“Ele repreende o mar, e o faz secar”*

Sl 106.9 – *“Repreendeu o mar Vermelho, e ele secou; e fê-los passar pelos abismos, como por um deserto.”*

O mar sempre foi fonte de alimento para todos. Muita gente ainda depende dele, como nos tempos bíblicos! Se Deus faz o mar secar, mata muita gente! Essa ira parcial de Deus ainda será aplicada antes da volta do Senhor.

b) Os juízos parciais de Deus atingem os rios

Na 1.4b – *“e minguem todos os rios”*

Deus atinge a natureza para atingir os homens. Quando Deus seca os rios, tira a fonte de onde saciam a sede. A seca é uma das piores desgraças para a raça humana. Esse tipo de ira parcial de Deus já acontece em alguns lugares, e acontecerá com mais intensidade ainda antes que o Senhor volte.

c) Os juízos parciais de Deus atingem as coisas belas e ricas

Na 1.4c – *“desfalecem Basã e o Carmelo, e a flor do Líbano murcha.”*

Todos os elementos da natureza que parecem fortes e belos desfalecem e murcham. Os carvalhos de Basã são destruídos, e os grandes cedros do Líbano, exemplos da exuberância da flora da região, são afetados profundamente pela ira divina!

Is 2.13 – *“contra todos os cedros do Líbano, altos, mui elevados; e contra todos os carvalhos de Basã;”*

A ira divina acabará com o orgulho dos homens, destruindo tudo o que mais admiram e tudo de que se orgulham.

A região de Basã era a mais rica em verdes pastos – a glória dos pastores de Israel – e haveria de desfalecer!

A região do Monte Carmelo, de acordo com seu nome, era a mais rica em jardins e vinhas. A região do Líbano, ao norte do Carmelo, também era cheia de vinhas (Os 14.7) e de flores com muita fragrância (Ct 4.11). Entretanto, era mais conhecida pela formosura e a imponência dos altos cedros e

ciprestes. As montanhas do Líbano são plenas de emblemas de riqueza, de beleza durável, de rica frutuosidade,¹³ mas toda essa imponência receberá a expressão da ira do Senhor, porque aquilo de que o homem se orgulha sofrerá a repreensão do Senhor!

d) Os juízos parciais de Deus atingem os montes

Na 1.5a – “Os montes tremem perante ele, e os outeiros se derretem”

As altas montanhas do norte de Israel se tornam covardes perante a ira do Senhor, tremendo diante dele. O profeta Amós compartilha da mesma verdade de Naum:

Am 9.13 – “Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que o que lavra segue logo ao que ceifa, e o que pisa as uvas, ao que lança a semente; *os montes destilarão mosto, e todos os outeiros se derreterão.*”

O profeta Isaías faz coro com Naum nessa profecia:

Is 2.12–14 – “Porque o Dia do SENHOR dos Exércitos será contra todo soberbo e altivo e contra todo aquele que se exalta, para que seja abatido; ... *contra todos os montes altos e contra todos os outeiros elevados;*”

Esses monumentos imponentes se tornam como nada diante da indignação divina! Além disso, as colinas são derretidas pela manifestação da ira do Senhor! Tudo o que é poderoso e imponente, a glória da nação, será transformado em restolho!

Esse aspecto da ira divina se manifestará de maneira literal, antes da vinda do Senhor ou mesmo no chamado “Dia do Senhor”! Toda a terra sofrerá os juízos parciais de Deus, imediatamente antes dos juízos finais de Deus, quando o fogo do céu queimará tudo o que existe neste presente habitat (2Pe 3.10).

e) Os juízos parciais de Deus atingem a terra e os homens

Na 1.5b – “e a terra se levanta diante dele, sim, *o mundo e todos os que nele habitam.*”

O alvo final da destruição das coisas mencionadas nos quatro versos anteriores do profeta Naum tem a ver com os habitantes da terra. O que ele mais preza, que é a terra de seu habitat natural, será parcialmente destruído. O lugar de sua habitação será tornado em nada! Não há maneira mais dolorida de humilhar os homens da terra do que destruir seu habitat. Antes da volta do Senhor, Deus transformará em pandemônio toda a habitação dos homens

através de terremotos, maremotos, tsunamis etc.

v) Deus nos ensina que sua indignação é insuportável

Na 1.6 – “Quem pode suportar a sua indignação? E quem subsistirá diante do furor de sua ira? Sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por ele demolidas.”

A tradução que uso apresenta três palavras semelhantes, mas com algumas peculiaridades para mostrar o poder vingador de Deus: *indignação*, *ira* e *cólera*. São três maneiras de expressar a mesma verdade com grande poder! Sua indignação é insuportável; sua ira é cheia de furor; e sua cólera é derramada sobre os homens.

a) A indignação de Deus é insuportável

Na 1.6a – “Quem pode suportar sua indignação?”

Ninguém será capaz de suportar a ira divina quando Deus começar a agir usando as forças da natureza. Ninguém suportará o peso de sua ira parcial, tão grande será a movimentação dos elementos da terra na terrível convulsão do habitat! Ele secará os mares e os rios; destruirá as montanhas e os lugares belos, e transformará toda a terra num deserto irreconhecível por meio do abalo dos fundamentos da terra! Nem todos os exércitos do mundo reunidos poderão opor-se à ira parcial de Deus nas forças da natureza! Esse será o terrível tempo da visita de Deus sobre os povos! O termo usado pela palavra profética – indignação – é reservado para denotar a ira de Deus!

b) A ira de Deus é cheia de furor

Na 1.6b – “E quem subsistirá diante do furor de sua ira?”

A ira de Deus, no tempo do fim, será maior do que todas as vezes que ele manifestou sua ira sobre a terra. Será uma ira regada de furor, ou seja, uma ira cheia de fortes elementos de seu desprazer em relação aos pecadores! A essa altura, os homens perceberão quão fracos são, mesmo em sua soberba. Nenhum deles poderá subsistir diante do furor da ira divina. Nesse tempo, os homens perceberão, como nunca até então, que “horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!” (Hebreus).

A ideia de ira cheia de furor carrega o mesmo sentido de indignação, mas aparece em termos mais contundentes! Nesse caso, a ira queima, arde e não existe nenhum ser humano (nem mesmo angélico!) que possa subsistir nela. Se o Deus das vinganças aplicar essa ira cheia de furor de modo constante e

no mesmo grau, os seres humanos não terão condições de continuar existindo. Eles não podem sobreviver debaixo de tamanha ira! No entanto, temos de crer que Deus não extinguirá os pecadores como parte de sua punição; ele os punirá de tal maneira que continuarão a existir para sempre, temperando muitas vezes o modo de sua ira, para não consumir todos os homens debaixo dessa ira cheia de ardor!

c) A cólera de Deus é derramada sobre o mundo

Na 1.6c – “Sua cólera se derrama como fogo, e as rochas são por ele demolidas.”

É importante que os ímpios prestem bastante atenção a essa afirmação da Escritura, acerca dos objetos da ira divina. O amor de Deus não é óbice para a demonstração de sua cólera, pois o amor e a vingança de sua justiça não são incompatíveis em Deus. O verso diz que a cólera divina é derramada sobre os homens.

Em minhas reflexões, fico pensando em como os homens, na Idade Média, atacavam os soldados que tentavam invadir suas cidades. Muitos homens eram mortos por vasilhas cheias de óleo ardente, como fogo, que eram derramadas, do alto dos muros, para matar os adversários. Era uma morte terrível, por causa do calor do líquido esfogueado derramado.

Mutatis mutandi, a ira de Deus é descrita como algo ardente como fogo que é derramado sobre os homens numa medida tão grande que os queima, produzindo grande dor neles.

Veja como o profeta Jeremias descreve a maneira de a ira divina cair sobre os homens:

Jr 7.20 – “Portanto, assim diz o SENHOR Deus: *Eis que a minha ira e o meu furor se derramarão sobre este lugar*, sobre os homens e sobre os animais, sobre as árvores do campo e sobre os frutos da terra; *ardará e não se apagará.*”

Jr 42.18 – “Porque assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: *Como se derramaram minha ira e meu furor sobre os habitantes de Jerusalém, assim se derramará minha indignação sobre vós*, quando entrardes no Egito; sereis objeto de maldição, de espanto, de desprezo e opróbrio, e não vereis mais este lugar.”

Observe que o profeta Jeremias fala da ira divina que é derramada sobre os ímpios, tanto entre os gentios como entre os judeus. A cólera divina tem nascedouro na justiça de Deus, que é produto de sua santidade! Um Deus santo não pode permitir que os pecadores fiquem impunes!

A cólera divina também é derramada sobre a natureza. Mesmo a natureza sem vida, como, por exemplo, as rochas, recebe a expressão da cólera divina, por causa do pecado humano. O fogo da cólera divina tem poder para derreter as mais duras rochas. Em outras palavras, o poder da ira de Deus é suficiente para fazer oposição às coisas que parecem mais indestrutíveis. Sua cólera atinge os elementos mais resistentes e os destrói. Nada nem ninguém podem resistir ao poder do furor de Deus!

Quem poderá suportar tamanha manifestação de justiça? Ninguém! Por essa razão, os homens devem ter temor a Deus enquanto vivem a presente vida, para que não sejam objeto de sua indignação, ira e cólera quando os dias deste mundo estiverem prestes a terminar!

Deus quer levar todos ao arrependimento

Antes de mostrar sua indignação, ira e cólera através da profecia, Deus insta os homens ao arrependimento. Deus nunca pune os ímpios sem antes adverti-los ou conclamá-los a abandonar seus pecados.

Jr 25.4-7 – “Também, começando de madrugada, vos enviou o SENHOR todos os seus servos, os profetas, mas vós não os escutastes, nem inclinastes os ouvidos para ouvir, quando diziam: *Convertei-vos agora, cada um do seu mau caminho e da maldade das suas ações*, e habitai na terra que o SENHOR vos deu e a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre. Não andeis após outros deuses para os servirdes e para os adorardes, nem me provoqueis à ira com as obras de vossas mãos; não vos farei mal algum. Todavia, não me destes ouvidos, diz o SENHOR, mas me provocastes à ira com as obras de vossas mãos, para o vosso próprio mal.”

Jr 35.15 – “Começando de madrugada, tenho-vos enviado todos os meus servos, dizendo: *Convertei-vos agora, cada um do seu mau caminho*, fazei boas as vossas ações e não sigais a outros deuses para servi-los; assim ficareis na terra que vos dei a vós outros e a vossos pais; mas não me inclinastes os ouvidos, nem me obedecestes a mim.

Am 3.7 – “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas.”

Deus nunca traz juízo aos homens sem antes tornar essa verdade conhecida dos profetas. Na verdade, os profetas é que são os anunciadores do juízo de Deus! Esses juízos são secretos para os ímpios, mas os profetas tornam conhecido esse segredo aos homens.

Antes do juízo final, Deus tem seus juízos parciais, que incluem os

desastres da natureza. As tragédias da natureza são um aviso de Deus, chamando-os a desistir de seus pecados. Quando Deus mexe com os elementos da natureza, que são seus instrumentos de punição, é bondoso e chama os pecadores ao arrependimento.

A punição só vem depois da chamada ao arrependimento.

O próprio Jesus ameaça os pecadores prometendo juízo sobre eles: “Se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (Lc 13.5).

At 17.30-31 – “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, *notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam*; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos.”

Ainda hoje, Deus conclama os pecadores, a quem ele se dirige, ao arrependimento através da palavra profética.

Is 55.6-7 – “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. *Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR*, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.”

Deus quer que você, leitor, abandone seus pecados, deixe a impiedade e volte-se para ele. Essa chamada ao arrependimento é a tônica da palavra profética, sendo altamente recomendável que se obedeça a essa chamada, para que, com a presença do Senhor, venham tempos de refrigério, e não a manifestação de sua ira!

2Pe 3.9 – “Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, *não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.*”

Antes da chegada do dia de juízo final, Deus envia uma notificação importante: “Todos, em toda parte, se arrependam”. Antes da manifestação do juízo, vem a chamada ao arrependimento. Ninguém que estuda a Escritura, em sã consciência, pode negar essa verdade tantas vezes afirmada na Escritura!

Se você tem ouvido para ouvir, ouça o que o Espírito de Deus fala através das Escrituras: Arrependa-se antes que venha o grande e terrível dia do Senhor!

Deus quer criar em todos o senso de urgência

A palavra profética tem sido apresentada para criar um senso de

preocupação urgente com sua situação, com a situação de sua família, da presente sociedade que o cerca e do mundo em geral.

É lamentável que um dos grandes males de nossa sociedade secularizada seja o desinteresse e a apatia em relação às advertências de um julgamento futuro por parte de Deus! Nossos contemporâneos têm pensado que a ira divina é alguma coisa muito distante ou que nem mesmo vai existir. Eles se sentem seguros em seu conforto e se esquecem de que ela, um dia, se manifestará. Esses ímpios apáticos invocam o que os contemporâneos de Pedro disseram:

2Pe 3.4 – “Onde está a promessa da sua vinda? Porque, desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação.”

A vinda de Cristo para os apáticos não é uma realidade para eles porque estão preocupados com coisas que consideram mais importantes, desprezando os convites e as ameaças de Deus. Ao menos você, leitor, preocupe-se com a urgência da palavra profética:

Mt 24.32-33 – “Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabeis que está próximo, às portas.”

Assim como os homens do campo sabem fazer a leitura do tempo ao observar a natureza, aprenda você também a fazer a leitura correta do “tempo” de Deus e veja que há urgência em se preparar para as coisas do fim.

Deus quer mostrar o ponto de vista dele

A palavra profética serve para lhe mostrar uma perspectiva diferente da que você comumente tem. Por meio dela, Deus quer mudar as lentes de sua cosmovisão. Ele quer que você tenha uma ótica diferente da ótica de hoje. E a única maneira de ver de um modo diferente é trocando as lentes.

Quando um profeta fala em nome de Deus, está oferecendo uma perspectiva diferente do próprio Deus, da história, da criação, da ética etc. A palavra profética é o instrumento divino para mudar a sua maneira de ver o mundo.

i) Deus teve de mudar a cosmovisão de Jonas

O profeta Jonas, antes de exercer sua missão profética na cidade de Nínive, teve de ser burilado por Deus. Sua visão de reino estava muito estreita. Sua mente conseguia enxergar as bênçãos de Deus somente para

Israel. Não passava pela cabeça dele que Deus pudesse abençoar os gentios.

Jonas cria em duas maneiras de Deus dar bênçãos a Israel: “fazendo chover na horta de Israel e fazendo vir a seca na horta dos gentios”. O profeta era muito míope em sua visão de reino. Nesse contexto, sua miopia não lhe permitia enxergar mais longe.

Quando chamado para pregar aos ninivitas, ele fugiu da tarefa embarcando num navio que o levaria a outro destino. Ele tinha uma visão muito limitada do amor de Deus pelos pecadores. Ele não admitia a ideia de Deus se preocupar com os assírios. Portanto, ele fugiu para Társis, imaginando que ficaria tranquilo em seus pensamentos.

Mas Deus tinha outros planos para ele. Deus agiu duramente na vida dele, levando-o a Nínive. Ali, depois das lambadas de Deus, ele ainda se irou com ele, pelo que estava prestes a fazer aos ninivitas. Deus, então, apertou a vida dele, tornando-a mais amarga na terra dos gentios, até que ele pregou como Deus mandara, ainda que não gostasse dos resultados. Ele foi um dos homens que mais resistiu a pregar aos gentios. Ele ainda tinha muito a aprender a respeito da amplitude do amor de Deus por outros povos.

Então, Deus fez um experimento com Jonas e fez uma demonstração muito clara do que estava querendo dele. Deus fez nascer uma planta que lhe fazia sombra. Então, Deus cortou essa planta, que acabou murchando, não mais proporcionando conforto a Jonas. Ele, então, reclamou com certa dose de ira contra Deus. E Deus disse a Jonas, em virtude de sua cosmovisão tão limitada:

Jn 4.10–11 – “Tornou o SENHOR: Tens compaixão da planta que te não custou trabalho, a qual não fizeste crescer, que numa noite nasceu e numa noite pereceu; e não hei de eu ter compaixão da grande cidade de Nínive, em que há mais de cento e vinte mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a mão esquerda, e também muitos animais?”

No pensamento de Jonas, somente os israelitas eram dignos das bênçãos divinas. Deus teve de fazê-lo passar por duras provas para que ele aprendesse a ver as coisas como Deus as vê.

ii) Deus teve de mudar a cosmovisão de Pedro

Pior do que Jonas, Pedro também tinha uma visão estreita do reino de Deus. Pedro tinha uma revelação acumulada bem maior do que Jonas. Ele

estivera com Cristo por três anos, mas custava-lhe compreender que a redenção divina tinha fronteiras raciais muito maiores. Ele ainda não havia entendido que Deus queria que os gentios ouvissem o evangelho.

Então, Deus resolveu mudar sua cosmovisão de uma forma drástica. Em determinada hora do dia, Pedro sentiu fome e entrou em condição de êxtase, quando, então, Deus lhe apresentou um lençol com animais imundos para que ele comesse. Ele se recusou a comer coisa imunda, mas Deus mostrou para ele que podia comer as coisas que Deus havia purificado (At 10).

Na verdade, a visão do lençol era um ensino que lhe mostrava a necessidade de se envolver com os gentios. Tratava-se da pregação que ele deveria fazer ao gentio Cornélio, em quem Deus já havia trabalhando interiormente, mas que ainda não tinha ouvido falar de Jesus Cristo.

Deus foi drástico em seu convencimento a Pedro. Só depois da ação divina nele é que Pedro teve as lentes de sua cosmovisão mudadas. Somente por essa razão, ele foi ao encontro de Cornélio.

iii) Deus tem de mudar sua cosmovisão

Temos sido demasiadamente influenciados pelo humanismo que vige em nosso tempo. Aliás, as filosofias sempre influenciaram sobremaneira a forma de os cristãos verem o mundo. Entretanto, Deus quer mudar nossa maneira de ver todas as coisas, e o único recurso objetivo que tem é a pregação profética. Então, exorta-nos a ver como ele vê, a sentir como ele sente e a fazer como ele faz.

Algumas vezes, os cristãos têm dificuldade para entender a mente de Deus porque emprestam olhos e ouvidos ao que a filosofia do tempo presente lhes ensina. E as filosofias fecham nossos sentidos espirituais para as verdades de Deus. Assim, deixamos de ver as coisas como Deus as vê.

Portanto, a palavra profética é o precioso instrumento de que Deus se serve para nos ensinar a ver de acordo com seu ponto de vista. É preciso dar ouvidos à palavra profética, ou seja, “não desprezeis as profecias” (1Ts 5.20).

? Ver *The Purpose of Prophecy*, sem menção a autor. Disponível em <http://blog.guidedbytruth.com/purposeprophecy.php>.

} Essas pessoas são conhecidas como defensoras do teísmo aberto ou do neoteísmo.

! Ver essa observação em Redeker, **Bible Prophecy – It’s Purpose in God’s Plan**. Disponível em http://www.heraldmag.org/literature/proph_14.htm. Acesso em julho de 2015.

‡ Steven Cole, em seu ensaio sobre o texto em estudo. Disponível em <https://bible.org/seriespage/lesson-7-solid-foundation-2-peter-119-21>. Acesso em julho de 2015.

§ Idem, ibidem.

7 Devo, em parte, a interpretação da hermenêutica católica ao artigo de Steven Cole (idem, ibidem).

§ Charles Hodge. Systematic Theology (Grand Rapids: Eerdmans, v. 1, p. 154).

§ Os subtítulos aqui se assemelham aos de Charles Redeker, em **Bible Prophecy — It's Purpose in God's Plan**. Disponível em http://www.heraldmag.org/literature/proph_14.htm. Acesso em agosto de 2015.

^[0] Para saber mais a respeito do governo de Deus sobre as nações, incluindo a Babilônia, ver A providência e sua realização histórica (São Paulo: Cultura Cristã, 2001), 303–306.

^[1] Esse trecho encontra suporte no livro Fé cristã e misticismo (São Paulo: Cultura Cristã, 2000), 101–105, do qual sou coautor.

^[2] Simon Kistemaker, 1 Corinthians (Grand Rapids: Baker, 1993), 502.

^[3] Ver os comentários on-line de Albert Barnes sobre o texto em estudo. Disponível em <http://www.study-light.org/commentaries/bnb/view.cgi?bk=33&ch=1>. Acesso em julho de 2015.

VOCAÇÃO DOS PROFETAS

Achamada “doutrina da vocação” tem sido admitida pela totalidade da Igreja cristã no curso da história, porém poucas igrejas têm-lhe prestado a devida atenção. Por causa da falta de atenção a esse aspecto tão importante, vários distúrbios doutrinários têm acontecido no interior da Igreja. Nesse sentido, o que constituía alguém como verdadeiro profeta de Deus?¹

O QUE CONSTITUÍA ALGUÉM COMO PROFETA DE DEUS NÃO ERA O FATO DE TER SONHOS OU VISÕES

Nem todos os que sonham ou têm visões da parte de Deus devem ser considerados profetas. A recepção de um sonho ou de uma visão divinamente enviados não constitui a base necessária para se considerar alguém um profeta. Nem todo aquele que sonhava, mesmo sonhos vindos da parte de Deus, era considerado profeta. O que caracteriza o profeta não são os sonhos, mas sua vocação.

Existem exemplos na Escritura em que os sonhos ou as visões vêm para os crentes e até mesmo para alguns incrédulos sem que essas pessoas sejam tidas como profetas.

Jacó teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

Deus apareceu, reveladoramente, a Jacó em teofania, como já vimos, mas Deus também se revelou a ele em sonho.

Gn 31.11–13 – “*E o Anjo de Deus me disse em sonho: Jacó! Eu respondi: Eis-me aqui! Ele continuou: Levanta agora os olhos e vê que todos os machos que cobrem o rebanho são listados, salpicados e malhados, porque vejo tudo o que Labão te está fazendo. Eu sou o Deus de Betel, onde ungiste uma coluna, onde me fizeste um voto; levanta-te agora, sai desta terra e volta para a terra de tua parentela.*”

Embora Jacó tenha sido um importante patriarca, o pai de todos os israelitas, e tenha recebido sonhos reais da parte do Senhor, não há nenhuma indicação na Escritura de que tenha sido profeta. Abraão, o avô dele, era profeta, mas ele, não. No entanto, Deus falou com ele em sonhos.

Labão teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

Gn 31.24 – “De noite, porém, veio Deus a Labão, o arameu, *em sonhos*, e lhe

disse: Guarda-te, não fales a Jacó, nem bem nem mal.”

Houve desavenças entre o sogro, Labão, e o genro, Jacó. Observe que o sogro de Jacó era um estrangeiro, não pertencente a qualquer linhagem de hebreus, e, assim, inquestionavelmente, Deus falou em sonhos a Labão. Para não haver maior estrago na família, Deus se manifestou a Labão em sonhos, dizendo como deveria portar-se com seu genro. No entanto, o fato de Deus falar em sonhos ao arameu não o qualifica como profeta.

Abimeleque teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

Gn 20.2–3 – “Disse Abraão de Sara, sua mulher: Ela é minha irmã; assim, pois, Abimeleque, rei de Gerar, mandou buscá-la. *Deus, porém, veio a Abimeleque em sonhos de noite* e lhe disse: Vais ser punido de morte por causa da mulher que tomaste, porque ela tem marido.”

Abimeleque, rei de Gerar, foi enganado por Abraão e Sara porque Sara era bonita, e Abraão não queria que nenhum homem pusesse a mão nela. Então, ele montou “um esquema injusto” para se livrar desse problema (Gn 20.3-7). Abimeleque estava disposto a possuir Sara, mas Deus impediu, para o bem dele próprio. Deus ainda deu uma razão adicional: por meio de sonhos, Deus informou a Abimeleque que Abraão era profeta.

A noção de profeta, portanto, já era conhecida naquele tempo, a ponto de Deus não precisar definir esse conceito para Abimeleque. Ele já sabia o que um profeta significava – aquele que falava em nome da divindade, fosse ela qual fosse. Qualquer religião pagã que adorasse um deus tinha alguma espécie de profeta para falar a respeito de seu deus.

Além disso, temos de considerar que Abimeleque, um rei ímpio, não devia ser qualificado como profeta de Deus, ainda que, claramente, tenha recebido sonhos divinamente enviados.

Faraó teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

Gn 41.1–3 – “Passados dois anos completos, *Faraó teve um sonho*. Parecia-lhe achar-se ele de pé junto ao Nilo. Do rio, subiam sete vacas formosas à vista e gordas e pastavam no carriçal. Após, subiam do rio outras sete vacas, feias à vista e magras; e pararam junto às primeiras, na margem do rio.”

O Faraó teve sonhos da parte de Deus sobre “as vacas gordas e as vacas magras”, e também sobre as espigas. Claramente, esses sonhos vieram da parte de Deus, pois significavam a grande fome que estava prestes a vir ao

mundo. Claramente, os sonhos recebidos por Faraó vieram de Deus, e José desempenhou papel importantíssimo nessa interpretação. No entanto, mesmo recebendo sonhos da parte de Deus, Faraó não pode, em hipótese alguma, ser considerado um profeta de Deus.

José do Egito teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

José teve muitos sonhos da parte de Deus. Poucas pessoas tiveram tantos sonhos da parte de Deus como ele e, por causa da frequência desses sonhos, seus irmãos o chamavam de “o sonhador” (Gn 37.19), mas na Escritura ele nunca foi considerado profeta de Deus (Gn 37.5-11; 40.5-23; 41).

De modo semelhante a Daniel, José não somente tinha sonhos, como também era capaz de interpretá-los. No entanto, essa capacidade não qualifica um homem como profeta.

O soldado de Midiã (Gideão) teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

Jz 7.13–15 – “Chegando, pois, Gideão, eis que certo homem estava *contando um sonho* ao seu companheiro e disse: Tive um sonho. Eis que um pão de cevada rodava contra o arraial dos midianitas e deu de encontro à tenda do comandante, de maneira que esta caiu, e se virou de cima para baixo, e ficou assim estendida. Respondeu-lhe o companheiro: Não é isso outra coisa senão a espada de Gideão, filho de Joás, homem israelita. Nas mãos dele, entregou Deus os midianitas e todo esse arraial. Tendo ouvido Gideão contar esse sonho e seu significado, adorou; e tornou ao arraial de Israel e disse: Levantai-vos, porque o SENHOR entregou o arraial dos midianitas em vossas mãos.”

Certamente, o sonho do soldado midianita era da parte de Deus, pois o que sonhou foi entendido por Gideão como um plano que Deus tinha contra os inimigos de seu povo – os amalequitas. Mas, ainda que o soldado tenha tido um sonho da parte de Deus, não deve ser considerado profeta de Deus.

Nabucodonosor teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

O grande inimigo dos israelitas, o conquistador das nações, um homem indescritivelmente ímpio, foi contemplado com vários sonhos vindos da parte de Deus, que Daniel interpretou (Dn 2.1-49). Ainda que ele tenha sido considerado “servo” do Altíssimo, um homem de quem Deus se serviu para a manifestação de sua ira contra Israel, Nabucodonosor não pode ser considerado profeta de Deus. A recepção de sonhos não implica,

necessariamente, ser considerado um profeta.

José, marido de Maria, teve sonhos da parte de Deus e não era profeta

Mt 1.20 – “Enquanto ponderava nestas coisas, *eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor*, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo.”

Mt 2.12–13,19–20 – “Sendo *por divina advertência prevenidos em sonho* para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho à sua terra... Tendo Herodes morrido, *eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José*, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino.”

José era o pai legal de Jesus Cristo. O evangelho registra ao menos três sonhos que vieram da parte de Deus. Ainda que ele seja reconhecido como são José na tradição católica; ainda que, inequivocamente, ele tenha recebido sonhos da parte de Deus, não pode ser considerado profeta. Deus pode até dirigir o destino dos seus através de sonhos, mas isso não lhes dá o direito de serem considerados profetas.

A direção de Deus é uma bênção, mas o privilégio de ser profeta só era concedido aos vocacionados por Deus no Antigo Testamento. E, hoje, não mais temos profetas oficiais, como no Antigo Testamento, ainda que Deus nos possa orientar por sonhos.

A mulher de Pilatos teve sonhos da parte de Deus [?] e não era profeta

O sonho que ela teve foi divinamente enviado? Não sabemos ao certo, mas ela afirmava, sobre Jesus Cristo, o fato de ele ser justo. Certamente, o sonho que a mulher de Pilatos teve a convenceu da inocência de Jesus – o que não havia acontecido antes, pois ela já ouvira falar dele e dos planos de Roma a seu respeito.

Mt 27.19 – “E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito.”

Via de regra, essas pessoas que tiveram sonhos da parte de Deus foram designadas para o cumprimento de algum propósito divino. Algumas foram figuras importantes na história da redenção; outras, menos importantes, mas, assim mesmo, foram objeto da revelação divina, sem que devam ser

consideradas profetas, pelo fato de haverem recebido sonhos da parte de Deus.

O certo é que os sonhos sempre desempenharam papel preponderante nas mais variadas religiões antigas. Os babilônios tinham tanta confiança nos sonhos que, em momentos de importantes decisões, dormiam nos templos, à espera de conselhos. Os gregos, por sua vez, desejavam tanto ter saúde e instrução que dormiam nos santuários de Aesculapius, e os romanos, nos templos de Serápis; os egípcios preparavam livros elaborados para a interpretação de sonhos.

Depois de Moisés, portanto, todos os profetas vieram receber a revelação divina em sonhos ou visões. Deus não falou mais face a face com os homens. Não houve mais revelação presencial, mas apenas revelação indireta, por meio de sonhos e visões.

O QUE CONSTITUÍA ALGUÉM COMO PROFETA DE DEUS NÃO ERA O FATO DE TER SEUS VATICÍNIOS CUMPRIDOS

Muitos falsos profetas mencionados no Antigo Testamento e alguns mencionados no Novo Testamento tiveram seus vaticínios cumpridos. Os exemplos a seguir dizem respeito a pessoas que não tinham nenhuma relação com a verdade de Deus, sendo, portanto, falsos profetas.

Vejamos os dois exemplos que apontam para a realização de milagres, embora não os qualifiquem como profetas de Deus.

Realizador de prodígios no Antigo Testamento

Dt 13.1–3 – “Quando profeta ou sonhador se levantar no meio de ti e te anunciar um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio de que te houver falado, e disser: Vamos após outros deuses, que não conhecestes, e sirvamo-los, não ouvirás as palavras desse profeta ou sonhador; porquanto o SENHOR, vosso Deus, vos prova, para saber se amais o SENHOR, vosso Deus, de todo o vosso coração e de toda a vossa alma.”

Esses profetas até sonhavam e anunciavam a realização de prodígios. Os falsos profetas do passado anunciaram prodígios e os realizaram. Eles fizeram milagres reais! Por “reais”, quero dizer que não eram milagres de embusteiros, mas de homens capacitados a executá-los (não se trata, aqui, da procedência do poder deles) e que, com frequência, têm seus objetivos alcançados – o de enganar pessoas, levando-as a abandonar a verdadeira

religião.

Em geral, quando profetas fazem milagres, a tendência do povo é segui-los. Quando o povo segue o profeta sem saber se é profeta de Deus, o grande risco que corre é afastar-se do Senhor, porque um falso profeta sempre leva seus seguidores para um caminho diferente do caminho do Senhor.

Realizador de prodígios no Novo Testamento

Você pode comprovar isso pelo que vai acontecer com os seguidores do maior e último de todos os falsos profetas da história humana, a quem João chama de “o falso profeta” (ou a Besta da Terra ou o Anticristo). Ele será o campeão na realização de sinais e prodígios. Veja o que a Escritura diz dele:

Ap 13.11–15 – “Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. Exerce toda a autoridade da primeira besta em sua presença. Faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foram dados executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, aquela que, ferida à espada, sobreviveu; e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que, não só a imagem falasse, como também fizesse morrer todos quantos não adorassem a imagem da besta.”

O exemplo é retirado de um falso profeta que será manifesto. É a referência mais nítida dos dias finais, porque não creio que hoje haja manifestação real de milagres verdadeiros. Eles estão reservados mais para o fim.

i) O falso profeta parecerá, a princípio, como um cordeiro, mas acabará se denunciando

Ap 13.11 – “Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, *parecendo cordeiro*, mas falava como dragão.”

Não se esqueça de que o Falso Profeta (que é o mesmo que a Besta da Terra do Apocalipse) não terá, a princípio, a aparência de enganador, porque se apresentará de mansinho, como um cordeiro. Quando alguém quer fazer outras pessoas pensarem como ele, ele se porta muito mansamente, sem impor nada. Nunca nenhum falso profeta surge com soberba, mas traz a aparência de alguém humilde e sem grandes propósitos. Após, ele revela seu autoritarismo falando como um dragão. O engano começa com a primeira

impressão, que é a aparência. Quando as pessoas ficam impressionadas com a aparência, não é difícil acontecer o restante do engano.

ii) O falso profeta terá a autoridade da Besta do Mar

Ap 13.12a – “Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença.”

Quando a Segunda Besta (que é o falso profeta) entra em cena diante da Primeira Besta (que você pode identificar como o Homem da Iniquidade de 2Ts 2.4 e ss), serve-se de todo expediente de poder que recebeu da Primeira.

A palavra grega traduzida como autoridade é *ἐξουσία* (*exousia*), a mesma palavra usada a respeito do Senhor Jesus em Mateus 28.18: “Toda a *autoridade* [ἐξουσία] me foi dada no céu e na terra”. A autoridade da Segunda Besta será uma realidade palpável na vida de todos os seres humanos que estiverem vivendo sobre a face da terra naqueles dias. Somente os cristãos genuínos não se submeterão aos ditames dessa religião. Por isso, muitos serão perseguidos e até mesmo mortos.

iii) O falso profeta induzirá o povo a adorar a Besta do Mar

Ap 13.12b – “Faz com que a terra e seus habitantes adorem a primeira besta”

A autoridade recebida da Primeira Besta (Homem da Iniquidade) será usada pela Segunda Besta (Falso Profeta) para impressionar e convencer todos os habitantes da terra e arrastá-los para a mais terrível atitude cúltica registrada na história: a adoração da Besta do Mar.

A religião implantada pela Segunda Besta será a única permitida nos dias finais que antecedem a volta do Senhor Jesus. A religião cristã será terminantemente perseguida e proibida de se manifestar. A Primeira Besta proibirá qualquer religião, exceto aquela em que ela mesma será adorada (Cf. 2Ts 2.4). A Segunda Besta terá a função cheia de autoridade para levar os homens a esse tipo de comportamento cúltico.

iv) O falso profeta operará grandes sinais

Ap 13.13 – “Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens.”

Como parte de sua autoridade (recebida da Primeira Besta), o Falso Profeta terá o poder de operar grandes sinais. Um exemplo desses sinais será o fato de ele fazer descer fogo do céu. O que o grande e maior profeta do Antigo Testamento, Elias, fez, o grande e maior dos falsos profetas também fará. Será um sinal de muito poder de convencimento. Um profeta com tanto

poder assim levará a totalidade dos habitantes da terra (exceto os remidos) a adorar a Primeira Besta. A operação de sinais é poderosa no convencimento.

Portanto, quando você vir alguma demonstração de poder por parte de algumas pessoas, verifique de onde procede sua autoridade. Via de regra, os falsos profetas são enganados por seu próprio coração e também pelo próprio Satanás ou mesmo pelo próprio Deus. Ele fará prodígios, mas esteja atento para que eles, ao enganarem, não conduzam vocês para longe de Deus!

Não se esqueça de que a realização de milagres não é evidência de que eles são profetas de Deus!

v) O falso profeta seduzirá os habitantes da terra

Ap 13.14 – “Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta que, ferida à espada, sobreviveu;”

Não despreze o fato de que a sedução tem muito a ver com a operação de sinais. Quando as pessoas se deixam levar pelos sinais, acreditando serem verdadeiros profetas, o povo começa a prestar atenção em outro foco, deslocando esse foco da verdadeira Palavra de Deus.

Então, começam a adorar imagens (representações) de falsos deuses. A sedução por causa dos sinais pode levar a condutas e procedimentos aos quais jamais se imaginava chegar. O engano tem grande influência sobre os seres humanos por causa do poder dos sinais. Portanto, não confie nos sinais que alguém apresenta acreditando tratar-se realmente de um profeta de Deus, pois falsos profetas também podem operar sinais!

vi) O falso profeta terá poderes espetaculares

Ap 13.15 – “e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta.”

Outro poder espetacular do Falso Profeta será o da capacidade de fazer com que estátuas (pinturas ou mesmo fotografias ou coisa similar) venham a ter vida e comecem a falar. Você não precisa pensar em televisão porque isso é o que já acontece. Será alguma coisa muitíssimo superior aos poderes da ciência que conhecemos hoje. Será uma operação sobrenatural, feita com os poderes vindos, direta ou indiretamente, do Maligno, para enganar, se possível, os próprios eleitos.

Nesse sentido, aqueles de nós que somos crentes genuínos em Cristo não podemos nos deixar encantar pelos sinais e prodígios que ele vai apresentar nos tempos finais. Não se esqueça de que hoje vários desses falsos profetas já se apresentam operando sinais em nome de Jesus Cristo, a fim de enganar os incautos.

Portanto, quando você vir a realização de portentos por um falso profeta, não pense que ele é de Deus por causa disso. Por razões últimas de Deus, eu desconheço, porque estão escondidas de mim. Entretanto, a Escritura fornece algumas razões que me dão algumas pistas dos interesses de Deus nessa matéria: Deus quer testar o amor de seu povo; Deus quer testar a fidelidade de seu povo. No entanto, esses profetas não são verdadeiros profetas de Deus.

O que constituía alguém como profeta era o fato de ser vocacionado por Deus

O profeta verdadeiro não era profeta necessariamente por haver recebido sonhos ou visões da parte de Deus, ou mesmo por haver realizado milagres e feito predições, nem por ter tido suas predições realizadas. Nem era profeta por escolha própria, mas porque recebeu um chamado diretamente de Deus, mesmo que, por vezes, esse chamado fosse atendido com muita relutância.

A vocação divina é que fazia do homem um verdadeiro profeta de Deus no Antigo Testamento, um oficial da igreja da antiga dispensação. Dos três ofícios do Antigo Testamento – profeta, sacerdote e rei –, somente o profeta era vocacionado diretamente por Deus.

A fim de termos uma ideia clara da vocação dos profetas, vamos estudar apenas três deles: Moisés, Isaías e Jeremias. Não há espaço para estudar sobre a vocação de todos os profetas, de maior ou menor porte, que a Escritura apresenta.

¹ Essa parte do texto está inserida no livro *Fé cristã e misticismo* (São Paulo: Cultura Cristã, 2000), 87–88, livro do qual, juntamente com Alderi Matos, Augustus Lopes e Solano Portela, sou coautor.

A VOCAÇÃO DE MOISÉS

Moisés relutou em ser o líder para tirar o povo do Egito. Deus disse que ele seria um profeta seu para falar a Faraó. Ele temeu por causa de seus problemas de elocução (Ex 4.10–15), mas, quando Deus chama, não há como recusar.

Seguem alguns passos para se entender a vocação de Moisés.

DEUS APARECE A MOISÉS

Ex 3.2–5 – “Apareceu-lhe o Anjo do SENHOR numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. Então, disse consigo mesmo: Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima? Vendo o SENHOR que ele se voltava para ver, Deus, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui! Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.”

Esse evento da sarça ardente foi a primeira das muitas vezes que Deus se revelou teofanicamente a Moisés. Na sarça, Deus tomou forma e se deixou ver. Foi a primeira e mais profunda experiência que Moisés teve com Deus! Essa experiência do aparecimento de Deus tornou-se marcante para o restante da função profética de Moisés nos anos subsequentes em que foi o líder da nação nascente.

Por causa da presença teofânica de Deus, aquele pedaço de terra tornou-se santo, e Moisés estava pisando numa terra santa. Daí a necessidade de, reverentemente, ficar descalço perante o Senhor.

DEUS SE APRESENTA A MOISÉS

Ex 3.6 – “Disse mais: *Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó.* Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus.”

Deus se apresentou a Moisés como um Deus que já era conhecido dos ancestrais diretos de Moisés, o Deus de Anrão e Joquebede, além de já ter sido o Deus dos ancestrais mais remotos, como é o caso dos patriarcas. Essa apresentação de Deus a Moisés foi muito importante porque, nela, Deus

estabeleceu a mesma linha de fé com os antigos.

Era muito importante para o hebreu a relação com os antigos na fé. O aparecimento de Deus a Moisés aponta para o fato de Deus haver sido fiel na promessa pactual de ser o Deus dos patriarcas e de seus descendentes.

DEUS JUSTIFICA SEU APARECIMENTO A MOISÉS

Ex 3.7–9 – “Disse ainda o SENHOR: Certamente, vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e ampla, terra que mana leite e mel; o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do perizeu, do heveu e do jebuseu. Pois o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo.”

Existem dois pontos relevantes nessa passagem:

i) O Senhor apareceu a Moisés por causa da aflição do povo no Egito

Deus é um ser extremamente transcendente, que está acima e além de toda esfera espacial ou mesmo temporal. Antes de haver espaço e tempo, ou seja, antes da Criação, Deus já existia. Entretanto, porque ele também é imanente, preocupa-se e se envolve com as necessidades de suas criaturas. Ele está presente neste mundo e se relaciona com ele. Por essa razão, ouviu o clamor de sofrimento de seu povo e desceu para socorrê-lo.

Por centenas de anos, Deus deixou o povo sofrer no Egito, mas houve um tempo em que ele resolveu “descer” para entabular conversas com Moisés, a fim de socorrer a descendência de Jacó, que ali sofria. Deus não é somente um Deus transcendente, mas também imanente, preocupado com as criaturas que ele chama de “seu povo”.

ii) O Senhor apareceu a Moisés com forma para locomoção

A passagem “por isso *desci*, a fim de livrá-lo da mão dos egípcios” aponta para a locomoção de Deus que tomou forma. É uma impossibilidade Deus locomover-se sem que tenha assumido uma forma física. Somente a fisicalidade (que tem a ver com espacialidade) de sua aparência pode tornar Deus um ser que se movimenta (ou se locomove) no espaço.

Em sua divindade, Deus não precisa locomover-se, porque é onipresente, e um ser onipresente preenche cada parte do espaço com a plenitude de seu ser.

No entanto, quando se diz que o Senhor “desceu”, isso implica que ele tinha assumido uma forma com a qual se movimentava no espaço. Não há sentido o Deus onipresente se locomover, mas é justa sua locomoção se pensarmos que ele assumiu uma forma temporária para se comunicar com seu povo.

DEUS VOCACIONA MOISÉS

Ex 3.10 – “*Vem, agora, e eu te enviarei a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito.*”

Na verdade, Moisés só ouvira falar de Deus por seus pais, mas nunca tivera qualquer relacionamento pessoal com ele. Foi em terra estranha que Deus se encontrou com ele e se deu a conhecer pessoalmente. Ali, nas montanhas do Sinai, Deus chamou Moisés para a maior tarefa de sua vida – tornar-se o libertador do povo hebreu do cativeiro egípcio. Então, Deus o enviou para a dura tarefa de ser seu porta-voz perante Faraó, servindo-se da capacidade que Deus lhe dera para fazer o rei deixar o povo sair da escravidão.

O que constituiu Moisés como profeta não foi o modo como Deus se lhe revelou (em teofania), nem sua capacidade de fazer milagres, mas sua *vocação* inconfundível vivenciada nas montanhas do Sinai! Deus o vocacionou quando ele já era homem feito, para ser profeta ao seu povo e à nação egípcia.

A RESPOSTA DE MOISÉS À VOCAÇÃO DIVINA

Alguns outros homens do Antigo Testamento, como Moisés, fizeram objeção ao chamamento de Deus. Diferente de Isaías, Moisés duvidou de sua própria competência tanto para convencer os israelitas como para chegar diante de Faraó, em virtude de sua incapacidade de verbalizar a mensagem.

Em sua resposta negativa, Moisés alegou falta de confiança em si mesmo

A primeira objeção à vocação divina foi a falta de autoconfiança, a baixa autoestima.

Ex 3.11 – “Então, disse Moisés a Deus: Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?”

i) Moisés não confiava na própria capacidade de tirar o povo do Egito
Parece-me que, desde que saiu fugido do Egito, Moisés lidava com a

sensação de incapacidade de fazer alguma coisa em favor de seus irmãos de raça. Ele não sentia nenhum desejo de voltar para o Egito, porque fora desprezado pelos hebreus. Após uma tentativa de apartar uma briga entre hebreus, Moisés recebeu uma reprimenda desafiadora que, por certo, marcou sua vida emocional:

Ex 2.13–14 – “Saiu no dia seguinte, e eis que dois hebreus estavam brigando; e disse ao culpado: Por que espancas o teu próximo? E o outro respondeu: Quem te pôs por príncipe e juiz sobre nós? Pensas matar-me, como mataste o egípcio? Temeu, pois, Moisés e disse: Com certeza o descobriram.”

Se Moisés aparecesse no Egito, na terra de Goshen, acreditava que seria repellido, indesejado no meio deles. Portanto, sentiu-se incapaz da empreitada de tirar o povo do Egito.

ii) Moisés não confiava que poderia pregar às autoridades reais

Ex 2.15 – “Informado desse caso, procurou Faraó matar a Moisés; porém, Moisés fugiu da presença de Faraó e se deteve na terra de Midiã; e assentou-se junto a um poço.”

Ele se sentia extremamente desconfortável com a ideia de ter de voltar ao Egito. Ao saber do assassinato cometido por Moisés, Faraó teve a intenção de matá-lo. Após fugir do Egito, Moisés não mais seria um homem de autoridade no Egito. Sua presença ali seria temerária. Portanto, sentiu-se incapaz de enfrentar a ira de Faraó e de adquirir a confiança de seu próprio povo.

Deus não vocacionou Moisés por causa de sua anterior importância como o segundo em comando na terra do Egito, ou por suas habilidades naturais. Não se esqueça de que Lucas nos diz, a respeito de Moisés, que ele “foi educado em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em palavras e obras” (At 7.22).

Deus, igualmente, não vocacionou Moisés por causa de sua capacidade, mas apesar de suas falhas. A vocação de Moisés não lhe veio pelo que ele poderia oferecer, mas pelo que Deus iria fazer através dele, mesmo em seu senso de incapacidade. Quando Deus vocacionou Moisés, Deus o capacitou para fazer o que ele queria que fosse feito!

Quando você for confrontado para uma tarefa no reino e disser a si mesmo: “Quem sou eu para fazer isso?”, não pense que Deus o comissiona

para fazer algo pelo que você é ou tem, mas sempre pelo que ele vai fazer em você e através de você, mesmo com suas debilidades.

Quando você for confrontado com uma tarefa para realizar no reino, pense em si mesmo conforme o padrão das Escrituras:

Rm 12.3 – “Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um.”

Nunca avalie a si mesmo nem mais nem menos do que você é! Reflita sobre ser usado por Deus de acordo com a medida de capacidade que ele próprio lhe dá! Veja a longa resposta de Deus a quem não confiava em si mesmo e tinha medo de suas incapacidades em Êxodo 3.12–18.

Em sua resposta negativa, Moisés alegou não ter capacidade de influenciar as pessoas

Ex 4.1 – “Respondeu Moisés: *Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz, pois dirão: O SENHOR não te apareceu.*”

i) Moisés alegou que ninguém creria nele

Isaías teve mais ou menos a mesma sensação de Moisés, porém uma sensação confirmada: “Senhor, quem acreditou em nossa pregação?”. Moisés e Isaías foram afetados pelo insucesso parcial de seu trabalho. Conhecendo a si mesmos, Moisés e Isaías estavam certos de que ninguém confiaria em sua Palavra. Na situação de Moisés, esse tipo de alegação foi comprovado porque, a princípio, antes da realização de alguns milagres poderosos, muitos do povo não creram em Moisés. Eles começaram seu ministério temendo que ninguém creria neles.

Ainda hoje, todos os que são ministros da Palavra passam por crises assim porque não conseguem trazer pessoas das trevas para a luz; do pecado para a santidade; da morte para a vida. Quando enfrentam essa situação, são tomados por uma sensação de impotência que pode levar a uma crise ministerial.

ii) Moisés alegou que ninguém daria ouvidos a ele

Não podemos esquecer que a fé tem a ver com as palavras de uma pessoa. O povo não cria em Moisés porque não cria em suas palavras. Moisés pensava de si mesmo como um desacreditado. Era uma situação altamente desconfortável para Moisés, diante de um povo explorado, que já sofria havia

quatrocentos e trinta anos. Eles haviam perdido a capacidade de crer em alguém, mesmo afirmando-se tratar-se de um mensageiro de Deus.

Ainda hoje, é muito difícil para um ministro da Palavra falar e ter a sensação de que ninguém está prestando atenção ao que diz. É muito frustrante só pensar em falar sem ser ouvido! Portanto, a despeito da asseveração divina de que estaria com ele e que o povo o ouviria (Ex 3.18), Moisés insistiu na própria incapacidade de influenciar as pessoas.

iii) Moisés alegou que duvidariam de sua vocação

A falta de crença do povo em Moisés e a incerteza de que o povo daria ouvidos a ele estão fortemente enraizadas na falta de conhecimento que o povo tinha acerca de sua vocação. Por essa razão, a fim de tornar Moisés acreditado entre o povo, Deus executou sinais incontestáveis de sua vocação divina. Os adversários egípcios, como é o caso de Faraó e sua casa, também não criam na vocação divina de Moisés, porque não criam num Deus superior a seus próprios deuses. Eles não deram crédito a alguém que se dizia vocacionado por um Deus “sem face”, um Deus que não possuía imagem de si mesmo e, que, portanto, não podia ser adorado. Tudo era contrário a Moisés. Mas Deus argumentou:

Ex 4.2–9 – “Perguntou-lhe o SENHOR: Que é isso que tens na mão? Respondeu-lhe: Um bordão. Então, lhe disse: Lança-o na terra. Ele o lançou na terra, e o bordão virou uma serpente. E Moisés fugia dela. Disse o SENHOR a Moisés: Estende a mão e pega-lhe pela cauda (estendeu ele a mão, pegou-lhe pela cauda, e ela se tornou em bordão); para que creiam que te apareceu o SENHOR, Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó. Disse-lhe mais o SENHOR: Mete, agora, a mão no peito. Ele o fez; e, tirando-a, eis que a mão estava leprosa, branca como a neve. Disse ainda o SENHOR: Torna a meter a mão no peito. Ele a meteu no peito, novamente; e, quando a tirou, eis que se havia tornado como o restante de sua carne. Se eles te não crerem, nem atenderem à evidência do primeiro sinal, talvez crerão na evidência do segundo. Se nem ainda crerem mediante estes dois sinais, nem te ouvirem a voz, tomarás das águas do rio e as derramarás na terra seca; e as águas que do rio tomares tornar-se-ão sangue sobre a terra.”

A fim de tornar evidente o suporte que daria, Deus mostrou seu poder. O próprio Moisés tinha de conhecer realmente quem Deus era. Então, Deus fez sinais da presença de Moisés para ele se certificar do poder do Deus verdadeiro.

Deus mostrou algumas coisas importantes a Moisés:

- Deus tinha o poder de tomar um bordão e fazer com ele coisas espantosas (v. 2–5)
- Deus tinha o poder de dar enfermidade e o poder de curá-la (v. 6–7)
- Deus tinha o poder de transformar todas as águas em sangue (v. 9)
- Não se esqueça de que a operação de sinais não leva ninguém, necessariamente, à fé (v. 9). Tanto os hebreus como os egípcios ficaram espantados com os sinais poderosos operados por Moisés, mas não creram naquele que opera milagres (Dt 29.2–4).

Além disso, Deus queria que Moisés participasse desses sinais e maravilhas, pois ele também os apresentaria perante Faraó. Os sinais feitos pelos vocacionados tanto do Antigo como do Novo Testamentos servem para credenciar a vocação deles.

Em sua resposta negativa, Moisés alega incompetência no falar

Diferentemente das razões para Isaías e Jeremias resistirem, Moisés ofereceu relutância ao seu chamamento alegando incompetência.

i) A alegação de Moisés

Ex 4.10 – “Então, disse Moisés ao SENHOR: Ah! Senhor! *Eu nunca fui eloquente*, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; *pois sou pesado de boca e pesado de língua.*”

É curioso que, enquanto estava no Egito, no auge de seu poder, a Escritura diz de Moisés que ele era um varão poderoso em palavra e obras (At 7.22). Agora, contudo, ele alega que não era eloquente e que tinha graves problemas, provavelmente de gagueira. É possível que ele tenha sofrido algum trauma pelas experiências passadas, sendo afetado em sua capacidade de expressão verbal. De qualquer forma, ele estava fugindo de uma tarefa pesada, mas Deus não deixa que o argumento dele prevaleça contra o seu.

ii) O raciocínio de Deus

Ex 4.11–12 – “Respondeu-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR? Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar.”

Moisés não tinha como escapar. Sua incompetência para falar fluentemente seria compensada pela ação divina sobre ele. Deus, que é o Criador de nossos sentidos, é aquele que faz os sentidos funcionarem. É o que basta! Na verdade, Deus é o que nos estimula e nos capacita em nossas fraquezas. A regra divina é que nosso poder se aperfeiçoa em nossa fraqueza.

Antes da revelação dessa verdade clara do Novo Testamento, Deus a adiantou a Moisés de forma clara.

Em sua resposta negativa, Moisés sugeriu que Deus chamasse outra pessoa

Ex 4.13 – “Ele, porém, respondeu: Ah! Senhor! *Envia aquele que hás de enviar, menos a mim.*”

i) A alegação de Moisés

Esse parece ser o último argumento de Moisés para não assumir a tarefa ordenada por Deus. Sua relutância foi extremamente longa e cheia de alegações que foram absolutamente desprezadas por Deus.

Quando Moisés percebeu que Deus quebrara todos os seus argumentos, sugeriu-lhe que arranjasse outro para substituí-lo naquela pesada tarefa. Ele não queria enfrentar o Egito nem seus próprios irmãos. Segundo sua avaliação, o que Deus queria era uma tarefa pesada demais para ele!

ii) A reação de Deus

Ex 4.14–17 – “Então, acendeu-se a ira do SENHOR contra Moisés, e disse: Não é Arão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala fluentemente; e eis que ele sai ao teu encontro e, vendo-te, se alegrará em seu coração. Tu, pois, lhe falarás e lhe porás na boca as palavras; eu serei com a tua boca e com a dele e vos ensinarei o que deveis fazer. Ele falará por ti ao povo; ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus. Toma, pois, este bordão na mão, com o qual hás de fazer os sinais.”

Diante dessa última reação negativa de Moisés, Deus teve uma atitude que, até então, não tivera: irou-se com Moisés! (v. 14). Deus estava correto em sua ira, pois ele havia prometido todo suporte de sua parte e, ainda assim, Moisés se recusava a aceitar o chamado.

Todavia, depois da manifestação de sua ira, Deus não somente prometeu “eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar”, como também compadeceu-se dele, em sua fraqueza, proporcionando alguém que seria seu ajudador entre os humanos. A verdade é que, “na sua ira, Deus se lembrou de sua misericórdia” (v. 15b) com Moisés, proporcionando-lhe um ajudador (v. 15a).

A VOCAÇÃO DE ISAÍAS

O capítulo 6 de Isaías trata da condição espiritual e da vocação de Isaías para o exercício de uma tarefa árdua. A narrativa do texto é perfeita para análise. Trata-se de uma passagem clássica conhecida de todos os que amam a Escritura.

O LOCAL DA VOCAÇÃO DIVINA DE ISAÍAS

Is 6.1 – “No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo.”

Deus aparece em visão a Isaías exatamente quando ele estava no templo para adorar. A adoração certamente era parte da vida desse homem comum da comunidade cúlrica de Israel. No templo, Isaías viu o Rei/Criador assentado em seu trono e contemplou a imensidão da glória de sua realeza! Nessa visão, Isaías viu Deus, que tinha tomado forma, porque vestia um manto que se espalhava, enchendo o templo.

Isaías era um homem crente, mas ainda tinha algumas questões de pecado que estavam enraizadas em sua alma e que precisavam ser curadas. Mesmo assim, Deus o confronta na hora do culto e o vocaciona para uma difícil tarefa.

A CONDIÇÃO ESPIRITUAL DE ISAÍAS QUANDO DE SUA VOCAÇÃO

A contemplação de Deus, em visão, trouxe a Isaías algumas experiências que ele nunca tivera.

No dia de sua vocação, Isaías teve uma experiência da santidade de Deus

Is 6.1–3 – “No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas, cobria o rosto; com duas, cobria os seus pés; e, com duas, voava. E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.”

A visão de Isaías foi espantosa! Ele contemplou seres espirituais santos falando triplamente da santidade de Deus. Santos proclamando o Santo. Isso

indica que a santidade de Deus era muito superior à santidade daqueles que proclamavam a santidade dele. Na verdade, a santidade de Deus é superior à dos serafins porque a santidade desses últimos lhes é comunicada, enquanto a santidade do primeiro é própria de sua essência, além de inalterável.

No dia de sua vocação, Isaías viu o Senhor num trono

Is 6.1 – “No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor *assentado sobre um alto e sublime trono*, e as abas de suas vestes enchiam o templo.”

Essa passagem resume o fato de Deus estar assentado no trono, apontando, assim, para sua realeza. Além disso, qualifica o trono como alto e sublime. Essas características apontam para uma majestade gloriosa que impressiona qualquer vidente!

A visão majestosa de Deus trouxe-lhe uma experiência memorável que o marcou pelo resto da vida. Segundo aquela visão, ele foi vocacionado para o exercício do ofício profético. Foi a vocação de um Deus soberano, que estava num trono. Aliás, estar assentado no trono é a característica exclusiva do Deus único. Não há ninguém tão soberano quanto ele!

Certamente, o profeta Isaías viu alguma forma divina em sua visão. Quando queria ser visto pelos seres humanos, ainda que em sonhos ou visões, Deus se apresentava de maneira que os sentidos dos homens pudessem percebê-lo fisicamente. Deus tomou uma forma na visão que deu a Isaías, porque o profeta relata o fato de Deus estar com vestes que enchiam o templo. As vestes são próprias, no mínimo, de quem assume uma corporeidade. Isaías não teria qualquer possibilidade de ver Deus se ele não tomasse uma forma naquela visão. Essa forma não é uma teofania, porque não é uma experiência objetiva, mas subjetiva – e ele, de fato, viu o Senhor. A visão atingiu os olhos do profeta e, conseqüentemente, todo o seu ser.

No dia de sua vocação, Isaías viu seres celestiais

i) A localização dos cantores celestiais

Is 6.2a – “Serafins estavam por cima dele;”

A passagem diz que os serafins estavam por cima daquele que estava assentado no trono. Esse é o único lugar nas Escrituras em que os seres celestiais são chamados de “serafins”.

Os serafins circundavam o trono com a tarefa de trazer louvor continuado ao Soberano absoluto. Os seres celestiais foram vistos com uma função que

lhes é típica, pois assistem perante o trono. Ali, é o lugar do exercício espiritual deles – louvar o Senhor, juntamente com os querubins, que também são seres celestiais (Cf Sl 80.1; Is 37.16).²

Parece-me que a função dos serafins é diferente da função de outros seres celestiais, como os anjos, por exemplo. A função dos serafins parece ser exercida sempre na presença de Deus, enquanto os anjos saem da presença de Deus e descem à terra para servir àqueles que herdaram a salvação (Hb 1.14).

ii) A aparência dos cantores celestiais

Is 6.2b – “cada um tinha seis asas: com duas, cobria o rosto; com duas, cobria seus pés; e, com duas, voava.”

Obviamente, para que pudessem ser vistos pelo profeta Isaías em sua visão, os serafins tiveram de tomar forma, pois eles também são seres espirituais. É impossível ter qualquer visão de seres eminentemente espirituais sem que tomem forma. Assim como os anjos, que, para serem vistos pelos homens, precisavam tomar forma, os serafins também precisavam ter aparência física para serem observados pelos sentidos do profeta.

Os serafins tinham características de fisicalidade: eram seres alados; tinham rosto e pés. Duas asas serviam para cobrir os pés, a fim de apontar para a santidade do lugar; outras duas asas serviam para voar, úteis para a locomoção, a fim de executarem qualquer mandamento de Deus, ainda que a função deles fora da “presença diante trono” seja desconhecida. Com outras duas asas, eles cobriam o próprio rosto, em razão de não poderem contemplar a face gloriosa de Deus, da mesma forma que Moisés foi impedido de ver a face gloriosa de Deus (Ex 33.20). Assim, ainda que esses seres celestiais sejam superiores aos homens, e sejam santos, também são finitos (porque são criados!) e não têm capacidade de contemplar a glória daquele que é infinito!

Essa é a descrição da fisicalidade que a passagem apresenta deles. O apóstolo João menciona seres viventes também possuem seis asas (Ap 4.8), o que sugere a fisicalidade similar de serafins, querubins e seres viventes.

iii) O conteúdo do cântico dos cantores celestiais

Is 6.3 – “E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.”

a) Os serafins exaltam a santidade do Senhor nos céus

“E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos”

Os serafins cantavam uns aos outros a natureza gloriosa da santidade divina. Não se contentavam com uma afirmação única da santidade divina. A repetição tríplice da santidade provavelmente diz respeito à pluralidade de pessoas na divindade, ainda que, àquela altura, não houvesse noção de trindade. A ideia era apenas de que a divindade era plural.³ No entanto, precisamos entender que,

na língua hebraica, a intensidade é comunicada por *repetição*. Dizer que o Senhor é *santo* diz alguma coisa. Dizer que o Senhor é *santo, santo*, diz muito mais. Dizer que o Senhor é *santo, santo, santo* é declarar sua santidade no mais alto grau possível.⁴

O propósito da tríplice repetição da santidade de Deus deveria fazer com que levássemos mais a sério esse atributo que delineia tudo o mais que Deus é!

A santidade tríplice de Deus significa que ele está grandemente *separado* de nós, moral e espiritualmente falando! Deus é separado de nós porque não é criatura, não tem começo e não tem origem; ele é separado de nós porque continuaria a existir se não houvesse a Criação; ele é separado de nós em sua natureza essencial porque é espírito puríssimo, e nós somos limitados pelo espaço da matéria e pelo tempo. Diz-se que Deus não é um super-homem ou o homem no mais alto grau. Deus não é meramente *mais inteligente* do que qualquer homem, *mais forte* do que qualquer homem, *mais velho* do que qualquer homem ou mesmo *melhor* do que qualquer homem. Você não pode medir Deus em relação ao homem. Ele é *Divino*, e nós somos *humanos*.

Entretanto, a despeito da distância essencial entre Deus e nós, Deus e suas criaturas não são incompatíveis entre si. A beleza dessa verdade é que Criador e criatura (o Divino e o humano) são compatíveis entre si. A compatibilidade entre nós é porque Deus nos fez à sua imagem e semelhança (Gn 1.26-27). Assim, ainda que qualitativamente distantes, somos parecidos, pois devemos refletir a imagem daquele que nos criou. O Verbo, em sua encarnação, assumiu a nossa humanidade, a fim de restaurar as partes da imagem de Deus que foram desfiguradas em nós, por causa do pecado, e para nos tornar plenamente compatíveis com Deus, a ponto de podermos, um dia,

estar na presença gloriosa de Deus, no céu e na nova terra!

b) Os serafins exaltam a glória de Deus na terra

“toda a terra está cheia da sua glória.”

Os serafins conseguem perceber alguma coisa que os seres humanos não conseguem. Nós conseguimos imaginar, em algum grau, como é grande a glória de Deus nos céus, mas temos dificuldade de ver a glória de Deus na terra, por causa da maldição que ainda vige sobre ela. Os serafins conseguem ver a glória de Deus mesmo na terra, de modo que toda a terra reflete essa glória. Por causa de nossos pecados, algumas coisas de Deus parecem estar escondidas de nossos olhos, mas os serafins veem a manifestação da glória de Deus aqui na terra.

No dia de sua vocação, Isaías aprendeu a ver coisas que normalmente nenhum ser humano consegue ver. Ele aprendeu que não somente a abóbada celeste (os céus) manifesta a glória de Deus, mas também que “toda a terra está cheia da sua glória!”. Assim, ao contemplar a visão de Deus, ele compreendeu mais claramente quem Deus é e também quem ele era. Ao ser confrontado com a visão divina, algumas coisas aconteceram na vida do profeta.

No dia de sua vocação, Isaías viu o impacto da santidade de Deus no templo

Is 6.4 – “As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça.”

A voz dos serafins na proclamação da santidade tríplice de Deus foi ouvida em meio a uma convulsão no santuário. Duas coisas aconteceram: o movimento nas bases do limiar e a fumaça no santuário.

i) O movimento dos fundamentos do santuário

Quando Deus dá a conhecer sua santidade, também mostra seu poder de impacto não somente na vida de pessoas, mas também nos elementos da natureza.

A palavra hebraica *tīMaḏ* (*ammot*, que é plural) vem do singular *ḥMṯaḏ*; *ammah*, traduzida como “limiar”, e diz respeito a uma parte dos fundamentos de uma porta que está firmemente segura na parede. Se o limiar moveu-se, isso significa que as paredes do santuário tremeram diante da santidade daquele que estava no trono.

A proclamação da santidade de Deus pela voz dos serafins era tão poderosa que as ondas sonoras provocavam movimentos sísmicos, como aconteceu com as montanhas do Sinai, quando Deus falava. Em geral, a manifestação da santidade de Deus é acompanhada de manifestações de seu poder. Isso aconteceu quando Deus manifestou sua santidade na região do Sinai:

Ex 19.18 – “Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, *e todo o monte tremia grandemente.*”

Todos os profetas de Deus, diante dessas manifestações poderosas de sua presença santa, tiveram grande temor!

ii) A fumaça no santuário

Com a manifestação teofânica do santo Deus no Sinai, não somente a terra tremia, como também nuvens de fumaça apareciam envolvendo uma aparição divina:

Ex 19.17–18 – “E Moisés levou o povo fora do arraial ao encontro de Deus; e puseram-se ao pé do monte. Todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; *a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia grandemente.*”

1Rs 8.10–11 – “Tendo os sacerdotes saído do santuário, uma nuvem encheu a Casa do SENHOR, de tal sorte que os sacerdotes não puderam permanecer ali, para ministrar, *por causa da nuvem, porque a glória do SENHOR enchera a Casa do SENHOR.*”

Um dos resultados da fumaça (ou nuvem) no santuário é a manifestação da glória de Deus. Quando o Deus invisível se manifesta visivelmente, então podemos dizer que essa manifestação é a glória de Deus, ou sua *shekinah*.

No dia de sua vocação, Isaías teve uma experiência de sua própria inclinação pecaminosa

Is 6.5 – “Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!”

i) Isaías foi tomado de grande temor

Is 6.5a – ““Então, disse eu: *ai de mim!*”

A expressão “ai” aparece muitas vezes na Escritura.⁵ Trata-se de uma interjeição que aponta para uma situação que nos é contrária, indicando a

vinda de algo ruim sobre nós. Também pode significar a vinda de tristeza, dor, miséria ou a própria ira divina!

A palavra “ai” mostra o medo que Isaías teve ao ser confrontado com a santidade de Deus em sua condição pecaminosa. A sensação de nudez de Isaías diante da visão da santidade de Deus o leva a pensar na ira divina. À parte a graça misericordiosa de Deus, qualquer ser humano tem de gritar “ai de mim”, pois é a única alternativa que lhe resta. Essa é uma expressão de desespero diante de uma dura situação que se avizinha. Nada pode impedir que a desgraça venha, a menos que a graça chegue antes!

ii) Isaías teve consciência de sua perdição

Is 6.5b – “ai de mim! *Estou perdido!*”

A expressão “ai de mim” resulta da constatação de sua situação de pecado diante da presença santa de Deus. A santidade de Deus é tão grande e devastadora para a alma do profeta que cria nele um senso de perdição que não pode ser resolvido sem a intervenção graciosa de Deus, que se revela em purificação.

A expressão hebraica $\neg \blacktriangle \times \neg m_2^2 \neg \rightarrow \searrow \acute{u}$ (traduzida como perdido) pode ser traduzida de várias formas, mas todas se encaixam perfeitamente no contexto de pecado de Isaías. Essa expressão tem sido traduzida como “Estou silenciado, sem poder dar resposta”; “Fiquei silente”; “Estou arruinado” ou “Estou destruído”.

É importante que todos nós entendamos que deveríamos ter a mesma resposta de Isaías ao ponderar sobre a glória da santidade de Deus. Temos ficado muito frios em nossos pecados e não temos tido dores ou angústias por causa deles. Eventualmente, tem-se a impressão de que os pecados não mais incomodam os homens, os quais não têm a percepção de quanto esses pecados são repulsivos ao Senhor. Por essa razão, nossos arrependimentos são mais do intelecto, sem envolver nossas afeições ou mesmo nossas volições, que nos deveriam levar ao abandono das coisas pecaminosas que praticamos.

Precisamos de uma confrontação de nossa pecaminosidade com a santidade de Deus. Algumas ocasiões, isso acontece na história, mas há vezes em que Deus nos deixa sem essa sua manifestação e sua Igreja fica apática e árida em suas relações verticais com ele. Seguem dois exemplos de pessoas

que foram confrontadas com a santidade do Senhor e reagiram corretamente:

a) Jó foi confrontado com a presença santa de Deus e exclamou: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, *me abomino e me arrependo no pó e na cinza*” (Jó 42.5–6). Não temos visto homens de Deus com essa mesma sensação que Jó experimentou no meio de suas muitas dores físicas.

b) Pedro teve uma experiência desafiadora quando foi confrontado com o Senhor, Criador dos peixes do mar: “Vendo isto, Simão Pedro prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, *retira-te de mim, porque sou pecador*” (Lc 5.8). Pedro ficou assombrado diante do santo poder de Jesus sobre a sua criação. Além do assombramento, ele teve profunda convicção de seus pecados, o que tem faltado a muitos de nós.

Creio que estamos em uma época em que Deus está nos deixando sem as duras (mas preciosas!) e santas confrontações. Portanto, temos de pedir mais peso de pecado a Deus, para que a totalidade de nosso ser tenha a dor pelos pecados, e isso nos faça voltar da miséria espiritual para uma existência mais vitoriosa sobre nós próprios!

iii) Isaías reconheceu sua impureza

Is 6.5c – “Porque sou *homem de lábios impuros*, habito no meio de um povo de impuros lábios”

A consciência de perdição de Isaías deve-se a dois fatores: em Deus e nele próprio. Havia uma grande distância moral entre Deus e ele. Deus mostrou-lhe, de maneira extraordinária, sua santidade na experiência do cântico da exaltação de sua santidade pelos serafins. A primeira razão do terror de Isaías se encontra em Deus. A segunda está no senso de impureza que o próprio Isaías teve. Ele não poderia escapar dessa sensação, porque reconhecia a própria impureza e o ambiente impuro em que vivia.

A palavra hebraica *am̕ ħ ħ* (*tame*), traduzida como “impuros”, pode ter a conotação de poluídos, sujos, manchados, desonrados etc. Esse termo descreve aquilo que se tem tornado cerimonialmente impuro ou imundo, ou seja, tudo que é contrário à santidade de Deus.

a) Isaías tinha lábios impuros

Isaías reconheceu sua impureza pelos pecados da língua. Não conhecemos as minúcias desses pecados, mas certamente Isaías pecava em suas palavras.

Isaías entendeu um princípio que Jesus ensinaria de maneira mais clara, posteriormente, quando disse “a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34).

Diante da contemplação da santidade de Deus, o primeiro reconhecimento de pecado teve a ver com a impureza de sua boca. Ainda hoje, muitas pessoas, depois de tantos anos de cristianismo, têm dificuldade de entender a gravidade desse pecado. Elas falam muitas coisas torpes que só trazem prejuízo para a própria alma e a alma dos outros.

É provável que a sensação de lábios impuros tenha sido aumentada quando Isaías percebeu a grande diferença entre o que ele dizia e o que os serafins diziam. Estes últimos falavam coisas lindas a respeito da santidade de Deus, adorando-o com os lábios. Havia perfeição nos lábios dos serafins, mas não existia perfeição nos lábios do profeta, mesmo que ele adorasse ao Senhor. Seu coração estava cheio de imundície. Por isso, seus lábios falavam aquilo de que seu coração estava cheio.

De modo oposto, a pureza dos lábios é sinal de que o coração anda bem tratado e curado de muitas de suas enfermidades. Uma boca irrepreensível é um bem precioso na família e na Igreja. Todavia, os pecados da língua têm representado um grande empecilho ao progresso. O profeta entendeu que não poderia ser um proclamador da verdade de Deus se não tivesse limpeza na maneira de falar.

b) O povo tinha lábios impuros

O profeta também reconheceu que seus próprios pecados de língua tinham suporte nesses mesmos pecados por parte daqueles com quem convivia. Por isso, disse que habitava “no meio de um povo de lábios impuros”. Havia muita podridão por causa de maledicência, injúria, reclamação etc.

Por essa razão, precisamos pedir a Deus que purifique os lábios de seu povo! Uma das coisas que, no final, Deus vai fazer também aos povos gentílicos é dar-lhes “lábios puros, para que todos invoquem o nome do Senhor e o sirvam de comum acordo” (Sf 3.9).

A beleza em reconhecer os pecados pessoais e os de seu povo foi que isso aconteceu com Isaías por ocasião de seu chamamento. Ele não ficou anos com esses pecados na alma, depois de ser colocado no ofício profético, mas foi atingido pela graça perdoadora de Deus já no começo de seu ministério!

iv) Isaías teve duras sensações por causa da visão de Deus

Is 6.5d – “*e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!*”

A contemplação da santidade de Deus nos conduz a uma sensação de imundície em nosso ser interior. Na verdade, nenhuma pessoa pode perceber a própria imundície até contemplar o padrão de santidade encontrado em Deus. Somente quando somos confrontados com a santidade de Deus é que percebemos nossa própria impureza!

O senso de impureza dele e de seu povo, bem como a contemplação da natureza santa de Deus, levaram-no ao senso de perdição. Ao juntar essas duas realidades, é possível entender o terror de perdição que o profeta teve. Como é possível alguém estar na presença santa de Deus e, ainda assim, não sentir imundície dentro de si? É praticamente uma impossibilidade! A contemplação do Senhor fez Isaías reconhecer a dura sensação de miséria em sua alma!

A visão que um homem tem de Deus desnuda sua alma. Ele passa a ver as coisas, e a si mesmo, com olhos bem diferentes. A visão de Deus muda completamente a cosmovisão de uma pessoa, revelando boa parte do que está escondido de nós próprios: nossa impureza!

A grande tristeza é que muitos de nós, na atualidade, não andamos diante da pureza da Palavra de Deus. A pregação moderna não tem desafiado as pessoas a uma vida de proximidade com Deus. Se houvesse uma pregação que confrontasse os homens com a santidade de Deus, teríamos uma visão bem diferente daquela que temos de nós próprios. Foi exatamente isso que aconteceu com Isaías quando ele foi vocacionado para exercer o ofício profético! Ele se percebeu sujo e teve seus pecados perdoados!

A segunda experiência decorre da primeira. A visão da santidade de Deus leva Isaías a uma sensação dolorida da sujeira de sua interioridade. Deus é luz e, quando somos confrontados com a luz, conseguimos ver toda a nossa imundície, mesmo aquela que está dentro de nós.

Na minha infância, costumava jogar bola com os outros meninos na rua de casa. Não havia luz elétrica. Brincávamos até o cair da noite. Então, ao voltar para casa, minha mãe logo me mandava tomar banho, ao que eu retrucava, sacudindo os braços e as pernas: “Mamãe, não estou sujo”. Nesse momento, minha mãe trazia a lamparina ou o lampião, aproximava o objeto de meus

braços e pernas, mostrando-me quanto pó havia em meu corpo.

Quando somos privados da luz de Deus, não conseguimos reconhecer quão sujos estamos. Mas, quando a luz de Deus nos atinge, então vemos a sujeira que há em nós. Com frequência, os ímpios sempre se veem melhor do que realmente são. Olham para si mesmos e se comparam com outras pessoas da mesma laia, considerando-se maravilhosos! Na verdade, sempre se comparam com quem é pior do que eles, a fim de ver a si mesmos de uma forma mais favorável. Eles nem mesmo se comparam com os cristãos genuínos, muito menos com o Deus verdadeiro. No entanto, quando forem confrontados por Deus, no último dia, vão conhecer a grandeza de suas trevas e a enormidade da luz de Deus!

Os ímpios não reconhecem a autoridade da realeza divina por causa das oposições ensandecidas que fazem a Deus. Para eles, não há um governante do universo. Portanto, não existe um trono a partir do qual Deus governa o mundo! O humanismo ensina que há somente um trono – mas o homem senta-se nele. Entretanto, não existe autoridade poderosa e eterna como Deus. Por isso, hoje seu trono está nos céus e, amanhã, estará na terra, quando da restauração da criação. Então, todos nós seremos confrontados com a realeza de Deus como nunca fomos!

Isaías viu Deus sentado no trono. Os homens comuns se sentam em cadeiras, mas somente o soberano se assenta num trono. Deus sempre se deixa conhecer a seus vassalos como um soberano, com a autoridade que lhe é peculiar. Ninguém permanece igual depois de uma visão assim. Isaías foi um homem bem diferente após contemplar essa visão!

No dia de sua vocação, Isaías teve uma experiência de profundo arrependimento

Is 6.6–7 – “Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; com a brasa, tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado.”

A experiência dura que os ímpios têm quando contemplam a santidade de Deus é o senso de perdição, mas sem possibilidade de redenção. É como um beco sem saída. No entanto, a mesma experiência dura que os que pertencem a Deus enfrentam vem acompanhada de uma solução maravilhosa: a purificação e o perdão.

i) A purificação do profeta

Os serafins foram os agentes da purificação do profeta. Eles tomaram brasas do altar e tocaram os lábios dele. A iniquidade que Isaías percebeu em sua alma lhe foi retirada. Provavelmente Isaías tinha problemas sérios com a maneira de falar, ou com o conteúdo do que falava, porque o pecado percebido era relacionado à língua ou aos lábios. Por essa razão, a brasa viva tocou seus lábios dele, para que fosse purificado desses pecados.

Assim como uma brasa pode purificar partes do corpo, as brasas vivas tiradas do altar de Deus purificam as feridas da alma humana. O trono tem a ver com Deus, mas o altar tem a ver conosco. Deus se serve do altar para purificar seu povo. O altar é o lugar do fogo sacrificial, onde nossos pecados são purgados pela obra do Redentor.

ii) O perdão concedido ao profeta

A purificação tem a ver com a limpeza do profeta, enquanto o perdão tem a ver com o tratamento que Deus passou a dispensar ao profeta. Ele não teria mais de carregar o fardo de seus pecados, pois, no perdão, Deus retira de nós a penalidade da culpa – e essa penalidade foi levada por Jesus Cristo quando a ira de Deus recaiu sobre ele. Deus nos perdoa porque Cristo pagou a pena de nossos pecados. Ora, se temos a substituição do pagador da pena, então podemos dizer que somos perdoados, ou seja, não estamos mais debaixo da ira divina. Deus não vai mais nos tratar como pecadores, ainda que, até agora, tenhamos pecado. Em nós, a purificação é um processo, mas o perdão é um ato de Deus. Como Deus nos perdoou por causa de Cristo, está fazendo a limpeza de nossa vida!

A visão da santidade de Deus impactou, de modo significativo, o profeta. Ele nunca tivera uma experiência de arrependimento tão profunda! A visão de sua santidade sempre provocou nele a tristeza pelo pecado que poucas pessoas sentem. Assim, a visão da santidade da realeza divina provocou arrependimento.

Todos os seres humanos têm tristeza espiritual. Os que sentem a tristeza que vem do mundo enfrentam a morte. Mas não podemos esquecer o ensino paulino que diz que “a tristeza que vem segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar” (1Co).

A comissão da vocação divina de Isaías

Is 6.8 – “Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: *A quem enviarei, e quem há de ir por nós?* Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim.”

Embora Deus pudesse anunciar a mensagem, porque é poderoso para essa tarefa, sempre preferiu que sua mensagem fosse proferida por um profeta – o porta-voz de Deus. Em geral, o rei nunca se dirigia a seus súditos, fazendo-o indiretamente, por intermédio de seus arautos. Nesse sentido, o profeta era um arauto do Rei supremo!

No dia de sua vocação, o profeta Isaías ouviu duas perguntas da parte de Deus: Na primeira, Deus usa o singular (“*A quem enviarei?*”) e, na segunda, recorre ao plural no que diz respeito a si mesmo (“*Quem há de ir por nós?*”).

Na pergunta feita usando o singular, Deus está falando de uma pessoa para outra; Deus fala com o homem. No entanto, quando usa o plural, é possível pensarmos na ideia de Deus como representante da Trindade. A noção de pluralidade na divindade já era conhecida no Antigo Testamento.⁶

No uso do plural, existe algo, no mínimo, curioso: o Deus absolutamente soberano na vocação dos homens faz questão de que eles sejam voluntários em seu trabalho profético. Deus poderia simplesmente ordenar que Isaías fosse seu profeta, mas sugere a ideia de voluntariedade que deveria ser apresentada pelo profeta. Deus aprecia voluntários em seu reino. Não se pode esquecer que Deus tem o direito de chamar homens, mas sugere, nessa passagem, a voluntariedade de Isaías para realizar uma tarefa difícilíssima: a de ser missionário sem sucesso, pois ninguém daria ouvidos à sua palavra profética.

A RESPOSTA DE ISAÍAS À VOCAÇÃO DIVINA

Is 6.8 – “Depois disso, ouvi a voz do Senhor, que dizia: *A quem enviarei, e quem há de ir por nós?* Disse eu: *eis-me aqui, envia-me a mim.*”

Isaías se prontificou, voluntariamente, ao trabalho e pediu que Deus o enviasse para a tarefa profética de ser pregador de uma mensagem dura. Mas, a essa altura, ele ainda não sabia que sua tarefa seria extremamente difícil.

Ao contrário de Moisés (que alegou incapacidade de se expressar em palavras), Isaías não hesitou. Ele não apresentou nenhuma desculpa para fugir da tarefa. Ao contrário, respondeu positivamente ao chamado divino, dispondo-se para o serviço profético. Ele disse “sim” às duas perguntas

formuladas por Deus. A voluntariedade de Isaías foi correta: ele se dispôs a ir, mas não disse “deixa que eu vou”. Ele simplesmente disse: “Envia-me a mim”. Entretanto, não podemos esquecer que a vocação divina predispõe o vocacionado a responder prontamente. Ainda que o vocacionado sinta temor, não quer fugir da tarefa. Deus lhe dá o senso de urgência e de necessidade da pregação de sua Palavra.

Por causa da vocação divina, Isaías se prontificou ao exercício de seu ministério profético de um modo voluntário, mas submetendo-se ao Senhor.

A DURA MENSAGEM DA VOCAÇÃO DE ISAÍAS

Is 6.9–10 – “Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo.”

Deus disse a Isaías “Vai”, mas imagino que Isaías torceu o nariz quando ouviu de Deus o que ele tinha a dizer ao povo. A missão estabelecida por Deus, para que Isaías a realizasse, tinha um sabor muito amargo. Poucos profetas receberam de Deus uma missão tão árdua quanto Isaías. Deus o chamava para trazer uma mensagem de justiça, uma mensagem de transformação política e social. Era um desafio que exigia muita força, coragem e intrepidez naqueles dias em que a nação estava em pecado e haveria de ficar sem a graça renovadora de Deus.

A dura mensagem para um povo incapaz de entendimento espiritual

“Ouvi, ouvi e não entendais”

Quando somos dotados por Deus para pregar, assim o fazemos na esperança de que Deus vá fazer alguma coisa no coração dos ouvintes. No entanto, no caso de Isaías, Deus avisou que eles não seriam alvo de qualquer ação divina a capacitá-los para o entendimento espiritual. Seria como pregar à parede, sem a possibilidade de uma resposta positiva da parte deles.

Eles possuíam ouvidos físicos, pois o texto diz “ouvi, ouvi”. Eles eram dotados de inteligência, mas a inteligência simplesmente não conta nessa matéria. O grande problema deles é que não possuíam ouvidos espirituais que os capacitasse a compreender a mensagem divina. A mensagem do profeta

não causaria qualquer modificação na vida deles. Estavam destinados a ficar ignorantes nas questões espirituais.

Não existe nada mais frustrante para o pregador do que ter ouvintes sem entendimento espiritual.

A dura mensagem para um povo sem percepção da realidade

“Vede, vede, mas não percebaís”

Os ouvintes de Isaías tinham olhos físicos para ver a realidade, mas não tinham percepção para entendê-la. Eles não conseguiam ver a si mesmos como Deus os via. A mensagem do profeta caíria em um terreno sem o devido preparo. Ela não produziria frutos porque as pessoas não tinham olhos para perceber a própria situação espiritual.

A dor para o profeta não era simplesmente a falta de percepção de seus ouvintes. Afinal de contas, todas as pessoas incrédulas apresentam essa terrível deficiência. A dureza para o profeta é que Deus o avisou de que ninguém haveria de ter essa percepção. Ele seria um pregador sem obter resultado positivo de sua pregação. Não seria, contudo, uma pregação em vão, pois a palavra da pregação pode tanto salvar como estabelecer a condenação, mas é dolorido para um profeta que ama seu povo não ver a mudança de lentes para enxergar a própria realidade.

A dura mensagem para um povo sem os sentidos fundamentais da alma

“Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo.”

Mais dolorido ainda é o fato de Deus dizer ao profeta que sua pregação causaria ainda mais estrago espiritual na vida do povo. Sua pregação haveria de selar definitivamente a condição moral e espiritual do povo. Isaías pregou a pessoas que estavam indo para o inferno, sem a possibilidade de um caminho de volta! Ele tinha plena consciência desse fato terrível, pois foi o que Deus lhe anunciou de antemão. Assim como a Palavra da pregação pode ser instrumento para manifestar vida espiritual, abertura de coração, de olhos, de ouvidos, também pode agir de forma absolutamente contrária: pode ser instrumento para causar cegueira, surdez e dureza de coração!

Como representante de Deus, Isaías recebeu a tarefa de anunciar uma

mensagem terrível, que apontava para um beco sem saída. Na história, poucos homens de Deus receberam uma tarefa tão pesada como pregadores!

A dura mensagem tinha caráter definitivo para o povo daquela geração

Is 6.11–13 – “Então, disse eu: até quando, Senhor? Ele respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, e a terra seja de todo assolada, e o SENHOR afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Mas, se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída. Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco, assim a santa semente é o seu toco.

Aterrado com o que sua pregação causaria no povo daquela geração, perguntou a Deus: “*Até quando, Senhor?*”. A resposta de Deus foi fatal:

i) “Até que sejam desoladas as cidades”

A desolação das cidades se deu quando Nabucodonosor veio invadir a terra e destruiu tudo: o templo, os muros, as construções, os palácios. Não sobrou nada. O rei da Babilônica era o martelo de Deus para assolar todas as cidades.

ii) “e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores”

Muitas cidades de Israel ficaram completamente desertas, ou seja, sem habitantes. É verdade que os babilônios deixaram alguns para cuidar da terra, mas as cidades ficaram completamente desabitadas. Essa resposta de Deus a Isaías foi muito dura! Isso serve para nos mostrar que é possível ser profeta e não ver resultado de sua pregação por um longo tempo!

iii) “e a terra seja de todo assolada”

A ruína foi completa: o castigo divino atingiu a natureza espiritual dos homens e também a natureza física, onde os homens trabalhavam – as cidades e os campos. Não havia mais colheita nem gado; não havia nenhuma espécie de consolo para os que ficaram na terra! A totalidade da terra de Judá ficou sem a manifestação graciosa de Deus por cerca de setenta anos!

iv) “e o SENHOR afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Mas, se ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída.”

Toda a terra teria de ser desamparada. As bênçãos de natureza imaterial e material desapareceram da terra de Judá. Deus não queria que nenhuma porcentagem dos ímpios ficasse na terra. O argumento divino foi: “Mas, se

ainda ficar a décima parte dela, tornará a ser destruída”.

O castigo de Deus foi duro, porque a impiedade teria de ser retirada da terra, e a impiedade sempre está ligada aos homens que nela habitam. Se quisesse, Deus poderia converter todos os homens e torná-los limpos. Mas Deus resolveu expulsá-los violentamente da terra, para que houvesse ali somente alguns que se tornaram conhecidos como “toco” ou “santa semente”. Somente a esses foi permitido permanecer na terra desolada.

v) “Como terebinto e como carvalho, dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco, assim a santa semente é o seu toco.”

Deus haveria de poupar somente a “santa semente” (ou “o toco”). Creio que essa “santa semente” alude a um pequeno rebanho daquela geração que era fiel. Na verdade, Paulo chama essas pessoas poupadas de o “remanescente fiel”, aqueles que não eram idólatras nem cometiam imoralidade, como o restante da população.

A manutenção dos remanescentes fiéis era a única esperança da pregação de Isaías. Eles seriam o único fruto precioso de seu trabalho no meio daquela geração pervertida e corrupta! Ainda que seja difícil, o ministério de Isaías teve respingos de esperança! Afinal de contas, Deus deixaria um “toco” do qual novos galhos ainda haveriam de nascer!

É possível que, se Isaías soubesse da dureza de seu trabalho profético, se recusasse a realizá-lo. Seria absolutamente compreensível se Isaías apresentasse algum obstáculo, a fim de escapar à sua tarefa. No entanto, ele obedeceu. Na verdade, sabemos que a *vocação* de Deus para o exercício do ofício profético mostrava-se eficaz. Por isso, Isaías não apresentou nenhuma justificativa que o desabilitasse para o árduo trabalho profético. Somente um homem com uma vocação tão clara poderia suportar ser o portador de tão terrível mensagem!

Essa verdade nos mostra uma verdade percebida por poucos: “A *mensagem* é mais importante que o *mensageiro*. A *mensagem* de Isaías era mais importante do que Isaías, o *mensageiro*”.²

Para Deus, o que importa é o conteúdo do que se prega, e não a condição do pregador diante da tarefa. Assim, ao mesmo tempo que Deus sustenta o profeta vocacionado, torna sua mensagem eficaz.

² Ainda que existam estudiosos que negam que serafins, querubins e seres viventes se refiram aos mesmos seres, há indícios

de que serafins são iguais a querubins e seres vivos. Literalmente, a palavra serafim significa “aquele que queima”. O profeta Ezequiel mostra que querubins aparecem como que se queimando, ou ardendo em fogo (cf. Ez 1.13). A partir dessa narrativa, sugerimos que se referiam aos mesmos seres.

³ Para mais detalhes acerca da pluralidade de pessoas na divindade, ver, de minha autoria, *O ser de Deus e seus atributos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012), 115–123.

⁴ Jackie Burrell, *The King*. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id>. Acesso em setembro de 2015.

⁵ Aparece em alguns lugares, como em: [Nm 21:29; 24:23](#); [1Sm 4:7, 8](#); [Is 3:9, 11](#); [6:5](#); [24:16](#); [Jr 4:13, 31](#); [6:4](#); [10:19](#); [13:27](#); [15:10](#); [45:3](#); [48:46](#); [Lm 5:16](#); [Ez 16:23](#); [24:6, 9](#); [Os 7:13](#); [9:12](#).

⁶ Para mais detalhes acerca da pluralidade da divindade no AT, consultar, de minha autoria, *O ser de Deus e seus atributos* (São Paulo: Cultura Cristã, 2012), 115–123.

⁷ David Guzik, em seu comentário sobre o texto em estudo. Disponível em <http://www.enduringword.com/commentaries/2306.htm>. Acesso em outubro de 2015.

A VOCAÇÃO DE JEREMIAS

Jeremias nasceu numa família sacerdotal. Era um homem acostumado ao culto divino em Israel. O texto diz que ele era “filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anatote, na terra de Benjamim” (Jr 1.1). Por uma questão de família e tribo, Jeremias deveria seguir a carreira sacerdotal. No entanto, nem sempre Deus resolve dar o mesmo rumo do pai/sacerdote a seu filho. Quando tornou-se adulto, o Senhor dirigiu-se a ele nos dias do rei Josias (Jr 1.2), contando-lhe de seus planos eternos e chamando-o para o ofício profético. O que credenciava Jeremias para ser profeta era esse chamamento divino.

O DECRETO DA VOCAÇÃO PROFÉTICA DE JEREMIAS

Jr 1.4–5 – “A mim me veio, pois, a palavra do SENHOR, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações.”

A Escritura, via de regra, afirma que todas as bênçãos soteriológicas e dotacionais nos são dadas antes mesmo de existirmos neste mundo. Jeremias é apenas um exemplo descritivo do que acontece com todas as pessoas de quem Deus se serviu tanto no Antigo como no Novo Testamento e das pessoas que vivem hoje.

A vocação de Jeremias para o exercício do ofício profético nos ensina alguns aspectos teológicos muito importantes: Jeremias foi amado de antemão, foi formado pelo Senhor, foi separado pelo Senhor e foi designado para o ministério pelo Senhor. Tudo isso aconteceu antes mesmo de ele respirar ou chorar pela primeira vez.

Jeremias era amado do Senhor antes de existir

“Antes que eu te formasse no ventre materno, *eu te conheci*”

Em várias passagens da Escritura, vemos que o verbo “conhecer”, na mentalidade hebraica, significa ter relacionamento de amor. Em outras palavras, o texto está dizendo que Deus amou Jeremias antes de ele existir. Isso significa que Jeremias já era objeto do amor de Deus antes mesmo de ser formado no ventre de sua mãe.

Essa verdade sobre Jeremias também é válida para nós. Todos nós fomos objetos do amor eletivo de Deus desde antes da fundação do mundo (Ef 1.4–5). Somos “conhecidos” (amados) por Deus muito antes de sermos trazidos à existência. Isso significa que Deus teve comprometimento pessoal conosco antes de existirmos.

Lembro que amei meus filhos antes mesmo de eles existirem. Eu orava por eles, suplicando a graça divina sobre eles. Eu os amei antes de serem trazidos à existência. Em minha mente finita, fui capaz disso. Quanto mais Deus o é!

É esse amor de Deus por nós antes da fundação do mundo que dá esperança aos pais que perderam seus filhinhos antes mesmo de nascerem ou na tenra infância. O amor salvador de Deus é a base que desencadeia todo o processo de redenção, ainda que não se tenha tido resposta de fé. Na verdade, não é a fé que nos salva, mas a obra trinitária: o amor do Pai, que nos elege antes da fundação do mundo; a obra do Filho, que obedece ativamente, garantindo a vida eterna, e também passivamente, pagando pelo preço de nossos pecados; a obra do Espírito, que nos santifica, vivificando nossas almas até mesmo no ventre materno. Tudo isso acontece por causa das decisões tomadas pelo Deus triúno antes mesmo de o tempo existir.

- Sua identidade não começa quando você crê, porque sua fé é a resposta à obra trinitária divina. Então, você manifesta sua fé para poder desfrutar da redenção divina nesta existência.
- Sua identidade não começa quando você começa a entender a si mesmo e a participar de seu ambiente. Existe alguma coisa anterior à sua tomada de consciência.
- Sua identidade teve início quando Deus pôs seu coração em você, amando-o, e, então, quando você foi trazido à existência, ele iniciou em você uma obra que tem efeito por toda a eternidade!
- Sua identidade, no sentido mais estrito, portanto, não começa com os genes de seus pais biológicos, mas com Deus. “O nascimento não é o começo. Nem mesmo a concepção é o começo real. De algum modo inefável, Deus tem um conhecimento especial do indivíduo que precede a concepção.”⁸ É nesse sentido que somos conhecidos (amados), antes de sermos trazidos à existência.

Jeremias foi formado pelo Senhor

“Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci”

Deus é o Criador da vida espiritual e da vida chamada física. Ainda que Deus se sirva dos genes produzidos por nossos pais biológicos, é ele que nos

traz à existência.

A existência de Jeremias começou por obra divina. Por isso Deus lhe disse: “Antes que *eu te formasse* no ventre materno”. Fomos formados à imagem e semelhança de Deus e, posteriormente, fomos gerados de novo, por causa do amor divino, para que pudéssemos ter um relacionamento com ele. Todos nós viemos à existência exatamente por causa da vontade de Deus. Deus não somente prepara o ventre da mãe; ele também é aquele que autoriza a fecundação para nossa existência.

Muitos tentam ter filhos, têm saúde e todos os órgãos saudáveis, mas não conseguem. Nossos filhos são fruto de uma ação divina, acreditemos ou não nisso. Pois ele é o Senhor da vida! Nunca poderíamos existir sem que ele tivesse parte ativa nessa formação! Essa é a crença dos remidos, e não dos ímpios, pois apenas os primeiros creem na revelação divina.

Quando você estiver educando seu filho e ele lhe perguntar: “Pai, de onde que vim?”, a resposta é: “Você veio de Deus, meu filho”, porque todos nós existimos tanto física como espiritualmente por causa da vontade do Senhor. Se você responder dessa maneira, estará ensinando boa teologia a seu Filho, sem negar o fato científico de que a nossa existência como pessoa começa quando os genes de nossos pais se juntam.

Jeremias foi separado pelo Senhor

“Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, *e, antes que saíesses da madre, te consagrei*, e te constituí profeta às nações.”

Este é um ordenamento lógico-cronológico do que aconteceu a Jeremias:

i) Deus amou Jeremias antes de ele ser formado no ventre. Essa ideia pode ser entendida como “antes de o mundo existir”, na eternidade, ou temporalmente, antes de haver qualquer movimento físico da geração através dos genes de seus pais.

ii) Deus formou Isaías no ventre materno. Esse evento certamente aconteceu na história, quando houve a união das sementes de seus pais.

iii) Deus também vocacionou Jeremias para que viesse a servi-lo como um oficial nos tempos do Antigo Testamento. Esse fato, conforme o texto, também aconteceu historicamente, pois diz-se que, “*antes que saíesses da madre, te consagrei*”. Isso significa que o chamamento de Jeremias se deu antes de ele ver a luz do dia. É maravilhoso contemplar essas coisas e

entender que o relacionamento de Deus com Jeremias, em algum sentido, é a história do relacionamento de Deus com todos nós!

Jeremias foi constituído profeta do Senhor

Quando Jeremias foi vocacionado pelo Senhor, também foi designado para trabalhar especificamente. Deus o constituiu como “profeta para as nações”. Deus não somente vocaciona, como também envia, designando o lugar para exercer a função oficial.

- O que se disse de Jeremias, portanto, pode-se dizer de todos nós, com as devidas colocações e distinções. Deus pôs seu coração em nós antes de todas as coisas existirem. Deus nos dotou para exercermos ministérios. Deus nos constituiu ministros seus, para servirmos em seu corpo. A única grande diferença entre Jeremias e nós é que ele era vocacionado para exercer o ofício profético, e nós não. Somos dotados por Deus, recebendo qualificações (dons) espirituais, com que ministramos no corpo do Redentor, ainda que não exercemos o ofício diaconal ou o ofício presbiteral.

O TEMPO DA VOCAÇÃO PROFÉTICA

Jr 1.7 – “Mas o SENHOR me disse: *Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás.*”

Provavelmente Jeremias ainda era muito novo quando o Senhor lhe apareceu em visão, chamando-o para exercer o ofício profético. Quando ele diz “Não sei falar”, não está se referindo à sua tenra infância, quando estaria aprendendo a balbuciar, mas a um período de incapacidade, em sua adolescência, de falar publicamente. Na verdade, segundo a tradição judaica (ao menos dos tempos de Jesus), uma pessoa só poderia assumir ministério público aos 30 anos. Jeremias, contudo, era bem jovem e não tinha capacidade intelectual para exercer uma função profética da envergadura exigida por Deus.

A EFICÁCIA DA VOCAÇÃO PROFÉTICA

Jr 1.7 – “Mas o SENHOR me disse: *Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás.*”

No verso 7, aprendemos que a vocação para o ofício profético tem duas características: eficácia e obediência.

A vocação é eficaz porque Deus chama

Toda vocação divina é eficaz: tanto a vocação soteriológica como aquela

para o exercício de ofício. Não há como resistir ao fato de Deus nos chamar das trevas para a luz. Você não escolhe aceitar ou resistir a esse chamamento. Simplesmente, por sua soberania, ele põe você na luz. Pronto! Então, quando você desperta espiritualmente, percebe que não mais está em trevas, e essa situação não pode ser revertida. A Escritura chama essa vocação soteriológica de *regeneração* e *novo nascimento*. Assim, quando você é concebido e nasce espiritualmente, não pode mais reverter a situação, porque é um fato consumado. A vocação para a vida ou para a luz é eficaz.

O mesmo acontece com a vocação para o ofício profético do Antigo Testamento e para o ofício apostólico no Novo Testamento. Uma vez que alguém era chamado, não havia retorno, pois a vocação deles era eficaz por causa da voz autoritativa de Deus.

A eficácia de ambas as vocações decorre daquele que chama! Deus não somente vocaciona, como também capacita os vocacionados. Que o digam Jeremias, Oseias, Amós, Isaías, entre outros! Mesmo que alguns deles tenham claudicado, acabaram obedecendo, porque não há como rejeitar uma tarefa de tamanha magnitude!

Obedece-se à vocação porque é imposta por Deus

Não há alternativa para um vocacionado exceto obedecer ao chamado divino. Deus não perguntou a Jeremias se concordava em ser profeta; Deus não sugeriu a possibilidade de ele ser profeta, mas deu uma ordem (que não era um preceito de vida) à qual Jeremias não podia desobedecer.

Com frequência, os homens desobedecem a muitos preceitos de Deus (que dizem respeito à vontade preceptiva dele), mas não há como desobedecer a uma vocação para o ofício profético. O mesmo aconteceu com os apóstolos, que são os substitutos dos profetas do Antigo Testamento. O Senhor simplesmente os vocacionou, dizendo-lhes o que tinham de fazer. Nenhum deles questionou a ordem divina – a obediência era imperiosa. Por essa razão, Paulo disse várias vezes, no início de suas cartas: “Paulo, chamado para ser apóstolo, pela vontade de Deus” (Rm 1.1). Essa “vontade de Deus” é determinativa, decretiva, e não uma coisa que simplesmente Deus quer que aconteça, mas que nem sempre acontece. Deus impôs seu chamamento sobre os profetas do Antigo Testamento e sobre os apóstolos do Novo Testamento. Assim, a eficácia resulta necessariamente em obediência.

De modo semelhante, o que acontece conosco hoje? Deus, certamente, não mais vocaciona você para exercer o ofício profético ou o apostólico, porque não existem mais esses ofícios. Eles foram típicos do Antigo Testamento e do Novo Testamento, respectivamente.

No entanto, ainda hoje, os cristãos exercem ministérios, mas todos os ministros de Deus são dotados por Deus (não vocacionados!) para exercer funções dentro do corpo de Cristo. Você até pode não exercer sua função (por ignorar seus dons ou por pura desobediência), mas não escolhe ter os dons que deseja. Deus simplesmente dota você e, então, você obedece ou não, mas o dom lhe é dado sem qualquer consulta, assim como acontece com os dons naturais que Deus tem dado a crentes e a incrédulos. Não há como escolher os dons.

A RESPOSTA DE JEREMIAS À VOCAÇÃO PROFÉTICA

É muito interessante o diálogo entre Deus e Jeremias por ocasião do chamamento.

A resposta negativa à vocação foi a de inaptidão

Jr 1.6 – “Então, lhe disse eu: ah! SENHOR Deus! *Eis que não sei falar*, porque não passo de uma criança.”

Quando Deus o chamou, Jeremias respondeu algo como: “Espera aí, Senhor. Esse negócio de ser profeta para as nações não é a minha praia. Não acho isso uma boa ideia. Profetizar não é algo que eu sei fazer. Como o Senhor mesmo sabe, tenho tirado nota baixa em retórica. Eu não sei falar”.⁹

Não é de estranhar que Jeremias tenha apelado para a inaptidão. Afinal de contas, quem de nossa geração, mesmo com todos os recursos de que dispomos, dá início a um trabalho de pregar às nações ainda na adolescência? Reconheço que Jeremias ainda era muito jovem para assumir um compromisso tão sério. Ser pregador para uma nação ímpia e outras nações gentílicas estava muito além de suas perspectivas na adolescência. Mas Deus não aceitou sua desculpa.

A resposta negativa recebe uma contrapartida de Deus

Jr 1.7 – “Mas o SENHOR me disse: Não digas: Não passo de uma criança; *porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás.*”

Em outras palavras, Deus lhe disse: “Jeremias, não quero que você

apresente empecilho à minha chamada. Não quero que fique diminuindo a si mesmo, alegando incapacidade. Você vai aceitar o chamado, vai falar o que tem de falar, e eu estarei ao seu lado”.

Enquanto Jeremias era todo deficiente, Deus era todo suficiente. Ele seria o suporte de Jeremias. Quando Deus vocacionava alguém deficiente, não retirava essa deficiência; ele proporcionava recursos para que tal deficiência fosse suprida pela suficiência de outro. Foi assim com Moisés, quando Deus lhe deu Aarão. De qualquer forma, era necessário fazer a pregação profética, e Jeremias não pôde resistir à vocação eficaz de Deus. Foi como se Deus tivesse dito a Jeremias:

“Você se acha fraco? Pois a minha graça se aperfeiçoa na sua fraqueza, porque a minha graça lhe basta” (2Co 12.7–9). Portanto, estou mandando e você vai me obedecer e falar o que eu lhe mandar falar. Ponto-final!

Os dons e a vocação divina, em todos os sentidos, são irrevogáveis. Até os homens quiseram esquivar-se, mas, quando Deus resolveu chamá-los, acabaram obedecendo, pois não há como recusar o chamado do Eterno!

O CONFORTO DE DEUS PARA O EXERCÍCIO DO OFÍCIO PROFÉTICO

Jr 1.8–9 – “Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o SENHOR. Depois, estendeu o SENHOR a mão, *tocou-me na boca e o SENHOR me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras.*”

Jeremias fora vocacionado para falar a povos rebeldes (a começar por Israel), que eram dominados por cosmovisão pagã e que amavam rituais ligados a outros deuses. Tanto a esfera das famílias como a esfera pública eram crescentemente dominadas por ideias e rituais pagãos.¹⁰

Por isso, Jeremias estava com medo dos homens ímpios das nações em que ele iria profetizar. Todos nós teríamos grande temor e até mesmo tenderíamos a declinar de um trabalho tão árduo, especialmente se fôssemos chamados (como Jeremias) para exercer o ofício profético no meio de nações extremamente ímpias e idólatras.

Deus não deixou Jeremias sozinho, dizendo-lhe: “Se vire!”. Deus não apenas capacitou aquele que “não passava de uma criança”, como também confortou aquele que estava com medo dos homens maus. Deus consolou Jeremias de duas maneiras:

Deus tocou em seus lábios

Jr 1.9a – “Depois, estendeu o SENHOR a mão, *tocou-me na boca.*”

Não esqueça que Deus falou a Jeremias em visão, e não em teofania. Com Jeremias, aconteceu praticamente o mesmo que aconteceu com Isaías, ainda que com propósitos diferentes. Deus tocou nos lábios de Isaías, purificando-o de seus pecados; no caso de Jeremias, tocou em sua boca, prometendo curar seus temores.

Deus não mandou um ser celestial para tocar em Jeremias (como aconteceu com Isaías – Is 6.6–7); o próprio Senhor (*Yehowah*), na visão, tocou sua boca. A boca é o lugar do qual as palavras saem. Foi uma ação simbólica, que significava o conforto da proteção de seus lábios, para que eles falassem somente o que é expressão da verdade. Por meio desse toque nos lábios, o profeta Jeremias tinha a garantia de que não estaria só. O Senhor seria com ele onde quer que estivesse, e ele falaria, com precisão, a mensagem revelada. Deus não santificaria seus lábios, mas os guiaria para a dura proclamação da revelação contra os povos gentílicos.

Se o profeta reclamou que era como uma criança que não sabia falar, agora não mais poderia fazer tal alegação. A ação de Deus em seus lábios serviu para que se pusesse a falar corajosa e inteligentemente. Deus haveria de fazer Jeremias abrir corajosamente seus lábios diante dos povos incrédulos.

Deus prometeu fazê-lo fiel na pregação

Jr 1.9b – “Eis que ponho na tua boca minhas palavras.”

Essa expressão não significa que Jeremias se tornou um microfone através do qual Deus haveria de falar. É preciso evitar, a todo custo, essa ideia, porque sugere a teoria da inspiração, denominada “teoria do ditado”.

Na verdade, quando Deus lhe disse essas palavras, significava que iria torná-lo fiel a ponto de ele não falar nada diferente ou contrário àquilo que ouviria em suas visões. A ação de Deus seria tão penetrante na vida de Jeremias que ele haveria de ser um transmissor fiel da mensagem revelada de Deus. “Pôr as palavras na tua boca” significa uma ação fundamental em Jeremias para ele não se desviar em nenhum ponto da verdade revelada de Deus.

Essa promessa de Deus era altamente consoladora para quem estava com medo de se dirigir às nações pagãs. Jeremias haveria de contar com o suporte

de Deus, a fim de transmitir fielmente o que havia recebido do Senhor.

O LUGAR DO EXERCÍCIO DO OFÍCIO PROFÉTICO

Jr 1.10a – “Olha que hoje *te constituo sobre as nações e sobre os reinos*, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares.”

É difícil imaginar um garoto sair de sua cidade, de sua parentela, para ser profeta às nações. Esse era o alvo de Deus para a vida de Jeremias. Ele não teve escolha senão obedecer. Lembro-me de que, quando ainda jovem, não tinha condições, em hipótese alguma, de falar em público. Não é de estranhar que Jeremias tivesse tentado fugir. Na verdade, não era para falar a um grupinho de estudo em casa, nem mesmo na igreja, mas para ser profeta às nações e, acima de tudo, para falar as coisas que Deus lhe mandaria falar.

No entanto, Deus já havia decidido, desde antes de Jeremias nascer, que seu ofício profético seria exercido nas nações pagãs: “Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, *e te constituí profeta às nações*” (Jr 1.5).

Inicialmente, Jeremias teve de pregar à sua própria nação, e não simplesmente aos crentes dela. Deus o comissionara para uma tarefa difícil no meio de seu próprio povo, que era hipócrita e infiel em sua vida:

Jr 7.4–15 – “Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este. Mas, se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras praticardes a justiça, cada um com o seu próximo; se não oprimirdes o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, desde os tempos antigos e para sempre. Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam. Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente, queimais incenso a Baal e andais após outros deuses que não conheceis, e depois vindes, e vos pondes diante de mim nesta casa que se chama pelo meu nome, e dizeis: Estamos salvos; sim, só para continuardes a praticar estas abominações! Será esta casa que se chama pelo meu nome um covil de salteadores aos vossos olhos? Eis que eu, eu mesmo, vi isto, diz o SENHOR. Mas ide agora ao meu lugar que estava em Siló, onde, no princípio, fiz habitar o meu nome, e vede o que lhe fiz, por causa da maldade do meu povo de Israel. Agora, pois, visto que fazeis todas estas

obras, diz o SENHOR, e eu vos falei, começando de madrugada, e não me ouvistes, chamei-vos, e não me respondestes, farei também a esta casa que se chama pelo meu nome, na qual confiais, e a este lugar, que vos dei a vós outros e a vossos pais, como fiz a Siló. Lançar-vos-ei da minha presença, como arrojé a todos os vossos irmãos, a toda a posteridade de Efraim.”

Em seguida, ele sai e vai para as nações pagãs. É possível afirmar que, ali, seu ministério foi mais perigoso do que o que ele fez em sua própria terra. Mas posso apenas imaginar uma situação que é perfeitamente possível. Ali, nas nações pagãs, ele tinha de pregar contra a falsa religião deles, contra a ética deles e contra o *modus vivendi* deles. Era uma missão muito difícil.

A PROMESSA DE DESCONSTRUÇÃO E DE CONSTRUÇÃO NO EXERCÍCIO DO OFÍCIO PROFÉTICO

Jr 1.10b – “Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares.”

O conforto vindo da parte de Deus foi altamente encorajador para Jeremias, pois foi seguido de palavras muito significativas. As promessas sobre o conteúdo da pregação de Jeremias foram feitas por Deus da seguinte maneira: dois pares de ações de forma negativa e um par de forma positiva.

A pregação seria para arrancar e derrubar

Somados todos os profetas do Antigo Testamento, eles não falaram de modo mais forte que Jeremias a mensagem de vingança divina contra as nações, no sentido de arrancá-las e derrubá-las.

Jr 12.14–17 – “Assim diz o SENHOR acerca de todos os meus maus vizinhos, que se apoderam da minha herança, que deixei ao meu povo de Israel: Eis que os *arrancarei* da sua terra e a casa de Judá *arrancarei* do meio deles. E será que, depois de os haver *arrancado*, tornarei a compadecer-me deles e os farei voltar, cada um à sua herança, cada um à sua terra. Se diligentemente aprenderem os caminhos do meu povo, jurando pelo meu nome: Tão certo como vive o SENHOR, como ensinaram o meu povo a jurar por Baal, então, serão edificados no meio do meu povo. Mas, se não quiserem ouvir, *arrancarei* tal nação, *arrancá-la-ei* e a farei perecer, diz o SENHOR.”

Jeremias foi um pregador fiel. Ele pregou exatamente o que Deus lhe ordenou que pregasse. E veio uma ruína completa sobre as nações soberbas.

Não ficou uma sequer de pé. Todas caíram e foram humilhadas por ordem divina por meio da pregação profética. As palavras *arrancar* e *derrubar* dão a entender claramente a completa ruína que haveria de vir sobre as nações pagãs.

A pregação seria para destruir e arruinar

A mensagem de Jeremias teve tons de julgamento e desolação, culminando com a destruição e o arruinamento das nações. Uma a uma, as grandes e soberbas nações que dominavam impiamente o mundo (como é o caso da Assíria, Babilônia, Medo-Persas, Egito e Roma) vieram a ser destruídas pelo juízo de Deus. Algumas tiveram todos os seus vestígios extintos. Não há mais lembrança delas. Todavia, como nação, a reconstrução pertence somente a Israel (Is 44.26), que foi a nação em quem Deus botou seu coração.

A pregação seria para edificar e plantar

Depois de as obras de sua ira serem executadas nos dois primeiros pares de tarefa, o terceiro par da obra ordenada por Deus é o da graça divina! A graça tem a tarefa de plantar e de edificar. Depois da desconstrução, vem a reconstrução! A graça sucede a ira!

Em alguns casos, o juízo de Deus é sem misericórdia. Muitas das nações que Deus destruiu nunca mais foram levantadas, como é o caso da Babilônia e de algumas nações vizinhas de Israel. Elas desapareceram do mapa, foram varridas da história humana. Não há sequer lembrança delas; entretanto, em outros casos, o juízo é seguido de misericórdia, como é o caso de Israel e de partes de nações que se arrependeram.

Jr 18.7–10 – “No momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino para o *arrancar, derribar e destruir*, se a tal nação se converter da maldade contra a qual falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe. E, no momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino, para o *edificar e plantar*, se ele fizer o que é mal perante mim e não der ouvidos à minha voz, então me arrependerei do bem que houvera dito lhe faria.”

É impressionante ver a linguagem forte que Jeremias usa a respeito das nações e sua relação com a pregação da palavra profética. Jeremias nos ensina que algumas bênçãos e maldições que vêm aos povos são condicionais. O destino dessas nações está intimamente ligado ao modo como

reagem diante da pregação da Palavra profética. Se uma nação se arrepende de seus pecados, Deus a *edifica e planta* nela; mas, quando não se arrepende, Deus *arranca, derriba e destrói*.

Um dia, as partes das nações que se arrependeram, que acabaram formando a Igreja gentílica, séculos depois, juntamente com o Israel convertido no final dos tempos, comporão uma só nação espiritual e, então, se cumprirá o que foi dito através do profeta Isaías: “E a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Is 11.9; Hc 2.14).

Deus prometeu, por intermédio de Jeremias, que haveria de “edificar e plantar”. Sua graça tem sido generosa com vários povos gentios. Deus tem plantado ou transplantado na oliveira verdadeira muitos ramos da oliveira brava. Deus está edificando o seu povo composto de judeus e gentios, para que um dia todos estejam juntos com a mesma redenção de Cristo Jesus!

Jeremias teve um ministério de palavras, mas aquelas palavras significavam a retirada e o deslocamento de pessoas, a derrubada da cultura e da sociedade, a destruição de cidades, a destituição de reis, a construção de novas comunidades e a plantação de novas esperanças. Seu ministério era falar a Palavra do Senhor e, em falando, liberar atividade espiritual que movia eventos a um curso dirigido por Deus. O Senhor Deus não poderia produzir seu juízo sem seu mensageiro explicar o que estava prestes a acontecer e por quê. Fazer de modo diferente seria injusto.¹¹

Essa tarefa dada ao profeta Jeremias foi para os reinos e nações de sua época. Como seria muito maravilhoso se tivéssemos profetas da fibra de Jeremias em nossa geração! Há tanta corrupção, tanta idolatria e divindades nas nações! Certamente, precisamos pedir mais a Deus que envie “trabalhadores para a sua ceifa”. Estamos carentes de homens da estirpe de Jeremias!

Se você é designado por Deus para trabalhar num lugar difícil, com gente ímpia, terá o mesmo conforto de Deus. Você não estará só em seus temores. Deus vai pôr a mão em você e fortalecê-lo, encorajando-o. Se você está deprimido por causa de seu próprio temor, olhe para os céus – de lá, vem seu socorro.

Mutatis mutandi, nossa geração não é diferente da geração de Jeremias no que diz respeito a incredulidade, idolatria e falsos deuses. Os problemas

morais e espirituais são os mesmos. Precisamos pedir a Deus para que envie profetas às nações, a começar por nossa própria nação. Essa nação precisa ouvir a mensagem fiel da palavra de Deus e, se você sonha com isso, mas se sente desencorajado para o exercício desse ministério profético, olhe para o Alto. É de lá que o encorajamento vem.

Hoje, Deus ainda faz com que seus filhos sejam vitoriosos sobre o mal e sobre as próprias fraquezas. Se ele dotou você de dons espirituais, é preciso exercê-los com maestria. Aplique-se no desenvolvimento de seus dons e seja uma bênção para as pessoas a quem Deus designou você!

Pense um pouco e se coloque no lugar dele: Deus lhe diz, “Você tem dons proféticos, ainda é inexperiente na pregação, mas ordeno que você vá às nações islâmicas para condenar a religião deles!”. Em outras palavras, essa ordem divina significa algo terrível; nessa missão, você está destinado à perseguição e à morte. Foi exatamente o que aconteceu com Jeremias. Ele foi grandemente perseguido e morto.

Ainda que, a princípio, Jeremias se tenha mostrado relutante, acabou obedecendo à injunção divina, pregando destruição e juízo tanto para sua nação como para as nações estrangeiras. Ele não pôde dizer *não* a Deus porque a vocação para o ofício profético era irresistível.

Hoje, você não é mais vocacionado por Deus para ser profeta, mas, se tem dons proféticos, ou seja, se é dotado por Deus para interpretar e proclamar a palavra revelada e registrada nas Escrituras, não tenha medo de pregar a indivíduos, a igrejas ou mesmo às nações. Se o Senhor designa qualquer um desses lugares para você exercer seu ministério (serviço), obedeça, pois o Senhor será com você. Ele estará ao seu lado, por trás de você e à sua frente. Ele te guardará de todo mal.

⁸ Philip Graham Ryken, em “Jeremiah: Answering the Call”. Disponível em <http://www.biblestudytools.com/bible-study/topical-studies/jeremiah-answering-the-call.html>. Acesso em julho de 2015.

⁹ Disponível em <http://www.biblestudytools.com/bible-study/topical-studies/jeremiah-answering-the-call.html>. Acesso em julho de 2015.

¹⁰ Ver Philip Graham Ryken, “Jeremiah: Answering the Call”. Disponível em <http://www.biblestudytools.com/bible-study/topical-studies/jeremiah-answering-the-call.html>. Acesso em julho de 2015.

¹¹ Bob Deffinbaugh, em “Jeremiah: Coming Destruction”. Disponível em <https://bible.org/seriespage/33-jeremiah-coming-destruction>. Acesso em julho de 2015.

CHAMAMENTO DO PROFETA COMO UM ATO SOBERANO DE DEUS

Ninguém poderia exercer o ofício profético sem que fosse vocacionado por Deus. Não se esqueça de que a iniciativa do chamamento sempre repousa em Deus. Não poderia ser considerado profeta um homem que não tivesse sido divinamente vocacionado. Essa era a condição essencial para ele ser conhecido como profeta, ou seja, como “homem de Deus”.

Ninguém tinha o direito de se arrogar como profeta de Deus sem a vocação divina. Somente um falso profeta se atrevia a chegar perante o povo para falar em nome dele, mas o próprio Deus condena esse tipo de comportamento, dizendo continuamente: “Eu não te enviei”.

Ninguém poderia vocacionar um homem para ser profeta, a não ser Deus. Outro profeta não poderia fazê-lo; a nação não poderia chamar alguém para lhe falar. Por essa razão, muitas vezes ouvimos Deus dizer nas Escrituras aos falsos profetas: “Não te enviei”.

O CHAMAMENTO DIVINO SOBERANO PARA ALGUÉM SER PROFETA

A razão do chamamento do profeta está escondida na soberania divina. O chamamento é da absoluta escolha soberana de Deus, e não do povo de Israel.

Os oficiais do Novo Testamento (presbíteros e diáconos) são democraticamente eleitos, ou seja, a congregação se reúne e escolhe seus oficiais com base nas qualificações que demonstram no exercício de seus dons. Paulo ordenou que Timóteo “elegesse presbíteros” em cada igreja.

No entanto, os ofícios do Antigo Testamento eram impostos por Deus. Por razões óbvias, não era atribuição do povo escolher os reis, sacerdotes e profetas: no começo de uma dinastia, essa escolha era feita por Deus, enquanto seus substitutos o eram por direito de filiação; os sacerdotes participavam do sacerdócio pelo fato de pertencerem a uma tribo – a de Levi.

No entanto, os profetas eram escolhidos por Deus soberanamente e anunciados por Deus como profetas. É verdade que houve até uma escola de profetas em Israel que pleiteava o direito de ser profeta, mas Deus fez valer somente seu chamamento soberano. O povo de Israel não tinha o direito de escolher seus líderes. Na única ocasião em que Deus permitiu que eles escolhessem seu rei, deram-se mal, pois escolheram Saul, o que representou um verdadeiro desastre para a nação.

A forma de governo de Deus no Antigo Testamento, no tempo dos profetas, era uma espécie mais branda de teocracia. O poder de trazer a mensagem divina para a edificação do povo era uma escolha divina. Somente Deus vocacionava homens para serem seus profetas e, assim, as mensagens reveladoras vinham à nação por intermédio de seus vocacionados.

A soberania divina na vocação de seus profetas, ainda que não seja apreciada por muitos “democratas” hoje, revela o *modus operandi* de Deus nos afazeres dos homens. Afinal de contas, os profetas tinham de apresentar unicamente a mensagem divina com o selo da autoridade divina. E nada melhor do que seus próprios vocacionados para isso!

O CHAMAMENTO DIVINO PARA SER PROFETA PODIA OCORRER EM QUALQUER FASE DA VIDA

Jeremias foi chamado para ser profeta antes de nascer

Jr 1.4–10 – “A mim me veio, pois, a palavra do SENHOR, dizendo: Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci, e, antes que saíesses da madre, te consagrei, e te constituí profeta às nações. Então, lhe disse eu: ah! SENHOR Deus! Eis que não sei falar, porque não passo de uma criança. Mas o SENHOR me disse: Não digas: Não passo de uma criança; porque a todos a quem eu te enviar irás; e tudo quanto eu te mandar falarás. Não temas diante deles, porque eu sou contigo para te livrar, diz o SENHOR. Depois, estendeu o SENHOR a mão, tocou-me na boca e o SENHOR me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras. Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares.”

Para ser justo com essa passagem, é preciso dizer que Jeremias foi “amado por Deus (“eu te conheci”) ainda no ventre materno e foi consagrado profeta antes de sair da madre. Mas somente quando ele já havia crescido é que foi formalmente chamado. Na ocasião, Deus lhe disse: “Olha que hoje te

constituo sobre as nações e sobre os reinos” (Jr 1.10a). Entretanto, mesmo já tendo crescido, ele não se achava preparado, porque disse: “Não passo de uma criança”. Provavelmente, essa seria uma expressão que significava imaturidade, e não tenra idade.

Samuel foi chamado quando ainda era menino

1Sm 3.1–4 – “O *jovem* Samuel servia ao SENHOR, perante Eli. Naqueles dias, a palavra do SENHOR era mui rara; as visões não eram freqüentes. Certo dia, estando deitado no lugar costumado o sacerdote Eli, cujos olhos já começavam a escurecer-se, a ponto de não poder ver, e tendo-se deitado também Samuel, no templo do SENHOR, em que estava a arca, antes que a lâmpada de Deus se apagasse, o *SENHOR chamou o menino*: Samuel, Samuel! Este respondeu: Eis-me aqui!”

Não sabemos exatamente a idade de Samuel quando Deus o chamou para ser profeta. O texto em português usa duas palavras: “jovem” (v. 1) e “menino” (v. 4). No entanto, o termo hebraico רִדְמָה (1Sm 3.1), traduzido como “jovem”, pode ter o sentido de “menino, adolescente”.

É significativo que a LXX traduza o termo hebraico pelo termo grego παιδάριον, que significa menino, criança. De qualquer forma, o fato é que Samuel tinha, no máximo, entrado na puberdade, mas ainda era visto como menino quando ouviu o chamado divino. Curiosamente, no verso 4, não aparece a palavra “menino” no texto hebraico, nem em sua tradução para o grego, na LXX, que o texto em português apresenta.

O mais importante dessa vocação de Samuel, contudo, é que, nesse mesmo evento, na manhã seguinte, ele já começou a exercer sua função profética, trazendo condenação para a casa do sacerdote Eli.

Isaías foi chamado para ser profeta quando estava na maturidade

Is 6.8–10 – “Depois disso, *ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Disse eu: eis-me aqui, envia-me a mim*. Então, disse ele: Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, e seja salvo.”

Isaías foi chamado para ser profeta quando Israel estava experimentando um tempo difícil, um tempo de desobediência. Provavelmente, àquela altura, Isaías estava na maturidade de sua existência. Além disso, podemos dizer que Isaías era um homem interessado em ser servo de Deus. Por isso, entrou no

templo para adorar. Ali, foi confrontado pela visão do Senhor, que lhe mostrou o próprio pecado.

A vocação de Isaías aconteceu somente depois da purificação mostrada na visão. Deus, então, o chamou para o exercício de uma das tarefas mais difíceis que um profeta pode receber: pregar uma mensagem dura de ouvir, uma mensagem que aponta para a soberania divina, segundo a qual o povo de sua geração não haveria de experimentar a vivificação espiritual.

Além disso, esse povo nunca entenderia a ameaça divina! É como se Deus lhe dissesse: “Não espere ter sucesso em sua pregação profética!”. Não era um tipo de mensagem de sucesso para o profeta. Era um tipo de mensagem sem esperança para o povo, ao menos de sua geração. Não é fácil ser vocacionado para uma tarefa tão árdua.

Entretanto, era uma mensagem divina que tinha de ser pregada. Do ponto de vista de Deus, a pregação de Isaías foi um sucesso, porque tudo aconteceu, tanto em sua geração como em gerações vindouras. À guisa de informação, esse texto duro de Isaías é um dos mais repetidos pelos Escritores do Novo Testamento.

Amós foi chamado para ser profeta quando já era homem feito

Am 7.12–16 – “Então, Amazias disse a Amós: Vai-te, ó vidente, fuge para a terra de Judá, e ali come o teu pão, e ali profetiza; mas, em Betel, daqui por diante, já não profetizarás, porque é o santuário do rei e o templo do reino. Respondeu Amós e disse a Amazias: *Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boieiro e colhedor de sicômoros. Mas o SENHOR me tirou de após o gado e o SENHOR me disse: Vai e profetiza ao meu povo de Israel.* Ora, pois, ouve a palavra do SENHOR. Tu dizes: Não profetizarás contra Israel, nem falarás contra a casa de Isaque.”

Amós nunca imaginou ser um profeta “profissional”, como acontecia com muitos de seu tempo. Havia até uma escola de profetas, mas Amós não se considerava parte dessa elite religiosa que dominava o pensamento do povo.

Quando foi vocacionado para ser profeta, Amós estava exercendo uma função bem diferente na vida. Ele mexia com bois, trabalhando no campo. Ele não tinha ligação alguma com a escola de profetas ou com a família de profetas. Ele não tinha ambição de ser profeta quando Deus o chamou.

Hoje, há muitos que ambicionam a posição profética porque é tentador estar na frente do povo e alegar visões e revelações que vêm diretamente do

Senhor. E o chamamento soberano de Deus para o exercício profético pode acontecer em qualquer período da vida de uma pessoa. Não existe o que se costuma ouvir como “vocação tardia”. A vocação para o ofício profético é soberana e não depende da vontade humana.

O CHAMAMENTO DIVINO DO PROFETA TINHA DE SER CONFIRMADO

1Sm 3.19-21 – “Crescia Samuel, e o SENHOR era com ele, e nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, *conheceu que Samuel estava confirmado como profeta do SENHOR*. Continuou o SENHOR a aparecer em Siló, enquanto por sua palavra o SENHOR se manifestava ali a Samuel.”

O chamamento de um profeta para exercer o ofício no Antigo Testamento – assim como a confirmação do próprio chamado – era feito exclusivamente por Deus. Era o próprio Deus quem dava as credenciais para o exercício do ofício profético.

O profeta vocacionado tinha de ser confirmado pela unção

A unção era a prática de derramamento de óleo sobre a cabeça daqueles que haviam sido colocados em posição de exercer algum ofício no Antigo Testamento. O exercício do ofício começava formalmente com a unção. Era uma cerimônia pública em que alguém era publicamente credenciado e separado para o início de seu ofício. Era a cerimônia de inauguração de uma obra oficial. Essa cerimônia equivale ao que, no Novo Testamento, se chama de ordenação pela imposição de mãos.

A fim de que os três ofícios do Antigo Testamento (profeta, sacerdote e rei) pudessem ser exercidos, os oficiais tinham de ser ungidos numa cerimônia estabelecida pelo próprio Deus.

i) Exemplo da unção de um sacerdote

Ex 28.41 – “E, com isso, vestirás Arão, teu irmão, bem como seus filhos; *e os ungirás, e consagrarás, e santificarás, para que me oficiem como sacerdotes.*”

Observe que o exercício do ofício sacerdotal só poderia acontecer depois da unção. Tanto Arão como seus filhos tinham de passar pela cerimônia credenciadora para o exercício do ofício. Ninguém da família de Arão ou da tribo de Levi poderia fazer as coisas próprias de um sacerdote sem antes ser ungido com óleo. A função oficial exige a unção (ou ordenação).

ii) Exemplo da unção de um rei

1Sm 10.1 – “Tomou Samuel um vaso de azeite, e lho derramou sobre a cabeça, e o beijou, e disse: Não te ungiu, porventura, o SENHOR por príncipe sobre a sua herança, o povo de Israel?”

Esse verso trata da unção de Saul, o primeiro rei de Israel, e fala claramente do uso de azeite para unção. A unção simboliza uma transformação importante que acontece na vida do ungido. O texto, logo a seguir, diz, numa fala do sacerdote/profeta Samuel: “O Espírito do SENHOR se apossará de ti, e profetizarás com eles *e tu serás mudado em outro homem*” (1Sm 10.6). A confirmação aconteceu logo em seguida (1Sm 10.9).

iii) Exemplo da unção de um profeta

1Rs 19.16 – “A Jeú, filho de Ninsi, ungirás rei sobre Israel *e também Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá, ungirás profeta em teu lugar.*”

Diferentemente dos casos anteriores, a unção de um profeta (Eliseu) ocorreu por intermédio de outro profeta (Elias). Aquele que seria substituído ungiu o que haveria de ser seu substituto na função profética em Israel. O ofício profético, que estava acima dos outros dois ofícios porque o profeta era o representante direto de Deus no meio de todo o povo, também tinha de ser exercido somente após a unção do óleo.

Todos os profetas que eram vocacionados por Deus tinham de ser confirmados pela unção com óleo para exercer seu ofício. A vocação era pessoal, mas a unção era pública!

O profeta vocacionado tinha também de ser confirmado por meio do cumprimento de suas palavras

O profeta Samuel é um exemplo típico de alguém que teve todas as suas palavras cumpridas. Quando Samuel foi vocacionado, precisou da confirmação de seu ofício pelo cumprimento de suas profecias. A expressão bíblica usada para esse caso deixa esse ensinamento claro:

1Sm 3.19-20 – “Crescia Samuel, e o SENHOR era com ele, e *nenhuma de todas as suas palavras deixou cair em terra*. Todo o Israel, desde Dã até Berseba, *conheceu que Samuel estava confirmado* como profeta do SENHOR.”

Essa expressão em itálico aponta para o cumprimento fiel de todas as palavras que ele falou. A passagem mostra a razão última pela qual as palavras de Samuel sempre eram cumpridas: o texto diz que “*o Senhor era com ele*”. Assim, não somente a unção era necessária para o exercício do

ofício, como também o cumprimento das palavras ditas pelo profeta. Observe-se que a confirmação do homem como profeta era produto de uma ação divina sobre o profeta.

Deus não permitia que seu profeta se envergonhasse com o não cumprimento de sua profecia. A vocação do profeta era seguida pelo cumprimento de sua palavra, como uma confirmação da veracidade de seu ofício.

A evidência de que uma pessoa era profeta começava com o fato de ela ser vocacionada, ungida, e ter seus vaticínios cumpridos. Embora este último ponto não fosse a evidência inequívoca e final, todo verdadeiro profeta de Deus precisava ter suas palavras cumpridas.

O cumprimento de suas palavras era condição essencial para a veracidade do profeta. Se suas palavras não fossem cumpridas, certamente ele não era um profeta de Deus, como afirma Moisés:

Dt 18.21–22 – “Se disseres no teu coração: Como conhecerei a palavra que o SENHOR não falou? Sabe que, quando esse profeta falar em nome do SENHOR, e a palavra dele se não cumprir, nem suceder, como profetizou, esta é palavra que o SENHOR não disse; com soberba, a falou o tal profeta; não tenhas temor dele.”

Ainda que um falso profeta possa falar algo e isso venha a acontecer, sabemos que o falso profeta não vai conduzir o povo que o ouve nos caminhos do Senhor (cf. Dt 13.1–5).

O profeta vocacionado tinha de ser confirmado pela apresentação de sinais

Deus vocaciona o profeta, exige a unção dele, faz com que suas palavras sejam cumpridas e, além disso, capacita-o para exercer prodígios, que são as credenciais de seu ofício. Deus os capacitava para o exercício de sua tarefa profética.

Além de Moisés, o grande profeta, os profetas Elias e Eliseu foram expoentes na realização de milagres no tempo do exercício do ofício profético. Embora outros certamente tenham realizado portentos, não existem muitos registros que apontem para esse fato no Antigo Testamento.

A realização de sinais e prodígios fazia parte das credenciais de um verdadeiro profeta de Deus. Da mesma forma, aprendemos da Escritura do Novo Testamento que Deus credenciava uma pessoa para o exercício do

ofício apostólico com a realização de milagres por parte daqueles vocacionados para o apostolado. Não se deve esquecer que os apóstolos são os sucessores dos profetas do Antigo Testamento:

2Co 12.12 – “Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos.”

Hb 2.3-4 – “como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois *confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo*, segundo a sua vontade.”

A diferença mais importante entre os povos que tinham profetas e os profetas de Israel (que eram vocacionados por Deus) é que estes últimos recebiam o poder de operar sinais pelo poder do mesmo Deus.

O MODO SOBERANO DO CHAMAMENTO PROFÉTICO

Deus pode chamar alguém para ser profeta usando um dos dois tipos de voz: interna e externa.

O chamamento com voz externa

Samuel é um exemplo clássico de como Deus o chamou para ser profeta através de uma voz externa. Por externa, entenda-se audível.

1Sm 3.2-10 – “Certo dia, estando deitado no lugar de costume, sacerdote Eli, cujos olhos já começavam a escurecer-se, a ponto de não poder ver, e tendo-se deitado também Samuel, no templo do SENHOR, em que estava a arca, antes que a lâmpada de Deus se apagasse, o SENHOR chamou o menino: Samuel, Samuel! Este respondeu: Eis-me aqui! Correu a Eli e disse: Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Mas ele disse: Não te chamei; torna a deitar-te. Ele se foi e se deitou. Tornou o SENHOR a chamar: Samuel! Este se levantou, foi a Eli e disse: Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Mas ele disse: Não te chamei, meu filho, torna a deitar-te. Porém, Samuel ainda não conhecia o SENHOR, e ainda não lhe tinha sido manifestada a palavra do SENHOR. O SENHOR, pois, tornou a chamar a Samuel, terceira vez, e ele se levantou, e foi a Eli, e disse: Eis-me aqui, pois tu me chamaste. Então, entendeu Eli que era o SENHOR quem chamava o jovem. Por isso, Eli disse a Samuel: Vai deitar-te; se alguém te chamar, dirás: Fala, SENHOR, porque o teu servo ouve. E foi Samuel para o seu lugar e se deitou. Então, veio o SENHOR, e ali esteve, e chamou como das outras vezes: Samuel, Samuel! Este respondeu: Fala,

porque o teu servo ouve.”

Esse exemplo de Samuel sugere claramente que Deus usou uma voz audível que poderia ser entendida por quem estivesse junto de Samuel ou na vizinhança próxima. É possível que outros profetas tenham sido chamados dessa maneira.

Na verdade, os apóstolos do Novo Testamento, que foram os substitutos dos profetas do Antigo Testamento, foram chamados por uma voz audível, por Jesus Cristo. Paulo, um profeta chamado fora de tempo, foi vocacionado com voz externa, audível, que foi ouvida por seus companheiros (At 9.7).

O chamamento com voz interna

Deus também usou uma voz interna para vocacionar seus profetas quando lhes falava em sonhos ou visões. Essa voz era ouvida somente pelo que estava sendo chamado, e não por aqueles que estavam junto com ele, porque era um chamamento que acontecia na interioridade daquele que estava prestes a ser profeta, porque ora o profeta estava dormindo (sonhos), ora estava em êxtase (visões).

AS FUNÇÕES DO PROFETA SOBERANAMENTE VOCACIONADO

Deus chama os profetas para serem servos

Am 3.7 – “Certamente, o SENHOR Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos *seus servos*, os profetas.”

Da mesma forma que os apóstolos do Novo Testamento são chamados de “servos” (Rm 1.1), assim também o são os profetas do Antigo Testamento. A expressão “servos” indica que eles estão a serviço de Deus ou que não podem fazer nada por si mesmos. Eles não podem expressar os próprios pensamentos, mas os pensamentos de Deus. Eles não podem fazer valer sua vontade para o povo, mas a vontade de Deus. Ser servo significa estar à mercê da vontade de seu Senhor.

O próprio Deus honra essa função profética quando transmite, em primeira mão, a eles o que vai fazer ao povo ou às nações. Deus não se comunica com o povo, mas com os profetas, que, por sua vez, dirigem-se ao povo. Os “servos” são os porta-vozes de Deus. Sempre que Deus se dirige ao povo, ele o faz indiretamente (ou mediatamente), porque é função do profeta/servo ser anunciador dos segredos de Deus.

Deus chama os profetas para falar a reis e nações

Jr 1.9–10 – “Depois, estendeu o SENHOR a mão, tocou-me na boca e o SENHOR me disse: Eis que ponho na tua boca as minhas palavras. *Olha que hoje te constituo sobre as nações e sobre os reinos*, para arrancares e derribares, para destruíres e arruinares e também para edificares e para plantares.”

Os profetas das igrejas locais do Novo Testamento têm um raio de ação bem menor do que os profetas do Antigo Testamento. Estes últimos eram profetas para a totalidade do povo de Deus. Eles, com frequência, dirigiam-se à nação hebraica e a outras nações. A autoridade deles tinha uma abrangência muito maior do que a dos profetas das igrejas locais do Novo Testamento.

Os profetas falam a respeito do pecado das nações

Vários profetas do Antigo Testamento dirigiram-se, em nome do Senhor, não somente a reis individuais, mas também às nações que governavam.

O profeta Ezequiel se dirige a várias nações do seu tempo, que são nações importantes na sua época, a fim de colocar sobre elas o juízo de Deus.

1. O profeta falou contra os amonitas (Ez 25.1–7)
2. O profeta falou contra os moabitas (Ez 25.8–10)
3. O profeta falou contra os edomitas (Ez 25.11-14)
4. O profeta falou contra os filisteus (Ez 25.15-17)
5. O profeta falou contra Tiro (Ez 26.1-28.19)
6. O profeta falou contra Sidom (Ez 28.21-23)
7. O profeta falou contra o Egito (Ez 29.1-32.32)

Outros profetas do Antigo Testamento escrevem contra outras nações como a Babilônia (Is 13:19) e a própria Israel. Essas profecias contra as nações indicam que Deus tem direito de domínio sobre elas e também o direito de punir quando violam os princípios morais estabelecidos por ele.

Os profetas falam a respeito do destino das nações

Todas as nações do mundo são julgadas por Deus, e o destino delas está nas mãos do Senhor. Como essa matéria é muito vasta, vejamos apenas o exemplo de Tiro, uma cidade/nação que foi o objeto da palavra profética de Ezequiel, que anunciou o juízo de Deus sobre o reino de um grande povo de poder marítimo: os fenícios.

Ez 26.3–7 – “assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu estou contra ti, ó Tiro, e farei subir contra ti muitas nações, como faz o mar subir as suas ondas. Elas

destruirão os muros de Tiro e deitarão abaixo as suas torres; e eu varrerei o seu pó, e farei dela penha descalvada. No meio do mar, virá a ser um enxugadouro de redes, porque eu o anunciei, diz o SENHOR Deus; e ela servirá de despojo para as nações. Suas filhas que estão no continente serão mortas à espada; e saberão que eu sou o SENHOR. Porque assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu trarei contra Tiro a Nabucodonosor, rei da Babilônia, desde o Norte, o rei dos reis, com cavalos, carros e cavaleiros e com a multidão de muitos povos.”

A grande cidade Fenícia, conhecida por suas conquistas marítimas, seria dizimada (v. 6), totalmente depredada (v. 4), e perderia todo o seu poder no mar. Tiro seria invadida por muitas nações (v. 3) e, principalmente, por Nabucodonosor, rei da Babilônia (v. 7). Deus acabou com a soberba dos fenícios e com sua soberania no mar, fazendo com que suas forças militares perecessem no próprio lugar que dominavam: o mar.¹²

O profeta Jeremias fala a respeito do destino das nações e dos reinos – o surgimento e a queda deles

Jr 18.7–10 – “No momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino para o arrancar, derribar e destruir, ⁸ se a tal nação se converter da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe. E, no momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino, para o edificar e plantar, se ele fizer o que é mal perante mim e não der ouvidos à minha voz, então, me arrependerei do bem que houvera dito lhe faria.”

Esse exemplo nos ensina que tanto o surgimento como a queda das nações não acontecem ao acaso. Na verdade, todas as nações estão nas mãos de Deus, e Deus tem decretado seu fim. Quando Deus destrói uma nação, isso significa que dá a ela o que merece. Via de regra, o destino das nações está vinculado ao modo como elas respondem à Palavra de Deus.

É necessário que reconheçamos o fato de que o mesmo princípio divino se aplica hoje às nossas nações modernas, especialmente aquelas que se veem como democráticas e que se aproveitam da democracia para colocar homens corruptos no comando da nação. Não podemos nos esquecer de que mesmo Hitler foi guindado ao poder por meio de um processo democrático, e esse fenômeno tende a se repetir em diversas nações do mundo.

Hoje, a resposta dessas nações é de repulsa à Palavra de Deus. Elas ignoram as leis antigas com base na revelação bíblica e assumem uma ética sem qualquer teorreferência. Elas criam uma ética e uma moral puramente

humanistas. Essas nações haverão de ser julgadas fortemente por Deus, pois conheceram, no passado, as consequências da revelação da Escritura.

Muitas dessas nações já estão começando a sofrer os juízos parciais de Deus por seu desprezo à sua Palavra. Dias virão em que as pestes, a fome e o destemperamento dos elementos da natureza haverão de cair sobre as nações ímpias do mundo ocidental que, outrora, foram terras cheias da graça de Deus, mas que vieram a desprezar a pregação do evangelho!

Se, hoje, você tem dons proféticos (porque o ofício profético não mais existe onde Deus faz revelações!), siga alguns passos que podem orientá-lo em seu ministério profético:

Estude a Escritura, que é a revelação profética registrada

Antes de Deus falar ao seu coração subjetivamente (ou interiormente), tem de falar a você por meio da revelação objetiva dele que está registrada na Escritura. Ele não vai internalizar nada se você não se preocupa com a revelação objetiva que está na Escritura. Não se esqueça de que Deus nunca vai internalizar em seu coração uma mensagem se você não prestar atenção à revelação registrada que ele nos deu desde os tempos antigos.

A revelação registrada é a fonte da qual você deve retirar todas as lições que Deus quer que seu povo conheça no tempo presente.¹³

Mantenha boa sintonia com o autor da revelação profética

Para que você reconheça a voz de uma pessoa, tem de estar familiarizado com ela. Aqueles que têm dons proféticos na igreja de hoje devem procurar conhecer Deus mais intimamente, a fim de que possam ouvir o que Deus lhes diz através da Escritura iluminados pelo Espírito Santo. Desenvolva uma intimidade com Deus para que você seja capaz de ouvir com clareza o que ele tem a lhe dizer para pregar.

De forma semelhante ao exemplo de Maria, que tinha familiaridade com seu Mestre, sentando aos seus pés para ouvi-lo, assente-se junto ao Senhor para ouvir sua voz na leitura da Escritura, que você deve fazer contínua e reverentemente.

Seja paciente, a fim de ouvir o que Deus quer que você fale em sua profecia

O profeta Jeremias, como oficial do Antigo Testamento, teve de esperar muito até que Deus lhe desse uma palavra final sobre determinado assunto.

Ele disse que, “*ao fim de dez dias, veio a palavra do Senhor a Jeremias*” (Jr 42.7).

Estude a Escritura, que, às vezes, parece não nos falar nada. Deus é soberano e nos fala interiormente quando quer. Não é a hora em que eu quero que ele fale; será sempre no tempo dele. Espere pacientemente e em oração a ação divina, tornando claro para você qual lição deve arrancar do texto bíblico para transmitir ao seu povo.

Rogue ao Senhor para que lhe dê ouvido espiritual, a fim de ouvi-lo falar

Existem muitos entre nós que não têm ouvidos para ouvir o que Deus tem a dizer em sua Palavra. No passado, Deus se manifestou miraculosamente a muitas pessoas, mas elas não tinham seus sentidos em alerta. Moisés repreendeu o povo, depois de tantas manifestações audíveis, visíveis e palpáveis de Deus. Veja o que Moisés disse do povo:

Dt 29.2–4 – “Tendes visto tudo quanto o SENHOR fez na terra do Egito, perante vós, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra; as grandes provas que os vossos olhos viram, os sinais e grandes maravilhas; *porém, o SENHOR não vos deu coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir*, até ao dia de hoje.”

Vivemos no meio de uma geração que não dá ouvidos à palavra profética registrada na Escritura, mas você, pregador, precisa ter ouvidos. A posse desse tipo de ouvido, de olhos, não é natural em nós. Essas habilidades espirituais têm de ser dadas por Deus. Portanto, humildemente, como pregador, peça que seus sentidos sejam exercitados de maneira que o povo ouça um homem que tem algo de bom para ser pregado.

Peça a Deus para ser útil em seu trabalho profético

Não se esqueça também de orar a Deus para que ele abra os ouvidos do povo a quem você prega. Não existe frustração maior do que, ao exercer o dom espiritual da profecia, não perceber a ação divina na vida daqueles a quem você prega. Não se esqueça de orar fervorosamente ao Senhor, para que haja a operação divina no coração dos ouvintes antes, durante ou depois de sua pregação. Sem essa ação sobrenatural, nada de positivo acontecerá naquele que ouve a sua palavra.

É necessário que o povo tenha olhos para ver e ouvidos para ouvir as

coisas que o Espírito Santo diz às igrejas (Mt 13.9; Ap 2.7),¹⁴ coisas fiéis à palavra de Deus que você prega.

Use uma linguagem clara, para que o povo entenda o que você tem a dizer em sua palavra profética

Deus usa nossa língua para dizer coisas para nós. Ele fala no vernáculo. Ele não usava sua linguagem (ou mesmo a dos anjos!), sempre se comunicando com os profetas em linguagem que entendiam. Não seja diferente ao trazer a interpretação da palavra profética. Conceitue tudo o que você vai dizer e use as palavras da forma mais exata possível, a fim de que seus ouvintes entendam exatamente o que você quer dizer.

¹² Para conhecer bem o assunto, ver os capítulos 26–28 do Livro da Profecia de Ezequiel. Observe o fim do poder de uma grande nação que tinha domínio sobre o mundo.

¹³ Se você quer conhecer em detalhes sobre o instrumento usado, que é a Escritura, para a edificação do povo de Deus, ver o capítulo sobre “Profecia Ontem e Hoje”, que fornece vários exemplos, em Fé cristã e nisticismo (Cultura Cristã, 2000), 105–114.

¹⁴ Essa expressão é usada sete vezes por Jesus em cada uma das cartas do Apocalipse.

PARTE 3

REVELAÇÃO VERBAL PELO MODO DE OPERAÇÃO CONCURSIVA

VERDADES SOBRE A REVELAÇÃO POR OPERAÇÃO CONCURSIVA

Há um terceiro modo de revelação divina que é muito diferente dos dois anteriores (teofania e profecia) e que não é estudado na maioria dos poucos livros que tratam de revelação, denominado “operação concursiva”.

Observe-se que Deus não anuncia esse modo de revelação, como o fez na profecia. Não houve uma mudança de revelação que passasse de profecia para operação concursiva, como aconteceu com a mudança de teofania para profecia. O termo “operação concursiva” é típico de autores reformados que tiveram a influência de Benjamin B. Warfield (1851–1921), professor de teologia do Seminário de Princeton, New Jersey.

A designação “operação concursiva” pode soar um pouco estranha, confundindo-se, eventualmente, com o que conhecemos como “inspiração” na teologia reformada (que diz respeito ao registro da revelação contido na Escritura), mas o conteúdo parece estar muito evidente nas Escrituras, ainda que tal designação não apareça explicitamente.

O modo da revelação por operação concursiva indica que Deus é o mesmo revelador dos outros modos, mas, nesse caso, serve-se da totalidade da personalidade das pessoas para registrar sua revelação. Não se deve esquecer que, no modo de revelação por profecia (sugestão interna), Deus não se servia da totalidade da personalidade do profeta, pois algumas de suas capacidades estavam “desligadas” quando a revelação chegava. Os profetas estavam dormindo quando a revelação vinha em sonho ou sua capacidade de se situar estava em repouso, pois, via de regra, Deus também falava em visões, e os recipientes da revelação estavam numa espécie de êxtase. No modo por operação concursiva, todos os sentidos do profeta estão despertos. Registre-se que a ideia de *concursus* é a de *cooperação* entre Deus e o homem.

O QUE É A OPERAÇÃO CONCURSIVA

Warfield foi um dos poucos teólogos que tratou desse modo e o conceituou.

Por *operação concursiva*, queremos dizer a respeito da forma de revelação ilustrada em uma história, epístola ou salmo inspirado, *em que nenhuma atividade humana, nem o mesmo o controle da vontade humana, é substituída*, mas o Espírito Santo trabalha *em, com* e *através* das faculdades humanas de tal modo que comunica ao produto qualidades distintamente supra-humanas.¹⁵

Em outras palavras, a operação concursiva é o modo de revelação por meio do qual Deus se serve de todas as faculdades da alma humana para fazer com que o produto final da cooperação entre ele e o homem seja normativo e reconhecido como obra de Deus, e não como simples obra humana.

É nesse sentido que Warfield diz que Deus opera *em, com* e *através* das faculdades humanas. Ainda que o homem trabalhe cooperativamente com Deus, a autoridade dos livros produzidos por esse modo de revelação vem totalmente de Deus, e não do homem.

A POSSÍVEL RAZÃO PARA O USO DO TERMO OPERAÇÃO CONCURSIVA

Rogers diz que havia alguma dificuldade, na fé reformada, para explicar a autoridade reveladora de alguns livros, pois muitos estão no cânon, mas nada do que está revelado ali tem a ver com os modos de revelação por teofania ou profecia. Então, os autores reformados tratam de explicar algo inédito antes do tempo de Warfield para justificar o fato de esses livros serem de revelação divina. Rogers diz que Warfield

percebeu que, às vezes, na história da igreja houvera uma “tendência a enfatizar o elemento divino e excluir o humano”. Isso levou à teoria do ditado com respeito à inspiração por parte de teólogos do século XVII em várias tradições protestantes. Às vezes o fator divino tinha sido excluído, e Warfield sentia que as Escrituras pareciam “ser puramente humanas, tanto em sua origem como em seu caráter”. Para fazer justiça a ambos os elementos, Warfield recorreu ao termo *concursus*. Para ele, esse termo significava que “toda palavra é, ao mesmo tempo, divina e humana”.¹⁶

É possível que Rogers esteja certo nesse aspecto. Ele tentou explicar tanto o elemento divino como o humano da Escritura, a fim de fazer justiça a uma

cooperação existente entre Deus e o homem no que tange ao difícil problema de conceituar esse modo de revelação.

Na verdade, boa parte dos livros da Bíblia foi escrita de acordo com esse modo de revelação. Todos os livros históricos, poéticos, assim como Salmos, são, basicamente, revelação divina, em que Deus não se revelou através de teofania nem de profecia. Deus trabalhou em cooperação com os autores humanos, sem anular suas capacidades, para que produzissem uma obra que, no final, tivesse propriedade normativa divina.

Quando Deus está por trás de qualquer obra feita por homens, pode-se afirmar que ela possui autoridade para nós. Esse é o caso de todos os livros em que o modo de revelação seja o da operação concursiva.

DISTINÇÕES DA OPERAÇÃO CONCURSIVA

Existem algumas distinções do modo de revelação verbal por operação concursiva em relação aos outros modos estudados anteriormente e que não podemos ignorar. Diferentemente da teofania, não há cooperação entre Deus e o homem; e, diferentemente da profecia, os sentidos do recipiente da revelação estão em plena atividade.

Não existe nenhuma parte da personalidade do ser humano que não seja usada nesse modo de revelação

A fim de que a revelação divina seja manifesta aos homens, Deus não poupa nenhuma das faculdades humanas. Todas estão a serviço de Deus, de modo que o homem as usa para escrever o que tem de escrever.

Esse terceiro modo de revelação difere totalmente do modo de revelação por profecia (no qual os sentidos do recipiente da revelação não estão totalmente em atividade) porque nele, mais do que nunca, todas as faculdades (ou sentidos) da alma humana estão plenamente em atividade. Em outras palavras, a totalidade da personalidade humana está envolvida nesse modo de revelação.

Assim, nesse modo de revelação, o Espírito de Deus atua dirigindo, superintendendo e controlando a personalidade humana, mas sem mantê-la escondida, anulada ou passiva. Ao contrário, Deus se serve de todas as capacidades humanas para trabalhar em conjunto com elas na comunicação de sua revelação. Isso explica o nome que recebe, ou seja, operação conjunta,

operação de cooperação.

Nesse modo de revelação, o recipiente usa toda a sua capacidade de pesquisa histórica, seja através de pesquisa em fontes escritas ou orais, seja de raciocínio e pensamento lógicos. Nenhuma das capacidades humanas fica de fora nessa tarefa de cooperação com a ação divina.

Não existe uma distribuição equânime de trabalho entre o que o homem faz e o que Deus faz

Deus e homem cooperam nesse modo de revelação. No entanto, não podemos dizer que cada uma das partes é responsável por cinquenta por cento (ou outra porcentagem qualquer) do resultado final.

A maneira de ver esse *concursus* é a seguinte: o homem faz tudo porque Deus está por trás de tudo. O homem faz tudo porque Deus faz tudo. Não é uma questão de porcentagem de trabalho, mas da ação de Deus por trás da ação do homem. Não existe operação concursiva se a mente humana não participa ativamente dela.

Assim, não existe uma operação monergista (ou seja, uma operação em que somente um trabalha), mas sinergista (em que dois trabalham) nesse modo de revelação. Dois trabalham, e não somente um. Entretanto, a ação do homem é impossível sem a ação de Deus. O homem faz porque Deus faz. Ainda que Deus sempre esteja por trás da obra humana, não se pode negar a participação humana nessa obra.

É assim que funciona esse terceiro modo de revelação. O homem faz toda a pesquisa, como veremos adiante, mas Deus está por trás, superintendendo toda a pesquisa e agindo, de forma penetrante, naquele que escreve. Nada do que foi registrado o foi sem que expressasse a ação cooperadora de Deus.

Não existe distância temporal entre a revelação e o respectivo registro

Quando Deus se revela em teofania ou profecia, a revelação acontece primeiro e, então, algum tempo depois, faz-se o registro dessa revelação. Nesses dois primeiros modos, existe um intervalo temporal entre a revelação e o respectivo registro. Entretanto, nesse terceiro modo de revelação, denominado *operação concursiva*, não há essa distância temporal.

No modo de revelação por operação concursiva, Deus opera no homem enquanto ele faz todo o trabalho de pesquisa, usando todas as suas faculdades

da alma. Portanto, enquanto Deus revela por meio da pesquisa, o registro da revelação acontece em perfeita cooperação de dois seres: Deus e o homem, que registra o que Deus quer que seja registrado, constituindo todo o conteúdo da pesquisa revelação de Deus.

O TEMPO EM QUE A OPERAÇÃO CONCURSIVA MOSTROU-SE PREDOMINANTE

Esse modo de revelação é predominante no Antigo Testamento, antes e durante o período da realeza e o período do profetismo clássico. Devemos chamar a atenção para os livros de Provérbios, Cânticos e Salmos inspirados, e também para outros livros históricos do Antigo Testamento, como Crônicas, Reis e Samuel, que foram produzidos por meio da “operação concursiva”. No entanto, não podemos ignorar que esse modo de revelação também ilustra os escritos do Novo Testamento. Por meio de operação concursiva, os evangelistas e alguns dos apóstolos se empenharam em sua pregação e ensino, produzindo, especialmente, algumas de suas epístolas.

A operação concursiva, como um modo de revelação por meio do qual Deus usa toda a capacidade de seus agentes para fazer com que sua verdade seja conhecida pelos homens, tem de ser mais conhecido de todos nós, estudantes da Escritura.

Os autores de vários livros da Bíblia (que foram agentes de Deus), usando sua capacidade, produziram o que chamamos de revelação, pois Deus operou neles de tal forma que o produto final de seu trabalho foi exatamente o que Deus queria que eles produzissem.

No entanto, não se deve confundir esse modo de revelação com a *inscripturação* (que diz respeito ao registro da totalidade dos livros da Bíblia) das verdades que já foram reveladas pelos outros modos já explicados e que conhecemos tecnicamente como *inspiração*.

CARACTERÍSTICAS DA OPERAÇÃO CONCURSIVA

Esse modo de revelação difere do da profecia precisamente porque, nele, Deus faz uso da “personalidade total do órgão de revelação como um fator”.¹⁷

O modo de revelação por operação concursiva também é sem a mancha do pecado

Ainda que Deus use todas as capacidades humanas, não deixando

nenhuma delas em comportamento de passividade, a ação penetrante do Espírito Santo (que atua *em com* e *através da* personalidade dos escritores) é tão grande e dominante que preserva livres de qualquer influência da pecaminosidade humana todos os seus escritos.

Os livros que foram escritos por esse modo de revelação não são menos normativos ou autoritativos do que os escritos dos profetas ou de quaisquer outros livros da Escritura.

Segundo esse modo de revelação, Deus dá total assistência, de forma que o controle sobre a obra de seus agentes é pleno, mesmo que revelem as próprias características de personalidade em “suas” obras. No entanto, nenhum aspecto de sua pecaminosidade se reflete no registro das verdades de Deus.

Façamos uma analogia dessa ação cooperadora de Deus com o elemento humano. Todos nós sabemos que Jesus Cristo era divino e humano, mas sem pecado. Literalmente, Jesus foi filho de Maria. Nenhum cristão dentro da ortodoxia, em sã consciência, discute essa questão. Todavia, indaga-se: “Como Maria, sendo pecadora, contada entre os filhos de Adão, foi capaz de gerar um filho sem pecado?”. Não se esqueça de que seu Filho foi concebido e nascido sem pecado por causa de uma ação concursiva (cooperadora) de Deus, que o livrou da semente do pecado, que atinge a todos os nascidos de mulher (e Maria está aí incluída).

“Como Deus fez isso?” Deus trabalhou *em, com* e *através de* Maria para trazer à existência aquele pequenino sem qualquer mancha de pecado. Deus se serviu de Maria para trazer seu Filho ao mundo, mas esse Filho não poderia ser concebido sem a cooperação de Maria e a ação penetrante das outras duas pessoas da Trindade (o Pai e o Espírito Santo) para que o Filho encarnado fosse sem pecado. O texto bíblico corrobora esse pensamento:

Lc 1.31, 34–35 – “Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de Jesus... Então, disse Maria ao anjo: Como será isto, pois não tenho relação com homem algum? Respondeu-lhe o anjo: *Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo* te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus.”

Para que o Filho encarnado fosse livre de qualquer pecaminosidade, a operação do Pai e do Espírito mostrou-se fundamental, de modo que o Filho encarnado veio a ser chamado desde o ventre materno de “ente santo”.

Da mesma forma, ainda que o homem pecador seja um cooperador com Deus no que diz respeito à recepção e ao registro da revelação, o produto final da obra é livre de pecado por causa da ação penetrante do Espírito que opera *em, com e através da* totalidade da personalidade dos escritores.

Deus usa a pesquisa histórica, o raciocínio lógico, o pensamento ético, as aspirações religiosas e a capacidade de trabalhar com os outros pontos de revelação anteriormente recebidos. Agora, eles não atuam por si próprios, como se tudo dependesse deles, mas agem debaixo da sobrepujante assistência, superintendência, direção e controle do Espírito Santo.

O modo de revelação por operação concursiva não significa mera ajuda do Espírito Santo

Warfield adverte que o Espírito não está fora de seu agente, dando simples assistência ou superintendência; ele está operando confluentemente *em, com e através* deles, elevando-os, dirigindo-os, controlando-os, energizando-os, de tal forma que, como seus instrumentos, ficam acima deles próprios e debaixo de sua inspiração para fazer sua obra e alcançar seu propósito. O produto, portanto, que é conseguido por meio deles é seu produto através deles. É esse fato que dá ao processo o direito de ser chamado ativo e, ao produto, o direito de ser chamado passivo, uma revelação.¹⁸

Aquilo que é feito pela ação da capacidade humana dá ao produto uma qualidade humana em seu verdadeiro sentido, mas a operação confluyente do Santo Espírito dá ao produto uma qualidade que é impossível de ser alcançada pela mera capacidade humana, ou seja, a qualidade de ser um produto sobrenatural.

De acordo com a Escritura, o Espírito Santo dirige esses escritores debaixo da inspiração, para que escrevam a Palavra de Deus recorrendo a seus próprios talentos e esforços, mas o produto do esforço de pesquisa deles é a revelação do próprio Deus, assim como é revelação aquilo que vem por teofania ou profecia.

Warfield traça uma importante distinção entre o aspecto humano e o divino na revelação:

O valor da *inspiração* emerge, assim, como duplo. Ela dá aos livros escritos como seu *produto* uma qualidade que é verdadeiramente supra-humana. [Ela dá] uma confiabilidade, uma autoridade, um senso de pesquisa, uma profundidade, um

proveito que é totalmente divino. E também fala essa palavra divina imediatamente a cada coração e consciência do leitor, de tal forma que não exige tomar seu rumo em direção a Deus, doloridamente, talvez mesmo incertamente, através das palavras de seus servos, os instrumentos humanos para escrever as Escrituras, mas pode ouvir diretamente a voz divina falando imediatamente na palavra da Escritura a ele.¹⁹

Como ilustração, voltemo-nos ao Prólogo de Lucas, em que ele se refere a pesquisa, consulta a testemunhas oculares, antigos registros, evangelhos já escritos, entre outros (note-se a diferença entre um evangelho e uma epístola do NT ou um salmo do AT).

A operação concursiva explica mais facilmente os elementos divino e humano da Bíblia

Nenhum cristão honesto nega as características divinas e humanas na revelação contida na Escritura. Não se pode correr o risco de afirmar somente os elementos divinos nela. Existem determinadas características realmente humanas. Aliás, todos os livros são inspirados pelo Espírito, embora nem todo o seu conteúdo expresse claramente a distinção entre ação divina e ação humana. No entanto, é preciso entender a presença desses dois elementos.

As Escrituras são divinas em sua origem, mas, nesse modo de revelação, parte dela não poderia existir sem a participação humana. Existem causas secundárias na revelação que têm a ver com a agência humana. Ao lado do elemento divino pessoalmente envolvido nela, há também o elemento claramente humano.

Os elementos divinos são a verdade contida nos textos; sua autoridade e normatividade. Esse ponto é indiscutível para os cristãos que defendem a ortodoxia teológica.

Os elementos humanos, por sua vez, são os diferentes estilos de linguagem empregados pelos autores, apontando para as diferentes formações que tiveram. Assim, constata-se vocábulos que são próprios da formação “acadêmica” deles, como é o caso, por exemplo, de Lucas, que usa termos médicos, já que era médico. Estão presentes, em verdade, os traços de personalidade de cada autor, apontando para seu estado de espírito durante o processo de pesquisa.

O que não podemos negar é a ausência de características humanas para preservar somente o elemento divino na Escritura. O único modo de

revelação que deixa clara a participação de elementos humanos é a operação concursiva.

A operação concursiva é um modo tão normativo quanto os modos anteriores

Se alguém perguntar: “Qual dos três modos de revelação já estudados é o melhor ou o mais cheio de autoridade?”, a resposta é: não existe um modo melhor e mais exato, pois todos resultam de uma ação divina que fornece e mantém a fidelidade de seus ensinamentos. Não existe superioridade de revelação deste ou daquele modo. Todos foram soberanamente instituídos por Deus, a fim de nos deixar a herança de sua revelação. Assim, o produto final de tudo é a revelação divina cheia de autoridade.

As palavras ditas por Deus em todas as teofanias não são mais palavras de Deus do que aquelas que foram registradas pelos profetas (nos sonhos e visões) ou do que aquelas que foram registradas pela ação concursiva de Deus com os homens nesse terceiro modo de revelação.

Deus exerceu a liberdade de se comunicar com os recipientes da revelação de várias formas; assim, um modo específico de revelação não é superior aos outros. Deus se serve de vários veículos para tornar conhecida sua revelação.

ILUSTRAÇÕES DO MODO DE REVELAÇÃO POR OPERAÇÃO CONCURSIVA

Boa parte dos livros do Antigo e do Novo Testamentos resulta da ação cooperadora de Deus com os homens. O modo de revelação por operação concursiva é muito comum em ambos os testamentos.

Ilustrações de operação concursiva nos livros históricos do Antigo Testamento

Vários escritores do Antigo Testamento que escreveram os chamados “Livros Históricos” usaram as mais variadas fontes, orais ou escritas, nas pesquisas para escrever seus livros. Eles consultaram testemunhas oculares de vários fatos e livros já escritos na época, a fim de embasar suas afirmações, que chamamos de fontes orais e fontes escritas.

i) Fontes orais de que os escritores se serviram

Quando Moisés escreveu o Pentateuco, não somente recebeu a revelação direta de Deus por meio de teofanias. Ao escrevê-lo, ele fez consultas orais,

especialmente sobre aquilo que os antepassados transmitiram a seus descendentes. Assim, fatos importantes, como a Criação, no início de Gênesis, a narrativa do dilúvio, a narrativa da confusão de línguas de Babel, entre outros, não precisaram ser transmitidos por teofania, sendo razoável entender que foram transmitidos oralmente, pelos antepassados. Moisés certamente ouviu o que seus progenitores ou os mais antigos disseram.

Existem, contudo, alguns aspectos importantes nas fontes orais:

a) Até certa altura da história dos personagens bíblicos, ainda não havia a escrita. Muitos creem que a escrita apareceu somente por volta de 3000 a.C. Até então, toda a transmissão de conhecimento era feita oralmente.

b) Nos tempos bíblicos, a mente dos homens era treinada para passar informações a seus filhos, pois a maioria das pessoas não era alfabetizada. Saber ler e escrever era privilégio da nobreza. Moisés sabia escrever porque era um nobre, por ter sido criado na corte egípcia.

c) As escolas ainda não existiam no meio do povo hebreu. Por essa razão, a mente das pessoas era treinada para a guarda de informações, as quais seriam transmitidas oralmente a seus filhos, bem como aos filhos de seus filhos.

d) Havia pessoas que, até o tempo de Moisés, tinham vida muito longa. Não era incomum os homens viverem séculos a contar histórias aos seus descendentes. Não se deve esquecer que Deus baixou a idade dos seres humanos exatamente no tempo de Moisés. Portanto, certamente Moisés consultou fontes orais para escrever parte do que está registrado no Pentateuco. Nesse sentido, Deus operou *em, com e através* da capacidade de pesquisa de Moisés. Pode-se dizer o mesmo de outros escritores que registraram o que conhecemos como os livros históricos de Josué, Juízes, os livros de Samuel, Reis, Crônicas etc.

ii) As fontes escritas de que os escritores se serviram

Várias informações que encontramos na Escritura foram extraídas de livros conhecidos na época e que eram tidos em alta conta no tempo em que os livros da Bíblia estavam sendo escritos.

Os escritores dos chamados “livros históricos” se serviram de informações contidas na literatura disponível na época.

a) Livro das Guerras de Yehovah

Nm 21.14–16 – “Pelo que se diz no *Livro das Guerras do SENHOR*: Vaebe em Sufa, e os vales do Arnom, e o declive dos vales que se inclina para a sede de Ar e se encosta aos limites de Moabe. Dali partiram para Beer; este é o poço do qual disse o SENHOR a Moisés: Ajunta o povo, e lhe darei água.”

O livro inspirado de Números, escrito por Moisés, faz menção a um livro escrito anteriormente, que lhe serviu de fonte. O Livro das Guerras do Senhor é citado uma única vez. Não sabemos quase nada dele, mas sabemos que Deus operou no escritor usando sua capacidade de pesquisar para o registro inspirado de seu livro.

b) Livro dos Justos

Js 10.13–14 – “E o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos. Não está isto escrito no *Livro dos Justos*? O sol, pois, se deteve no meio do céu e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. Não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, tendo o SENHOR, assim, atendido à voz de um homem; porque o SENHOR pelejava por Israel.”

O fenômeno de o sol se deter no meio do céu por quase um dia inteiro é uma narrativa importante que Josué empreendeu. Entretanto, ele não recebeu essa informação por teofania ou mesmo por profecia, tomando essa informação do *Livro dos Justos*. Ainda que não consideremos esse livro inspirado, essa foi a fonte de consulta para o autor do livro de Josué. Posteriormente, na história de Israel, o escritor de Samuel se serviu do mesmo livro.

2Sm 1.17–19 – “Pranteou Davi a Saul e a Jônatas, seu filho, com esta lamentação, determinando que fosse ensinado aos filhos de Judá o Hino ao Arco, o qual está escrito no *Livro dos Justos*. A tua glória, ó Israel, foi morta sobre os teus altos! Como caíram os valentes!”

Davi prestou homenagem ao seu grande amigo Jônatas e também a seu pai, que havia sido o primeiro rei de Israel. Essa homenagem foi ordenada por Davi a todos os filhos de Israel. Eles deviam cantar um hino que falava da glória de Israel derrubada com a queda dos valentes. O escritor do livro de Samuel tomou como fonte de referência uma narrativa pretérita, chamada de *Livro dos Justos*. Nela, estavam registradas as histórias dos valentes de Israel.

Deus operou concursivamente *em, com e através da* personalidade do

escritor do livro de Josué e do de 2Samuel.

c) Livro da história de Salomão

1Rs 11.41 – “Quanto aos mais atos de Salomão, a tudo quanto fez, e à sua sabedoria, porventura, não estão escritos no *Livro da História de Salomão*?”

Os dois livros de Reis descrevem principalmente os atos e as palavras dos primeiros reis de Israel: Saul, Davi e Salomão. Enquanto os atos de Davi estão narrados no Livro dos Justos, os atos de Salomão estão narrados no Livro da História de Salomão, de autor desconhecido. O escritor de Reis se serve desse livro para trazer alguns informes importantes sobre a vida de Salomão. Esse livro também não é considerado inspirado, mas serviu como base de pesquisa para o livro inspirado.

Assim, Deus operou concursivamente *em, com e através da* personalidade do escritor dos livros dos Reis.

d) O livro das Crônicas, de Samuel, o vidente; Natã, o vidente; e Gade, o vidente

1Cr 29.29–30 – “Os atos, pois, do rei Davi, tanto os primeiros como os últimos, eis que estão escritos nas *crônicas, registradas por Samuel, o vidente, nas crônicas do profeta Natã e nas crônicas de Gade, o vidente*, juntamente com o que se passou no seu reinado e a respeito do seu poder e todos os acontecimentos que se deram com ele, com Israel e com todos os reinos daquelas terras.”

O escritor do livro inspirado de 1Crônicas recorreu a informações anteriormente dadas por outros três profetas, embora sem nenhum registro escrito. Eles profetizaram por muitos anos, mas existem apenas algumas poucas informações sobre a atividade profética de Samuel, Natã e Gade.

Se considerarmos que Samuel é o autor de dois livros que levam seu nome na Bíblia, então somente os dois últimos escreveram livros com os dados proféticos de sua época que estão fora do cânon judaico. De qualquer forma, entendemos que Deus trabalhou concursivamente *em, com e através da* personalidade do escritor dos livros de Crônicas.

e) O livro da História de Semaías, o profeta, e de Ido, o vidente

2Cr 12.15 – “Quanto aos mais atos de Roboão, tanto os primeiros como os últimos, porventura não estão escritos no *Livro da História de Semaías, o profeta, e no de Ido, o vidente*, no registro das genealogias? Houve guerras entre Roboão e Jeroboão todos os seus dias.”

Semaías e Ido são dois profetas dos quais há pouca referência no Antigo

Testamento. Existem apenas alguns dados sobre eles, ainda que tenham profetizado por muitos anos ao povo de Deus do Antigo Testamento. Eles foram tão vocacionados por Deus quanto os demais profetas clássicos. Não existe nenhum livro deles no cânon judaico. Entretanto, eles tiveram o trabalho de escrever livros que narram atos de reis de Israel (Roboão e Jeroboão) e que foram objeto de pesquisa pelo escritor inspirado de Crônicas.

O importante é que, a despeito da pesquisa realizada, na qual empregaram todo o seu esforço mental e físico, seus escritos têm autoridade divina porque o Espírito de Deus trabalhou *em, com e através* das personalidades deles. Eles foram instrumentos de que Deus se serviu para registrar o que queria que registrassem, como resultado de sua pesquisa.

Operação concursiva nos livros poéticos

Os livros de Jó, Salmos, Provérbios, Cantares e Eclesiastes também são revelação divina. Os dois modos de revelação antes estudados não podem ter sido aplicados neles. Certamente, os autores desses livros usaram a plenitude de suas faculdades mentais para produzi-los, debaixo da operação confluyente do Espírito Santo, que atuou *em, com e através* deles.

i) Operação concursiva no Livro de Jó

O livro de Jó é cheio da estultícia de alguns homens e de atitudes invejáveis de outros. Jó é um bom exemplo de como portar-se diante de uma dor profunda e extremamente prolongada.

Imagino que Jó deve ter passado muitos dias e muitas noites refletindo sobre os sofrimentos e as razões pelas quais passava por aquilo. Então, já no final do registro do livro que leva seu nome, ele expressou verbalmente uma revelação divina que só foi ensinada muito tempo mais tarde:

Jó 19.25–27 – “*Porque eu sei que meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim.*”

Jó não aprendeu essa lição em algum curso de escatologia que tenha feito, nem ouviu diretamente de Deus acerca da vitória sobre sua própria carne carcomida pelas chagas. Jó viveu, provavelmente, antes de - ou concomitantemente a - Moisés. Ele não tinha nenhuma revelação divina em que pudesse basear sua afirmação tão espantosa!

a) Jó tratou de um Redentor muito antes de haver essa noção no Antigo Testamento

Certamente, Jó já sabia das promessas de Gênesis 3.15 sobre o que haveria de esmagar a cabeça da serpente, mas a noção de Redentor ressurreto está ausente ali. Se Jó é contemporâneo de Moisés, deve ter aprendido de um profeta semelhante a ele, mas nunca antes o povo israelita tivera a noção de um redentor nos moldes em que Jó descreve.

Eu sei que a palavra hebraica *laḏgš* (*go'el*), traduzida como *Redentor*, pode ter o significado de Resgatador, Fiador, Vingador ou mesmo Justificador. No entanto, nesse texto, a ideia de Redentor é melhor porque trata de uma libertação escatológica das dores e angústias do tempo presente. Jó está em grande aflição, e a noção de Redentor aponta para a condição terrível de seu próprio corpo e alma.

b) Jó tratou de um Redentor que estaria vivo sobre a terra, ressurreto

A única pessoa que se encaixa no Redentor descrito por Jó é Jesus Cristo! É impressionante a descrição que Jó faz desse personagem futuro! Jó foi o primeiro a visualizar um Redentor tão parecido com Jesus Cristo. No entanto, é possível que ele não soubesse exatamente de quem estava tratando. Ele não sabia que o Redentor seria o Filho de Deus encarnado, mas tinha certeza da existência de um Redentor futuro como sofredor nesta terra e de que ele estaria na terra por pouco tempo, e que se levantaria da terra, ressurreto.

c) Jó tratou de sua própria ressurreição

Nesse sentido, Jó deu o pontapé inicial na doutrina da ressurreição de Cristo como a garantia de nossa ressurreição! Se Cristo, que havia padecido, ressurgiu dentre os mortos, poderia ser a garantia da ressurreição dele próprio. Se o Redentor haveria de vencer a morte, saindo da terra, ressurreto, isso significa que também teria seu corpo restaurado, sem os resultados do pecado em seu corpo. Essa doutrina só foi desenvolvida por Paulo muito tempo depois. No entanto, Jó tem um vislumbre proléptico do que acontecerá a todos os que pertencem ao Senhor!

e) Jó tratou do encontro com o Senhor, face a face

Essa verdade é estonteante! Jó antecipou a ideia de se encontrar face a face com Jesus Cristo. Jó tinha a convicção de que veria, com seus olhos físicos, o Senhor. Isso só acontecerá, em termos mais profundos, no dia final, que é o

dia da ressurreição. Essa é uma promessa que pode até ser cumprida parcialmente no céu, quando os crentes morrem, e ali verão Jesus no céu, mas não com seus olhos físicos. No entanto, o encontro com o Senhor se cumpre cabalmente no dia da ressurreição final, quando, em seu próprio corpo, todos os remidos verão o Senhor face a face!

f) Jó tratou da saudade que ele tinha das coisas que nunca tinha tido antes

Essa parte do texto é muito curiosa: a ânsia de Jó de escapar de suas enfermidades era tão grande que ele ficou com saudade de coisas que nunca havia ainda experimentado. Em geral, temos saudade das coisas que já experimentamos, mas Jó teve saudade de um sonho nunca antes realizado: o de ver o Senhor face a face! Se você tem ânsias desse dia de encontro, então pode dizer que tem “saudade” do Senhor!

De onde Jó retirou essas verdades colocadas em proposições, dantes desconhecidas? Qual foi a fonte que ele usou para nos ensinar essa verdade sem que houvesse uma revelação anterior?

A única resposta a tais perguntas é: Deus resolveu revelar de antemão a Jó o que anunciou em palavras mais abundantes no Novo Testamento, pelo modo de revelação por operação concursiva. Foi por meio da ponderação sobre o sofrimento que ele estava experimentando; foi pesquisando sobre as reações de seu próprio corpo que ele chegou a uma conclusão tão maravilhosa à qual, ainda hoje, muitos crentes não chegaram, mesmo depois de tanta revelação posterior sobre a matéria! Esses crentes não têm convicções tão profundas quanto as que Jó teve milênios atrás.

ii) Operação concursiva no Livro de Salmos

Todo o Livro de Salmos ilustra o modo de revelação por operação concursiva. Não temos espaço para fazer uma análise completa. Entretanto, vamos tomar partes do Salmo 19 para exemplificar o que acabamos de dizer.

O Salmo 19 é uma peça poética que aponta para dois tipos de revelação de Deus: revelação natural e revelação verbal. É importante que você lembre que Deus não se revelou ao salmista através de sonhos e visões, nem mesmo apareceu teofanicamente a ele. Como, então, o Salmo 19 deve ser considerado revelação divina?

Deus se revelou por operação concursiva. Deus deu as obras da natureza para que o salmista a pesquisasse e registrasse a grandeza do Criador!

a) A afirmação proposicional da revelação da natureza

Sl 19.1–2 – “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite.”

Certamente, Davi, com toda a inteligência e seus outros sentidos, com poucos instrumentos científicos de que dispunha, vasculhou os céus para verificar a grandeza da criação e afirmou, de maneira inequívoca, a revelação da glória do grande Criador na abóboda celeste. Ao estudar a natureza, o salmista ouviu, sem palavras, a voz de Deus. Ao perscrutar os astros, ele viu, por trás deles, o grande Criador de todas as coisas físicas.

É importante observar que o estudo da natureza envolve pesquisa feita com os olhos, com a ajuda de instrumentos; pesquisa feita com matemática, física, química etc. Davi não era um homem ignorante e percebeu, por tudo o que havia observado, a revelação de alguns atributos divinos. Não é a natureza que revela Deus, mas Deus que revela sua criatividade, seu poder, sua sabedoria e seu senso estético através das obras da natureza.

Quando Davi registrou o texto do Salmo 19, Deus estava agindo *em, com e através* dele, para que escrevesse exatamente o que conhecemos como revelação de Deus. O produto final da pesquisa de Davi não era uma obra simplesmente humana, mas sobretudo divina. Deus usou toda a capacidade de Davi para se deixar conhecer pelos homens. Foi uma ação conjunta, uma operação concursiva entre Deus e Davi.

Sl 19.3–6 – “Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo. Aí, pôs uma tenda para o sol, o qual, como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho. Principia numa extremidade dos céus, e até à outra vai o seu percurso; e nada refoge ao seu calor.”

Ao observar o trajeto do sol, Davi também percebeu a grandeza dos atributos divinos. Não havia nenhuma revelação verbal através dos astros, mas Davi escreveu palavras sobre o caminho do sol que exaltam a sabedoria divina. Deus fez Davi escrever exatamente o que o próprio Davi queria e, ao fazer isso, sem o saber, Davi estava registrando o pensamento que Deus queria que ele registrasse.

Observe que Deus usou toda a capacidade de Davi para chegar a

conclusões belas sobre a revelação da natureza, mas isso é compreendido apenas quando explicado por meio de palavras. E Davi foi o que cooperou com Deus no registro dessas palavras. Esse é um exemplo do que é a revelação por operação concursiva no Livro de Salmos!

b) A afirmação proposicional da revelação verbal

Davi não somente pesquisou as obras da natureza, como também experimentou as riquezas da revelação verbal que estão na Lei de Deus. Então, ele se expressa em palavras exaltando as belezas da Lei que o Senhor queria que conhecêssemos:

Sl 19.7–11 – “A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices. Os preceitos do SENHOR são retos e alegam o coração; o mandamento do SENHOR é puro e ilumina os olhos. O temor do SENHOR é límpido e permanece para sempre; os juízos do SENHOR são verdadeiros e todos igualmente, justos. São mais desejáveis do que ouro, mais do que muito ouro depurado; e são mais doces do que o mel e o destilar dos favos. Além disso, por eles se admoesta o teu servo; em os guardar, há grande recompensa.”

As qualidades da palavra de Deus mostradas por Davi resultam da pesquisa experimental dele. Depois de viver tanto tempo em comunhão com a Lei do Senhor, Davi pode dizer da Palavra de Deus coisas não somente bonitas, mas também verdadeiras.

Deus não dissera nada a Davi em profecia nem em teofania, mas trabalhou *em, com e através de* todas as suas faculdades, a fim de que Davi não somente compreendesse, como também expressasse em proposições as maravilhas da Palavra de Deus que até hoje admiramos! O que Davi escreveu sobre a Lei do Senhor foi pela cooperação divina com ele. Esse é o modo de revelação por operação concursiva!

iii) Operação concursiva no Livro de Provérbios

O Livro de Provérbios é uma coleção selecionada de cerca de seiscentos provérbios dentre os muitos mais que haviam sido escritos. Eles resultam da ação divina na mente não somente de Salomão, mas também de outros compositores deles. Quando você lê a sabedoria que há neles, só pode reportar-se à sabedoria divina, mas Deus não se revelou a esses compositores de Provérbios por meio de teofania ou profecia.

Deus quis que seu povo (e o mundo!) conhecesse sua sabedoria e, então, serviu-se da instrumentalidade de homens que meditaram sobre vários assuntos e chegaram a conclusões maravilhosas que nos espantam até hoje. Deus agiu através da inteligência deles e de todas as suas outras capacidades, a fim de que produzissem peças tão raras. Deus operou cooperativamente com eles, tendo como resultado final a beleza, a riqueza e a maravilha dos Provérbios desse pregador e de seus colaboradores.

Um bom exemplo é a capacidade do autor na verificação do que ocorre na natureza criada:

Pv 6.6–11 – *“Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos e sê sábio. Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante, no estio, prepara o seu pão, na sega, ajunta o seu mantimento. Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? Quando te levantarás do teu sono? Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado.”*

O autor de Provérbios dedicou seu tempo a averiguar como as formigas trabalham, a fim de nos dar uma lição verbal. Então, ele ordena aos homens que imitem o que os animaizinhos fazem. Jesus fez o mesmo quando disse: “Observai as aves do céu....” e ensinou aos homens como procederem nesta vida.

As palavras de Provérbios não foram ditas verbalmente, tampouco Deus as deu aos ouvidos do Pregador em teofania, sonhos ou visões; isso ocorreu por meio de observação, de pesquisa. Então, o Pregador, em cooperação com Deus, que trabalhava confluentemente em sua alma, deixou-nos escritas essas verdades tão necessárias de sabedoria!

iv) Operação concursiva no Livro de Eclesiastes

O pregador é um dos mais sábios escritores da Bíblia, a despeito de cometer tantas coisas tolas na vida, tantos excessos, tanta coisa inútil! A beleza de Eclesiastes é que o autor pondera sobre tudo o que ele havia experimentado. Então, chega a algumas conclusões sobre a existência humana:

Ec 3.1–8 – “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derribar e

tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de saltar de alegria; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de deitar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de aborrecer; tempo de guerra e tempo de paz.”

Essas sábias palavras não vêm ao acaso nem surgem fortuitamente; resultam de longa pesquisa, de cuidadosa observação, de acurada averiguação, da experiência. Elas não vieram audivelmente da boca de Deus em teofania ou em profecia, mas por uma ação confluyente de Deus na vida de Salomão, o filho de Davi (Ec 1.1). Deus operou nas faculdades de Salomão para que ele produzisse, em proposições verbais, sua verdade pelo uso da totalidade da personalidade de Salomão. Deus operou *em, com e através da* personalidade de Salomão, de modo que o resultado final da investigação não é a palavra de Salomão, mas a Palavra de Deus.

v) Operação concursiva no Livro de Cantares

Diferentemente do que vários autores cristãos pensam, o livro de Cantares trata das relações amorosas entre um homem e uma mulher. Não trata do amor de Cristo pela Igreja, mas do amor entre cônjuges. Dentre os muitos cânticos compostos por Salomão, Deus fez com que só esse fosse registrado na Escritura Sagrada. Deus quer que os casais tementes a ele se portem cheios de amor e que a noção de família seja implantada mais fortemente na sociedade.

Salomão foi um homem que viveu intensamente a vida amorosa, mas cometeu muitos erros. Então, Deus, em sua sabedoria, fez com que um homem com muitos pecados nessa área nos ensinasse como viver com seu cônjuge. São planos de Deus que não podemos discutir.

O mesmo já assinalado para os outros livros deve ser dito em relação a esse. Deus se serviu de um homem para escrever coisas que ele queria que os outros soubessem sobre as características do amor conjugal.

Operação concursiva em Lucas

Lc 1.1–4 – “Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra,

igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, dar-te por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.”

O Prólogo de Lucas é um exemplo típico dessa “cooperação”, em que Deus opera através de todas as capacidades intelectuais, emocionais e espirituais de Lucas. O desejo de Lucas era escrever uma “narrativa coordenada dos fatos” de seus dias. Nesse sentido, para fazer um bom trabalho de pesquisa, Lucas dispôs de várias fontes:

i) Lucas fez uma investigação acurada dos fatos

O Evangelho de Lucas é o mais claro de todos como exemplo de operação concursiva, pois demonstra como o espírito de investigação de Lucas aponta para tudo o que tratamos aqui. Em sua investigação, Lucas usou duas fontes de pesquisa: escrita e oral.

a) Lucas pesquisou fontes escritas

Lc 1.1 – *“Visto que muitos houve que empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram,”*

Lucas se serviu de diversas publicações anteriores sobre a vida e o ministério de Jesus. Provavelmente, entre alguns deles, encontra-se o Evangelho de Marcos, o primeiro a ser escrito dos chamados quatro evangelhos. Além disso, diversas fontes escritas estavam disponíveis àquela época, mas pouca coisa foi deixada para nós nas Escrituras, exceto os evangelhos. Lucas, então, desejava fazer uma “investigação acurada dos fatos”. Tomou as anotações havidas na época e empreendeu a escrita de seu evangelho. Imagino Lucas com diversos manuscritos nas mãos, ou abertos em sua escrivaninha, fazendo o cotejo dos textos, selecionando as informações que lhe pareciam mais fidedignas.

b) Lucas pesquisou fontes orais

Lc 1.2 – *“conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra,”*

Juntamente com as fontes escritas, Lucas buscou as fontes orais que lhe deram subsídios para escrever seu evangelho. Lucas dividiu essas fontes orais em dois grupos:

1) O grupo das que haviam presenciado pessoalmente os fatos da vida e do ministério de Jesus. Certamente, Lucas foi até Maria, a mãe de Jesus; ele

consultou Maria Madalena, que era muito próxima de Jesus. A essas pessoas, Lucas chamou de “testemunhas oculares”.

2) O outro grupo de fontes orais provavelmente é uma referência mais específica aos apóstolos, que eram os propagadores dos ensinamentos e da pregação de Cristo. A esse grupo, Lucas chamou de “ministros da Palavra”.

c) Lucas registrou uma investigação acurada

Lc 1.3 – “igualmente a mim me pareceu bem, depois de acurada investigação de tudo desde sua origem, *dar-te por escrito*, excelentíssimo Teófilo, *uma exposição em ordem*, ”

Temos de dar graças a Deus pelo fato de alguns cristãos primitivos terem registrado os fatos que se passaram com eles e no meio deles. Se a pesquisa de Lucas não houvesse sido escrita, ignoraríamos o passado. Se nos ativéssemos somente à transmissão oral, correríamos o risco de ter o registro deturpado. Então, Deus providenciou para que Lucas fizesse toda a sua pesquisa.

Em outras palavras, Lucas preocupou-se em trabalhar “academicamente” em sua investigação. Dizemos isso porque somente acadêmicos procuram fazer uma pesquisa acurada, criteriosa. Ele queria que seu amigo Teófilo soubesse de tudo e que seu livro se espalhasse, para o conhecimento de todos.

d) Lucas teve um propósito no registro da investigação acurada

Lc 1.4 – “*para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído.*”

Ao fazer essa investigação acurada, Lucas pensou em seu grande amigo. Ele queria que Teófilo (que certamente estava longe dali) tivesse plena certificação das verdades que ele, agora, estava aprendendo. Lucas tem uma preocupação de mestre ao agir assim. Certamente, Lucas não era apóstolo, nem pregador, mas desempenhou um papel importantíssimo para a preservação da verdade de Deus, atingindo milhões e milhões de pessoas por toda a história do cristianismo.

Deus apareceu em teofania a Lucas? Não! Deus apareceu em sonhos e visões a ele? Não! Como, então, podemos considerar o livro de Lucas a “Palavra de Deus”? Deus trabalhou confluentemente na vida de Lucas, agindo *em, com e através de* todas as suas capacidades, a fim de que o resultado final de seu trabalho não fosse palavra de Lucas, mas a Palavra de Deus, como de fato tem sido crido pela Igreja no decorrer dos séculos.

Operação concursiva em Paulo

Como Paulo era apóstolo e também profeta, Deus falou com ele em sonhos e visões. Não é difícil mostrar isso na Escritura. Além disso, o Senhor Jesus lhe apareceu algumas vezes presencialmente para lhe revelar muitas coisas. No entanto, nem tudo o que Paulo escreveu é produto de revelação direta de Deus por meio de sonhos ou visões, nem mesmo de conversas com Jesus.

1Co 7.10–12, 25, 40 – “Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher. *Aos mais, digo eu, não o Senhor*: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; (...) *Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião, como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel...* Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, *segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus.*”

i) Paulo trata de assuntos recebidos como revelação do Senhor

1Co 7.11 – “Ora, aos casados, ordeno, não eu, mas o Senhor, que a mulher não se separe do marido (se, porém, ela vier a separar-se, que não se case ou que se reconcilie com seu marido); e que o marido não se aparte de sua mulher.”

A autoridade da Escritura sobre o fato de a mulher não se separar de seu marido ou de fazer tudo para se reconciliar com ele não pode ser discutida. É um mandamento antigo, ao qual se deve obedecer. Por isso Paulo fala: “Ora, aos casados, *ordeno, não eu, mas o Senhor*”. Esse era o ensino desde os tempos do Antigo Testamento e estava na lei.

ii) Paulo trata de assuntos que ele não tinha recebido como revelação do Senhor

Entretanto, havia coisas que Paulo ordenava e que não estavam prescritas na Escritura. Deus não havia falado nada a ele sobre a matéria.

1Co 7.12, 25 – “*Aos mais digo eu, não o Senhor*: se algum irmão tem mulher incrédula, e esta consente em morar com ele, não a abandone; (...) *Com respeito às virgens, não tenho mandamento do Senhor; porém dou minha opinião, como tendo recebido do Senhor a misericórdia de ser fiel....*”.

1Co 7.40 – “Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, *segundo a minha opinião; e penso que também eu tenho o Espírito de Deus.*”

Que autoridade Paulo toma como base para estabelecer normas morais de

comportamento para as pessoas no meio daquela sociedade incrédula?

Paulo ordena aos maridos crentes que não abandonem as esposas incrédulas. Com base em que Paulo dá essa ordem? Ele dá essa opinião com base no fato de, até então, ter sido um homem fiel, como um produto da misericórdia divina.

Paulo ordena que uma mulher que fique viúva permaneça nessa condição. Com base em que Paulo dá essa ordem? Ele emite essa opinião com base na afirmação de que tem o Espírito de Deus.

Será que essas duas alegações de Paulo são suficientes para tornar sua palavra plena de autoridade? Pessoalmente, creio que a autoridade desses versos registrados por Paulo procede da ação confluyente de Deus nele. Deus se serviu de tudo o que Paulo possuía, ou seja, de sua inteligência, de sua capacidade, do conhecimento das Escrituras do Antigo Testamento, de sua capacidade de emitir juízo como um homem iluminado pelo Espírito Santo, para dar a ele a capacidade de registrar o que registrou. Deus operou *em, com e através da* totalidade de sua personalidade obediente a Cristo Jesus, porque era cativo dele. O fato é que o produto final do que Paulo escreveu não é palavra de Paulo, mas mandamento de Deus. Isso é o que chamamos de operação concursiva.

Esses versos de Paulo ilustram que ele não havia recebido nenhuma informação da parte do Senhor no que diz respeito aos assuntos tratados. A única conclusão que podemos tirar da atitude de Paulo é que ele tinha noção das demais Escrituras e que “conferia coisas espirituais com espirituais” (1Co 2.13)

1Co 14.32–38 – “Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas; porque Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas *como também a lei o determina*. Se, porém, querem aprender alguma coisa, interroguem, em casa, a seu próprio marido; porque para a mulher é vergonhoso falar na igreja. Porventura, a palavra de Deus se originou no meio de vós ou veio ela exclusivamente para vós outros? *Se alguém se considera profeta ou espiritual, reconheça ser mandamento do Senhor o que vos escrevo. E, se alguém o ignorar, será ignorado.*”

Nesses versos, Paulo afirma duas coisas distintas: 1) o silêncio das

mulheres na Igreja era um mandamento da Lei, e não dele (v. 32–34); 2) Paulo fala algumas coisas, como expressão de sua opinião pessoal, e ele mesmo concede autoridade ao que fala com base nas razões alegadas nos versos anteriormente comentados (1Co 7.12, 25, 40). Como ele era um apóstolo autorizado de Deus, porque havia sido vocacionado para tal ofício, alegava o direito de ser ouvido como alguém que fala um mandamento do Senhor.

Na carta aos Tessalonicenses, Paulo fala a mesma coisa no que diz respeito ao peso de autoridade de sua fala. Paulo reflete e considera o que ele ensina como a Palavra de Deus.

1 Ts 2.13 – “Outra razão ainda temos nós para, incessantemente, dar graças a Deus: é que, tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, *que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus*, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes.”

Paulo pregava e ensinava. Nem tudo o que Paulo dizia fora recebido diretamente do Senhor, mas era reconhecido pela Igreja como “Palavra de Deus”, e não “palavra de homem”, e essa palavra “estava operando eficazmente” no meio do povo.

Esses exemplos de Paulo só podem ser entendidos como revelação divina quando apelamos para a revelação através de operação concursiva.

¹⁵ Warfield, *The Inspiration and Authority of the Bible*, 83.

¹⁶ Jack B. Rogers e Donald K. McKim. *The Authority and Interpretation of the Bible* (San Francisco: Harper & Row, 1979), 336.

¹⁷ Warfield, *op. cit.*, p. 94.

¹⁸ *Ibid.*, 95.

¹⁹ Benjamin B. Warfield, *Works*, v. 1, 104.

PARTE 4

REVELAÇÃO VERBAL SINGULAR PELO FILHO ENCARNADO

SUPERIORIDADE DA REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO

Hb 1.1–4 – “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, *nestes últimos dias, nos falou pelo Filho*, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da Majestade, nas alturas, tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.”

No passado, Deus falou de várias maneiras aos pais, por intermédio dos profetas, mas, nos dias do autor de Hebreus, estava se revelando através do Filho.

Jesus Cristo é o clímax da revelação progressiva de Deus. Nada depois dele diz mais do que ele sobre Deus. Todas as coisas que os apóstolos vieram a dizer de Deus eram apenas uma explanação daquilo que, em gérmen, já fora revelado por Cristo e em Cristo. Ele é a expressão máxima do ser de Deus. Ele é o próprio Deus conosco, o “Emanuel”. E o propósito de sua encarnação, morte e ressurreição é a revelação de seu Pai celestial, com vistas à redenção de seu povo. Ele é o Deus manifestado em carne. Seu ministério total é a revelação de Deus por atos e palavras.

A superioridade que abordamos aqui não reside na veracidade de suas afirmações ou em sua autoridade, mas no fato de a revelação ser dada diretamente pelo Filho de Deus encarnado.

A REVELAÇÃO QUE JESUS FAZ DO PAI É MAIOR DO QUE AQUELA FEITA PELOS PROFETAS

Por cerca de mil anos, Deus falou aos homens por uma série de profetas, desde Samuel até os profetas do pós-cativeiro, por meio de sonhos e visões. No entanto, quando Jesus veio para ser o porta-voz de Deus, não veio apenas

como profeta maior, mas como o próprio Deus entre nós. Sozinho, ele é maior do que todos os profetas. Aliás, foi o Espírito de Cristo que estava em todos os profetas que o antecederam. Além disso, ele é o Deus encarnado que veio a mando do Pai, para dar a conhecer aos homens quem era seu Pai.

Jesus Cristo não é somente o maior dos profetas; ele é o “Deus conosco”. Por isso, revelando seu Pai, Cristo mostra quem ele próprio é, porque possui a mesma essência do Pai. Não existe mais necessidade de revelação profética, porque Jesus é o máximo da revelação divina. Se juntarmos todos os profetas do Antigo Testamento e João Batista, não são maiores do que Jesus Cristo em termos revelacionais, porque Jesus Cristo é o próprio Deus encarnado, uma pessoa igual a eles em humanidade, mas também muito diferente deles, por causa de sua divindade.

Gary DeLashmutt foi muito feliz na comparação entre a revelação dos profetas e a de Jesus: “Exatamente como a luz da lua é superada pelo surgimento do sol, assim a revelação a respeito de Deus no Antigo Testamento tem sido superada pela vinda de Jesus”.²⁰ Até João Batista, o último dos profetas, disse da superioridade de Cristo:

Jo 1.15 – “João testemunha a respeito dele e exclama: Este é o de quem eu disse: *o que vem depois de mim tem, contudo, a primazia, porquanto já existia antes de mim.*”

João reconhecia a superioridade de Cristo sobre todos os que o antecederam. Nunca antes nenhum profeta tivera tamanha autoridade de revelação quanto o próprio Cristo, porque ele é o Filho eterno de Deus. Mesmo nascendo neste mundo seis meses depois de João, o Filho de Deus já tinha existência anterior.

Com essas coisas em mente, o autor de Hebreus inicia sua carta, dando noção de quem foi aquele através do qual Deus falou. O autor de Hebreus nos mostra por que o Filho, em sua função revelacional, é maior do que todos os profetas.

Hb 1.1–3 – “Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, *nestes últimos dias, nos falou pelo Filho*, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, depois de ter feito a purificação dos pecados, assentou-se à direita da

Majestade, nas alturas,”

Jesus Cristo é maior do que os profetas, em termos revelacionais, porque é “o Filho”

Deus vocacionou muitos profetas no Antigo Testamento, revelando suas mensagens em sonhos e visões. Eles se tornaram apenas instrumentos por meio dos quais Deus se serviu para comunicar sua verdade.

No entanto, Deus não se contentou em se revelar somente por meio dos profetas. Aprouve a Deus tornar-se conhecido de um modo pessoal e presencial através do Filho. Ninguém poderia dar uma ideia melhor da divindade do que o próprio filho de Deus. Afinal de contas, ele tem a mesma essência do Pai e pode comunicar-se perfeitamente com os homens, porque tem a mesma essência deles. O Deus/Homem veio ao mundo para revelar seu Pai de uma maneira muito superior aos que o antecederam. A condição de Filho essencial do Pai o torna superior a homens e anjos no que diz respeito à revelação porque ele possuía a mente de Deus.

Jesus Cristo é maior do que os profetas, em termos revelacionais, porque é “Herdeiro de todas as coisas”

A despeito de as pessoas da Trindade serem ontologicamente iguais, economicamente (ou funcionalmente) são diferentes. Nas funções da Trindade econômica, o Filho está subordinado ao Pai. Por essa razão, o texto de Hebreus diz que o Pai “constituiu o Filho herdeiro de todas as coisas”. O Filho nunca reivindicou a condição de herdeiro, mas o Pai assim o constituiu. O que o autor de Hebreus disse sobre a herança já estava prometido nos escritos do Antigo Testamento:

Sl 2.7–8 – “Proclamarei o decreto do SENHOR: Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei. *Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão.*”

O Filho foi designado para receber do Pai todas as coisas, em virtude de ser o Filho único (Jo 3.16), desfrutando de todos os privilégios de Filho de Deus.

Quando um pai morre, em seu testamento nomeia os filhos herdeiros de seus bens. Diferentemente dos pais humanos, o Pai de Jesus Cristo nunca morre ou deixa testamento para o Filho. O Pai que vive eternamente constitui o Filho herdeiro de tudo! Esse “tudo” inclui os remidos, a imensidão dos

céus, a formosura da terra e tudo o que nela há. Todas as coisas pertencem ao Filho.

Jesus Cristo é maior do que os profetas, em termos revelacionais, porque é o agente “criador do universo”

Na ocasião apropriada, para cumprir os desígnios divinos, o Filho tornou-se o agente da Criação. À ordem do Pai, o Filho trouxe à existência todas as coisas. A Escritura não deixa dúvida dessa grande verdade que nos faz ver Jesus superior a tudo o que existe:

Jo 1.3 – “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez.”

Cl 1.16 – “pois, *nele*, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. *Tudo foi criado por meio dele* e para ele.”

Jesus Cristo é maior do que os profetas porque estes são criaturas, enquanto o Filho de Deus é o Criador. Nesse sentido, há uma distância qualitativa e infinita entre o Filho de Deus e os homens. Os profetas só podiam conhecer Deus na dependência dele; não poderiam conhecê-lo sem revelação.

O Filho, contudo, não precisou aprender com seu Pai nada a seu respeito ou da Criação, porque ele próprio, que existe eternamente no seio do Pai, é o originador de todas as coisas. Se ele é o originador de tudo, pode revelar tudo o que conhece aos homens, pois sua mente tem as mesmas propriedades da mente de seu Pai, por compartilhar da mesma divindade do Pai.

Falando em termos gerais, existem apenas duas opções sobre a origem do universo para quem estuda a imensidão que temos ao nosso redor: ou cremos no que Deus disse acerca da criação de todas as coisas pelo seu Filho, ou cremos que o universo é uma casualidade cega originada num tempo infinito.

A afirmação de que Deus fez o universo através do Filho coloca seus filhos em uma posição sem saída. Se os homens aceitam os pressupostos da chamada ciência moderna, Deus (se é que ele existe!) não diz respeito às coisas existentes. Todavia, se eles aceitam as afirmações da Escritura, deliciam-se no Deus em que creem.

Jesus Cristo é maior do que os profetas, em termos revelacionais, porque “é o resplendor da glória”

Como a luz do sol está para o sol, assim o Filho de Deus encarnado está para Deus. Assim como não é possível separar a luz do sol, também não é possível separar o Filho do Pai. Se queremos conhecer quem é o Pai, é necessário olharmos para o Filho. Ele não é uma imagem anuviada, mas uma reflexão brilhante de quem é o Todo-Poderoso. É a perfeita descrição de seu Pai, porque resplandece sua glória. Só pode ser o resplendor da glória aquele que possui a mesma essência do Pai.

No Antigo Testamento, essa glória era chamada de *Shekhinah* (Ex 34.38). A glória de Deus, que se manifestava teofanicamente no Antigo Testamento, tornou-se definitiva na encarnação do Verbo. Por isso, João registra: “E vimos a sua glória, glória como a do unigênito do Pai” (Jo 1.14b). A presença dessa glória, pela presença de uma nuvem, foi visualizada, de modo incomum, no Monte da Transfiguração (Mc 9.2 e seguintes).

O evento do Monte da Transfiguração mostra que essa glória pertence ao Filho apenas. Nenhum dos profetas do Antigo Testamento ou dos apóstolos do Novo Testamento possuía essa glória. Eles apenas puderam contemplá-la (cf. At 9.3; 22.6; 26.13) em Cristo, porque a glória dele é o resplendor da glória do Pai. Assim, como o Filho de Deus é o resplendor da glória, sua revelação do Pai é muito maior do que a de todos os profetas do Antigo Testamento.

Jesus Cristo é maior do que os profetas, em termos revelacionais, porque “é a expressão exata do ser de Deus”

Como o Filho é “o resplendor da glória” de seu Pai, também “é a expressão exata do seu ser”. Essas duas expressões apontam para a maravilhosa e plena divindade do Filho.

A palavra grega para “expressão exata” é *χαρακτήρ* (*charakter*), de onde se origina a palavra *caráter*. Jesus expressa o caráter de Deus.

Essa palavra era usada para a impressão feita por uma ferramenta de esculpir quando algo era estampado no metal, a fim de fabricar uma moeda. A imagem na moeda era precisamente a imagem da ferramenta que esculpia. Assim, Jesus é estampado com a imagem de Deus.²¹

Se uma pessoa quer ver Deus, pode olhar para Jesus Cristo, porque ele é a estampa de Deus. Ele reflete exatamente quem Deus é, sendo a “expressão exata (*χαρακτήρ*) de seu ser”. Quando Jesus atendeu ao pedido de Filipe para

ver o Pai, Jesus lhe disse: “Filipe, há tanto tempo estou convosco e não me tendes conhecido? Quem vê a mim vê ao Pai” (Jo 14.9). Assim, quando olhamos para Jesus, vemos nele estampado o caráter de Deus, porque ele expressa exatamente as características de seu Pai.

Nenhum profeta do Antigo Testamento, por mais obediente que tenha sido a Deus, por mais dotado para o trabalho profético, nunca pode ser comparado ao Filho de Deus encarnado, que reflete, perfeita e pessoalmente, o caráter de seu Pai, revelando-o de maneira perfeita e extraordinária. Nessa função reveladora, ele também é maior do que todos os profetas juntos.

Jesus Cristo é maior do que todos os profetas, em termos revelacionais, porque “sustenta todas as coisas”

O Filho não é simplesmente o Criador de todas as coisas; ele também é o sustentador (ou preservador) delas. Ele mantém todas as coisas no devido lugar. Todos os astros permanecem gravitacionalmente em suas órbitas por causa da obra preservadora do Filho. Há muito tempo, os cientistas estudam a gravidade, mas ainda não sabem explicá-la. Pritchard assinala:

Temos sabido o que é a gravidade por centenas de anos, mas não sabemos como ela opera e realmente não sabemos o que é ou de onde vem. Há um vasto movimento na ciência hoje procurando descobrir o que faz o universo ficar sustentado. Qual é o poder por trás do poder que está por trás do poder? Qual é a força suprema no universo? O texto de Hebreus *deixa claro que a resposta não é o quê, mas quem*. O que torna o universo sustentado? Jesus Cristo é o poder por trás de todo poder. Ele sustenta o universo em funcionamento pelo poder de sua palavra.²²

Nenhuma de suas obras se desvia de seus propósitos porque há um poder sustentador em cada partícula do universo! O Filho de Deus preserva tudo e é o Senhor quem dirige a história providencialmente. Ele tem um plano que é seguido à risca para a história humana e para a história do mundo. Nada do que acontece fica fora de seus planos. O Filho é a razão última da existência e da preservação de todas as coisas.

Com seu poder criador e sustentador, o Filho revela coisas da divindade (que pertencem a ele próprio, ao Pai dele e ao Espírito, que procede tanto dele como do Pai). Nenhum ser racional (nem mesmo os anjos!) pode revelar tanto de Deus quanto aquele que sustenta o universo inteiro. Assim, por meio de sua palavra poderosa, o Filho (Verbo) trouxe o universo à existência e o

sustenta. Hughes diz que “a palavra do Filho não é menos ou outra palavra além da palavra do Pai, porque aquele, em si mesmo, é a Palavra [Verbo], ou seja, a expressão harmoniosa da mente e da vontade de Deus”.²³

Jesus Cristo é maior do que os profetas, em termos revelacionais, porque é o “purificador dos pecados”

O Filho de Deus é o Criador, o sustentador do universo, mesmo em seu estado de humilhação, quando foi amaldiçoado em nosso lugar. No entanto, a obra providencial do Filho apresenta um aspecto eminentemente redentor. A fim de que aqueles que Deus escolheu para si não recebam pessoalmente a punição de seus pecados, o Filho encarnado fez não só o pagamento dos pecados deles, como também efetuou a respectiva purificação. Em outras palavras, ele pagou o débito dos pecados e garantiu a purificação antes de voltar ao seio do Pai, à sua destra.

Todos nós éramos imundos por causa de nossos pecados, mas, para tirá-los de nós, o Filho tornou-se impuro, a fim de ser castigado pelo próprio Pai. Ele sofreu a condenação e as outras consequências dos pecados neste mundo. Ele foi maldito de Deus, para que Deus nos tirasse de debaixo de sua maldição de condenação e impureza.

A superioridade do Profeta Singular é muito grande em relação aos profetas do Antigo Testamento. Nesse tempo, os líderes espirituais ofereciam sacrifícios que tipificavam a verdadeira redenção a ser concretizada nos últimos dias, mas o Filho ofereceu a si mesmo para tirar os pecados do povo. Essa é a purificação à qual a passagem em foco se refere. Nenhum profeta revelou, de maneira plena, o que Cristo fez. Cristo não somente revelou o Redentor (o que os profetas também fizeram), como também ele próprio foi o Redentor, fazendo a propiciação por nossos pecados.

Jesus Cristo é maior do que os profetas, em termos revelacionais, porque “é majestoso”

Depois de mostrar a superioridade do Filho sobre os profetas, temos de reforçar a ideia de que ele, no tempo que se chama “hoje”, está numa posição entronizada, cheio de majestade! Nenhum profeta (nem todos juntos!) que está no céu é capaz de exibir a majestade de Jesus. Ninguém tem a sua primazia, nem o poder, nem a glória, tampouco a majestade que lhe são próprios, por causa de sua divindade.

Ao concluir objetivamente sua obra redentora, Jesus voltou a exhibir, como nunca, sua gloriosa majestade. Em resposta à sua oração ao Pai, ele voltou à glória que tinha com o Pai antes da fundação do mundo (Jo 17.5). A glória da cruz é uma glória, mas a glória da exaltação é outra. São dois tipos bem diferentes. O assento à destra do Pai é a posição de maior honra! E era a maior honra que o Pai podia dar ao Filho. Além disso, todos os anjos (bons ou maus), remidos e não remidos, haverão de contemplar essa honra recebida por Cristo, ao menos no último dia, porque, diante dele, todo joelho se há de dobrar.

Jesus Cristo não está inativo no céu, à destra de Deus. Ele ainda intercede por nós, reinando sobre todo o universo. Isso significa que ele reina sobre o maligno, sobre os homens maus, sobre as enfermidades, os tsunamis, os terremotos, as pestes, sobre todos os elementos da natureza e, de um modo espiritual, sobre os seus irmãos, os filhos do Pai. Quando chegar o tempo da consumação de todas as coisas, ele deixará o céu e voltará à terra para dar uma forma final e definitiva a tudo o que existe, no céu e na terra, exercendo, em plenitude, o reino que, por direito, lhe pertence, como Filho do Rei.

Por essas razões, podemos dizer, em resumo, que o Filho encarnado é o centro de todas as coisas do universo. Tudo converge para ele, pois tudo é feito por ele, por meio dele e para ele. Quando ele consumir todas as coisas, tomará os seus e revelará muito mais coisas ao seu povo, coisas com as quais os profetas do passado nunca sonharam. Por isso, a revelação dele é muito maior do que a revelação feita aos profetas.

A REVELAÇÃO QUE JESUS FAZ DO PAI É MAIOR DO QUE AQUELA FEITA PELOS ANJOS

O texto de Hebreus compara Jesus aos anjos e aponta para a grande superioridade não somente da pessoa dele, mas também do aspecto revelador superior trazido por ele em relação aos anjos.

Jesus é maior como pessoa do que os anjos

Hb 1.4 – “*tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.*”

Os anjos também revelam Deus porque são os principais mensageiros celestes a se comunicar com os homens. No entanto, em Hebreus 1.4, é-nos

ensinado que Jesus Cristo veio a ocupar, mesmo em termos revelacionais, um estado muito superior aos anjos, porque é o Filho encarnado. Se ele fosse unicamente homem, não seria superior aos anjos.

No entanto, os movimentos de tendência ebionita, na história da Igreja, tendem a defender que Jesus Cristo era uma espécie de anjo. As testemunhas de Jeová e os mórmons estão nessa categoria. Jesus Cristo, como entendem essas seitas, encontra-se entre os muitos reveladores de Deus. No entanto, o texto de Hebreus 1.4-14 mostra que Jesus Cristo é uma pessoa com propriedades da divindade, propriedades que os anjos não possuem. O Filho encarnado é muito superior aos anjos porque é o próprio Deus entre nós.

Hb 1.5 – “Pois a qual dos anjos disse jamais: *Tu és meu Filho*, eu hoje te gerei? E outra vez: *Eu lhe serei Pai, e ele me será Filho?*”

O verso 5 aponta para um relacionamento singular que o Filho possui com Deus, o que não acontece com os anjos. No entendimento da Escritura, ser Filho de Deus significa reunir os mesmos atributos de Deus e ser igual a ele. Aliás, como ele chamou a si mesmo de Filho de Deus, os judeus o condenaram à morte. Ser Filho de Deus equivale a ser o próprio Deus, porque carrega a mesma essência.

Hb 1.6 – “E, novamente, ao introduzir o Primogênito no mundo, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.”

O verso 6 aponta para duas características da divindade de Jesus que os anjos não possuem.

(a) O Primogênito já existia antes de entrar no mundo, portanto existe antes de se encarnar.

(b) O Primogênito recebe a adoração dos próprios anjos. Observe-se que a Escritura proíbe, terminantemente, que qualquer criatura adore alguém que não seja o próprio Deus (Dt 6.13). No entanto, os anjos são ordenados a adorar Jesus Cristo, o que aponta claramente para sua superioridade sobre eles.

Hb 1.7–8 – “Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo; mas acerca do Filho: O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; e: Cetro de equidade é o cetro do seu reino.”

Os versos 7–8 apontam novamente para um contraste entre o Filho de Deus encarnado e os anjos. Esses são apenas “ministros” (leitourgou.j –

leiturgous) de Deus, enquanto o Filho é chamado literalmente de “Deus”, aquele que exerce o governo sobre tudo porque tem o trono e o cetro de rei.

Hb 1.9 – “Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso, Deus, o teu Deus, *te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos teus companheiros.*”

Nenhum anjo ou homem recebeu de Deus tamanha autoridade quanto Jesus Cristo. Ele foi ungido com o “óleo de alegria” – que é o Espírito Santo, como nenhum ministro de Deus o foi.

Hb 1.10–12 – “Ainda: No princípio, Senhor, lançaste os fundamentos da terra, e os céus são obra das tuas mãos; eles perecerão; tu, porém, permaneces; sim, todos eles envelhecerão qual veste; também, qual manto, os enrolarás, e, como vestes, serão igualmente mudados; tu, porém, és o mesmo, e os teus anos jamais terão fim.”

Os versos 10–12 apontam para o aspecto do Filho como Criador da terra e dos céus; como aquele que permanece para sempre em contraste com tudo que perece e envelhece; como aquele que é sempre o mesmo. Jesus Cristo não é afetado pela Segunda Lei da Termodinâmica porque tem origem divina e nunca envelhece nem perde a força.

Além disso, ele originou todas as coisas existentes. Essas coisas são próprias da divindade, mas não da criatura. Nem mesmo os anjos participam desses privilégios do Filho. Por isso, o Filho é supremamente superior aos anjos.

Hb 1.13–14 – “Ora, a qual dos anjos jamais disse: *Assenta-te à minha direita*, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés? Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?”

Os versos 13–14 mostram, uma vez mais, a superioridade do Filho sobre os anjos. O Filho está assentado à destra do Pai, enquanto os anjos são apenas ministros para trabalhar em favor dos que herdam a salvação.

Esses versos todos se referem ao Filho em seu estado de encarnado, no qual ele é supremamente superior aos anjos. Ele é o próprio Deus que tomou forma de homem e tornou-se reconhecido em figura humana.

Jesus é maior como revelador do que os anjos

Hb 2.1–3 – “Por essa razão, importa que nos apeguemos, com mais firmeza, às verdades ouvidas, para que delas jamais nos desviemos. Se, pois, se tornou firme *a palavra falada por meio de anjos*, e toda transgressão ou desobediência recebeu justo castigo, como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada

pelos que a ouviram;”

Os anjos foram os instrumentos pelos quais Deus falou aos homens. Os leitores de Hebreus sabiam que a lei do Antigo Testamento fora revelada através de anjos. Se Jesus, como uma pessoa, é superior aos anjos, “então sua revelação é também melhor do que aquela que veio através dos anjos”.²⁴

Os anjos revelaram muitas coisas sobre Deus, pois são os mensageiros de Deus aos homens. Eles anunciaram inclusive o nascimento do Messias, o Filho de Deus encarnado, mas Jesus Cristo revela Deus de uma forma muito mais perfeita e completa do que qualquer anjo, pois ele é o próprio Verbo encarnado. Por isso, devemos concordar com a Escritura, que diz que Jesus é maior do que os anjos!

A REVELAÇÃO QUE JESUS FAZ DO PAI É MAIOR DO QUE A FEITA PELOS APÓSTOLOS

O mesmo dito acerca dos profetas do Antigo Testamento pode ser afirmado a respeito dos apóstolos do Novo Testamento, que substituíram aqueles. Eles fizeram vaticínios, exortaram a uma vida de retidão e foram reveladores de Deus. No entanto, tudo o que eles revelaram foi recebido por Jesus Cristo.

O testemunho de Paulo

Gl 1.11–12 – “Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, *mas mediante revelação de Jesus Cristo.*”

O evangelho que Paulo pregou não foi tirado de sua própria cabeça. Não foi Paulo quem inventou o conteúdo de suas cartas. Ao falar do Evangelho, ele afirma: “Não o aprendi de homem algum, *mas mediante revelação de Jesus Cristo*”. Portanto, a revelação que Paulo teve de todas as coisas em suas epístolas procedia do Filho. Paulo foi um intermediário para que a revelação sobre o Pai através de Jesus Cristo chegasse até nós. Portanto, a revelação que Jesus Cristo faz do Pai (e de todas as outras coisas) é maior do que Paulo, porque ele está acima e sobre Paulo, sendo o próprio Deus entre nós!

O testemunho de João

João escreveu muitas coisas, mas menciona explicitamente que o livro do Apocalipse (que significa “Revelação”) não é de sua autoria, mas de Jesus:

Ap 1.1 – “*Revelação de Jesus Cristo*, que Deus lhe deu para mostrar aos seus

servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João,”

Perceba a ordem que revela a superioridade entre os envolvidos no texto. Acima de todos, está Jesus, o Revelador; então, aparece um anjo que é o intermediário entre Jesus e João. Há uma cadeia de comando na revelação, e João, o apóstolo, está na parte final dessa cadeia reveladora. Portanto, a revelação mostrada por João tem alguém por trás. Jesus Cristo é o revelador final de tudo o que João nos ensinou.

O que foi verdadeiro a respeito de Paulo e João também o é acerca de todos os outros apóstolos que escreveram. A verdade revelada por eles tinha uma origem: Jesus Cristo. Por isso, a revelação de Cristo é maior do que a dos apóstolos.

²⁰ Em “Jesus Is God’s Full & Final Revelation”. Disponível em <http://www.xenos.org/teachings/?teaching=554>. Acesso em fevereiro de 2014.

²¹ Ray Pritchard, em seu sermão sobre o texto em estudo. Disponível em <http://www.keepbelieving.com/sermon/2006-12-13-Who-is-That-Baby/>. Acesso em fevereiro de 2014.

²² Idem, ibidem.

²³ Hughes, op. cit., 46.

²⁴ Gary DeLashmutt, “Jesus Is God’s Full & Final Revelation”. Disponível em <http://www.xenos.org/teachings/?teaching=554>. Acesso em fevereiro de 2014.

CARACTERÍSTICAS DA REVELAÇÃO QUE JESUS CRISTO FAZ DO PAI

Jo 1.18 – “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.”

Existem algumas revelações que Jesus Cristo faz do Pai que não são encontradas em nenhum outro lugar, especialmente por causa da mesma natureza que ele tem em comum com o Pai.

A REVELAÇÃO QUE O FILHO FEZ DO PAI É PERFEITA

Sem a revelação que o Filho fez do Pai, a ideia de Deus Pai seria muito vaga, porque, no Antigo Testamento, ainda não havia a noção clarificada das distinções pessoais existentes na Trindade. O Filho encarnado veio trazer-nos uma ideia aperfeiçoada sobre quem é seu Pai.

A revelação feita pelo Filho é perfeita porque ele tem a mesma natureza constitucional do Pai

Em Cristo, está revelada corporalmente “a plenitude da divindade” (Cl 2.9). Ele não somente veio revelar Deus em si mesmo, como também ele é o próprio Deus revelando-se (ver o caso de Filipe em Jo 14). Ele não revelou apenas o propósito redentivo de Deus; ele próprio é a nossa redenção. As teofanias são meras sombras daquele que é o Deus verdadeiro. Trata-se de manifestações temporárias de Deus aos homens, mas Jesus é a manifestação presencial de Deus aos homens para sempre. Ele não é uma teofania (porque essa é uma manifestação visível e temporária de Deus); ele é o Deus para sempre conosco, e para sempre será o Deus-Homem.

Quando o Filho entrou no mundo, assumiu uma natureza que não possuía antes da encarnação. Todavia, a natureza que ele sempre possuiu (desde a eternidade) era a mesma natureza divina de seu Pai. Constitucionalmente, ele e o Pai tinham a mesma essência. Não havia nenhuma diferença ontológica entre essas duas pessoas.

A revelação feita pelo Filho é perfeita porque o Filho possui os mesmos atributos incomunicáveis do Pai²⁵

A coessencialidade do Filho com o Pai nos permite dizer dele o que dizemos do Pai. O Filho possui o que o Pai possui, pois ambos têm a mesma natureza constitucional. Obviamente, quando falo desses atributos do Filho, refiro-me à sua natureza divina, e não à sua natureza humana.

Como o Pai, o Filho é eterno

Como o Pai, o Filho é autossuficiente

Como o Pai, o Filho é onisciente

Como o Pai, o Filho é onipresente

Como o Pai, o Filho é onipotente

Como o Pai, o Filho é imutável!

A revelação feita pelo Filho a respeito de seu Pai é perfeita porque ele é inigualável em sua natureza. Nenhum apóstolo, isoladamente, nem todos eles juntos, podem ser o que o Filho é ou ter o que ele tem. Por causa de sua coessencialidade com o Pai, ele pode tornar o Pai conhecido aos homens de maneira ímpar.

A revelação feita pelo Filho é perfeita porque o Filho possui os mesmos atributos comunicáveis do Pai²⁶

Os atributos comunicáveis são mais familiares a nós porque Deus nos transmite em algum grau, e, como filhos adotivos de Deus, nós os possuímos para refletir o caráter daquele que nos chamou das trevas para a luz.

Como o Pai, o Filho é amor

Como o Pai, o Filho é bondade

Como o Pai, o Filho é graça

Como o Pai, o Filho é misericórdia

Como o Pai, o Filho é paciência

Como o Pai, o Filho é santidade

Como o Pai, o Filho é justiça

Como o Pai, o Filho é sabedoria

Como o Pai, o Filho é inteligência

Perceba que temos todos esses atributos comunicáveis em um grau muito pequeno. Por isso esses atributos são chamados comunicáveis. No entanto, a grande diferença é que nós *temos* esses atributos, enquanto o Filho é esses

atributos. Esses atributos são essenciais nele, como o são para o Pai, em virtude da natureza divina que ambos compartilham. Além disso, podemos dizer que o Filho os tem na mesma medida que o Pai. Em outras palavras, tudo que o Pai é o Filho também é, e tudo que o Pai faz o Filho também faz.

Por essa razão, a revelação que o Filho faz do Pai é perfeita! Somente quem possui os mesmos atributos pode demonstrar seu significado e dar aos homens a ideia clara de quem ele é.

A REVELAÇÃO QUE O FILHO FAZ DO PAI É SOBERANA

Lc 10.22 – “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, *senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.*”

Jesus Cristo tem todas as coisas em suas mãos

Lc 10.22a – “*Tudo me foi entregue por meu Pai.*”

Nessa primeira afirmação do verso 22, podemos ver a humanidade de Jesus. Por quê? Porque ele recebeu muitas coisas de seu Pai. A despeito de possuir a mesma essência de seu Pai (ou seja, a divindade), Jesus estava sob a autoridade dele. Uma antiga formulação teológica diz: “Como Filho, ele era igual ao Pai, mas, como homem, estava sob o Pai e recebia ‘todas as coisas’ dele”.²⁷

“*Tudo me foi entregue por meu Pai.*” Essas palavras, segundo John Gill, “devem ser entendidas de Cristo, como Mediador, porque, como Deus, nada foi entregue a ele; ele tinha todas as coisas, todas as perfeições, poder e glória que seu Pai tem”.²⁸ Para ser mediador entre Deus e os homens, o Redentor tinha de possuir humanidade e divindade. Portanto, tudo foi entregue a ele pelo Pai como Mediador, e não como Deus.

Como mediador entre Deus e os homens – Jesus Cristo homem –, o Redentor recebeu do Pai anjos e homens, para ser cabeça deles. Por causa da *unio personalis*, agora a natureza humana do Redentor também participa de um governo que era típico somente da divindade. No entanto, Lucas 10.22 também aponta para a divindade do Filho, que recebia todas as coisas do Pai, porque era ele quem revelava a essência do Pai. Essa espécie de revelação é típica de quem tem a mesma essência do Pai. Não é sem razão que o Filho encarnado disse de si mesmo: “Quem vê a mim vê a meu Pai” (Jo 14.9).

Portanto, o Filho, tendo tudo em suas mãos, exerce soberanamente o poder de comunicar o que tem àqueles que o Pai decidiu salvar.

Jesus Cristo pode revelar o Pai porque o conhece

Lc 10.22b – “Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e *ninguém conhece o Pai, senão o Filho*”.

Uma pessoa pode contar a outra a respeito do que conhece de uma terceira pessoa. Se aquela que conta não conhece bem a outra de quem fala, há grande probabilidade de falar inverdades sobre ela. O Filho conhecia seu Pai não por ouvir falar a respeito dele, mas porque viera dele, existindo com ele desde a eternidade.

Não é sem razão que João disse que o Verbo [Filho] estava com Deus e o Verbo era Deus e que estava desde o princípio com Deus (Jo 1.1–2). O conhecimento que o Filho tinha do Pai era perfeito e completo. Ninguém pode ter o conhecimento que o Filho tem do Pai, mesmo depois do completamento da redenção, porque esse conhecimento do Filho é conhecimento de essência. Nesse sentido, só o Filho conhece o Pai. Os filhos adotivos (sejam eles profetas do Antigo Testamento ou apóstolos do Novo Testamento), ou mesmo os anjos, têm apenas um conhecimento derivado, porque é um conhecimento recebido, além de ser finito. Diferentemente, o conhecimento que o Filho tem do Pai é completo e infinito!

Jesus conhecia seu Pai não apenas por causa de sua filiação eterna, mas também porque tinha a mesma essência do Pai. Ele partilhava com ele das mesmas propriedades ou atributos. “Eu conheço o Pai, e o Pai me conhece a mim.” Assim como o Pai testemunhou a respeito do Filho, o Filho também testemunha a respeito do Pai.

Jesus Cristo decide revelar o Pai a quem ele quer

Lc 10.22c – “e ninguém conhece o Pai, senão o Filho *e aquele a quem o Filho o quiser revelar*.”

i) Os recipientes finais da revelação dependem do Filho para saber quem é o Pai

Assim como “ninguém vai ao Pai a não ser pelo Filho”, “ninguém conhece o Pai a não ser pela revelação do Filho”. Se Jesus Cristo não revelasse soberanamente seu Pai, nada poderíamos conhecer dele, nem mesmo as distinções pessoais que existem na Trindade, porque ele afirma que ninguém

conhece o Pai senão aquele “a quem o Filho o quiser revelar”.

Os outros filhos de Deus dependem da revelação que o Filho faz do Pai pela simples razão de que a mente finita deles não é capaz de, por si só, ter qualquer noção do Pai infinito.

Por mais que as mentes humanas tentem desvendar as coisas infinitas, mostram-se incapazes. É exatamente isto que a filosofia faz: parte em busca do infinito, mas nunca consegue encontrá-lo. Formula argumentos que partem do finito para chegar ao infinito, mas essa tentativa fracassa. As mentes finitas não podem captar o infinito.

As mentes finitas não podem ter noção das coisas infinitas a menos que sejam especialmente reveladas. A fim de que os seres humanos possam conhecer quem o Pai é, precisam receber a revelação que vem daquele que tem a mesma mente do Pai: o Filho encarnado.

Além disso, os recipientes da revelação não seriam capazes de ter qualquer noção de distinção pessoal entre Pai e Filho na trindade sem pensar numa pluralidade de deuses. É o Filho encarnado que nos ajuda a entender (até onde é possível!) essa distinção pessoal. Somente alguém que é Filho pode comunicar essa verdade, ensinando-nos sobre quem é seu Pai. E essa revelação é uma prerrogativa que o Filho exerce, dando-a a quem lhe apraz. A razão dessa revelação não está nos recipientes, mas no próprio Revelador.

O fato de todas as coisas terem sido entregues ao Filho pelo Pai aponta para a humanidade de Jesus; todavia, o fato de somente Jesus poder revelar o Pai aponta para sua divindade. Só o divino pode revelar o divino. Nenhuma pessoa meramente humana tem condições de revelar o Deus eterno.

ii) Os recipientes da revelação dependem da revelação do Filho porque eles estão espiritualmente mortos

Além da finitude, que é própria de todos os seres criados, inclusive dos seres humanos, existe outra condição desfavorável: eles são incapazes de compreender as verdades espirituais. E Deus é a maior verdade espiritual!

A verdade sobre o Pai na alma dos filhos de Deus depende da ação reveladora do Filho, porque aqueles a quem o Filho resolve revelar estão mortos em seus delitos e pecados. A verdade é que eles já vêm ao mundo espiritualmente mortos, cegos para a verdade, indispostos contra qualquer coisa que venha de Deus.

A Escritura nos diz que o Filho vivifica a quem quer (Jo 5.21) e, portanto, essa revelação do Filho a respeito do Pai tem a ver com a internalização da verdade por meio da ação soberana do Filho. Se o Filho não vivificar (ou regenerar) aqueles a quem quer, essas pessoas permanecem mortas sem qualquer conhecimento de quem Deus, o Pai, é.

O fato é que a revelação que Jesus Cristo faz do Pai é concomitante à ação renovadora que concede vida aos que estão mortos. Ao mesmo tempo que os homens são vivificados (regenerados), recebem a *internalização* das verdades sobre Deus que eles ouviram na pregação e no ensino da Escritura. Essa é a revelação que Jesus Cristo faz a respeito de seu Pai.

iii) Os recipientes da revelação dependem da revelação do Filho porque estão sob o domínio do maligno

Se o Filho não libertar essas pessoas do poder do maligno, vivificando-as, permanecerão sem o conhecimento do Pai, mesmo que já tenham ouvido muitas informações a respeito de Deus.

Por causa da maldição divina, que está sobre elas, essas pessoas estão entregues ao poder de Satanás, que mantém domínio sobre elas (2Co 4.4). Em algum sentido, todos os filhos de Adão já são concebidos e nascem sob o domínio das trevas, até que Jesus os liberte do império de trevas e lhes dê a luz para enxergar verdades espirituais. Essa luz diz respeito à internalização das verdades ouvidas por seus corações.

Sem a libertação trazida pelo Filho através da internalização da revelação, os homens permanecem sob o domínio do maligno, permanecendo em estado de morte, sob as trevas espirituais, porque estão sob o poder do príncipe das trevas. Portanto, é necessário que a Luz trabalhe neles, libertando-os das potestades das trevas.

Essa ação internalizadora da revelação é uma obra soberana do Filho de Deus. Se o Filho os libertar, eles serão livres, e é do arbítrio do Filho revelar o Pai a quem ele deseja revelar.

iv) Os recipientes da revelação dependem do Filho na revelação de sua salvação, pois não há nada que obrigue o Filho a lhes revelar qualquer coisa

O Filho revela o Pai a quem ele [o Filho] quer. Assim como Deus, o Pai, soberanamente, salva a quem quer, cabe ao Filho revelar (ou internalizar) essa salvação aos pequeninos, e não aos sábios e entendidos. A frase que diz

que o Filho revela “a quem quer” não faz nenhum sentido se ele revelasse o Pai a cada pessoa sem exceção, como é o pensamento de muitos crentes.

O propósito soberano de Jesus ao revelar o Pai a quem ele queria foi para cumprir o propósito do Pai de “ocultar estas coisas aos sábios e instruídos e revelá-las aos pequeninos” (Lc 10.21). O propósito do Filho está em plena harmonia com o propósito do Pai. Assim, as duas pessoas da Trindade exercem sua soberania na salvação e na comunicação internalizada dessa salvação.

A razão pela qual o Pai e o Filho agem assim é porque isso tudo é “do seu agrado”. Tanto o Pai se agrada no que faz como o Filho se alegra no que Deus faz (Lc 10.21). Ambos exercem sua vontade soberana em seus propósitos redentores. Deus, o Pai, resolveu revelar sua verdade a Abraão, Isaque e Jacó, mas ocultou essas mesmas verdades de Ismael e de Esaú, amando Jacó, e não Esaú (Rm 9). Essas distribuições da graça divina dependem da ação tanto do Pai como do Filho. Esse é o ensino do texto em estudo. Os homens dependem plenamente da boa vontade do Pai e do Filho.

Não há nada que obrigue o Pai ou o Filho a fazerem o que fazem. Eles fazem tudo conforme lhes apraz, porque tudo é produto de sua graça e de seu poder soberanos (Rm 9.11-16). A razão para tudo que fazem nunca está nos homens; está sempre no coração da divindade. Nesse sentido, o Filho exerce seu poder soberano de revelar. Nenhum cristão, de mente sadia, pode ignorar ou contrariar esse princípio estabelecido pelo próprio Senhor Jesus.

A REVELAÇÃO QUE JESUS CRISTO FAZ DO PAI É EXCLUSIVA

Jesus revela conhecimento exclusivo do Pai

Mt 11.27 – “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar” (cf. Lc 10.22).

O Filho de Deus é o único que conhece verdadeiramente o Pai porque tem a mesma natureza. Ele possui os mesmos atributos do Pai, mas é sua prerrogativa exclusiva revelar o Pai a quem ele quiser. Os profetas e apóstolos revelaram quem é Deus, mas precisaram receber a revelação para transmiti-la a outros. Entretanto, Jesus não precisou receber revelação alguma porque tem a mesma essência de seu Pai. Então, o Filho revela o Pai de uma

forma exclusiva porque revela aquilo que ele mesmo é.

A revelação que o Filho faz a respeito do Pai é singular, única, algo que é exclusividade dele, pois é revelação da própria natureza divina dele. Não foi sem razão que ele disse a Filipe: “Você quer conhecer o Pai? Então, conhece a mim, porque eu e o Pai temos a mesma natureza”. Nesse sentido, o Filho revela o Pai com exclusividade.

Jesus revela o Nome do Pai

Jo 17.25–26 – “Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. *Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer*, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja.”

A oração feita por Jesus é em favor daqueles que o Pai havia entregue a ele. Portanto, é a estes que Jesus revela o nome do Pai.

Na mentalidade hebraica, o conhecimento do nome de alguém é a mesma coisa que conhecer a pessoa, seus atributos, seu caráter. O nome representa tudo o que uma pessoa é. Esse conhecimento do Pai não é mera informação mental; diz respeito ao coração do Pai, o modo como o Pai é em relação aos seus filhos.

Jesus Cristo transmite a seus irmãos um conhecimento experiencial, e não apenas um conhecimento teórico ou intelectual. O conhecimento do Pai significa que seus atributos são partilhados conosco de modo que possamos refletir parcialmente seu caráter e desfrutar daquilo que ele é.

O Filho de Deus é o responsável por nos dar a conhecer o nome do Pai. Quão privilegiados somos por haver alguém tão importante que nos faz conhecer o nome do Pai! Ninguém melhor do que ele para executar essa tarefa!

Deveríamos aplicar-nos mais ao conhecimento das Escrituras, a fim de conhecermos mais sobre quem Deus é! Os evangelhos são o registro da história do amor do Pai pelo Filho e por nós. É impossível conhecer a Deus sem a revelação que Cristo faz e sem o registro dessa revelação, que é o evangelho de Jesus!

²⁵ Para mais detalhes sobre os atributos incommunicáveis de Deus, ver, de minha autoria, O ser de Deus e seus atributos (São Paulo: Cultura Cristã, 2012), 161–217.

²⁶ Ibid., 219–423.

²⁷ *Concordia Triglotta*, R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Luke's Gospel* [Augsburg Publishing House], p. 591.

²⁸ John Gill, em seu comentário sobre o texto em exame. Disponível em

<http://www.biblestudytools.com/commentaries/gills-exposition-of-the-bible/matthew-11-27.html>. Acesso em fevereiro de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos quatro modos de revelação verbal. Esses modos não exaurem a diversidade do processo revelacional de Deus ao longo da história. Existem ainda outras formas de revelação que não cabem nessas quatro divisões estabelecidas. Esses quatro modos são os principais registrados na Escritura Sagrada.

A **teofania** produz uma revelação falada diretamente por Deus, ou por seu representante imediato, diretamente ao recipiente a quem se destina. Os milagres são muito comuns nesse modo de revelação.

A **profecia** usualmente vem ao profeta por visão ou sonho, e essa mensagem deve ser comunicada ao povo. A natureza de tal revelação é inicialmente falada (2Pe 1.21) e, depois, possivelmente, escrita. Entretanto, parece que os profetas do século VIII a.C. escreveram de imediato, embora possam ter falado primeiro, como no caso de um salmo, provérbio, cântico ou sermão. No caso das epístolas, a forma escrita parece ter sido a primeira forma de revelação.

A **operação concursiva** pressupõe as obras redentivas de Deus, grandes e miraculosas, mas os milagres também são correlatos a esse modo, embora bem menos frequentes. Assim, apesar de esse modo de revelação, tal como aqui nomeado, ser desconhecido da maioria dos cristãos, um grande número de livros da Bíblia contém revelação feita dessa forma.

A **revelação produzida pelo Filho** é o máximo da revelação progressiva de Deus na história. A revelação que o Filho faz do Pai é maior e mais perfeita do que todas as outras porque é feita por quem tem a mesma essência.

Assim, cronologicamente, os modos de revelação (excluindo Jesus Cristo) sobrepõem-se e, com frequência, coincidem. No entanto, enfatizam cada período histórico. Warfield disse:

Não há nenhuma época na história da religião na Bíblia em que todos esses modos de revelação não encontrem lugar. Um ou outro pode ser visto tipicamente nesta ou naquela era, mas todos ocorrem em todas as épocas. E eles ocorrem lado a lado...²⁹

Nenhuma discriminação é feita a respeito da dignidade dos modos de revelação *per se*. Um não é mais digno do que outro. Não é mais digno Deus revelar-se por meio de teofania, profecia, operação concursiva ou Jesus Cristo. A diferença quanto a Cristo não está na dignidade, mas na plenitude da revelação.

Não há discriminação quanto ao valor ou à pureza do conteúdo dos modos de revelação. Antes de tudo, a revelação é de Deus a respeito de si mesmo, de suas palavras, obras, vontade, promessas, redenção etc. A revelação também é de Deus no que diz respeito ao homem, à sua perfeita criação, à sua rebelião em pecado, à sua natureza pecaminosa, à sua necessidade de redenção, ao caminho de Deus nessa redenção, à punição dos pecados etc.

Deus falou a Moisés “boca a boca”. Esse foi um privilégio especial de Deus (Nm 12.8; Dt 34.10). Isso é evidência de um favor peculiar a Moisés, e de sua dignidade como profeta. Há intimidade entre Deus e o grande intercessor. Mas isso não torna a revelação de Deus a Moisés mais divina ou mais cheia de autoridade, ou mais digna de confiança, do que aquela que veio a Elias, Natã, Paulo ou Marcos.

Sonhos e visões podem parecer menos dignos para nós do que teofanias ou a encarnação do Verbo, mas não há base escriturística para se pensar assim. Não há nível superior ou inferior na revelação. Warfield diz que

devemos ter em mente que a qualidade intelectual ou espiritual da revelação não deriva do recipiente, mas de seu Divino doador. O fato fundamental da revelação é que ela é de Deus.³⁰

A diversidade dos modos produz uma revelação unitária de Deus ao homem. Hebreus 1.1 aponta para isso. Há uma diversidade de formas, uma variedade de modos, em estágios distintos, mas, fundamentalmente, uma revelação de Deus. A revelação de Deus é progressiva, sendo produzida através da história. Trata-se de uma revelação dinâmica desde o primeiro dia até o fim das eras.

Estamos falando de uma revelação em palavras e atos. Os grandes atos redentores de Deus são apresentados e acompanhados por palavras, ou explicados por elas.

Trata-se de uma revelação redentora que mostra Deus, homem, pecado e redenção, através de Jesus Cristo na comunhão do Espírito Santo. Não é mera

história. Não é simplesmente mera biografia ou fato abstrato. É a revelação dinâmica de Deus. E é viva!

²⁹ Warfield, op. cit., p. 83.

³⁰ Ibid., p. 84.



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel

Índice

Prefácio	9
Introdução	11
Revelação verbal pelo modo da teofania	13
Manifestação teofânica	16
Teofania no paraíso original	21
Teofania no período patriarcal	29
Teofania no período mosaico	39
Teofania no período pós-mosaico	51
Teofania na glória celeste e na Nova Terra	54
Revelação verbal pelo modo de profecia	61
Mudança do modo de revelação	62
Recepção da mensagem profética	74
Entrega da mensagem profética	87
Propósitos da revelação verbal através da profecia	99
Vocação dos profetas	141
A vocação de Moisés	150
A vocação de Isaías	158
A Vocação de Jeremias	176
chamamento do profeta como um ato soberano de Deus	189
Revelação verbal pelo modo de operação concursiva	203
Verdades sobre a revelação por operação concursiva	204
Revelação verbal singular pelo Filho encarnado	228
Superioridade da revelação de JESUS CRISTO	229
Características da revelação que Jesus Cristo faz do Pai	241
Considerações finais	250